

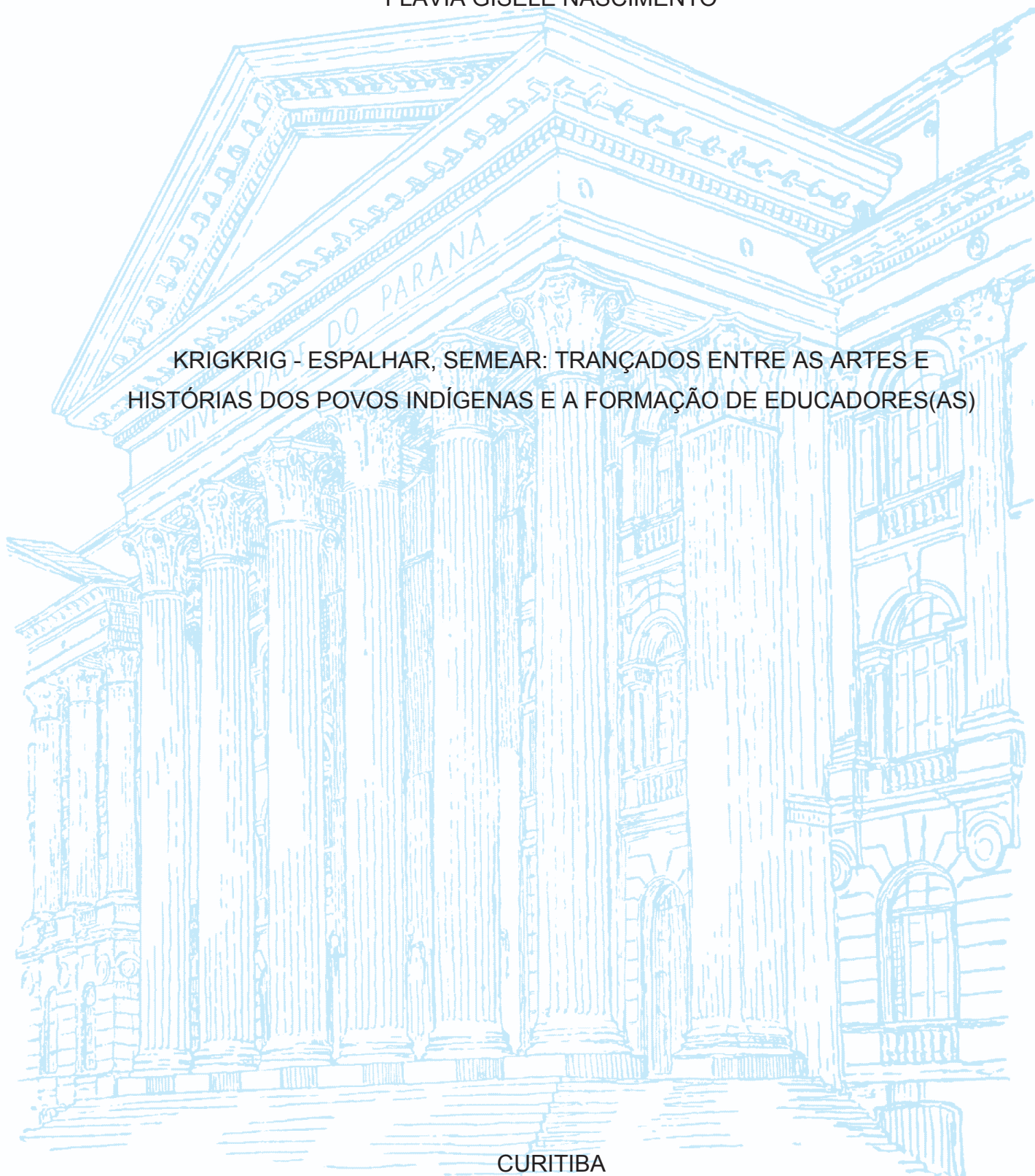
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FLÁVIA GISELE NASCIMENTO

KRIGKRIG - ESPALHAR, SEMEAR: TRANÇADOS ENTRE AS ARTES E
HISTÓRIAS DOS POVOS INDÍGENAS E A FORMAÇÃO DE EDUCADORES(AS)

CURITIBA

2025



FLÁVIA GISELE NASCIMENTO

KRIGKRIG - ESPALHAR, SEMEAR: TRANÇADOS ENTRE AS ARTES E
HISTÓRIAS DOS POVOS INDÍGENAS E A FORMAÇÃO DE EDUCADORES(AS)

Tese apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Doutora em Educação, ao
Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor
de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Michelle Bocchi Gonçalves

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Nascimento, Flávia Gisele.

Krigkrig – espalhar, semear : trançados entre as artes e histórias dos povos indígenas e a formação de educadores(as) / Flávia Gisele Nascimento – Curitiba, 2025.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.
Orientadora: Profª Drª Michelle Bocchi Gonçalves

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Professores – Formação. 3. Arte indígena. 4. Indígenas - História. 5. Populações indígenas. I. Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **FLÁVIA GISELE NASCIMENTO**, intitulada: **KRIGKRIG - ESPALHAR, SEMEAR: TRANÇADOS ENTRE AS ARTES E HISTÓRIAS DOS POVOS INDÍGENAS E A FORMAÇÃO DE EDUCADORES(AS)**, sob orientação da Profa. Dra. MICHELLE BOCCHI GONÇALVES, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 28 de Março de 2025.

Assinatura Eletrônica

05/05/2025 13:14:27.0

MICHELLE BOCCHI GONÇALVES

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

23/05/2025 20:55:16.0

ANNIE MARTINS AFONSO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS)

Assinatura Eletrônica

14/05/2025 12:18:03.0

ALVA ROSA LANA VIEIRA

Avaliador Externo (SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCACAO E
DESPORTO ESCOLAR DO AMAZONAS)

Assinatura Eletrônica

05/05/2025 14:08:10.0

KÁTIA MARIA KASPER

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

20/05/2025 22:59:23.0

MARCIA WAYNA KAMBEBA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ)



FONTE: Nath Reichel (2024).

Dedico esta pesquisa às minhas ancestrais,
minha mãe **Maria da Graça**,
minha avó **Maria Santos**
e a minha bisavó **Engrácia Santiago**.

AGRADECIMENTOS

Como disse a liderança indígena Sonia Guajajara (2022, n.p), “a ancestralidade sempre ensinou que o sentido da vida é o coletivo”. Por isso, é importante agradecer e referenciar que este trabalho contou com a contribuição de várias pessoas. Evoco as línguas indígenas para expressar a minha alegria e o meu reconhecimento pela colaboração de vocês.

Há tȳvĩ, na língua do povo Kaingang, a professora Dra. Michelle Bocchi Gonçalves, pela orientação da pesquisa, que me acolheu no meio do caminho e sempre acreditou no meu potencial e do trabalho, incentivando-me a voar mais alto, mais longe. A realização do estudo só foi possível pela sua parceria, que se envolveu em todas as etapas da pesquisa.

Ha'evete, na língua do povo Guarani Mbya, a professora Dra. Kátia Maria Kasper, que foi minha orientadora do mestrado e contribuiu nesta caminhada para chegar ao doutorado. A tese tem reverberações da dissertação, mesmo tendo escolhido outros caminhos. Agradeço a sua leitura sensível e os apontamentos feitos, em especial, os relacionados à Arte Indígena Contemporânea.

Añû, na língua do povo Tukano, a professora Dra. Alva Rosa Tukano, pela análise atenciosa do trabalho, pelas indicações de leitura referentes à Lei nº 11.645/08 e as ações afirmativas no Ensino Superior, voltadas para os povos indígenas; pelo convite para apresentar mais intelectuais indígenas da região Norte no estudo.

Moẽĩtchima, na língua do povo Ticuna, a professora Dra. Annie Martins Afonso, pela leitura afetuosa, apresentando outras possibilidades de mostrar as materialidades da pesquisa e pelo incentivo para falar mais sobre o percurso metodológico.

Xitumanito, na língua do povo Kambeba, a professora Dra. Márcia Wayna Kambeba, que ao longo desta caminhada vem me inspirando, ensinando, mostrando outros modos de pensar a educação, suas produções fundamentaram tanto a pesquisa como a formação dos(as) educadores(as).

Haux haux, na língua do povo Huni Kuin, aos(as) participantes do curso de extensão que ministrei em 2024, pela atenção, troca, alegria, afeto, dedicação, carinho... vocês foram fundamentais para a realização da tese.

Kaimen Manawyn, na língua do povo Wapichana, ao colegiado de Artes Visuais da Universidade Estadual do Paraná, campus Curitiba II - FAP, destaco a professora Ana Maria Rufino Gillies, que prontamente aceitou o convite para ser a coordenadora do projeto de extensão que desenvolvi na instituição. Agradeço a todos(as) pela assistência no trâmite do curso e pela divulgação da formação.

Aguyjevete, na língua do povo Guarani, à minha família, em especial à minha mãe e ao meu pai, pelo amor e o apoio incondicional à pesquisadora.

Hepãĩ, na língua do povo Xavante, às amigas Prila, Lu, Josi, Dani, Geize e Raquel pela escuta, pelas trocas, pela parceria durante o processo do estudo.

Aniuá, na língua do povo Tuyuka, aos(as) mestres, artistas e lideranças indígenas pelos ensinamentos sobre existir, lutar, resistir e cuidar da Mãe Terra.

Inatekiê, na língua do povo Kariri Xocó, ao Programa PPGE, professores(as) e discentes, destaco as Linhas de Pesquisa: Linguagem, Corpo e Estética na Educação; Diversidade, Diferença e Desigualdade Social em Educação; e Cultura, Escola e Processos Formativos em Educação, espaços que circulei, aprendi, troquei... ao longo destes anos de formação.

Pay suma, na língua do povo Aymara, à secretaria do PPGE, em especial à funcionária Alessandra Almeida, pela assessoria dos eventos científicos dos quais a pós-graduanda participou durante a caminhada do doutorado.

Yusulpayki, na língua do povo Quechua, a Fundação da Universidade Federal do Paraná (FUNPAR), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), aos(as) coordenadores(as), docentes e funcionários(as) dos projetos Semestre Zero, Formação Continuada de Professores da Educação Básica, Disciplinas Transversais e Pré-Pós, os quais tive a oportunidade de trabalhar e fazer conexões com a pesquisa.

Para finalizar, agradeço a toda a equipe que contribuiu de diferentes formas para a realização deste trabalho. O design gráfico e a ilustração da capa são da artista Nath Reichel, minha ex-aluna na Unespar - FAP. Os desenhos dos bordados são da Eulália Manual, que amavelmente permitiu a publicação. Já os bordados foram feitos pela minha mãe, Maria da Graça do Nascimento. Boa parte dos registros fotográficos foram realizados pela minha amiga, Luciana Oliveira. A tradução do resumo para a língua Kaingang foi produzida pelo professor Florêncio Rekeyg Fernandes. Os(as) artistas Denilson Baniwa, Gustavo Caboco e Yacunã Tuxá gentilmente autorizaram a divulgação das imagens de suas obras na tese.



FONTE: A autora (2022).

Agora nós estamos sendo convocados ao envolvimento.
Envolver-nos com afeto uns com os outros,
independentemente das fronteiras que separam os
nossos países. Essas fronteiras foram necessárias durante
muito tempo, mas os humanos estão desafiados agora a
evoluir.

Nós precisamos evoluir, e evoluir significa transpor
fronteiras. Fronteiras geopolíticas, fronteiras econômicas,
fronteiras culturais. A gente tem de se envolver com o
planeta, se envolver com a Terra, se envolver com os
ecossistemas, que são a fonte de tudo o que a gente tem.

(Krenak, 2023, p. 65)



FONTE: Eulália Manual e Maria da Graça (2024)

RESUMO

Este estudo pretende compreender como uma formação com base na Lei nº 11.645/08 pode mobilizar educadores(as) de Curitiba e cidades vizinhas, participantes de um curso de extensão, a pensarem as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas por outras perspectivas. Um dos objetivos da pesquisa foi criar um projeto de extensão tendo como referência a produção contemporânea de artistas e escritores(as) indígenas. A formação foi realizada nos meses de maio, junho e julho de 2024, na Universidade Estadual do Paraná (Unespar), no Campus Curitiba II, na Faculdade de Artes do Paraná (FAP), a qual concluíram 49 participantes. O curso teve seis encontros presenciais e um síncrono, tendo uma aula destinada à visita de um museu e um espaço cultural. O referencial teórico do trabalho faz alianças afetivas com intelectuais indígenas e não indígenas, principalmente com Ailton Krenak, Aracy Lopes da Silva, Daniel Munduruku, Denilson Baniwa, Giovani José da Silva, Gustavo Caboco, Jaider Esbell, Luís Donisete Benzi Grupioni, Márcia Wayna Kambeba e Naine Terena. A Análise do Discurso, com base nas contribuições teóricas de Eni Orlandi, irá permear a tese, desde a revisão de literatura, a metodologia, até o desvelar das materialidades: os formulários do Google Forms respondidos pelos(as) participantes e interessados(as) em fazer o curso; trabalhos (cartas, produções artísticas e pseudônimos) desenvolvidos pelos(as) cursistas durante o processo de formação e os seus depoimentos. Esta investigação revela o apagamento e o silenciamento dos corpos e das epistemologias indígenas nos diferentes espaços. Tem como propósito apresentar pistas para que o Estado, a universidade e a escola colaborem de forma mais efetiva na implementação da Lei nº 11.645/08, que torna o ensino obrigatório das histórias e culturas dos povos indígenas na Educação Básica; além de apontar possibilidades que contribuam para uma formação de educadores(as) antirracista que respeitem e valorizem a diversidade.

Palavras-chave: Lei nº 11.645/08. Formação de educadores(as). Arte indígena contemporânea. Histórias dos povos indígenas. Análise do Discurso.

ABSTRACT

This study aims to understand how training based on Law No. 11.645/08 can mobilize educators from Curitiba and neighbouring cities who are taking part in an extension course to think about the arts, histories and cultures of indigenous peoples from other perspectives. One of the aims of the research was to create an extension project based on the contemporary production of indigenous artists and writers. The training took place in May, June and July 2024 at the State University of Paraná (Unespar), on the Curitiba II Campus, at the Faculty of Arts of Paraná (FAP), which 49 participants completed. The course had six face-to-face meetings and one synchronous meeting, with one class dedicated to a visit to a museum and a cultural space. The theoretical framework of the work makes affective alliances with indigenous and non-indigenous intellectuals, especially Ailton Krenak, Aracy Lopes da Silva, Daniel Munduruku, Denilson Baniwa, Giovani José da Silva, Gustavo Caboco, Jaider Esbell, Luís Donisete Benzi Grupioni, Márcia Wayna Kambeba and Naine Terena. Discourse Analysis, based on the theoretical contributions of Eni Orlandi, will permeate the thesis, from the literature review, the methodology, to the unveiling of the materialities: the Google Forms answered by the participants and those interested in taking the course; works (letters, artistic productions and pseudonyms) developed by the course participants during the training process and their testimonies. This research reveals the erasure and silencing of indigenous bodies and epistemologies in different spaces. Its purpose is to present clues for the state, the university and the school to collaborate more effectively in the implementation of Law 11.645/08, which makes the teaching of the histories and cultures of indigenous peoples compulsory in Basic Education; as well as pointing out possibilities that contribute to the training of anti-racist educators who respect and value diversity.

Keywords: Law No. 11.645/08. Training of educators. Contemporary indigenous art. Histories of indigenous peoples. Discourse Analysis.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo comprender cómo la formación basada en la Ley n° 11.645/08 puede movilizar a los educadores de Curitiba y ciudades vecinas que participan en un curso de extensión para pensar en las artes, las historias y las culturas de los pueblos indígenas desde otras perspectivas. Uno de los objetivos de la investigación fue crear un proyecto de extensión basado en la producción contemporánea de artistas y escritores indígenas. La formación tuvo lugar en mayo, junio y julio de 2024 en la Universidad Estatal de Paraná (Unespar), en el Campus Curitiba II, en la Facultad de Letras de Paraná (FAP), y la completaron 49 participantes. El curso tuvo seis encuentros presenciales y uno sincrónico, con una clase organizada en torno a la visita a un museo y a un espacio cultural. El marco teórico del trabajo establece alianzas afectivas con intelectuales indígenas y no indígenas, especialmente Ailton Krenak, Aracy Lopes da Silva, Daniel Munduruku, Denilson Baniwa, Giovani José da Silva, Gustavo Caboco, Jaider Esbell, Luís Donisete Benzi Grupioni, Márcia Wayna Kambeba y Naine Terena. El Análisis del Discurso, basado en los aportes teóricos de Eni Orlandi, impregnará la tesis, desde la revisión bibliográfica, la metodología, hasta el develamiento de las materialidades: los Formularios Google respondidos por los participantes e interesados en realizar el curso; los trabajos (cartas, producciones artísticas y seudónimos) desarrollados por los participantes del curso durante el proceso de formación y sus testimonios. Esta investigación revela la borratura y el silenciamiento de los cuerpos y epistemologías indígenas en diferentes espacios. Su propósito es presentar pistas para que el Estado, la universidad y la escuela colaboren de manera más efectiva en la implementación de la Ley 11.645/08, que hace obligatoria la enseñanza de las historias y culturas de los pueblos indígenas en la Educación Básica; así como señalar posibilidades que contribuyan a la formación de educadores antirracistas que respeten y valoren la diversidad.

Palabras clave: Ley n° 11.645/08. Formación de educadores. Arte indígena contemporáneo. Historias de los pueblos indígenas. Análisis del Discurso.

KRĪN. NÉN TO JYKRÉN

Kỹ isỹ vėnhrá tag vỹ tỹ gĩr ag kanhrăn tĩ ag tỹ Lei n° 11.645/08 to kãmén ke vė kar kỹ to vėmén ke ve artistas kar escritores kanhgág ag mré, kỹ sir ẽmă tỹ Curitiba tá ag mré kãmén mũ gé kar ẽmă kăsir ki gé, curso tỹ extensão han tĩ ag, artes to jykrén, văsỹ nén han ja kar jykrén ki ge tãmĩ kanhgág kar ag tỹ to rănhrăj ken hă vė. Hă kỹ sir referencial vỹ to rănhrăj mág han ke nĩ kanhgág ũ ag tỹ escritores ag(fag) kar fóg ag ki gé. Kỹ ũ ag mỹ kãmén tag vỹ kysă tỹ maio, junho kar julho kar prỹg tỹ 2024 kă ke mũ, Universidade Estadual do Paraná (Unespar) tá, Campus Curitiba II tá, Faculdade de Artes do Paraná (FAP) tá, kỹ ũ tỹ 49 vỹ ki ẽmẽ ja nĩgtĩ. Kursu vỹ encontro tỹ 6 han mũ jo ũ vỹ tỹ sícrono ki han ke nĩ, kar tóg museu venh mũ ke nĩ ag tỹ ũ ag jykre kar nén hynhan tĩ ve jé. Kỹ referencial teórico tag vỹ tỹ ũn tỹ hěn ri ke ag mré to jykrén mũ kanhgág ũ ag kara fóg ũ ag mỹ, vỹ tỹ Ailton Krenak mré, Aracy Lopes da Silva, Daniel Munduruku, Denilson Baniwa, Giovani José da Silva, Gustavo Caboco, Jaider Esbell, Luis Donisete Benzi Grupioni kar Márcia Wayna Kambeba kar Naine Terena. Kỹ sir isóg Análise tỹ discurso han mũ, Eni Orlandi tỹ han ja, rănhrăj to rán tag han mũ, literatura ki króm pẽnjėg mũ, metodologia ki gé, sir ki kanhrăn mũ nén e ki. Kar isóg Google Forms ki nén ũ jẽmẽ hyn han mũ gé ũ tỹ inh mré to kãmén ag kar inh mré hynhan ke mũ ag kursu tỹ extensão kăki; kar to rănhrăj tỹ (cartas, produções artísticas kar pseudônimos) ag to ẽg cursistas ag vė he mũ. Kỹ inh rănhrăj tag vỹ hěn ke mũ tỹ tũ e kar ki ẽkren han mũ kanhgág ag kar ẽn to. Hăra tóg pẽnjėg kỹ nĩ inh rănhrăj tag ti kar nén e to jykrén mũ gĩr (ag kanhrăn tĩ ag), kar kỹ nĩ kỹ sir ẽprỹ tỹ hěn ri ke vėg mũ universidade tá kar kỹ gĩr ag kanhrăn jăfă krēm ag tỹ Lei n° 11.645/08 ti ki krov ẽn ven jé, ken jé tỹ pă'i mág ag tỹ han ja nĩ nén ũ si ki kar jykre ag kar Educação Básica kăki; kanhgág ag kar to kãmén ẽn han jé.

Vėnhrá-to jykrén ke: Lei n° 11.645/08. Gĩr ag kanhrăn tĩ ag kanhrănřăn (fag). Arte contemporânea ki géindígena. Văsỹ nén han ja to jykrén ke tãmĩ kanhgág kar. Análise tỹ discurso han mũ.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – ENFIM, CIVILIZAÇÃO.....	59
FIGURA 2 – INDÍGENAS NA CONSTITUIÇÃO.....	63
FIGURA 3 – NÃO APAGARÃO NOSSA MEMÓRIA.....	76
FIGURA 4 – SOMOS SEMENTES DA RESISTÊNCIA.....	134
FIGURA 5 – A QUEDA DO CÉU - FINCAR A RAIZ E ESPALHAR A SEMENTE..	137
FIGURA 6 – INVENTANDO OUTROS MUNDOS 1.....	146
FIGURA 7 – INVENTANDO OUTROS MUNDOS 2.....	146
FIGURA 8 – PALAVRAS LANÇADAS AO VENTO.....	147
FIGURA 9 – UMA MENSAGEM DE AMOR E ESPERANÇA 1.....	152
FIGURA 10 – UMA MENSAGEM DE AMOR E ESPERANÇA 2.....	152

LISTA DE GRÁFICOS E INFOGRÁFICOS

GRÁFICO 1 – IDENTIDADE DE GÊNERO.....	85
GRÁFICO 2 – COMO O(A) PARTICIPANTE SE DEFINE.....	85
GRÁFICO 3 – ATUAÇÃO.....	86
GRÁFICO 4 – ASCENDÊNCIA INDÍGENA.....	98
GRÁFICO 5 – IMAGEM DOS POVOS INDÍGENAS.....	100
GRÁFICO 6 – FORMAÇÃO NA ESCOLA SOBRE A TEMÁTICA INDÍGENA.....	101
GRÁFICO 7 – FORMAÇÃO NA UNIVERSIDADE SOBRE A TEMÁTICA INDÍGENA.....	102
GRÁFICO 8 – FORMAÇÃO RELACIONADA AOS POVOS INDÍGENAS.....	106
GRÁFICO 9 – LÍNGUAS INDÍGENAS.....	107
GRÁFICO 10 – FORMAÇÃO COM UM(A) PROFESSOR(A) INDÍGENA.....	109
GRÁFICO 11 – TEVE UM(A) COLEGA INDÍGENA EM DIFERENTES ESPAÇOS	110
GRÁFICO 12 – VISITOU UMA ALDEIA.....	119
GRÁFICO 13 – ETNIAS INDÍGENAS.....	120
GRÁFICO 14 – ARTISTAS INDÍGENAS.....	123
GRÁFICO 15 – AUTORES(AS) INDÍGENAS.....	126
GRÁFICO 16 – CINEASTAS INDÍGENAS.....	137
GRÁFICO 17 – EXPOSIÇÃO DE ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA.....	139
GRÁFICO 18 – REDES SOCIAIS DE INDÍGENAS.....	140
INFOGRÁFICO 1 – NOME DOS POVOS INDÍGENAS.....	121
INFOGRÁFICO 2 – NOME DOS(AS) ARTISTAS INDÍGENAS.....	124
INFOGRÁFICO 3 – NOME DOS(AS) ESCRITORES(AS) INDÍGENAS.....	127
INFOGRÁFICO 4 – TÍTULO DAS OBRAS DE AUTORIA INDÍGENA.....	129

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – COMO OS POVOS INDÍGENAS SÃO APRESENTADOS NOS DIFERENTES MEIOS DE COMUNICAÇÃO.....	112
QUADRO 2 – LEVANTAMENTO DE OBRAS DE ESCRITORES(AS) INDÍGENAS DO ACERVO VIRTUAL DA BIBLIOTECA DA UFPR - 08/2022.....	132
QUADRO 3 – PSEUDÔNIMOS.....	142
QUADRO 4 – EXPECTATIVAS E MARCAS.....	148

LISTA DE INTELECTUAIS INDÍGENAS APRESENTADOS(AS) NA TESE

**ADEMARIO
RIBEIRO**

Povo: Payayá
Região: Nordeste



Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Interamericana (UI). Fundador e presidente da Associação ARUANÃ. Escritor, poeta, diretor teatral, pesquisador e pedagogo.

**AILTON
KRENAK**

Povo: Krenak
Região: Sudeste



Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e pela Universidade de Brasília (UnB). Primeiro indígena a ocupar a Academia Brasileira de Letras, eleito em 2023.

**ALINE
ROCHEDO
PACHAMAMA**

Povo: Puri
Região: Sudeste



Doutora em História Cultural pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Historiadora, escritora, ilustradora e fundadora da Editora Pachamama.

**ALTACI
KOKAMA**

Povo: Kokama
Região: Norte
Centro-Oeste



Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB) e docente na mesma instituição. É copresidente do GT Global para a Década das Línguas Indígenas, organizado pela UNESCO. Coordenadora de Promoção de Políticas Linguísticas do Ministério dos Povos Indígenas (MPI).

**ALVA
ROSA
TUKANO**

Povo: Tukano
Região: Norte



Doutora em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Pesquisadora e professora da rede estadual do Amazonas.

**ANDRÉ
BANIWA**

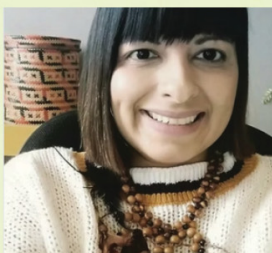
Povo: Baniwa
Região: Norte



Professor, escritor, liderança do povo Baniwa e vice-presidente da Organização Indígena da Bacia do Içana (OIBI).

**ANNIE
MARTINS
AFONSO**

Povo: Ticuna
Região: Norte



Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pesquisadora e professora do curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

**ARISSANA
PATAXÓ**

Povo: Pataxó
Região: Nordeste



Doutoranda em Artes Visuais na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Artista, professora, curadora e pesquisadora.

**AURITHA
TABAJARA**

Povo: Tabajara
Região: Nordeste



Escritora, cordelista, poeta, contadora de histórias indígenas, atriz, professora e compositora.

**BELARMINA
PARANÁ**

Povo: Kaingang
Região: Sul



Liderança indígena, criadora da Associação das Mulheres Indígenas Xetá (AMIX), parteira e bezendeira.

**BRAULINA
BANIWA**

Povo: Baniwa
Região: Norte
Centro-Oeste



Doutoranda em Antropologia Social na Universidade de Brasília (UnB). Antropóloga, pesquisadora e escritora.

**BRISA
FLOW**

Povo: Mapuche
Região:
Abya Yala
Sudeste



Cantora, musicista, compositora, poeta, performer, produtora musical e ativista.

**CARINA
PATAXÓ**

Povo: Pataxó
Região: Sudeste



Doutoranda em Educação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pedagoga, ativista e pesquisadora.

**CARL
GAKRAN**

Povo: Xokleng
Região: Sul



Pesquisador, ativista e fundador do Instituto Zág.

**CARMÉZIA
EMILIANO**

Povo: Macuxi
Região: Norte



Artista visual, participou de diversas exposições e bienais no Brasil.

**CASÉ
ANGATU**

Povo: Tupinambá
Região: Nordeste



Doutor em História e Cultura da Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP). Docente na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Historiador, pesquisador e escritor.

**CÉLIA
XAKRIABÁ**

Povo: Xakriabá
Região: Sudeste
Centro-Oeste



Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Deputada federal pelo estado de Minas Gerais. Ativista, professora, poetisa e artista.

**CRISTIAN
WARIU**

Povo: Xavante
Região:
Centro-Oeste



Fotógrafo, designer gráfico e criador de conteúdo digital.

**DAIARA
TUKANO**

Povo: Tukano
Região: Norte
Centro-Oeste



Mestre em Direitos Humanos pela Universidade de Brasília (UnB). Artista, ativista, muralista, comunicadora, curadora e educadora.

**DANIEL
MUNDURUKU**

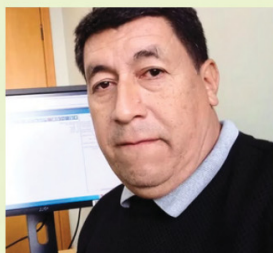
Povo: Munduruku
Região: Norte
Sudeste



Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutor em Literatura pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Escritor, professor, ator, político e ativista.

**DANILO
BRAGA**

Povo: Kaingang
Região: Sul



Doutorando em História Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Historiador, professor e ativista.

**DAVI
KOPENAWA
YANOMAMI**

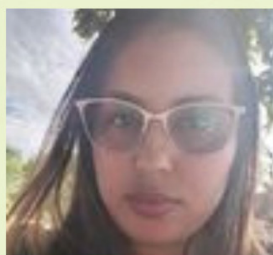
Povo: Yanomami
Região: Norte



Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Roraima (UFRR) e pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Liderança do povo Yanomami, xamã, escritor e ativista.

**DEBORA
TUPINIKIM**

Povo: Tupinikim
Região: Sudeste
Centro-Oeste



Doutoranda em Política Social na Universidade de Brasília (UNB). Assistente Social, pesquisadora e escritora.

**DENILSON
BANIWA**

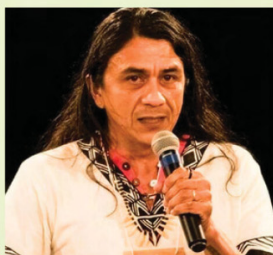
Povo: Baniwa
Região: Norte
Sudeste



Artista visual, curador, comunicador, designer e ativista. Participou de diversas exposições e bienais nacionais e internacionais.

**EDSON
KAYAPÓ**

Povo: Kayapó
Região: Norte
Nordeste



Doutor em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente do Instituto Federal da Bahia (IFBA). Escritor, ativista e historiador.

**EDSON
KRENAK**

Povo: Krenak
Região: Sudeste
Áustria



Doutorando em Antropologia Jurídica na Universidade de Viena. Coordenador de Defesa dos Direitos Indígenas da Organização Cultural Survival. Escritor, pesquisador e ativista.

**ELIANE
POTIGUARA**

Povo: Potiguara
Região: Nordeste
Sudeste



Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Escritora, poeta, professora, contadora de histórias e ativista.

**EVA
POTIGUARA**

Povo: Potiguara
Região: Nordeste



Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Coordenadora do Mulherio Nacional das Letras Indígenas. Escritora, poeta, contadora de história, artista, professora e pesquisadora.

**FELIPE
TUXÁ**

Povo: Tuxá
Região: Nordeste



Doutor em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB). Docente na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pesquisador, escritor e antropólogo.

**FERNANDA
KAINGANG**

Povo: Kaingang
Região: Sul



Doutora em Patrimônio Cultural e Propriedade Intelectual pela Universidade de Leiden, na Holanda. Advogada, ativista e diretora do Museu Nacional dos Povos Indígenas (MNPI).

**FLORÊNCIO
REKAYG
FERNANDES**

Povo: Kaingang
Região: Sul



Doutorando em Antropologia na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pedagogo, escritor e pesquisador.

**GERSEM
BANIWA**

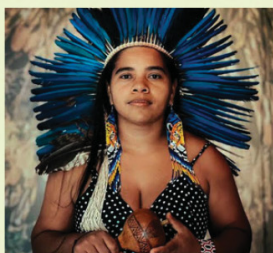
Povo: Baniwa
Região: Norte
Centro-Oeste



Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB) e docente na mesma instituição. Coordenador nacional do GE Educação e Povos Indígenas da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Filósofo, pesquisador e escritor.

**GLICÉRIA
TUPINAMBÁ**

Povo: Tupinambá
Região: Nordeste



Mestre em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Artista, professora e liderança indígena.

**GRAÇA
GRAÚNA**

Povo: Potiguara
Região: Nordeste



Doutora em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE) e docente na mesma instituição. Pós-doutora em Literatura, Educação e Direitos Indígenas pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Escritora, pesquisadora e crítica literária.

**GRACI
GUARANI**

Povo: Guarani
Kaiowá
Região:
Centro-Oeste



Cineasta, produtora cultural, ativista, comunicadora, curadora e professora.

**GUSTAVO
CABOCO**

Povo: Wapichana
Região: Norte
Sul



Artista, curador, educador, escritor e produtor audiovisual. Participou de diversas exposições e bienais nacionais e internacionais.

**ISABEL
GAKRAN**

Povo: Xokleng
Região: Sul



Pesquisadora, ativista e fundadora do Instituto Zág.

**ISAIAS
MAXAKALI**

Povo: Maxakali
Região: Sudeste



Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Cineasta, professor e artista.

**IURY
TIKUNA**

Povo: Tikuna
Região: Norte
Centro-Oeste



Doutorando em Antropologia Social na Universidade de Brasília (UnB). Pesquisador, antropólogo e escritor.

**JAIDER
ESBELL**

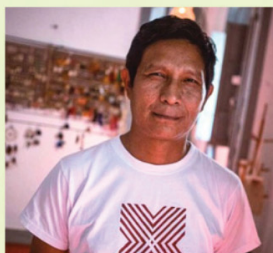
Povo: Makuxi
Região: Norte



Artista, curador, escritor, produtor cultural e ativista. Participou de diversas exposições e bienais nacionais e internacionais.

**JOÃO PAULO
LIMA BARRETO**

Povo: Tukano
Região: Norte



Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e pós-doutor em Antropologia Social na mesma instituição. Filósofo, antropólogo e ativista.

**JOENIA
WAPICHANA**

Povo: Wapichana
Região: Norte
Centro-Oeste



Primeira mulher indígena, deputada federal pelo estado de Roraima, primeira presidente da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) e primeira advogada indígena no Brasil.

**JOVINA
KAINGANG**

Povo: Kaingang
Região: Sul



Liderança indígena, escritora e artista.

**JOZILÉIA
KAINGANG**

Povo: Kaingang
Região: Sul



Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Co-fundadora da Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGA). Professora, geógrafa, escritora e pesquisadora.

**JÚLIA
MUNIZ**

Povo: Xavante
Região:
Centro-Oeste
Sudeste



Professora, pesquisadora e promotora de eventos da Universidade Indígena Aldeia Marakanã.

**JULIANA
CARDOSO**

Povo: Terena
Região: Sudeste
Centro-Oeste



Deputada federal pelo estado de São Paulo, educadora e ativista.

**JULIANA
KEREXU**

Povo: Guaraní
Mbya
Região: Sul



Liderança indígena, poetisa, professora, artista e ativista.

**JULIANA
TUPINAMBÁ**

Povo: Tupinambá
Região: Nordeste



Doutoranda em Antropologia Social na Universidade de Brasília (UnB). Ativista, geógrafa, pedagoga, pesquisadora e escritora.

**KAKÁ
WERÁ**

Povo: Tapuia
Região: Sudeste
Sul



Escritor, ambientalista, educador, produtor cultural e ativista.

**KÁSSIA BORGES
KARAJÁ**

Povo: Karajá
Região:
Centro-Oeste
Sudeste



Doutora em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professora da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Artista visual, curadora e pesquisadora.

**LIAN
GAIA**

Povo: ***
Região: Sudeste



Atriz, performer, psicóloga e ativista.

**LILLY
BANIWA**

Povo: Baniwa
Região: Norte
Sudeste



Atriz, performer, artista e pesquisadora.

**LUCINHA
TREMembé**

Povo: Trebembé
Região: Nordeste



Secretária adjunta da Secretaria de Saúde Indígena (SESAI). Assistente social e ativista.

**MAIRU
HAKUWI
KUADY KARAJÁ**

Povo: Karajá
Região:
Centro-Oeste



Doutorando em Direito na Universidade de Brasília (UnB). Pesquisador e escritor.

**MÁRCIA
WAYNA
KAMBEBA**

Povo: Kambeba
Região: Norte



Doutora em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Escritora, poeta, compositora, contadora de histórias, professora, geógrafa e pesquisadora.

**MARCOS
BARÉ**

Povo: Baré
Região: Norte



Artista e presidente da Associação de Artesãos de Novo Airão (AANA), localizada no Amazonas.

**MAURICIO VÊN
TÂN
SALVADOR**

Povo: Kaingang
Região: Sul



Cacique do grupo Retomada Kaingang de Canela-RS. Escritor, cineasta e contador de histórias.

**MILA
KANHGÁG**

Povo: Kaingang
Região: Sul



Artista, cineasta, curadora, colaboradora da Mídia Indígena Oficial e etnocomunicadora da Articulação dos Povos Indígenas da Região Sul (ArpinSul).

**MYRIAN
KREXU**

Povo: Guaraní
Mbya
Região: Sul



Primeira cirurgiã cardiovascular indígena do Brasil. Palestrante, poeta e ativista.

**NAINE
TERENA**

Povo: Terena
Região:
Centro-Oeste



Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora, cineasta, artista, curadora e pesquisadora.

**NEI LEITE
XAKRIABÁ**

Povo: Xakriabá
Região: Sudeste



Mestre em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisador, professor e ceramista.

**OLINDA YAWAR
TUPINAMBÁ**

Povo: Tupinambá
Região: Nordeste



Jornalista, documentarista, cineasta, ambientalista, artista, performer e ativista.

**OLÍVIO
JEKUPÉ**

Povo: Guaraní Mbya
Região: Sul



Escritor, poeta, ativista e contador de histórias. Fundador da Editora Jekupe.

OWERÁ

Povo: Guaraní
Mbya
Região: Sudeste



Rapper, compositor e escritor.

**RAQUEL
KUBEO**

Povo: Kubeo
Região: Norte
Sul



Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Artista, performer, pedagoga, pesquisadora e ativista.

**REGINA
APARECIDA KOSI
DOS SANTOS**

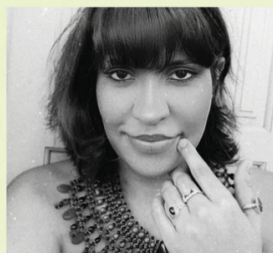
Povo: Kaingang
Região: Sul



Mestre em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Historiadora, escritora e pesquisadora.

**RENATA
TUPINAMBÁ**

Povo:
Tupinambá
Região: Sudeste



Jornalista, roteirista, produtora, curadora, artista e poeta. Fundadora da Originárias Produções e cofundadora da Rádio Yandê.

**RITA
POTIGUARA**

Povo: Potiguara
Região: Nordeste



Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pesquisadora e professora da Universidade Estadual do Ceará (UEA).

**ROSANI DE FÁTIMA
FERNANDES**

Povo: Kaingang
Região: Sul



Doutora em Antropologia Social e Pós-doutora em Clínica de Direitos Humanos da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Pesquisadora e docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

**SALLISA
ROSA**

Povo: ***
Região: Sudeste



Mestre em Criação e Produção de conteúdo Audiovisual pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Artista, jornalista e fotógrafa.

**SANDRA
BENITES**

Povo: Guarani
Nhandeva
Região:
Centro-Oeste
Sudeste



Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Diretora de Artes Visuais da Fundação Nacional de Artes (Funarte). Professora, pesquisadora, antropóloga e curadora.

**SHIRLEY
KRENAK**

Povo: Krenak
Região: Sudeste



Professora, escritora, líder indígena, ativista, comunicadora, ambientalista e artista.

**SIBÉ FELICIANO
LANA**

Povo: Desana
Região: Norte



Liderança indígena, artista, escritor e contador de histórias.

**SONIA
GUAJAJARA**

Povo: Guajajara
Região: Nordeste
Centro-Oeste



Ministra de Estado dos Povos Indígenas. Deputada federal pelo estado de São Paulo. Professora, ativista e liderança indígena.

**SUELI
MAXAKALI**

Povo: Maxakali
Região: Sudeste



Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora, cineasta, fotógrafa e liderança indígena.

**SULIETE
BARÉ**

Povo: Baré
Região: Norte
Centro-Oeste



Doutoranda em Direitos Humanos na Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora, escritora e engenheira florestal.

**TADEU SANTOS
KAINGANG**

Povo: Kaingang
Região: Sul



Doutorando em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e docente na mesma instituição. Um dos criadores do Coletivo Kókir. Artista e pesquisador.

**TAKUMÃ
KUIKURO**

Povo: Kuikuro
Região:
Centro-Oeste



Fundador do Coletivo Kuikuro de Cinema e presidente do Instituto da Família do Alto Xingu (IFAX). Cineasta e professor.

**TIAGO
NHANDEWA**

Povo: Guarani
Nhandewa
Região: Sul
Sudeste



Doutorando em Antropologia na Universidade de São Paulo (USP). Professor, pesquisador, antropólogo, ativista e escritor.

**TRUDRUÁ
DORRICO**

Povo: Macuxi
Região: Norte



Doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e pós-doutoranda pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Escritora, poeta, artista e pesquisadora.

**ÚYRA
SODOMA**

Povo:
Munduruku
Região: Norte



Mestre em Ecologia pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Artista, bióloga, pesquisadora e arte educadora.

**VANESSA
FE HÁ**

Povo: Kaingang
Região: Sul



Comunicadora da Articulação dos Povos Indígenas da Região Sul (ArpinSul). Conselheira do Comitê Indígena de Mudanças Climáticas (CIMC). Escritora, diretora e roteirista.

**VANESSA
GUARANI
RATTON**

Povo: Guarani
Mbya
Região: Sudeste



Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora, pesquisadora, jornalista, poeta, escritora e artista.

**XADALU TUPÃ
JEKUPÉ**

Povo: Guarani
Região: Sul



Artista e ilustrador. Participou de diversas exposições e bienais nacionais e internacionais.

**YACUNÃ
TUXÁ**

Povo: Tuxá
Região: Nordeste



Artista visual, ilustradora, ativista.
Participou de diversas exposições
no Brasil.

**YTANAJÉ
CARDOSO
MUNDURUKU**

Povo:
Munduruku
Região: Norte



Doutor em Educação pela
Universidade Federal do
Amazonas (UFAM). Escritor,
professor e pesquisador.

**ZAHY
GUAJAJARA**

Povo: Guajajara
Região: Nordeste
Sudeste



Atriz, modelo, performer,
cineasta, fotógrafa e ativista.

**ZIEL
KARAPOTÓ**

Povo: Karapotó
Região: Nordeste



Coordenador da Associação de
Indígena em Contexto Urbano
Karaxuwanassu (ASSICUKA).
Artista, pesquisador, produtor
cultural, realizador audiovisual,
curador e performer.

LISTA DE INTELLECTUAIS INDÍGENAS DE OUTROS PAÍSES

JULIETA PAREDES

Povo: Aymara
País: Bolívia



Mestra em Gênero, Sociedade e Políticas pela Escola Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) na Argentina. Poeta, escritora, pesquisadora e ativista.

LINDA TUHIWAI SMITH

Povo: Maori
País: Nova Zelândia



Professora da Universidade de Waikato na Nova Zelândia. Fundadora do Maori Centro de Excelência em Pesquisa. Socióloga, pesquisadora e escritora.

SILVIA RIVERA CUSICANQUI

Povo: Aymara
País: Bolívia



Foi professora emérita da Universidad Mayor de San Andrés, em La Paz, na Bolívia. Socióloga, historiadora e ativista.

TOMMY ORANGE

Povo: Cheyenne e Arapaho
País: Estados Unidos



Formado pelo programa MFA do Instituto de Artes Indígenas Americanas. Escritor e romancista.

Observações:

- Os(as) intelectuais indígenas que aparecem na tabela em mais de uma região, a primeira refere-se ao local onde nasceu ou vive o seu povo, a segunda onde reside até o momento da publicação da pesquisa;
- O campus que tem a marcação (***) no nome do povo está dessa forma porque a informação não foi encontrada no estudo;
- O minicurriculo dos(as) teóricos(as) indígenas é referente à investigação realizada no período de dezembro de 2024 a fevereiro de 2025;
- A lista de intelectuais indígenas apresentados na tese contemplou 92 pensadores(as) indígenas, sendo que 88 vivem no Brasil e 4 em outros territórios;
- A fonte das imagens é mencionada no kuju 1 - parte 1.

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

AANA	- Associação de Artesãos de Novo Airão
ABL	- Academia Brasileira de Letras
AD	- Análise do Discurso
ANMIGA	- Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade
ANPEd	- Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
ANPG	- Associação Nacional de Pós-Graduandos
ANPUH	- Associação Nacional de História
APIB	- Articulação dos Povos Indígenas do Brasil
APMF	- Associação de Pais, Mestres e Funcionários
ASCURI	- Associação Cultural dos Realizadores Indígenas
BAK	- Biblioteca do Ailton Krenak
Capes	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEB	- Câmara de Educação Básica
Celin	- Centro de Línguas e Interculturalidade
Cimi	- Conselho Indigenista Missionário
CNE	- Conselho Nacional de Educação
CNV	- Comissão Nacional da Verdade
COMIN	- Conselho de Missão entre Povos Indígenas
EaD	- Educação a Distância
ECA	- Escola de Comunicações e Artes
EJA	- Educação de Jovens e Adultos
EMBAP	- Escola de Música e Belas Artes do Paraná
Embrapa	- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FAP	- Faculdade de Artes do Paraná
Fiocruz	- Fundação Oswaldo Cruz
FOIRN	- Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro
Funai	- Fundação Nacional dos Povos Indígenas
Funarte	- Fundação Nacional de Artes
HAY	- Hutukara Associação Yanomami
IBF	- Instituto Brasileiro de Floresta
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Ibram	- Instituto Brasileiro de Museus
IES	- Instituições de Educação Superior
IFBA	- Instituto Federal da Bahia
IFMT	- Instituto Federal de Mato Grosso
IFPR	- Instituto Federal do Paraná
IMS Paulista	- Instituto Moreira Salles de São Paulo
IPHAN	- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ISA	- Instituto Socioambiental
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LiCorEs	- Linguagem, Corpo e Estética na Educação
MAM Rio	- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
MAM SP	- Museu de Arte Moderna de São Paulo
MARI/USP	- Grupo de Educação Indígena da Universidade de São Paulo
MASP	- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand
MEC	- Ministério da Educação
MNPI	- Museu Nacional dos Povos Indígenas
MON	- Museu Oscar Niemeyer
MPF	- Ministério Público Federal
MPI	- Ministério dos Povos Indígenas
MST	- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MUPA	- Museu Paranaense
MUSA UFPR	- Museu de Arte da Universidade Federal do Paraná
NEAB	- Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros
NEARIN	- Núcleo dos Escritores e Artistas Indígenas
ONG	- Organização Não Governamental
ONU	- Organização das Nações Unidas
PPGE	- Programa de Pós-Graduação em Educação
PROGEPE	- Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas
PUCPR	- Pontifícia Universidade Católica do Paraná
PUCRS	- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUCSP	- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SEED/PR	- Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná
SEPE	- Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão
Sesai	- Secretaria Especial de Saúde Indígena

Sesc SP	- Serviço Social do Comércio de São Paulo
SescTV	- Serviço Social do Comércio de Televisão
TEPI	- Teatro e os Povos Indígenas
UFF	- Universidade Federal Fluminense
UFGD	- Universidade Federal de Grande Dourados
UFJF	- Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	- Universidade Federal de Minas Gerais
UFPE	- Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
UFRGS	- Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	- Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	- Universidade Federal de Santa Catarina
UnB	- Universidade de Brasília
UNESCO	- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Unespar	- Universidade Estadual do Paraná
UNI	- União das Nações Indígenas
Unicamp	- Universidade Estadual de Campinas
UTFPR	- Universidade Tecnológica Federal do Paraná
USP	- Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 NOR. ABERTURA.....	41
2 VÃFY KANHRÓ. TRANÇAR O SABER: ENTRE AS ARTES E HISTÓRIAS DOS POVOS INDÍGENAS, ANÁLISE DO DISCURSO E A LEI Nº 11.645/08.....	56
2.1 VÃFY 1. TRANÇAR 1. ALGUNS FATOS DAS HISTÓRIAS DOS POVOS INDÍGENAS E O DISCURSO DO CONFRONTO.....	57
2.2 VÃFY 2. TRANÇAR 2. ALGUNS PASSOS DA LEI Nº 11.645/08 EM BUSCA DE UMA OUTRA EDUCAÇÃO.....	66
2.3 VÃFY 3. TRANÇAR 3. ARTE POR OUTRAS PERSPECTIVAS E A POLÍTICA DO SILÊNCIO.....	72
3 INH HÊ MĨ TĨ G? VOU POR QUAL CAMINHO?.....	81
4 ËĞ TỸ ËKRÉ RÊĞ KAR KỸ TI VÁR GÉNH HAN TŨ NĨN KỸ ËĞ TÓĞ, TỸ VÊNYN HAN MŨ SIR. DEPOIS DE TRILHAR NOSSA COLHEITA, SE NÃO JUNTARMOS TUDO QUE CAIU, TEREMOS DESPERDÍCIO.....	97
5 HỸN. PROVAVELMENTE.....	153
5.1 ÁLBUM DE MEMÓRIAS.....	167
5.2 MEU CAMINHAR COM OS POVOS INDÍGENAS.....	170
MĨJ. ENCONTRO.....	172
KUJU 1. PARTE 1 - LISTA DE FONTES: INTELECTUAIS INDÍGENAS.....	188
KUJU 2. PARTE 2 - E-MAIL DO CURSO DE EXTENSÃO.....	193
KUJU 3. PARTE 3 - E-MAIL DO CURSO DE EXTENSÃO - NOVIDADES.....	195
KUJU 4. PARTE 4 - PROGRAMAÇÃO DO CURSO DE EXTENSÃO.....	197
KUJU 5. PARTE 5 - ATIVIDADES PARA AQUECER O CORAÇÃO.....	199
KUJU 6. PARTE 6 - PERSONALIDADES INDÍGENAS.....	202
KUJU 7. PARTE 7 - REFERÊNCIAS DO CURSO.....	205
KUJU 8. PARTE 8 - MULTIPLICAR E SEMEAR.....	219
KUJU 9. PARTE 9 - ENCONTROS PARA MOVIMENTAR O PENSAR.....	222
KUJU 10. PARTE 10 - LISTA DE FONTES: ARTISTAS, ESCRITORES(AS) INDÍGENAS E OBRAS.....	251

KRIGKRIG

ESPALHAR, SEMEAR

TRANÇADOS ENTRE AS ARTES E HISTÓRIAS DOS POVOS INDÍGENAS
E A FORMAÇÃO DE EDUCADORES(AS)

FLÁVIA GISELE NASCIMENTO



FONTE: Eulália Manual e Maria da Graça (2024).

1 NOR. ABERTURA¹



Fui estudar na escola do “branco”
Para entender sua realidade.
Transformei a escrita em resistência
Desenhei ternura, amor e bondade.

Compreendi que a cultura é um rio
Corre manso para os braços do mar
Assim não existem fronteiras
Para aprender, lutar e caminhar.

Hoje estamos nas universidades
Levamos junto nosso lugar
A construção do conhecimento é uma teia
Que liga tua cidade com minha aldeia.

Sendo que a minha identidade se constrói
Nas peculiaridades que em mim permeiam
Minha casa na cidade é também a minha aldeia
Não perdemos nossa essência
Somos o fino grão de areia.
(Kambeba, 2020, p. 31)

Esta poesia é da compositora, fotógrafa e geógrafa Márcia Wayna Kambeba, do povo Omágua/Kambeba, publicada no seu livro Saberes da Floresta. Márcia foi uma das primeiras intelectuais indígenas com quem tive contato na minha trajetória de formação e transformação. Até alguns anos atrás, eu não sabia nada ou quase nada em relação aos povos indígenas. O que era para mim desconhecido se tornou um grande amor na busca de querer aprender mais e compartilhar com as outras pessoas.

Mas, antes de falar sobre esta viagem entre mundos, gostaria de me apresentar, contar um pouquinho da minha história e do meu lugar de fala². Nasci na cidade de Curitiba, palavra de origem Guarani, que inicialmente teve diferentes grafias como “Kury-tyba”, “Kuri’yty” e “Curi-tyba”, que quer dizer “ajuntamento de

¹ Os títulos do trabalho estão escritos em dois idiomas, em Kaingang e a sua tradução em Português. Essa escolha foi feita para que o(a) leitor(a) tenha contato com essa língua indígena, a terceira com mais falantes no Brasil e a primeira na região Sul, segundo o Censo Demográfico de 2010. Para saber mais sobre o assunto, leia a reportagem “Para não esquecer a língua kaingang” da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/sextante/para-nao-esquecer-a-lingua-kaingang/>. Acesso em: 21 out. 2024.

² A filósofa Djamila Ribeiro, no seu livro “Lugar de fala” (2023), apresenta uma consideração ética e política deste conceito.

pinhão”, “terra de muitos pinhões”, “muito pinheiro” e “pinhal” (Carneiro, 2018; Ferreira, 2006). Araucária é a árvore que produz essa semente, sendo símbolo da capital paranaense. Mas está ameaçada de extinção³, conforme a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Essa árvore é sagrada para os povos indígenas, em especial para o povo Xokleng que a chama de “Zág” e para o povo Kaingang que na sua língua é “Fág”.⁴

Alguns teóricos(as) falam que a palavra Curitiba também tem origem Kaingang, mas existem poucos registros sobre esse assunto. Um dos livros que aborda esta questão é o “Que pira é essa?” do autor José Carneiro. Trabalho que realizou em parceria com outros(as) pesquisadores(as) indígenas e não indígenas. Nele é relatado uma história contada pelos antepassados do povo Kaingang, no qual a palavra quer dizer: “kur - ligeiro, ti - ele, vãn - carregar coisa comprida”. (Carneiro, 2018, p. 41) Já a palavra Paraná é proveniente da língua Guarani - “Paraná”, sua tradução “mar”, “água do mar”, “rio grande”, “rio como mar”, “rio semelhante ao mar” e “imensidão das águas”. (Carneiro, 2018; Grupioni, 2015; Ferreira, 2006).

É desse território a minha proveniência. Uma mulher branca, filha da Maria e do Pedro, pessoas muito simples. Tenho uma irmã, um irmão, dois sobrinhos, uma sobrinha (sendo que dois são meus afilhados) e uma grande família, com aproximadamente duzentos integrantes. A classe social da maioria dos meus parentes é média baixa e com pouca formação acadêmica. Cursei toda a Educação Básica e a Pós-graduação em instituições públicas. Sou a primeira mulher e a única, até o momento, com mestrado, que está cursando o doutorado, isso aos quarenta anos. Entrei no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) em 2021, no auge da pandemia da COVID-19⁵, segundo o Ministério da Saúde, uma doença que matou mais de 700.000 mil pessoas no

³ Projetos como o Instituto Zág coordenado por Isabel Gakran e Carl Gakran, casal do povo Xokleng, têm procurado reverter este cenário, da possível extinção da Araucária. Para conhecer mais sobre esse importante trabalho, acesse a rede social do instituto. Disponível em: <https://www.instagram.com/institutozag/>. Acesso em: 5 set. 2024.

⁴ O cacique Mauricio Vên Tánh Salvador, do grupo de Retomada Kaingang de Canela, no Rio Grande do Sul, apresenta no livro “A araucária e a gralha azul: uma história dos antigos Kaingang” (2022), uma narrativa que é contada há muitas gerações. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/index.php/acervo/documentos/fag-kar-segso-tanh-gufo-u-si-ag-tua-a-raucaria-e-gralha-azul-uma-historia-dos>. Acesso em: 2 set. 2024. Outra referência é o filme “Mulheres Araucárias”, produzido pelas cineastas Mila Kanhgág (Camila Mĩg Sá dos Santos) e Vanessa Fe Há do povo Kaingang, juntamente com Kassiane Schwingel. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MLTok0Kb86M>. Acesso em: 2 set. 2024.

⁵ Conforme o site do Ministério da Saúde, “a Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global”. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/covid-19>. Acesso em: 2 nov. 2024.

Brasil, a qual abalou a vida de toda a população do país e do planeta, de diferentes formas⁶.

A minha formação inicial é em Licenciatura em Artes Visuais. Atuei como professora de Arte por mais de dez anos, em escolas públicas e privadas. Também ministrei aulas no Ensino Superior presencial e na Educação a Distância (EaD) por um período de cinco anos. A escola e a universidade foram e são para mim espaços de muito aprendizado, troca, afeto, alegria, mas algumas vezes de tristeza, pois é necessário melhorar muitas questões, começando pela formação e valorização dos(as) docentes.

O meu lugar de fala é desse contexto e dessa composição de “Flávia’s”: mulher, filha, irmã, tia, madrinha, professora, pesquisadora, escritora, aprendiz... Nas aulas, nas formações e palestras que ministro abordo que vou falar COM os povos indígenas apresentando referências de artistas, intelectuais e lideranças indígenas. Não falo “sobre os(as) indígenas”, “por um(a) indígena” ou “como uma indígena”, pois não sou indígena, apenas uma aliada da luta que acredita que é no coletivo que podemos construir um mundo melhor.

E você deve estar se perguntando: como surgiu a ideia de fazer essa pesquisa? Esse estudo iniciou-se em 2018, de maneira informal, ano em que atuava como professora no curso de Licenciatura em Artes Visuais, na Universidade Estadual do Paraná (Unespar) - Faculdade de Artes do Paraná (FAP), campus Curitiba II. Não houve um acontecimento em específico ou como popularmente falam, “uma virada de chave”, mas sim a somatória de várias experiências que me fizeram despertar do “coma colonial”⁷, conceito criado pelo artista Wapichana Gustavo Caboco, que trata da “violência epistêmica corporal” (Caboco, 2022, n.p). Alguns fatos estimularam-me a acordar deste sono profundo, de mais de cinco séculos. Abaixo, apresento alguns deles.

A minha primeira orientanda na graduação foi uma aluna negra. Em um dos nossos encontros, perguntei o que a movia a pesquisar aquele tema. Ela relatou que

⁶ Para compreender como foi fazer pesquisa científica no período da COVID-19, morando em Manaus-AM, uma cidade que foi epicentro da pandemia, leia o capítulo “Pesquisa e pandemia: a luta para respirar na Amazônia”, da autoria de Annie Martins Afonso, indígena em retomada do povo Ticuna, que está publicado na obra “Além da tese: percursos de pesquisa em ciências humanas” (2022), organizada por Jean Carlos Gonçalves *et al*.

⁷ O conceito “coma colonial” foi apresentado pela primeira vez por Gustavo Caboco na exposição “Netos de Makunaimi: encontros de arte indígena contemporânea”, realizada no Museu de Arte da UFPR (MUSA UFPR) em 2019. O catálogo da mostra pode ser visualizado no canal do YouTube da instituição. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WsUzFgMTZEK>. Acesso em: 3 set. 2024.

quando era criança, sofreu racismo na escola. A sua professora fez ela colar um bombril no seu desenho, um autorretrato. Essa experiência marcou toda a sua vida, por muitos anos ela alisou o cabelo. A pretensão dela era que, com aquele trabalho, outras crianças negras não passassem por este constrangimento. Falei para a aluna, segurando as lágrimas, que sentia muito pelo ocorrido e destaquei a importância e urgência da pesquisa dela. Esse fato me mostrou como sou privilegiada por ser uma mulher branca, pois nunca passei por este tipo de violência.

Outro acontecimento que me mobilizou foi quando estava visitando um museu no Centro Histórico de Curitiba, o qual tinha uma exposição mostrando a presença negra na cidade. A segurança do espaço, uma mulher negra, começou a conversar comigo e comentou que, em um determinado dia, um casal foi olhar a mostra e o marido, na entrada do museu, disse para a esposa que não iria entrar no local, pois só tinha coisas de preto. Fiquei tão chocada com a situação, que não lembro o que respondi para a funcionária da instituição.

Outra experiência ocorreu no final de 2018, quando substitui uma professora da graduação de Artes Visuais que saiu de licença. O assunto que a docente estava abordando na disciplina era a invisibilidade de alguns e algumas artistas (mulheres, negros, LGBTQIA+, dentre outros). Isso me moveu a pesquisar muito sobre o assunto, algo a que não tinha me dedicado anteriormente, mesmo tendo trabalhado como professora da Educação Básica por uma década. Foi um momento de muitas descobertas e uma troca incrível com os(as) estudantes.

Em 2018, ano das eleições no Brasil, foi um período marcado por demonstrações explícitas de ódio, preconceito e racismo contra grupos que são a minoria política, mas são a maioria populacional do país. Escutei relatos de alguns estudantes e professores(as) universitários(as) que sofreram algum tipo de violência, por eles(as) serem quem eram, por estarem usando uma roupa relacionada a um movimento social ou partido político de esquerda. Diante desse cenário, sendo uma professora que atuava na formação inicial de docentes em Arte, pensei em como poderia contribuir de forma mais efetiva para que os(as) discentes conhecessem outras histórias, consequentemente respeitassem e valorizassem a diversidade cultural do país.

A partir desse momento, coloquei como propósito estudar de forma mais aprofundada as culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras, além da questão de gênero na Arte. Começo essa imersão pesquisando e lendo livros sobre o assunto,

assistindo filmes, participando de festivais, de seminários, de cursos como: Congo e congadas, Língua e cultura Kaingang, Literatura indígena, Ritmos afro-brasileiros, Máscaras africanas, Mulheres artistas, dentre outros.

Nesse percurso, descobri vários escritores(as), filósofos, fotógrafos, cineastas, dentre outros profissionais, em especial, artistas indígenas que nunca tinha ouvido falar, que nunca me foram apresentados, nos diferentes espaços que frequentei, na escola, na universidade, no museu, no teatro, no cinema, na biblioteca... No caminhar, busquei investigar as minhas origens, as minhas raízes indígenas. Minha mãe comentou algumas vezes que meu bisavô era indígena, mas essa era a única informação que ela tinha. Após algumas averiguações, descobri o nome dele completo. Mas o local onde ele está enterrado não tem um livro de registro, o que impossibilitou saber mais informações, como, por exemplo, a sua etnia. Foi só em uma vivência que descobri que meu bisavô pertence ao povo Kaingang. Isso fez-me lembrar da pesquisa da Vanessa Rodrigues de Araújo, que aborda a memória familiar e a descolonização.

Por que no Brasil ninguém fala sobre as nossas origens não brancas? Seria um silenciamento um ato consciente ou inconsciente? Quem roubou nós mesmos das nossas próprias histórias, destruindo nossa concepção de ser dentro dela? O que interferiu no modo de construirmos nossas memórias familiares a ponto de branqueá-las? [...] Se as pessoas soubessem sobre suas origens indígenas e negras, elas apoiariam projetos políticos que visam exterminar esses povos e grupos? Elas se comoveriam com centenas de famílias indígenas sendo despejadas de suas terras e jogadas à beira da estrada sem comida e sem água, com massacres permanentes ou com o aumento do racismo em todas as suas esferas? Elas perceberiam que existe um genocídio em curso que vem desde a conquista e que isso não é um problema do 'outro', mas de todos nós? (Araújo, 2019, n.p).

Movida por todas essas questões, em 2019 criei uma disciplina optativa intitulada Diversidade Cultural Brasileira⁸, ofertada durante três anos consecutivos (2019-2021), no período da manhã e da noite, no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Unespar-FAP. As turmas eram formadas por licenciandos(as) de diferentes anos do curso e também por estudantes de outras graduações da instituição, como: Cinema, Dança e Teatro. Vale destacar alguns objetivos da

⁸ Em 2020, a disciplina optativa Diversidade Cultural Brasileira alterou o nome para Artes e Diversidades, devido a uma mudança no currículo do curso e no sistema da instituição. Durante o percurso da matéria, criamos alguns canais de comunicação para divulgação de eventos e dos trabalhos produzidos pelos(as) estudantes no Facebook, no WhatsApp e no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/ema_mag_kuju_entre_mundos/. Acesso em: 1 nov. 2024.

disciplina: compreender a importância do estudo da diversidade cultural na realidade contemporânea e no ensino da Arte; identificar e valorizar a influência das culturas indígenas, africanas e de outras culturas na cultura brasileira; capacitar os(as) alunos(as) a analisarem de forma crítica os materiais didáticos sobre a diversidade cultural brasileira, para serem utilizados nas aulas de Arte.

Nessa caminhada, considerei um objeto de estudo para uma possível pesquisa de doutorado que dialogasse com a minha formação e prática, além de contribuir de alguma maneira para o respeito e a valorização dos povos indígenas. A escolha do recorte do trabalho voltado para os povos indígenas tem duas justificativas: a primeira está relacionada com a minha ancestralidade; a segunda é que na busca de materiais didáticos e nas pesquisas sobre o assunto, foi a temática que tinha menos trabalhos em relação às outras abordadas na disciplina.

Na conversa, com o artigo das autoras Laura Pozzana de Barros e Virgínia Kastrup, surgem alguns questionamentos, como: “o que acontece no campo a ser pesquisado? Que referenciais teóricos podem ser instrumentos nesta pesquisa? Que autores e conceitos podem ajudar na reflexão e na construção do texto? Como encaminhar a pesquisa? O que a pesquisa pode dizer?” (Barros; Kastrup, 2012, p. 60). Então, começo a mapear outras questões, como: quais disciplinas contemplam a arte, a história e a cultura dos povos indígenas nos currículos das Licenciaturas? Existe uma formação continuada para os(as) professores(as) relacionada a esse assunto nas instituições de Ensino Superior?

E a cada passo dessa trajetória, vão sendo formuladas outras perguntas. Os currículos das escolas estão de acordo com a proposta da Lei nº 11.645/08? Lei que aborda a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena e afro-brasileira na Educação Básica. Como o(a) indígena é representado e como as suas histórias são contadas nos materiais didáticos? Qual é o espaço que as epistemologias indígenas têm na universidade? Essas e muitas outras perguntas começaram a reverberar. Então, ocorreu o interesse em investigar como os(as) professores(as) de Arte, da Rede Estadual do Paraná, abordam a arte, a história e a cultura dos povos originários em suas aulas?

No processo da pesquisa, o problema mudou algumas vezes, conforme os estudos feitos, as trocas que aconteceram nos seminários, nas conversas com o grupo de estudos e a orientadora. Fui deixando mais objetiva a pergunta que iria me debruçar ao longo dos anos do doutorado. No caminhar, verifiquei que não queria

analisar as aulas dos(as) docentes, os planos de aulas e o currículo. Mas, compreender se os(as) professores(as) tiveram uma formação inicial e/ou continuada sobre a temática indígena.

Faço outra observação dessa questão, substituo o termo “povos originários” que é menos utilizado, por “povos indígenas” que é mais frequente no Brasil, como, por exemplo: Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) e Ministério dos Povos Indígenas (MPI). Além disso, o termo tem mais recorrência na literatura internacional, como apresentado na obra “Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas” (2018) da pesquisadora Linda Tuhiwai Smith, do povo Maori.

Coloco no plural as palavras arte, história e cultura, para evidenciar a diversidade de povos, segundo o Censo Demográfico de 2010⁹ do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), são 305 povos indígenas que vivem no Brasil. Com base nesses apontamentos a pergunta ficou dessa forma: Qual é a formação dos(as) professores(as) de Arte da Rede Estadual do Paraná, da cidade de Curitiba, em relação às artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas? E como o contato com essa temática pode mobilizar os(as) docentes a pensarem em outros modos a Educação e a Arte?

Mas, no período que antecedeu a pesquisa de campo, surgem algumas burocracias que impossibilitaram de trabalhar com o público proposto. Também mudei a abordagem teórica, que era a Filosofia da Diferença, para a Análise do Discurso. Buscando outras possibilidades, surge o problema que esse trabalho se propõe a investigar: Como uma formação com base na Lei nº 11.645/08 e no diálogo com artistas e escritores(as) indígenas, pode mobilizar educadores(as)¹⁰ de Curitiba e cidades vizinhas, participantes de um curso de extensão, a pensarem as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas por outras perspectivas?

O objetivo geral deste estudo é compreender como uma formação relacionada à temática indígena, com base na legislação e com referências da

⁹ Os dados do Censo de 2010 são utilizados neste texto em vez da pesquisa de 2022, porque até o momento da publicação do trabalho ainda não haviam sido divulgados o número de povos, línguas, dentre outras informações deste último levantamento.

¹⁰ Como o público do curso de extensão não se restringiu somente aos(as) professores(as) e licenciandos(as) de Arte, que era a proposta inicial do trabalho, mas contemplou docentes de várias áreas, graduandos e profissionais que estudam ou trabalham de forma direta, ou indireta com a Educação, optou-se por utilizar o termo educador(a) para incluir todos(as) participantes, inspirado em Paulo Freire. O pensador lembra que “ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”. (Freire, 1991, p. 58).

produção artística e intelectual dos(as) povos indígenas, pode mobilizar um grupo de educadores(as) da capital paranaense e Região Metropolitana, a pensarem por outras perspectivas as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas. Já os objetivos específicos são:

- Elaborar a proposta de um curso de extensão com base na Lei nº 11.645/08, com enfoque especial na arte indígena contemporânea;
- Desenvolver uma formação voltada para educadores(as) em uma instituição pública;
- Mapear a formação dos(as) participantes do curso de extensão em relação aos povos indígenas;
- Desvelar o discurso dos(as) cursistas sobre o seu processo de formação;
- Compreender se houve mudança no olhar dos(as) participantes para as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas, ao final do curso de extensão, a partir das materialidades produzidas no processo;
- Criar um canal de comunicação (grupo do WhatsApp) para divulgar cursos, palestras, exposições, peças de teatro, manifestações, petições, notícias, dentre outros eventos relacionados aos povos indígenas. Além de disponibilizar o link de acesso ao drive com a relação de referências abordadas na formação, uma lista com o nome de personalidades indígenas, o cronograma das aulas, dentre outros materiais.

Como proposta de esquematizar os estudos sobre a temática do trabalho, fiz uma pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) em dezembro de 2021, com as palavras-chave: professor(a) de Arte, ensino de Arte, Arte(s) Indígena(s) e Lei nº 11.645/08. Nessa busca, foram encontradas duas dissertações e duas teses.

A primeira dissertação “Cerâmica: arte e conhecimento prático e teórico para a educação básica”, da pesquisadora Soeli de Fátima dos Santos Dalmolin, defendida em 2018, analisa a aplicação da Lei nº 11.645/08, aborda a falta de formação de professores para apresentar esses conteúdos em suas aulas e investiga como incorporar a técnica da cerâmica indígena e não indígena na disciplina de Arte, no currículo da Educação Básica. A segunda dissertação, defendida em 2016, “O ensino de arte na escola indígena Bororo Korogedo Paru da Aldeia Córrego Grande - MT”, da autora Elen Luci Prates, apresenta uma reflexão de como acontece o ensino de arte em uma escola indígena.

As teses são as seguintes: “Culturas indígenas, ensino de arte e a Lei nº 11.645/2008: possibilidades interculturais?”, defendida em 2019, pela pesquisadora Nilva Heimbach, analisa como os professores de Arte, da cidade de Campo Grande-MT, apresentam a arte, os saberes e a cultura dos povos indígenas em cumprimento com a lei; e “Entre Ajuricaba(s) e Zumbi(s): currículo e diversidade cultural - a inclusão das temáticas culturais de matrizes indígenas e africanas na área de artes em escolas públicas da zona leste da cidade de São Paulo”, da autora Marinês Viana de Souza, defendida em 2010, verificou como tem sido a inclusão das temáticas indígenas e afro-brasileiras no ensino da arte, em escolas públicas de São Paulo.

Na pesquisa na base de dados SciELO, fazendo a busca com as mesmas palavras-chave citadas anteriormente, foi encontrado um artigo. O estudo apresenta a análise de uma experiência estética tendo como referência a cultura indígena e africana, desenvolvida nas aulas de Arte em uma escola de Belo Horizonte (Bernardes, 2010). E na busca feita no Google Acadêmico, foram encontradas algumas pesquisas que já foram mencionadas e dois trabalhos de conclusão de curso da graduação. Nessa investigação, percebemos que existem poucas produções sobre o assunto e que são recentes.

Este levantamento nas bibliotecas virtuais de trabalhos científicos foi feito antes de mudar a teoria do trabalho e o público da formação. Em uma nova busca, realizada em outubro de 2024, em vez das palavras-chave professor(a) de Arte, ensino de Arte, Arte(s) Indígena(s) e Lei nº 11.645/08, foram utilizados os seguintes descritores: formação de educadores(as), análise do discurso, Lei nº 11.645/08 e povos indígenas. No catálogo da Capes, não foi encontrada nenhuma dissertação ou tese. Então, alterei a palavra-chave formação de educadores(as) para formação do educador. Nenhum registro de trabalho foi encontrado no portal. Em uma nova tentativa, coloquei o operador booleano “OR” (faz soma de palavras), para o descritor “formação de educador” e acrescentei “formação de professores”, mesmo assim nenhuma pesquisa apareceu na busca.

Fazendo o mesmo procedimento no banco de dados SciELO e Google Acadêmico, não foi encontrado nenhum trabalho científico. Verifica-se uma ausência do tema relacionado com a teoria da Análise do Discurso. Diante desta exposição, percebemos como este assunto é negligenciado, por isso, a importância de dar

visibilidade em diferentes espaços, tanto nas universidades quanto nas escolas. Pois não é simplesmente só um tema de pesquisa, e sim histórias de vidas, culturas, conhecimentos que são silenciados pelas instituições.

Se queremos uma sociedade mais justa, é importante conhecermos as matrizes que compõem esse país, pois boa parte dos estudos e conteúdos dos currículos estão voltados para o eurocentrismo. Além dessa justificativa, este trabalho tem como fundamento a análise do discurso, fazendo interlocução com as epistemologias indígenas, com foco na formação continuada conectada com as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas.

O trabalho tem como hipótese que boa parte dos(as) participantes do curso não tiveram formação na escola e/ou na universidade em relação aos povos indígenas. Imagina que o contato com a produção artística e intelectual dos povos indígenas mobilizará os(as) cursistas a estudarem mais sobre a temática; a desenvolverem trabalhos relacionados ao assunto; e a pensarem por outras perspectivas as culturas dos povos indígenas, algo que aconteceu comigo nesta caminhada. Comecei a olhar o mundo por outros ângulos. A literatura indígena apresenta outras maneiras de ver, ser e estar no mundo, atravessa e toca o coração, não se limita à teorização ou à discussão de conceitos, abordados de outros modos, como “alianças afetivas” do filósofo Ailton Krenak¹¹ (2022, p. 82).

Que pressupõe afetos entre mundos não iguais. Esse movimento não reclama por igualdade, ao contrário, reconhece uma intrínseca alteridade em cada pessoa, em cada ser, introduz uma desigualdade radical diante da qual a gente se obriga a uma pausa antes de entrar: tem que tirar as sandálias, não se pode entrar de calçado.

Para a base teórica do trabalho, foram feitas alianças afetivas com pesquisadores(as), escritores(as), artistas, cineastas não indígenas e indígenas de diferentes povos. Apresentando os(as) indígenas como produtores(as) de conhecimento, teóricos(as), intelectuais e não como objeto de estudo. Conforme o pesquisador João Paulo Lima Barreto (João Paulo Tukano) expôs no curso de

¹¹ Para conhecer um pouco mais sobre a trajetória de Krenak, assista ao documentário “Ailton Krenak - O Sonho da Pedra”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xm7geCZDxwM>. Acesso em: 5 fev. 2025. Outra indicação é a Biblioteca do Ailton Krenak (BAK), que conta com um acervo de vídeos, podcasts, entrevistas, matérias e artigos do intelectual indígena. Disponível em: <https://bibliotecaailtonkrenak.notion.site/Biblioteca-do-Ailton-Krenak-BAK-cd46ab5c7c4448ffb3111f3c9ef833d9>. Acesso em: 5 out. 2024.

Filosofias Indígenas: vozes da multiversidade¹², “precisamos de uma ciência mais humana. Não uma ciência que só produz objetos”. (Tukano, 2021).

Esta tese propõe abordar a Educação por outras perspectivas, tendo como referência, principalmente, os escritores(as) Ailton Krenak, Daniel Munduruku e Márcia Wayna Kambeba. Visa apresentar a Análise do Discurso (AD) a partir dos estudos da pesquisadora Eni Orlandi, que tem trabalhos voltados para a história, a educação e as línguas indígenas. A teoria da AD irá permear tanto o referencial teórico da pesquisa, como a metodologia e o desvelar das materialidades.

Alguns acontecimentos das histórias dos povos indígenas serão abordados, além da discussão sobre o ensino da temática indígena nas escolas e nas universidades, tendo como marcador a Lei nº 11.645/08, com base nas pesquisas de Aracy Lopes da Silva, Giovani José da Silva e Luís Donisete Benzi Grupioni. Também será apresentado um mapeamento da produção editorial voltada para a legislação. Como o trabalho está conectado com a arte indígena contemporânea, serão feitas alianças com alguns autores(as) como Ailton Krenak, Denilson Baniwa, Gustavo Caboco, Jaider Esbell e Naine Terena, para pensar o conceito Arte na perspectiva dos povos indígenas, não tentando defini-lo, mas refletir sobre o assunto. Algumas exposições com a curadoria de artistas e pesquisadores(as) indígenas, que aconteceram nos últimos cinco anos, serão mencionadas no estudo.

Procurou detalhar todo o processo da pesquisa, para que outros(as) pesquisadores(as) possam dar continuidade aos estudos e/ou desenvolver a formação em outras instituições. Comecei a perceber a importância de apresentar o máximo de informações do processo, quando trabalhei no projeto das Disciplinas Transversais da Pós-graduação na UFPR. Como a disciplina contempla discentes de várias áreas e instituições, ao ler os trabalhos de diferentes campos de estudo, percebi que na área de Exatas e Biológicas as pesquisas eram mais minuciosas na apresentação dos dados, um pouco diferente da área de Humanas que às vezes não apresentavam tantas informações sobre o percurso. Mas, não tenho um estudo

¹² O curso "Filosofias Indígenas: vozes da multiversidade" foi realizado em 2021, via Google Meet, pelo Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc SP). Cada encontro era ministrado por um(a) intelectual indígena ou não indígena que tinha estudos relacionados ao tema. Em 2022, uma nova versão da formação foi realizada e gravada, as aulas estão disponíveis no canal do YouTube da Multiversidade da Floresta. Disponível em: <https://www.youtube.com/@MultiversidadedaFloresta>. Acesso em: 22 set. 2024.

para afirmar essa questão, apenas foi a impressão que tive durante a experiência de um ano e meio atuando no projeto.

Como mencionado anteriormente, os títulos deste trabalho estão na língua Kaingang que tem cinco dialetos (Wiesemann, 2002) e pertence ao tronco linguístico Macro Jê. Outro tronco linguístico das línguas indígenas é o Tupi. No Brasil, o nome de muitos lugares, rios, animais, plantas e alimentos tem origem nessa família linguística. O pesquisador Luís Grupioni afirma que “uma língua Tupi, o Tupinambá, era falada em boa parte do litoral brasileiro, quando os portugueses aqui chegaram, e é isso que explica o fato de que muitas palavras indígenas façam parte do nosso vocabulário”. (Grupioni, 2015, n.p). Em 1758, o português Marquês de Pombal proibiu o ensino e a fala das línguas indígenas, para o fortalecimento da língua portuguesa. Com o passar do tempo, o autor José Carneiro lembra que:

As pessoas aqui e acolá passaram a usar essas palavras sem saber sua origem e significado. Isso nos afasta de nós mesmos, pois reconhecer a história dos povos indígenas e sua contribuição à língua que a gente fala é, também, aprender sobre a nossa história e a nossa identidade (Carneiro, 2018, n.p).

Vale destacar que a contribuição dos povos indígenas não está presente somente no nosso vocabulário, mas também na culinária, na arte, na medicina¹³, nas tecnologias, nas festas e nos hábitos da sociedade brasileira. Em 2019, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), instituiu o Ano Internacional das Línguas Indígenas; e em 2022 a Década das Línguas Indígenas¹⁴, ações cujo foco é mostrar a diversidade das línguas, além de contribuir para a valorização e o fortalecimento das mesmas, pois

¹³ No artigo “Como os indígenas colocaram o ovo em pé”, o professor João Ernesto de Carvalho aborda a importância da contribuição dos povos indígenas na produção de medicamentos, sem esse conhecimento milenar dificilmente seria possível produzir remédios como a anestesia. Disponível em: <https://unicamp.br/unicamp/noticias/2019/03/21/como-os-indigenas-colocaram-o-ovo-em-pe/>. Acesso em: 15 set. 2024. Outro trabalho, uma referência da medicina indígena, é “Kumuã na kahtiroti-ukuse: uma ‘teoria’ sobre o corpo e o conhecimento prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro”, do pesquisador João Paulo Lima Barreto (João Paulo Tukano), que em 2022 recebeu o prêmio de melhor tese pela Capes. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8289/5/Tese_Jo%C3%A3o%20Paulo_PPGAS.pdf. Acesso em: 20 set. 2024.

¹⁴ Em 2022, o Museu da Língua Portuguesa, visando contribuir com a ação da UNESCO, abriu a exposição “Nhe’ẽ Porã”, na língua Guarani Mbya, quer dizer boas palavras ou belas palavras. A mostra teve a curadoria da Daiara Tukano, contou com a participação de quase 50 profissionais indígenas e pode ser visualizada no formato virtual. Disponível em: <https://nheepora.mlp.org.br/>. Acesso em: 1 nov. 2024. A Organização Das Nações Unidas (ONU) também criou um portal da Década das Línguas Indígenas, no qual são divulgados eventos, notícias, pesquisas, dentre outros materiais. Disponível em: <https://www.decadalinguasindigenasbr.com/>. Acesso em: 20 set. 2024.

muitas correm o risco de extinção. A doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB), Altaci Kokama, em sua palestra “Salvar as línguas indígenas é preservar a biodiversidade do planeta”, realizada em 2024 no programa TEDxAmazônia, abordou que “as línguas são como as gotas que podem curar a terra”, [...] “são mais que comunicação, acessibilidade, as línguas são o próprio fazer científico”.

Uma opção feita no estudo é a utilização do termo indígena, em vez de índio. Daniel Munduruku, escritor de mais de 60 livros, aborda que indígena é o mesmo que originário, nativo ou natural da terra. Já o termo índio é um apelido inventado pelos europeus quando chegaram nas Américas, pensando que haviam encontrado a Índia, por isso não é um termo adequado, pois “acabou chegando até nossos dias, muitas vezes para lembrar o exotismo dos povos e, com isso, determinar a inferioridade do índio em relação ao branco. Eis aí um exemplo de onde a palavra refletiu um modo de pensar”. (Munduruku, 2010, p. 13).

A autora Márcia Wayna Kambeba também aborda essa questão, nos poemas “Índio eu não sou”¹⁵ e “Povo Originário” publicados nos livros: “Ay Kayritama: eu moro na cidade” (2018) e “Saberes da Floresta” (2020). Ela destaca que o termo índio nunca a pertenceu, fala da violência sofrida pelos povos indígenas com a chegada do invasor, que cada povo tem o seu nome, sua identidade. Ao longo do texto, ela vai citando o nome de algumas das nações que compõem este país chamado Brasil.

Vale ressaltar que alguns e algumas intelectuais, artistas e lideranças indígenas trazem junto ao seu nome o nome do seu povo, como uma forma de homenagear, de valorizar ou de mostrar a sua origem, a sua ancestralidade. Nesses casos, não será indicada a etnia no texto, pois já está explícito no nome do(a) teórico(a). Uma segunda observação: há intelectuais indígenas que durante a sua trajetória, mudaram o seu nome ou utilizam mais de um nome em publicações e nas participações de eventos, então serão mencionados os dois nomes, sendo que um deles, o menos utilizado, estará entre parênteses.

Outra escolha feita na pesquisa, inspirada na produção científica de Debora Diniz e Megg Rayara Gomes de Oliveira, foi colocar (a) ou (as) após algumas

¹⁵ No canal do YouTube da Márcia Wayna Kambeba é possível visualizar a autora declamando o poema “Índio eu não sou”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ERrggCQvK_o. Acesso em: 20 set. 2024.

palavras do gênero masculino e transcrever o nome completo dos(as) teóricos(as) para dar visibilidade às pesquisadoras. Como muitas vezes a linguagem é colonial e machista, é necessário criar estratégias, fissuras... Os últimos apontamentos são: algumas vezes, o termo participante será substituído por cursista, para não ficar muito repetitivo no texto, e o depoimento deles(as) aparecerá com a fonte em itálico.

A primeira parte do título da tese é inspirada na fala de uma participante da formação. No penúltimo encontro do curso, antes da visita ao museu, falei para as turmas que tinha lançado uma semente, algumas iriam germinar em breve, outras levariam mais tempo, cada uma com o seu processo. Destaquei que era importante eles(as) também fazerem a “semeadura”, como diz a historiadora do povo Puri, Aline Rochedo Pachamama (2020). Então, a Mĩg¹⁶ falou: *Prof. você não jogou uma semente, mas uma bomba de sementes*. Nesse momento, todos(as) que estavam na sala riram. Como não encontrei essas palavras no dicionário da língua Kaingang, escolhi uma mais próxima, krigkrig, que significa espalhar, semear.

A palavra trançado que consta na segunda parte do título refere-se à arte que muitos povos indígenas fazem, a cestaria. O trançar envolve: saber qual a lua que deve coletar a taquara, o tucumã, o arumã, o buriti, o cipó, dentre outras plantas; tirar somente o suficiente para a produção; cortar em tiras o material; depois, entrecruzar cada filete, o que envolve muita paciência e técnica. Essa é uma breve descrição do processo, mas percebam quanto conhecimento, quanta sabedoria envolve a produção de um cesto. Quando se faz o trançado, você conecta a planta com outra planta, a planta com o ser humano, conecta com outros modos de existir, com outros mundos.

Como mencionado nos agradecimentos, o design gráfico do trabalho foi feito pela artista Nath Reichel. A capa da tese é composta por várias imagens da Araucária com diferentes formas, como destacado no estudo, uma árvore sagrada para os povos indígenas, em especial os Xokleng e Kaingang, mas que infelizmente, devido à ganância dos não indígenas está ameaçada de extinção. A ativista Shirley Krenak, no curso de extensão “A produção de conhecimento das indígenas mulheres nas universidades: uma proposta de expansão e indigenização do pensamento social brasileiro contemporâneo”, realizado em 2025 pela UnB, lembrou

¹⁶ Mĩg é uma palavra Kaingang que significa onça-pintada. Este foi o pseudônimo escolhido pela participante do curso de extensão. No capítulo sobre a metodologia da pesquisa, será abordado como aconteceu este processo.

que somos árvores, nossos pés são as raízes, temos água que corre no nosso corpo e precisamos dela para sobreviver, somos compostos de terra também, pois nosso alimento vem da terra. Partindo dessa reflexão, percebemos que não é só a árvore que corre o risco de extinção, mas toda a humanidade.

Nesta mesma formação, a antropóloga Joziléia Kaingang comentou que, quando vê uma Araucária na cidade, fica feliz, porque sabe que ali tem vida. Penso da mesma maneira. Essa árvore sempre esteve presente nas cidades onde morei, Campina Grande do Sul, Colombo e Curitiba. Quando era criança, pegava muito pinhão que caía no chão e depois assava ou cozinhava. Com o passar dos anos, vi boa parte das árvores sendo derrubada para a construção de casas e condomínios, o que me causava e ainda me causa uma imensa tristeza. Mas, como convoca o pensador Ailton Krenak, precisamos nos envolver, nos mobilizar para cuidar da Mãe Terra. O que venho tentando fazer através das formações ministradas, das pesquisas desenvolvidas, no dia a dia, diminuindo o consumo, o lixo, comprando localmente ou de marcas autorais, fazendo o turismo sustentável ou comunitário, dentre outras ações.

Os grafismos no início de cada capítulo representam as folhas de árvores ou plantas cultivadas e utilizadas pelos povos indígenas: a Taquara, o Pau-Brasil, a Erva-mate, a pinha da Araucária e a Ayahuasca. Na primeira parte do trabalho é apresentado o trançado entre análise do discurso, as artes e as histórias dos povos indígenas e a Lei nº 11.645/08; em seguida, é feito um relato do processo do curso de extensão: desde a divulgação, a programação, as aulas, algumas informações referente aos(as) interessados(as) em fazer o curso e dos(as) participantes da formação. Na sequência, são mostradas as materialidades criadas no processo do curso de extensão, desveladas com base na AD e as considerações do estudo. Ao final do texto, temos as referências dos encontros que foram apresentados na tese.

2 VÃFY KANHRÓ. TRANÇAR O SABER: ENTRE AS ARTES E HISTÓRIAS DOS POVOS INDÍGENAS, ANÁLISE DO DISCURSO E A LEI Nº 11.645/08



Retomar.
Reconectar.
Demarcar.

O professor de português diria:

- Verbos infinitivos.

Um indígena diria:

- Luta infinita.

(Nhandewa, 2023, p. 37)

A teoria da Análise do Discurso (AD) foi escolhida para este estudo por fazer interlocução com a proposta do trabalho. Uma referência no Brasil sobre esse assunto é Eni Orlandi, linguista, professora do Ensino Superior e pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Suas pesquisas têm como base o trabalho do filósofo francês Michel Pêcheux, que é o fundador dessa teoria e iniciou as suas pesquisas na década de 60.

A AD é o estudo da linguagem, não se trata da língua ou da gramática, mas faz relações e tem como objeto o discurso. “E a palavra discurso etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem”. (Orlandi, 2005, p. 15). Sendo que a “linguagem não é transparente” (ibid, p. 17), não é neutra. A teoria está focada no que o texto significa, em compreender os sentidos, o que faz com que o(a) analista tenha uma relação mais consciente com a linguagem. Como destacado pela pesquisadora Michelle Bocchi Gonçalves (2016, p. 28), “todo discurso produzido é constituído pela ideologia, pela história e pela linguagem”. A AD não é uma teoria descritiva e nem explicativa, mas uma teoria crítica. “Trabalha com os processos e as condições de produção da linguagem”. (Orlandi, 2011, p. 12).

Uma das obras de Eni Orlandi que vai contribuir no trançado da AD com as histórias dos povos indígenas, será “Terra à vista - discurso do confronto: Velho e Novo Mundo” (2008). Uma produção antiga, na qual a autora já apresenta uma perspectiva decolonial, entendendo os relatos feitos pelos viajantes e jesuítas que estiveram no Brasil não como dados, informação ou conteúdo, mas na construção de sentidos, pois muitas vezes esses textos são abordados pela ciência como

verídicos. A autora destaca que “não há história sem discurso”. (Orlandi, 2008, p. 18). Conectando-se com a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019), “é assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna”. (Adichie, 2019, p. 22).

A pesquisadora Eni Orlandi apresenta algumas questões para pensarmos: “Que história nos é contada e qual nos identificamos enquanto brasileiros? Que silêncio nos acompanham ao longo dessa história?” (Orlandi, 2008, p. 24). Pensando no silêncio, é importante fazer uma retrospectiva para compreender que há séculos os povos indígenas vêm sendo marginalizados, invisibilizados e excluídos em seu próprio território (Silva, Costa, 2018). O trabalho dará enfoque a alguns acontecimentos, como esse território hoje chamado de América foi habitado, a Constituição de 1988 e a Lei nº 11.645/08, legislações que tiveram uma trajetória histórica e bastante difícil até serem homologadas.

2.1 VÃFY 1. TRANÇAR 1. ALGUNS FATOS DAS HISTÓRIAS DOS POVOS INDÍGENAS E O DISCURSO DO CONFRONTO

Não existe um consenso nas pesquisas de como os paleoíndios chegaram nesse continente. A teoria mais conhecida e aceita pelos(as) pesquisadores(as) é a do Estreito de Bering, em que grupos de caçadores e coletores fizeram a migração da Ásia para a América. Mas, existem estudos que apresentam outras versões: a da imigração que teria sido feita da África passando pelo Estreito de Bering até a América; outra possível rota migratória é que esses grupos teriam saído da África, passando pela Ásia e Oceania e utilizando embarcações que chegaram até a América do Sul. O período das rotas de migração estima-se de 11.000 a 50.000 anos atrás. (Martins; Kok, 2014).

Como diz a toada “O Tambor da Terra” do Boi Caprichoso¹⁷: “América, quem assim te chamou / Foi quem te feriu / Pra nós tu és Pachamama!” Este continente recebeu esse nome em homenagem ao navegador e colonizador Américo Vespúcio. Mas era conhecido no Sul, pelos povos indígenas, como Abya Yala, “na língua Kuna,

¹⁷ Boi Caprichoso é o Boi-Bumbá, que com o Boi Garantido, realizam o Festival de Parintins, considerado Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), realizado no estado do Amazonas, no final do mês de junho. O evento tem influências das culturas dos povos indígenas. Artistas e profissionais indígenas participam da produção do espetáculo. Disponível em: <https://www.festivaldeparintins.com.br/noticias/>. Acesso em: 22 set. 2024.

que significa ‘terra madura’, ‘terra viva’, existem culturas e tradições antigas que carregam profecias sobre a união de diferentes nações indígenas”. (Tupinambá, 2022, p. 11).

Em relação ao Brasil, esse território era chamado por alguns povos de Pindorama, palavra do tronco linguístico Tupi, que quer dizer “região das palmeiras. Termo utilizado para descrever o litoral brasileiro”. (Grupioni, 2015, p. 41). A palavra Brasil é o nome de uma árvore que foi extremamente explorada pelos colonizadores como se não existisse um amanhã, a qual desde 2014 está ameaçada de extinção, conforme o Instituto Brasileiro de Floresta (IBF).

O número da população, de etnias e línguas indígenas que existiam antes da invasão e da colonização do país, são dados que apresentam variações nas pesquisas. Com estimativa de 3 milhões até 6 milhões de habitantes, segundo a Funai e o antropólogo Darcy Ribeiro (1996), até 11 milhões de habitantes nos estudos da pesquisadora Manuela Carneiro da Cunha (1992). No documentário *Guerras do Brasil.doc* (2019), produzido pelo cineasta Luiz Bolognesi, com depoimentos de historiadores, filósofos, escritores, lideranças indígenas e não indígenas, indica que antes da invasão viviam entre 8 a 40 milhões de habitantes no Brasil. O escritor Kaká Werá, do povo Tapuia, lembra que essa era e é “a terra dos mil povos”. (Werá, 1998, n.p). Já os estudos do pesquisador Eduardo Neves (1995) mostraram que existiam 1400 povos indígenas e eram faladas 1200 línguas, antes dos colonizadores chegarem nesse território.

Orlandi apresenta em sua obra (2018) que o discurso das descobertas feito pelos europeus predomina até hoje no Brasil. Mas, na versão dos povos indígenas, o que aconteceu no continente e no país não foi descoberta e sim invasão. Invasão dos portugueses, holandeses, franceses, ingleses e espanhóis. O escritor Olívio Jekupé, do povo Guarani, tem um livro com o título “Invasão” (2020), a obra aborda esta questão na perspectiva dos povos indígenas e apresenta os efeitos da colonização.

Outro trabalho que destaca a invasão deste território é o cordel da autora Auritha Tabajara¹⁸, o qual conta a trajetória do educador Darcy Ribeiro. “Uma frase que Darcy / Repetia de peito aberto: / – Por que será que o Brasil / ‘inda’ não pôde dar certo?’ / Ah! Porque foi invadido! / Sempre um erro é cometido / Dizer que foi descoberto”. (Tabajara, 2023, n.p). Do cordel para o samba enredo, temos “História

¹⁸ Auritha Tabajara é a primeira cordelista indígena no Brasil a ter sua produção publicada em livros.

para ninar gente grande”¹⁹, da Estação Primeira de Mangueira, que se propõe a falar da história que a história não conta:

Brasil, meu dengo / A Mangueira chegou / Com versos que o livro apagou / Desde 1500 / Tem mais invasão do que descobrimento / Tem sangue retinto pisado / Atrás do herói emoldurado / Mulheres, tambores, mulatos / Eu quero um país que não está no retrato (Mangueira, 2019).

FIGURA 1 – ENFIM, CIVILIZAÇÃO



FONTE: BANIWA, Denilson. Enfim, civilização. 2019. colagem sobre fotografia, color, 38,5 x 29,5cm.

A obra “Enfim, civilização” (2019)²⁰ do artista Denilson Baniwa, apresenta desenhos em uma impressão do mapa do Brasil, que é considerada a primeira representação gráfica do país, feita pelo viajante italiano Giovanni Battista Ramusio; além de colagens com uma foto mostrando um cemitério cheio de cruz e a frase “Enfim, ‘civilização’”. Baniwa denuncia em seu trabalho a violência da colonização, revelando que as cidades foram construídas em cima dos cemitérios indígenas. Outro artista que tem um trabalho relacionado com essa questão é Xadalu Tupã Jekupé, do povo Guarani Mbyá. Em uma de suas pinturas com o título “Nheru

¹⁹ O samba “História para ninar gente grande” foi apresentado no carnaval de 2019 e consagrou a Mangueira como a escola campeã do Rio de Janeiro. O desfile e a letra completa da música podem ser visualizados no canal do YouTube Carnaval de Bamba. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F9nRZt86zbc>. Acesso em: 17 out. 2024.

²⁰ Para visualizar outras produções do artista Denilson Baniwa, acesse o site do Prêmio Pipa. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/denilson-baniwa/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

Nhe'ry" (2021)²¹, que quer dizer "existe uma cidade sobre nós" (Xadalu, 2023, p. 46), o artista nos faz pensar que não sabemos o chão que pisamos.

Conforme o Censo de 2010²², 896.917 mil pessoas se declaram ou se consideram indígenas, sendo 305 povos e 274 línguas indígenas. Analisando os dados da pesquisa e comparando com os estudos expostos, verifica-se o genocídio que aconteceu neste território. Como apresentado pelo pesquisador Ytanajé Cardoso Munduruku, na abertura da 41ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd)²³, um país que antes da invasão era formado por 100% da população indígena, atualmente não representa 1% da população.

Como informado anteriormente, no período deste estudo, ainda não estavam disponíveis as informações oficiais do Censo 2022. A Agência Brasil apresentou o resultado preliminar de que 1.693.535 milhão de pessoas se autodeclararam indígenas. A ministra dos Povos Indígenas, Sonia Guajajara²⁴, justifica esse aumento populacional, por esta nova edição do estudo estatístico chegar em aldeias que em 2010 não foram contempladas; pelo trabalho das políticas afirmativas, algumas pessoas que se declaravam pardas, assumiram a identidade como indígena; dentre outros fatores. (Campos, 2023).

Mesmo com o aumento populacional na última década, percebe-se que muitos povos indígenas foram exterminados nas guerras contra os colonizadores, pela escravização, pelas doenças (gripe, varíola e sarampo, pois os indígenas não tinham anticorpos para combater esses vírus). Além disso, aconteceu um etnocídio com a catequização feita pelos jesuítas, que os proibia de falar a sua língua, de terem as suas crenças, dentre outros impedimentos.

²¹ Veja a obra "Nheru Nhe'ry" (2021) do artista Xadalu Tupã Jekupé, no catálogo da exposição "Antes que se apague: territórios flutuantes", realizada na Fundação Iberê, em 2022. Disponível em: http://iberecamargo.org.br/wp-content/uploads/2022/05/catalogo_exposiccca7acc83o-xadalu-tupacc83-jekupe-antes-que-se-apague-territorios-flutuantes.pdf. Acesso em: 20 ago. 2023.

²² Uma observação a ser feita do Censo é que o levantamento não contabiliza os povos indígenas que vivem isolados. Conforme a consulta feita no site da Funai em 2024, tem-se o registro de 114 povos indígenas isolados no Brasil, a maioria está no bioma Amazônia. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2024/conheca-a-atuacao-da-funai-na-protecao-dos-povos-indigenas-isolados-e-de-recente-contato>. Acesso em: 31 out. 2024.

²³ A "41ª Reunião Nacional da ANPEd Educação e Equidade: Bases para Amar-zonizar o país", aconteceu em 2023, na cidade de Manaus. Foi a primeira vez que o evento ocorreu na região Norte de forma presencial e que na abertura contou com a apresentação de intelectuais indígenas, a Alva Rosa Tukano (Alva Rosa Lana Vieira) e o Ytanajé Cardoso Munduruku. Disponível em: <https://eventos.galoa.com.br/anped-2023/speaker-area/speakers/341448>. Acesso em: 12 out. 2024.

²⁴ Para conhecer a trajetória da Sonia Guajajara, uma grande liderança indígena, leia as obras da coleção Tembetá (2019), organizada pelo Kaká Werá, que tem depoimentos, entrevistas e palestras de pensadores(as) indígenas do Brasil.

O livro “Abya Yala: genocídio, resistência e sobrevivência dos povos originários das Américas” (2021), escrito por Moema Viezzer e Marcelo Grondin, que conta com o prefácio de Ailton Krenak, apresenta que 70 milhões²⁵ de indígenas foram mortos no período da colonização da América. A obra também retrata a articulação dos povos indígenas e a sua resistência. Muitas vidas foram ceifadas e infelizmente sabemos muito pouco sobre a história do nosso país e do continente. Concordando com Orlandi (1986, p. 71), “o branco não impõe só a língua e a história dos conceitos, mas também as formas pelas quais se organiza o poder da palavra, as situações de linguagem, e as formas do discurso”.

Em pleno século XXI, os povos indígenas continuam sendo violentados, assassinados, mas de outras maneiras: com a poluição dos rios, feita pelos fazendeiros que aplicam agrotóxicos nas lavouras ou com o mercúrio utilizado pelos garimpeiros²⁶, provocando diversas doenças na população; a evangelização massiva nas aldeias, o que causa o suicídio de muitos(as) indígenas; o atropelamento de indígenas nas estradas, algo que quase não é divulgado na mídia; a invasão das suas terras que foram ou estão em processo de demarcação, dentre outros genocídios.

Uma parte dessa violência contra os povos indígenas é apresentada no relatório²⁷ elaborado pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi), o último lançamento aconteceu em 2024²⁸. O documento expõe dados coletados em 2023, de diferentes fontes, como notícias da imprensa, da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), do Ministério Público Federal (MPF), dentre outros órgãos oficiais.

²⁵ Na Segunda Guerra Mundial, “entre 50 a 70 milhões de pessoas foram mortas”. (Silva; Costa, 2018, p. 71). Esse assunto é bastante abordado nas escolas e nas universidades, mas a guerra que aconteceu e ainda acontece na Abya Yala quase não é apresentada nas instituições de ensino.

²⁶ Daniel Munduruku conta no livro “SAWÉ: o grito ancestral - Sawe: aypapayu ewãwãap a'õ” (2022), como o garimpo vem afetando o povo Munduruku e a Mãe Terra. Esse trabalho contou com o apoio da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que também produziu vídeos de animação abordando o assunto, com narração em Português, Yanomami e Munduruku. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OPDDWjLiqDk>. Acesso em: 2 fev. 2025. Outra produção sobre o garimpo nas terras indígenas, dos povos Yanomami, Munduruku e Kayapó, os mais afetados pela exploração do ouro ilegal, é o filme “Escute, a Terra foi Rasgada”, dirigido por Cassandra Mello e Fred Rahal, lançado em 2023 na Mostra Ecofalante, que promoveu um debate com as lideranças indígenas que participaram do documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IVEQe97RNe0>. Acesso em: 9 fev. 2025.

²⁷ O primeiro relatório elaborado pelo Cimi foi divulgado em 1986, a partir de 2003 passou a ser publicado anualmente. Os documentos podem ser acessados no site da instituição. Disponível em: <https://cimi.org.br/observatorio-da-violencia/edicoes-anteriores/>. Acesso em: 2 fev. 2025.

²⁸ O registro do lançamento do “Relatório Violência contra os Povos Indígenas no Brasil” pode ser conferido no canal do YouTube do Cimi. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=963nhs3Y0Dw>. Acesso em: 2 fev. 2025.

O relatório é apenas uma amostra dos atentados sofridos pelos povos indígenas, pois nem todos foram registrados, devido a uma série de fatores.

Outra publicação sobre o assunto é o livro “Genocídio indígena e políticas integracionistas: demarcando a escrita no campo da memória”, organizado por Ana Catarina Zema, Elaine Moreira e Marcelo Zelic, escrito por pesquisadores(as) indígenas de diferentes povos, como Felipe Tuxá, Mairu Hakuwi Kuady Karajá (Mairu Karajá), Suliete Baré (Suliete Gervásio Monteiro), Juliana Tupinambá, Debora Tupinikim, Braulina Baniwa e Iury Tikuna. Os(as) teóricos(as) apresentam uma visão ampla e fundamentada sobre o tema, que abrange o negacionismo histórico, as doenças, a religião, os empreendimentos em terras indígenas, dentre outros. Apesar de toda essa guerra:

a ideia de que os povos originários viviam num passado remoto e de que seriam extintos não tem mais lugar nos dias de hoje, uma vez que apesar de inúmeras dificuldades e conflitos, eles nos dão muitas lições de vida, com sua perseverança e resistência. Foi um longo processo até que suas vozes indígenas começassem a ser ouvidas no mundo contemporâneo (Pucci; Almeida, 2017, p. 13).

Na década de 80, com a criação da União das Nações Indígenas (UNI), uma organização que representaria os povos indígenas de todo o Brasil, tem-se uma pressão maior para a reivindicação dos direitos negados pelo Estado. Foi uma longa luta para que os povos indígenas conseguissem ter na Constituição Federal de 1988 um capítulo específico denominado Dos Índios: “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”. Os artigos 210, 215, 231 e 232 da legislação garantem uma educação diferenciada, o reconhecimento das culturas, línguas, crenças, tradições e a demarcação das terras dos povos indígenas, que deveria ter sido feita em cinco anos, após a homologação do documento. Conforme a consulta feita no site da Funai, em setembro de 2024, somente 450 áreas estão regularizadas e 151 estão em estudo.

O pesquisador Danilo Braga, do povo Kaingang, no 32º Simpósio Nacional de História da Associação Nacional de História (ANPUH), realizado em 2023, apresentou que as terras indígenas demarcadas representam 13% do território nacional, sendo que deste percentual, 98,42% fazem parte da Amazônia Legal. Já

os estudos do MapBiomas divulgados pelo MPI, demonstram que esses territórios são os mais preservados do Brasil. Diante desses dados, aquela frase “que tem muita terra para pouco índio”, além de ser racista, não reconhece e não compreende os direitos dos povos indígenas e a sua importância para manter a floresta em pé.

FIGURA 2 – INDÍGENAS NA CONSTITUIÇÃO



FONTE: CABOCO, Gustavo. Indígenas na Constituição. ilustração, color.

Esta ilustração, feita pelo artista Gustavo Caboco, representa o Movimento Indígena Brasileiro²⁹, composto por indígenas de diversos povos. Ao centro, temos o coordenador da UNI, Ailton Krenak, segurando a Constituição, com seu rosto pintado de jenipapo, representando o luto dos povos indígenas, a indignação em relação aos políticos racistas de direita que são contra os direitos humanos (Campos; Krenak, 2021). Um trabalho que memoriza o discurso de Krenak no plenário da Assembleia Constituinte, em 4 de setembro de 1987. Este acontecimento também está registrado no filme³⁰ “Índio Cidadão?”. Algumas

²⁹ Para saber mais sobre o movimento indígena brasileiro é interessante consultar a tese de Daniel Munduruku, que aborda esse assunto com foco no seu caráter educativo, de mobilizar a sociedade na defesa dos direitos dos povos indígenas. O trabalho foi defendido em 2010 na Universidade de São Paulo (USP). Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002301063>. Acesso em: 28 set. 2024.

³⁰ Outro documentário que aborda a luta do Movimento Indígena Brasileiro em parceria com organizações da sociedade civil é o “Mapear mundos”, com direção de Mariana Lacerda, lançado em

décadas se passaram e a sua fala continua atual, forte e potente, conforme o trecho abaixo.

Eu espero não agredir com a minha manifestação o protocolo desta casa. Mas eu acredito que os senhores não poderão ficar omissos, os senhores não terão como ficar alheios a mais essa agressão movida pelo poder econômico, pela ganância, pela ignorância do que significa ser um povo indígena. O povo indígena tem um jeito de pensar, tem um jeito de viver. Tem condições fundamentais para sua existência e para a manifestação da sua tradição, da sua vida e da sua cultura que não coloca em risco e nunca colocaram a existência sequer dos animais que vivem ao redor das áreas indígenas, quanto mais de outros seres humanos. [...] O povo indígena tem regado com sangue cada hectare dos oito milhões de quilômetros quadrados do Brasil. E os senhores são testemunhas disso (Índio Cidadão?, 2014).

Em 2024, a Constituição completou 36 anos, mas os direitos dos povos indígenas ainda não foram assegurados, pelo contrário, houve um avanço da bancada evangélica e do agronegócio que tentam impedir a demarcação das terras com a teoria do Marco Temporal. O site da APIB destaca que esta tese jurídica defende que os povos indígenas só teriam o direito à demarcação das suas terras se estivessem ocupando-a na data de homologação da Carta Magna. Fazendo alianças com a professora Alva Rosa Tukano (Alva Rosa Lana Vieira):

Esse projeto de lei coloca em risco diversas conquistas e a própria existência dos povos indígenas, além de ameaçar a fauna, a flora brasileira e a existência desses povos, comprometendo o futuro do nosso clima, das nossas águas, da nossa alimentação e da nossa saúde (Tukano, 2023, n.p).

Essa teoria, além de inconstitucional, desconsidera todas as violências sofridas pelos povos indígenas, as quais fizeram migrar de forma forçada. Um exemplo da expulsão dos povos indígenas de seus territórios foi a Ditadura Militar³¹ no Brasil. Segundo a Comissão Nacional da Verdade (CNV), mais de 8.000 mil indígenas foram mortos neste período. Este número pode ser bem maior, pois somente 10 povos foram estudados.

2024. O filme conta com o depoimento de algumas lideranças indígenas, como Ailton Krenak e André Baniwa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=27NGsnEELwM&t=3s>. Acesso em: 11 out. 2024.

³¹ Para se aprofundar no assunto, leia o “Dossiê Povos Indígenas e Ditaduras na América Latina”, organizado por Jane Felipe Beltrão, Sérgio Baptista da Silva, Patrícia Melo Sampaio e Rosani de Fatima Fernandes (2018), do povo Kaingang. A publicação conta com 16 trabalhos produzidos por pesquisadores(as) indígenas e não indígenas. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/issue/view/3633>. Acesso em: 1 nov. 2024.

Contextualizando o termo índio utilizado na Constituição e no filme, até algumas décadas atrás essa palavra era recorrente tanto nos documentos, como no nome de programas³² e instituições. Dois exemplos são a Fundação Nacional do Índio (Funai) e o Museu do Índio, localizado no Rio de Janeiro. Somente em 2023 essas organizações alteram o nome e passaram a se chamar: Fundação Nacional dos Povos Indígenas e Museu Nacional dos Povos Indígenas (MNPI). Nesse mesmo ano, foi a primeira vez que esses espaços passaram a ser coordenados por indígenas, o primeiro pela advogada Joenia Wapichana que é a primeira deputada federal indígena do Brasil; e o segundo pela advogada e doutora em Patrimônio Cultural e Propriedade Intelectual, Fernanda Kaingang.

Nos últimos anos, muitos intelectuais indígenas vêm destacando a importância de se utilizar o termo indígena no contexto político e o nome do povo quando se refere à comunidade. Como comentado anteriormente, índio é um apelido que vem carregado de adjetivos negativos. Nos estudos para a tese, encontrei vários deles nas publicações: raça inferior, sem cultura, bárbaro, irracional, gentio, selvagem, sociedades tribais, convertido, súdito, em extinção, cativo, bestialidade, fereza, animalidade, primitivo, exótico, diferente, preguiçoso, insolente, derrotado, matuto, sub-humanidade, manso, atrasado, antropófago, canibal, feiticeiro, bugre e cabloco bravo. Por isso, como forma de combater o racismo, é importante reforçar a utilização do termo mais adequado³³.

O pensador Daniel Munduruku aborda em seus estudos que ainda existem muitos equívocos em relação aos povos indígenas, que fatos a respeito dos povos nunca foram ensinados e que recentemente os(as) indígenas estão conquistando espaço para contar a sua história, com o olhar deles(as), “ou seja, sob uma visão de mundo particular. Não se pode pensar que a nossa história segue o mesmo percurso da ocidental. E isso é outro nó, que necessita ser desatado”. (Munduruku, 2018, p. 18). Dialogando com Daniel Munduruku, para desatar mais um nó, é necessário

³² Programas como a série “Índios no Brasil”, realizada em 2000 e exibida na TV Cultura, na qual Ailton Krenak era o apresentador. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLzJYCic4Q264rNIKx_Z_JAPPbAJpIM8oB. Acesso em: 29 set. 2024. Outra série foi o “Programa de Índio”, veiculado pela rádio da USP e por outras emissoras educativas, no período de 1985 a 1991, o qual contava com a narração de Ailton Krenak. Disponível em: <http://ikore.com.br/programa-de-indio/>. Acesso em: 29 set. 2024.

³³ No livro “Mundurukando 2 - sobre vivências, piolhos e afetos: roda de conversa com educadores” (2017) do escritor Daniel Munduruku, tem um capítulo com o título “Usando as palavras certas”, o qual o teórico aborda sobre os termos “índio” e “tribo” que são inadequados e contextualiza porque não utilizar essas palavras para se referir aos povos indígenas.

também conhecermos a legislação voltada para o ensino da temática indígena, a Lei nº 11.645/08; e uma mostra da produção editorial sobre o assunto.

2.2 VÃFY 2. TRANÇAR 2. ALGUNS PASSOS DA LEI Nº 11.645/08 EM BUSCA DE UMA OUTRA EDUCAÇÃO

Outra conquista do Movimento Indígena Brasileiro foi a Lei nº 11.645/08, que alterou o artigo 26 da Lei nº 9.394/96, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), também modificada pela Lei nº 10.639/03, que trata do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira. O texto das duas legislações é similar, a Lei nº 11.645/08 acrescenta o ensino obrigatório da história e cultura indígena. Que deve ser abordado no Ensino Fundamental e Médio, tanto em instituições públicas como nas privadas, dando ênfase para que a temática indígena seja apresentada em todas as áreas de conhecimento, mas em especial na Arte, na Literatura e na História. As leis de 2003 e 2008 foram sancionadas no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Eni Orlandi nos lembra que a educação da cultura ocidental é muito homogeneizante, generalizante, “visa não só a reproduzir, mas sobretudo reproduzir a desigualdade [...] Se isso é um problema dentro de nossa própria cultura, o será muito mais claramente quando vai em direção a outra cultura, assimilando-a”. (Orlandi, 2011, p. 88). Por isso, a importância da criação da Lei nº 11.645/08, pois se tem a possibilidade de educar os não indígenas, “a enxergarem, sentirem e respeitarem as histórias e culturas indígenas como um patrimônio a ser conhecido, reconhecido, compreendido, preservado e valorizado”. (Silva; Costa, 2018, p. 90).

Um aspecto não muito interessante em relação à legislação é que a Educação Infantil, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e o Ensino Superior não são mencionados no texto. Mas isso não significa que a temática indígena não deva ser abordada nesses segmentos. Pelo contrário, em especial, as universidades responsáveis pela formação inicial e continuada dos(as) professores(as) devem contemplar a produção artística, cultural e intelectual dos povos indígenas em seus currículos, conforme o Parecer nº 14/2015 do Conselho Nacional de Educação (CNE) e da Câmara de Educação Básica (CEB), que trata da implementação da legislação.

Este documento foi elaborado pela doutora em Educação Rita Potiguara (Rita Gomes do Nascimento), que teve como base as informações encaminhadas pelas Secretarias Estaduais de Educação, pelos Conselhos Estaduais e Distrital de Educação, sobre as ações desenvolvidas para a efetivação da Lei nº 11.645/08. Além disso, duas consultorias foram contratadas para fazer uma pesquisa sobre a temática indígena na Educação Básica e no Ensino Superior.

O Parecer nº 14/2015 foi fundamentado também em declarações nacionais, internacionais e na Constituição Federal de 1988. Destaca os desafios dos sistemas de ensino e instituições educacionais para colocar em prática a legislação, sendo necessário repensar a formação dos(as) professores(as), estudantes e profissionais que atuam na área da Educação e Cultura, em relação à temática indígena; informa que os conteúdos referentes aos povos indígenas devem ser inseridos nos currículos tanto da Educação Básica como no Ensino Superior; aborda que os livros didáticos precisam contemplar a diversidade cultural dos povos indígenas e a sua contemporaneidade, sendo o Ministério da Educação (MEC) responsável pela aquisição e distribuição dos materiais.

O documento evidencia a importância das Instituições de Educação Superior (IES) para a efetivação da Lei tanto na pesquisa, no ensino, na extensão, além de contribuir na produção de materiais didáticos e pedagógicos, na formação de professores(as), dentre outras ações. Portanto, como afirmam as cientistas Alva Rosa Tukano (Alva Rosa Lana Vieira), Helenice Aparecida Ricardo, Luciane Rocha Paes e Rita Floramar Fernandes dos Santos (Paes *et al.*, 2022, p. 123):

Uma atitude insurgente no ensino universitário seria a de reconhecer que existem muros epistêmicos, muros burocráticos, muros elitistas, muros que não contribuem para a justiça social. Muros estes, que separam pensamentos e teorias eurocêntricas/ocidentais de outras formas de enxergar, ser e pensar a realidade. Reconhecer, porém, para transformar instituindo novas práticas.

Fazendo alianças com Giovani José da Silva e Anna Maria da Costa, pesquisadores e professores que viveram por alguns anos com os povos Kadiwéu e Nambiquara respectivamente, em uma das suas publicações abordam a inserção da Lei nº 11.645/08 na Educação Básica: “Espera-se com essa medida - além de outras - seja revertido, paulatinamente, um quadro sombrio de desconhecimento a respeito

da presença de sociedades que há muito vivem nos atuais territórios”. (Silva; Costa, 2018, p. 67).

Essa legislação impactou na formação de professores(as), na produção de livros, materiais didáticos e na literatura escrita por autores(as) indígenas. (Fanelli, 2021) Antes da Lei nº 11.645/08, existiam poucas produções sobre o ensino da temática indígena, uma delas é citada nas obras dos autores Daniel Munduruku e Olívio Jekupé. O livro referenciado pelos dois escritores é “A questão indígena na sala de aula: subsídios para professores de 1º e 2º graus”, organizado pela antropóloga Aracy Lopes da Silva (1987). A primeira parte da obra é mais teórica e crítica, aborda o racismo, a falta de representação dos povos indígenas e os estereótipos nos livros didáticos. Já a segunda parte tem propostas de atividades para o Ensino Fundamental e Médio, além de indicações de referências.

O trabalho da pesquisadora Aracy é pioneiro, pois a publicação vem antes da Constituição de 1988, que determina no parágrafo 242: “O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro”. Uma nova versão deste livro foi lançada em 1995, com o título “A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus”, a qual contou com a colaboração do pesquisador Luís Donisete Benzi Grupioni na organização da obra. Além disso, teve a parceria do Ministério da Educação, do MARI³⁴ - Grupo de Educação Indígena da USP e da UNESCO. Este trabalho reúne 22 autores(as) e é resultado do programa de promoção e divulgação de materiais didáticos voltados para a temática indígena. O livro tem quatro partes: os povos indígenas na perspectiva política e jurídica; os povos indígenas na história, cultura e literatura brasileira; as línguas e culturas indígenas; e recursos didáticos para professores(as).

Quando a Lei nº 11.645/08 completou dez anos, a obra “Histórias e culturas indígenas na Educação Básica” (2018) foi publicada. Os(as) autores(as) Giovani José da Silva e Anna Maria da Costa apresentam no plural as palavras história e cultura, dando ênfase à diversidade dos povos indígenas, abordando sua cultura material e imaterial, mostrando os direitos dos povos indígenas, apresentando a

³⁴ Mari quer dizer conhecer, ouvir, sentir e entender na língua Kayapó. O grupo foi criado em 1989, pela professora Dra. Aracy Lopes da Silva, juntamente com os(as) discentes e ex-discentes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da USP. Suas atividades encerraram-se em 2002.

temática indígena na Educação Básica e o seu ensino utilizando as novas tecnologias. A proposta do trabalho vai além da tolerância e trata do:

[...] respeito e valorização das histórias e das culturas indígenas, pois não se pode respeitar aquilo que não se conhece ou não se compreende e tolerar nos parece ser muito mais “aturar” ou “suportar” do que ter pensamentos, atitudes e procedimentos de respeito com a diversidade etnoracial que rodeia a todos (Silva; Costa, 2018, p. 92).

Um ano após esta produção, o pesquisador Giovani José da Silva, em uma nova parceria com a historiadora Marinelma Meireles (2019), expande essa discussão no livro “A Lei 11.645/2008: uma década de avanços, impasses, limites e possibilidades”. A obra tem como foco apresentar o percurso da proposta curricular com base na legislação, no ensino formal e nos materiais didáticos, mostrando os desafios para a implementação da lei e propostas voltadas para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas, afro-brasileiros e africanos.

Outra publicação lançada em 2019, foi “Culturas indígenas, diversidade e educação”, editada pelo Sesc do Rio de Janeiro, decorrente do processo de formação para os profissionais de Educação e Cultura da instituição. A obra envolveu 7 autores(as) indígenas e 2 escritores(as) não indígenas. Os capítulos fazem um diálogo com a Lei nº 11.645/08, abordando a diversidade de povos, os direitos indígenas, o ensino da temática indígena, a Literatura Indígena, dentre outros assuntos.

No ano de 2020, dois livros digitais foram publicados sobre a temática indígena. Além do assunto e do formato em comum, as produções foram feitas por universidades. As obras são as seguintes: “A temática indígena em sala de aula: reflexões para o ensino a partir da Lei 11.645/08”, organizado por Edson Silva e Maria da Penha da Silva, produzido pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), o trabalho visa repensar as práticas pedagógicas, a história do Brasil e a sociedade conectada com a legislação voltada para os povos indígenas; e “A lei 11.645/08 nas artes e na educação: perspectivas indígenas e afro-brasileiras”, organização de Sumaya Mattar, Clarissa Suzuki e Maria Pinheiro, editoração feita pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP. A obra tem capítulos escritos por Casé Angatu (Carlos José Ferreira dos Santos), do povo Tupinambá, e pelo

mestre de capoeira Alcides de Lima Tserewaptu. Uma das questões que o trabalho aborda são as dificuldades de colocar em prática a legislação no ensino da arte.

O desafio decorre, principalmente, da necessidade de se desfazerem equívocos históricos que deturpam e reduzem a complexidade de suas cosmovisões, ao lançarem mão de modos de inteligibilidade incapazes de reconhecer que o seu legado social, artístico e intelectual se apresenta sob múltiplas faces – inapreensíveis a modos de racionalidade que se pretendem únicos – e que, apesar das diferenças que guardam entre si, cruzam-se abrindo infinitas possibilidades de diálogo (Mattar; Suzuki; Pinheiro, 2020, n.p).

Em 2021, é lançado um livro que aborda a trajetória da legislação, com o título “A Lei 11.645/2008: a história de como a temática indígena passou a ser obrigatória nas escolas brasileiras”, da autora Giovana de Cássia Ramos Fanelli. A obra é dividida em três partes: a primeira trata do Movimento Indígena no Brasil e das organizações dos(as) professores(as) indígenas que reivindicam uma educação diferenciada, bilíngue e intercultural; a segunda parte mostra as contribuições de historiadores(as), antropólogos(as) e ações do Ministério da Educação sobre a questão indígena; e a terceira apresenta o projeto de lei até a sua promulgação.

Este trabalho é o resultado do mestrado em Educação: História, Política, Sociedade da pesquisadora, que contempla uma lacuna, pois não tinha um estudo que abordasse nesta dimensão o percurso da lei, a qual “aponta para uma leitura da sociedade brasileira mais plural, diversa, multiétnica, com múltiplos protagonistas e que, durante muito tempo, foram negligenciados como sujeitos históricos e como sujeitos de saberes”. (Fanelli, 2021, p. 16).

No ano seguinte à produção citada acima, é publicada a obra “Firmando o pé no território: temática indígena em escolas”, resultado da Pós-graduação Lato Sensu em Cultura e Histórias dos Povos Indígenas, realizada em 2014 e 2015, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). O livro foi produzido pela Pachamama (uma editora idealizada por mulheres indígenas), tem desenhos e um capítulo do Ailton Krenak, que foi um dos professores da especialização. A obra tem como foco apresentar o percurso da experiência vivenciada pelos(as) participantes (docentes e discentes), sendo esta uma das primeiras formações de professores(as), realizada em uma universidade brasileira voltada para a temática indígena. Um dos artigos apresenta o relato crítico da pós-graduanda Danielle Magno, que trata da escola e

da educação para e com a diversidade étnica. Ao final, ela destaca a importância da formação.

Não me vejo de outra forma, a não ser como multiplicadora do que aprendi. O senso comum, os preconceitos arraigados, a perspectiva etnocêntrica, tudo isso não são coisas fáceis de debater, de levar adiante. Mas, como educadora, forçosamente sou obrigada a acreditar que a única via possível é a informação, o aprendizado (Magno, 2022, p. 215).

Em 2024, foram publicados dois livros digitais conectados com a legislação, o primeiro com o título “Rios de palavras. Confluências ancestrais: saberes indígenas e educação”, organizado por Henry MählerNakashima, Raquel Kubeo, Losandro Tedeschi e Luana Barth, de autoria de professores(as) e educadores(as) indígenas. Trata da temática indígena em sala de aula, dos direitos indígenas, das culturas, histórias e lutas dos povos indígenas, da Literatura Indígena, além de questionar os estereótipos. A obra é uma iniciativa da Ocareté, da Cátedra da Unesco para Diversidade Cultural, Gênero e Fronteiras, e da Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD).

O segundo é o livro paradidático “11.645 Indígenas e Diversidade para a Paz”, organizado por Fernanda Martins *et al.*, que envolveu 55 autores(as) indígenas, de diferentes povos do Brasil, da Argentina, da Bolívia, do Chile e do Equador, com 5 escritores(as) não indígenas. Produzido em parceria com a Escola Livre Abya Yala e a Organização Não Governamental (ONG) Thydêwá. O e-book é composto por quatro partes: a primeira os(as) escritores(as) indígenas se apresentam e abordam a cultura do seu povo; na segunda são indicadas atividades pedagógicas sobre a temática indígena com base na legislação; na terceira são feitas algumas reflexões, visando promover uma educação intercultural; a última parte mostra uma breve biografia de cada autor(a) e um resumo em relação a cada povo. Além desse material, foram criados mais de 300 vídeos que estão disponíveis no site da ONG Thydêwá.

Este mapeamento é apenas uma mostra da produção editorial em relação à Lei nº 11.645/08. As obras abordadas foram as que tiveram indicação nas referências dos livros, artigos, dissertações e teses que foram consultadas no processo da pesquisa. Verifica-se que com a promulgação da legislação que: as publicações em relação à temática indígena ampliaram; boa parte das obras foram

feitas de maneira colaborativa; os(as) intelectuais indígenas começam a participar na autoria dos materiais; algumas universidades se abrem para outras epistemologias, buscando fazer parcerias, pesquisas, produções científicas e didáticas com os povos indígenas; os livros começam a ser produzidos por editoras indígenas, ONGs e instituições privadas sem fins lucrativos.

Pensando essa retrospectiva com Daniel Munduruku, “não há presente sem passado, e não há passado se não houver presente. Em outras palavras, o presente é a atualização do passado, e o passado é o sentido do presente”. (Munduruku, 2017, p. 19). Mesmo com essa legislação estando em vigor há mais de dezesseis anos, percebe-se que há um longo caminho para colocá-la em prática, mas que alguns passos já foram dados.

2.3 VÃFY 3. TRANÇAR 3. ARTE POR OUTRAS PERSPECTIVAS E A POLÍTICA DO SILÊNCIO

Como a Arte perpassa este trabalho, é importante investigar o conceito, não tentando defini-lo, mas fazendo alianças com alguns autores(as) para pensar o assunto na perspectiva dos povos indígenas. A primeira questão é lembrar que Arte é um termo ocidental, pois na maioria das línguas dos povos indígenas não existe essa palavra. No clipe da música “Fique Viva” (2018), da artista Brisa Flow, do povo Mapuche, ao final do vídeo é apresentada uma citação da artista indígena Sallisa Rosa.

A palavra 'arte' não tem tradução em quase nenhuma língua indígena porque, assim como no contexto ancestral africano, os povos tradicionais não separam a arte da vida. Assim, a arte abrange um universo de práticas que não são necessariamente um objeto ou um artefato, mas que compõe em ritualizar a vida (Fique Viva, 2018).

Em 2019, participei do evento “Arte Indígena Contemporânea em foco” promovido pela UFPR e o Museu Paranaense (MUPA). Em uma das atividades da programação, a pesquisadora Nyg Kuitá Kaingang relatou que na língua do seu povo a palavra mais próxima de arte é vida. Conectando com o escritor Ailton Krenak, em uma entrevista concedida à Bienal de São Paulo, não existe uma separação entre vida e fazer arte, “em nenhuma das matrizes de pensamento de povos originários que conheci. Todo mundo que eu conheço dança, canta, pinta,

desenha, esculpe, faz tudo isso que o Ocidente atribui a uma categoria de gente, que são os artistas”. (Krenak, 2016, p. 182).

A artista Daiara Tukano, em uma entrevista feita pelo SescTV, fala que a palavra Hori é a mais próxima do conceito de arte, que significa “luz, visão, cor, perfume. É a estrutura do universo. Ela é um processo de transformação de cura, que tem esta característica muito visual”. Em outro trecho do diálogo, Daiara anuncia que:

a arte sempre foi um instrumento de genocídio e de colonização. E a gente precisa mudar isso daí. É através da arte que se sedimenta, que se forma todas as alegorias de estado e de identidade nacional. Basta estudar um pouquinho da história da arte para entender isso. Basta abrir o livro de História da Arte da Graça Proença para ver o que se mostra da Arte Indígena no Brasil (Tukano, 2021).

Por muitas décadas, os livros de História da Arte apresentaram a produção dos povos indígenas somente em seus primeiros capítulos, de forma muito breve, sem mostrar a diversidade de culturas, contemplando apenas o período pré-colonial, depois não se abordava mais a temática, como se eles(as) tivessem desaparecido, isso quando os livros tratavam do assunto. O artista indígena Denilson Baniwa tem uma performance intitulada “Pajé-Onça Hackeando”, apresentada na 33ª Bienal de Artes de São Paulo em 2018, que denuncia o apagamento da produção artística indígena nos livros, nos museus e espaços culturais. No ato, ele manipula um livro com o título “Breve história da arte” e diz:

Breve história da arte. Tão breve, mas tão breve, que não vejo a arte indígena. Tão breve que não tem indígena nessa história da arte. Mas eu vejo índios nas referências, vejo índios e suas culturas roubadas. Breve história da arte. Roubo. Roubo. Roubo. [...] Os índios não pertencem só ao passado. Eles não têm que estar presos a imagens que brancos construíram para os índios. Estamos livres, livres, livres. Apesar do roubo, da violência e da história da arte. Chega de ter branco pegando arte indígena e transformando em simulacros! (Baniwa, 2018).

Denilson Baniwa utiliza o termo índio de uma forma crítica, pois essa palavra é uma invenção do colonizador, que generaliza a diversidade de povos. A ação dele reverberou no aumento da participação de artistas indígenas na Bienal de São Paulo subsequente, com o tema “Faz escuro mas eu canto”, que foi realizada somente em 2021 devido à pandemia, a qual contou com nove artistas indígenas, a maior representação de todas as edições do evento.

O escritor Ariano Suassuna também chama atenção para a invisibilidade das artes dos povos indígenas, mas na perspectiva da produção feita antes da invasão. Em sua aula espetáculo em 1997, Suassuna pega um catálogo do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM SP), que tem o título “Arte no Brasil uma história de cinco séculos” e fala: “Isso é um sintoma de uma coisa muito ruim que acontece com a sociedade brasileira. Vocês vejam uma coisa, que por trás desta frase tem um preconceito enorme. [...] Isso significa que a arte no Brasil só começa quando os portugueses chegam”.

Na sequência, ele começa apresentar imagens da produção feita pelos povos que vivem há milhares de anos neste território, como a gravura rupestre e o teatro indígena feito com máscaras. Chamando a atenção para a valorização da produção feita no país, composta por três matrizes (indígena, africana e europeia) e não somente uma delas, a europeia. Esses exemplos apresentam questionamentos para pensarmos sobre o silenciamento que acontece em diferentes espaços, em relação às artes produzidas pelos povos indígenas.

A pesquisadora Eni Orlandi aborda que a política do silêncio, o silenciamento, pode ser considerada parte da retórica da dominação (a da opressão), do exercício do poder. O “silenciamento como forma não de calar mas de fazer dizer ‘uma’ coisa, para não deixar dizer ‘outras’.” (Orlandi, 2007, p. 53). Conforme a teórica, assim como a linguagem, o silêncio não é transparente. “O silêncio não fala, ele significa. É pois inútil traduzir o silêncio em palavras; é possível, no entanto, compreender o sentido do silêncio por métodos de observação discursivos”. (ibid, p. 102). Mesmo com a política do silêncio, nos últimos anos, artistas, cineastas e escritores(as) indígenas vêm demarcando os museus, as galerias de arte, os cinemas, as livrarias, os festivais, as universidades, dentre outras instituições. Como disse a pesquisadora Ivete Souza da Silva, os povos indígenas “se re-inventam constantemente por entre as brechas da invisibilidade que lhe é imposta”. (Silva, 2020, p. 373).

Jaider Esbell do povo Makuxi é uma referência quando se fala em arte indígena contemporânea. Além de pesquisador, atuou como curador e artista. De acordo com Esbell: “os povos indígenas têm seus próprios sistemas de arte, com fundamentos próprios, razões, intensidades e eles não pressupõem uma cópia ou um arremedo do modelo europeu de arte”. (Esbell, Brasil de Fato, 2021). Na visão de Juliana Kerexu, do povo Mbyá-Guarani, poetisa, artista e ativista, a arte indígena contempla duas linhas: “uma expressão, é uma linha que segue diretamente do

sentimento, do coração” e outra do “pensamento, com as memórias”. A partir desse encontro “pode vir um grafismo, uma cestaria [...] um conhecimento milenar de várias gerações”. (Arte Mbyá-Guarani da Tekoa Takuaty, 2021).

Ailton Krenak destaca que os(as) indígenas “em alguns casos são chamados de artesãos e suas obras são chamadas de artesanato, mas, de novo, são categorias que discriminam o que é arte, o que é artesanato, o que é um artista, o que é um artesão”. (Krenak, 2016, p. 182). Dialogando com Krenak, tem uma entrevista do Jaider Esbell, publicada na revista “Arte & Ensaios”, que conecta com esta questão, com o título “Na sociedade indígena, todos são artistas” (2021). A artista Naine Terena, pesquisadora e autora do livro “Arte indígena no Brasil: mediação, apagamentos e ritos de passagem”, apresenta nessa obra o que é arte indígena na sua concepção:

Artesanato, artefato, arte indígena contemporânea. O processo de hibridação entre os fazeres autóctones e elementos oriundos dos não indígenas devem ser considerados para se pensar a existência de uma definição de arte, se é que conseguiremos chegar a um termo em comum (Terena, 2022, n.p).

A partir desses apontamentos, é importante pensar o conceito de arte não somente na perspectiva eurocêntrica, mas com o olhar dos povos indígenas, que têm um conhecimento milenar. Conectando com a obra do artista Gustavo Caboco, por mais que exista um sistema que tente invisibilizar e silenciar os corpos e as epistemologias dos povos indígenas - “Não apagarão nossa memória”. (Caboco, 2021).

FIGURA 3 – NÃO APAGARÃO NOSSA MEMÓRIA



FONTE: CABOCO, Gustavo; WAPICHANA, Roseane, WAPICHANA, Lucilene; WAPICHANA, Wanderson. Não apagarão nossa memória. 2021. impressão fotográfica sobre papel algodão, color, 45 x 30 cm.

Os povos indígenas vêm lutando há mais de cinco séculos pelos direitos originários em diversos territórios, combatendo o racismo, o silenciamento da produção artística, cultural e intelectual indígena. Nesta última década, artistas indígenas vêm conquistando diferentes espaços, ocupando e demarcando os museus, as galerias, as bienais, nas diferentes regiões do Brasil, em especial no Sudeste, tanto na parte expositiva como na curadoria.

Em 2019, o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), uma instituição que tem um significativo acervo de obras de arte, contratou a primeira curadora indígena, a antropóloga Sandra Benites, do povo Guarani. Entretanto, no ano de 2022, ela pediu demissão da instituição, pois algumas fotos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e de lutas indígenas foram vetadas da mostra “Histórias Brasileiras”. Em uma entrevista ao Brasil de Fato, Sandra disse: “O meu corpo é um coletivo, ele não é individual. E mais simbólico ainda, porque eu sou mulher, eu sou mulher indígena, guarani. Isso também requer diálogo, debate, escuta. Várias coisas que implicam no próprio sistema”. (BENITES, 2022).

O sistema está acostumado com o trabalho individual, com a produção artística feita por homens brancos de classe alta e média, além disso, tem como foco olhar somente pela perspectiva ocidental. Quando uma mulher indígena consegue

ocupar este espaço, ela traz consigo toda uma ancestralidade e outro modo de olhar e pensar o mundo. Outra curadora indígena, que teve uma experiência diferente, é Naine Terena, responsável pela exposição “Véxoa: Nós sabemos”³⁵, a qual contou com 24 artistas e coletivos indígenas de várias regiões, apresentando obras feitas com diferentes suportes e técnicas, como pintura, escultura, desenho, vídeos, instalações e performances. Realizada em 2020 na Pinacoteca de São Paulo, um ano antes da mostra, foi a primeira vez que a instituição adquiriu trabalhos produzidos por artistas indígenas para o seu acervo, sendo que sua fundação é datada de 1905. Até então, imperava o silêncio. Como diz a curadora Naine Terena:

A arte indígena nesse momento é a tradutora de todas as falas, lutas, derrotas, vitórias, perspectivas e assume um diálogo amplo com a sociedade civil. A arte contemporânea brasileira tem uma origem forte e nativa. Sempre foi e sempre será. Véxoa (Nós sabemos). A construção da presente exposição ocupou muitas luas crescentes, sobrepostas por alguns dias chuvosos. Ela foi impulsionada a partir de provocações a respeito do apagamento da arte indígena pelas instituições, por curadores, pelo circuito de arte no Brasil e por todos aqueles que pensavam (ou pensam) que os lugares dessas produções são apenas os acervos etnográficos ou os grupos de venda de artesanatos indígenas (Terena, 2020, p. 13).

Nos anos seguintes, o número de exposições de arte indígena começou a expandir. Em 2021, acontece a abertura da mostra “Moquém_Surari: arte indígena contemporânea”³⁶ no MAM SP, com curadoria de Jaider Esbell e a participação de 34 artistas indígenas, realizada em parceria com a Fundação Bienal de São Paulo. Várias ações foram feitas durante o período da exposição: oficinas, vídeos com depoimentos dos(as) artistas indígenas e lives tratando da produção artística das mulheres indígenas, arte e xamanismo e os povos indígenas na história da arte do país.

Além das exposições com curadoria individual dos(as) indígenas, outros movimentos acontecem, as mostras com curadoria compartilhada entre pesquisadores(as), artistas, indígenas e não indígenas, como “ReAntropofagia” realizada em 2019, no Centro de Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF),

³⁵ A Pinacoteca de São Paulo disponibilizou em seu portal fotos e vídeos da exposição “Véxoa: Nós sabemos”. Disponível em: <https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/vexoa-nos-sabemos/>. Acesso em: 9 fev. 2025.

³⁶ No site do MAM SP é possível fazer um tour virtual pela exposição “Moquém_Surari: arte indígena contemporânea” e assistir os vídeos com o depoimento dos(as) artistas indígenas. Disponível em: https://mam.org.br/exposicao/moquem_surari-arte-indigena-contemporanea/. Acesso em: 16 fev. 2025.

na cidade de Niterói, com a curadoria de Denilson Baniwa e Pedro Gradella, teve a participação de artistas indígenas de diferentes povos que vivem no Brasil, contou também com uma programação diversificada, com a presença de Daniel Munduruku, Davi Kopenawa Yanomami e Eliane Potiguara. No mesmo ano, foi inaugurada a exposição “Mundos Indígenas”, no Espaço do Conhecimento da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a qual teve a curadoria de indígenas de cinco povos diferentes: Yanomami, Ye'kwana, Xakriabá, Maxakali e Pataxó. A mostra era interativa e contou com a produção de diversos materiais disponibilizados de forma on-line³⁷.

Em 2022, aconteceu a abertura de “Nakooda³⁸: estratégias para a arte moderna”, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), com curadoria de Beatriz Lemos e Denilson Baniwa³⁹. A mostra trata do centenário da Semana de Arte Moderna com um olhar crítico, apresentando obras do acervo da instituição, do MNPI, juntamente com obras de artistas indígenas e não indígenas. No catálogo desta exposição, um dos textos é da artista e pesquisadora Lilly Baniwa, o qual destaca que estas trocas na história da arte brasileira são muito significativas, “para a valorização da cultura indígena, que desde a invasão sempre teve uma influência indireta. Tomar esse poder de se expressar no mundo faz reverter a visão das práticas coloniais a partir da arte protagonizada pelo próprio indígena no Brasil”. (Baniwa, 2022, p. 29).

No ano seguinte, em 2023, é inaugurada a exposição “Mejtere⁴⁰: histórias recontadas” no MUPA, o terceiro museu mais antigo do Brasil. A curadoria foi compartilhada com funcionários(as) da instituição e bolsistas indígenas estudantes da UFPR, com a coordenação de Naine Terena. Essa é uma mostra permanente

³⁷ Os materiais desenvolvidos (vídeos, podcast, animação, catálogo, guia para educadores, dentre outros) para a exposição “Mundos Indígenas” podem ser acessados no site da UFMG. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/mundosindigenas/>. Acesso em: 23 fev. 2025.

³⁸ O professor André Baniwa, apresenta no texto do catálogo da exposição, que a palavra *koada* “tem muitos sentidos na língua baniwa, expressa valor, depende de seu uso e manifestação de direção para a precisão do seu significado. Por exemplo: existe *koada*-valor, *koada*-vingança, *koada*-troca, *koada*-pergunta”. (Baniwa, 2022, p. 33).

³⁹ O MAM Rio produziu um vídeo que apresenta os(as) curadores(as) Beatriz Lemos e Denilson Baniwa, falando sobre a concepção da exposição “Nakooda: estratégias para a arte moderna”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-OryFYNHm3Q&t=402s>. Acesso em: 5 fev. 2025.

⁴⁰ Mejtere é uma palavra da língua Mebêngôkre-Kayapó, que quer dizer bom, belo, encantador e perfeito. O projeto da exposição iniciou-se em 2022 no MUPA. Além da mostra, foi criado um jornal on-line que apresenta este percurso, publicado no site da instituição. Disponível em: https://issuu.com/museuparanaense/docs/mejtere_hist_rias_recontadas. Acesso em: 21 fev. 2025.

com obras do acervo do museu e obras produzidas por artistas indígenas adquiridas para compor a exposição.

Neste mesmo ano, aconteceu: a “1ª Bienal das Amazônias”⁴¹, em Belém no Pará, com o título “Bubuia: águas como fonte de imaginações e desejos”, a qual teve a curadoria de Sandra Benites, Vânia Leal e Keyna Eleison, com foco em fortalecer a produção artística da Amazônia, 121 artistas e coletivos participaram da mostra; no MASP SP foi realizada a mostra “Histórias Indígenas”⁴², com curadoria e obras de artistas indígenas de diversos países: Brasil, Peru, México, Canadá, Noruega, Austrália e Nova Zelândia. Os(as) curadores(as) da exposição, Edson Kayapó, Kássia Borges Karajá e Renata Tupinambá, falam que a visibilidade da arte indígena contemporânea e dos(as) seus realizadores(as) é fruto de uma luta de gerações, e destacam:

O genocídio e o racismo estrutural geram perdas, mas não matam os sonhos indígenas, que respiram e ganham vida na arte originária de diferentes etnias e com diferentes narrativas. [...] A mudança proposta é pensar um mundo menos ocidentalizado, em favor de histórias da arte mais abrangentes, com outros olhares, um mundo onde caibam muitos outros sujeitos, que seja menos branco, menos europeu e menos patriarcal. Que honre suas matrizes! (Kayapó, Karajá, Tupinambá, 2023, p. 22).

Outro movimento, navegando pelos mares, atravessando territórios, chegando na Europa, na Bienal de Veneza, considerada uma das mostras de arte mais importantes do mundo, em 2024, esta edição contou com a maior participação de artistas indígenas, de vários países. No pavilhão Brasil, aconteceu a exposição “Ka'a Pûera⁴³: nós somos pássaros que andam”⁴⁴, com a curadoria de Arissana Pataxó, Denilson Baniwa e Gustavo Caboco, obras dos(as) artistas Glicéria

⁴¹ O catálogo da “1ª Bienal das Amazônias” apresenta como foi o processo de criação da mostra, a escolha do tema, os depoimentos das curadoras e as suas trajetórias. Disponível em: https://backend.bienalamazonias.org.br/api/file-render/catalogos:1723652570_BdAS_MidiaKit.pdf. Acesso em: 24 fev. 2025.

⁴² Além da exposição “Histórias Indígenas”, o MASP vem promovendo, desde 2027, seminários e palestras sobre a temática, que podem ser conferidos no canal do YouTube da instituição. Disponível em: <https://www.youtube.com/@maspmuseu/search?query=hist%C3%B3rias%20ind%C3%ADgenas>. Acesso em: 21 fev. 2025.

⁴³ Ka'a Pûera palavra do tronco linguístico Tupi que quer dizer: “ka'a” - mata” e “pûer” - que foi, mata que foi derrubada.

⁴⁴ O Canal Arte 1 fez uma reportagem com os(as) artistas indígenas que participaram da exposição “Ka'a Pûera: nós somos pássaros que andam”, na qual apresentam as suas obras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z7C0X23Qldo&t=467s>. Acesso em: 24 fev. 2025.

Tupinambá, Olinda Tupinambá e Ziel Karapotó, que mostraram a força e resistência dos povos indígenas.

Ao longo do estudo, foram apresentadas algumas exposições de arte indígena contemporânea que aconteceram nos últimos cinco anos no Brasil e na Itália. Verifica-se que a cada ano o número de mostras, produções, curadores(as) e artistas indígenas vem aumentando, ocupando o cubo branco (o museu) e pintando de outras cores, com jenipapo e urucum. É importante destacar que a produção contemporânea dos(as) artistas indígenas não é recente, o que faltava era espaço. O artista Sibé Lana (Feliciano Pimentel Lana)⁴⁵, do povo Desana, considerado um precursor da arte indígena contemporânea, desde a década de 60, produzia obras retratando a cultura do seu povo (Terena, 2020). Como afirma Jaider Esbell (2019, p. 176):

A arte sempre esteve entre os índios, e hoje quando se argumenta da palavra “contemporânea”, ela se veste, ela capta junto dos seus argumentos essa necessidade inclusive de ser comercial. Mas de ser provocativa bem antes de ser comercial. É uma arte de provocação, de promoção e de fortalecimento da cena e das identidades indígenas contemporâneas.

Arte indígena contemporânea, arte política, de resistência, conta outras histórias, apresenta outros modos ver e pensar, é coletiva e individual, é individual e coletiva, pois vem atravessada por um conhecimento ancestral, a cada passo vai firmando o pé no território, demarcando, criando fissuras no sistema, que está há mais de cinco séculos em guerra com os povos indígenas. Parafraseando o título do livro, da autoria do sociólogo Carlos Eugênio Marcondes de Moura (2012), os povos indígenas estão aqui, sempre estiveram e sempre estarão.

⁴⁵ Para conhecer mais sobre a produção artística de Sibé Lana e do seu primo Luis Lana, leia a dissertação “Iconografias do invisível: a arte de Feliciano e Luis Lana”, da pesquisadora Larissa Lacerda Menendez. Disponível em: <https://ariel.pucsp.br/handle/handle/4167>. Acesso em: 21 fev. 2025.

3 INH HÊ MĨ TĨ G? VOU POR QUAL CAMINHO?



Queremos uma educação
Em que possamos ser iguais
Sem preconceito e discriminação
Sem o olhar de incapaz.

A sabedoria indígena
Já fez muito e ainda faz
A ciência recorre ao nosso conhecimento
E nós aos nossos ancestrais.

Para nos dar força na luta
Porque ainda querem nos dizimar
Matam nossas crianças
Sem que possamos ao menos gritar.

Hoje gritamos através das letras
Pela informação que a aldeia tem para dar
O ensinamento do “branco” é importante
Mas não podemos deixar a cultura acabar.
(Kambebe, 2020, p. 33)

Como abordado anteriormente, um dos objetivos da pesquisa era promover um curso de extensão com base na Lei nº 11.645/08, com enfoque especial na arte indígena contemporânea. A formação foi um caminho metodológico para que os(as) participantes pudessem experienciar as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas. Segundo o filósofo Jorge Larrosa, na entrevista feita por Alfredo Veiga-Neto, a formação presume romper com as fronteiras “entre o que sabemos e o que somos, entre o que passa (e que podemos conhecer) e o que nos passa (como algo a que devemos atribuir um sentido em relação a nós mesmos)”. (Veiga-Neto, 2007, p. 133).

O curso não foi desenvolvido com a intenção de ser um modelo normativo, mas como uma possibilidade, a formação como uma viagem aberta, que pode mobilizar uma transformação (Larrosa, 2013). O planejamento ocorreu com base na minha experiência ministrando aulas sobre a temática indígena, na Educação Básica, no Ensino Superior, nas formações continuadas para professores(as) e nas oficinas em eventos; inspirado nos cursos, atividades e vivências que realizo desde 2019, sobre as artes, as culturas, as histórias, as filosofias, as epistemologias, a

literatura, a ciência e a saúde dos povos indígenas, sendo mais de 30 formações, em diferentes espaços, de forma presencial e on-line, a maioria ministrada por professores(as) indígenas; teve como referencial o acervo de livros, artes e instrumentos musicais que venho adquirindo desde 2018; além de uma lista de materiais on-line.

O número de encontros do curso de extensão foi orientado pelas atividades desenvolvidas no Centro Estadual de Capacitação em Artes Guido Viaro, localizado em Curitiba, frequentadas por diferentes públicos, em especial, professores(as) da rede municipal e estadual. Geralmente, as formações dessa instituição têm 6 aulas e a carga horária é de 20 horas. Optei em ampliar para 30 horas, para que os(as) participantes do curso tivessem um tempo voltado para a pesquisa e o desenvolvimento das atividades indicadas nos encontros.

O título escolhido para a formação foi "O lugar do saber ancestral: trançados entre as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas", inspirado no livro da escritora Márcia Wayna Kambeba (2021). A obra aborda o aprender com a natureza, com os mais velhos, o preconceito sofrido pela autora por ser uma mulher indígena, a preservação da floresta e a destruição feita pelos não indígenas, a luta e a resistência dos povos indígenas, dentre outros assuntos. O curso de extensão teve como propósito:

- Fomentar a formação sobre a temática indígena;
- Conhecer a biografia e a produção de artistas e escritores(as) indígenas;
- Apreciar obras da arte indígena contemporânea;
- Compreender a legislação voltada para os povos indígenas;
- Apresentar algumas histórias de luta e resistência dos povos;
- Educar para o respeito e a valorização das culturas dos povos indígenas.

O primeiro passo dessa trajetória foi desenvolver uma enquete no Google Formulários, apresentando algumas informações sobre o curso (uma breve explicação sobre a pesquisa, a programação da formação, a carga horária, o local - UFPR campus Rebouças ou Reitoria - a definir, possíveis datas e horários). A divulgação do formulário foi feita via WhatsApp para diferentes grupos de professores(as) e licenciandos(as), de diversas instituições do Ensino Superior e da Educação Básica, no período de 19/02/24 a 26/02/24. Esse instrumento foi utilizado para analisar o número de interessados(as) em fazer o curso de extensão, além de

verificar os dias da semana e horários que teriam maior procura para fazer a formação.

No formulário foram solicitados alguns dados como: nome, e-mail e WhatsApp. Além de perguntar: a atuação se era professor(a), licenciando(a) ou outro; de qual área; se trabalhava ou estudava em instituição pública, privada ou outro; marcar a preferência do dia da semana e período para realizar o curso; e ao final do questionário tinha um espaço para apresentar alguma dúvida ou sugestão. Responderam o formulário 167 pessoas, das quais 68,9% eram professores(as), 16,2% licenciandos(as) e 14,9% profissionais de outras áreas. Sendo 83,8% proveniente de instituições públicas, 8,4% de instituições privadas e 7,8% de ambas e outros.

A formação dos(as) interessados(as) na área da Educação eram bastante diversas, como: Arte (nas linguagens das Artes Visuais, Dança, Música e Teatro), Ciências Biológicas, Educação Física, Ensino Religioso, História, Geografia, Letras, Libras, Matemática, Pedagogia e Sociologia. Uma surpresa na análise das respostas do formulário foi verificar interessados(as) de outras áreas como: Administração, Antropologia, Audiovisual, Biblioteconomia, Ciências Sociais, Enfermagem, Jornalismo, Museologia, Políticas Públicas e Psicologia.

Após a apreciação das respostas, verificou-se que dentre as setes opções de dias da semana e períodos apresentadas na enquete, as mais votadas foram terça-feira, no período da tarde e noite; e sábado, manhã e tarde. A proposta inicial era fazer a formação somente para duas turmas, mas como a procura foi muito grande, optei por abrir quatro turmas com 30 vagas disponíveis para cada. Outra mudança foi não limitar o público, que inicialmente era voltado somente para professores(as) e licenciandos(as) de Arte. O campo de sugestões e dúvidas contou com vinte e nove respostas, as quais agrupei, sintetizei em oito perguntas e encaminhei um e-mail para todos(as) com as explicações (kuju 2. parte 2).

Durante o processo, de quase três meses, devido à burocracia para conseguir um local e o tempo de trâmite do projeto de extensão na universidade, mantive o contato com os(as) interessados(as) em fazer o curso, informando os encaminhamentos e fazendo sugestões de eventos com a participação de indígenas ou que fizessem interlocução com os povos indígenas (kuju 3. parte 3). E com muita alegria, no dia 10/05/24, enviei um e-mail para eles(as) informando sobre a abertura das inscrições para o curso de extensão presencial, que ficaram disponíveis por uma

semana. Além dessa mensagem, a divulgação da formação também foi realizada via WhatsApp e Instagram.

Os(as) interessados(as) em fazer o curso teriam que preencher um formulário de inscrição, no estilo da enquete, que contava com uma breve explicação sobre a pesquisa, a programação da formação, o período, o local, a carga horária, dentre outras informações. No instrumento, foram solicitados alguns dados como: nome completo, nome social (opcional), e-mail, WhatsApp e CPF (para certificação). Além de perguntar: a idade; a cidade onde reside; a identidade de gênero, de raça ou cor; a atuação, em qual área e/ou segmento da Educação Básica; se trabalhava ou estudava em instituição pública, privada ou outro; marcar a turma (dia e horário) a qual tinha interesse em realizar o curso; autorizar o uso de imagem e dos depoimentos captados durante a realização da formação para a divulgação científica; e afirmar se o preenchimento dos dados estavam corretos.

Nessa nova rodada, 114 pessoas fizeram a inscrição para o curso. Algumas das possibilidades deste número ter sido um pouco menor, em relação ao formulário da enquete foi: não ter contemplado o dia e o período que o(a) participante poderia fazer a formação; a mudança do local do curso, em vez do campus da UFPR que fica no Centro da cidade de Curitiba, conseqüentemente têm mais linhas de ônibus, para a Unespar-FAP, localizada no Cabral, um bairro um pouco mais afastado, depende da região ou cidade que o(a) cursista mora ou trabalha.

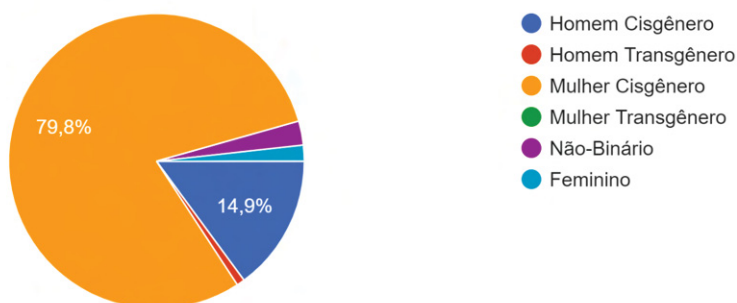
Fazendo um parêntese, para conhecer um pouco este espaço. A FAP foi fundada em 1916 e, em 2013, passou a integrar como campus a Unespar, por isso, mantém o seu nome inicial para lembrar a história da instituição. A universidade oferece vários cursos de graduação nas diferentes linguagens da Arte (Artes Cênicas, Artes Visuais, Cinema e Audiovisual, Dança, Música, Música Popular, Musicoterapia e Teatro). Também conta com a Pós-Graduação Lato Sensu (algumas especializações) e a Stricto Sensu (dois mestrados - um de Cinema e Artes do Vídeo, o outro Profissional em Artes).

Voltando para as inscrições, a faixa etária do grupo era entre 19 a 61 anos. Oito pessoas preencheram o nome social. A maioria é residente em Curitiba (72,8%) e o restante do público (37,2%) mora em outras cidades: Almirante Tamandaré, Araucária, Campina Grande do Sul, Colombo, Mandirituba, Matinhos, Pinhais, Piraquara, São José dos Pinhais e União da Vitória. Abaixo, estão os gráficos das outras perguntas e respostas do formulário.

GRÁFICO 1 – IDENTIDADE DE GÊNERO

Qual a sua identidade de gênero?

114 respostas



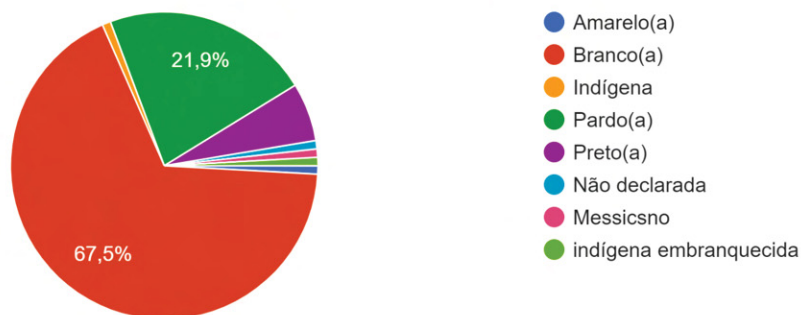
FONTE: A autora (2024).

Analisando o gráfico, verifica-se que a maioria das inscrições é de mulheres cisgênero, foram 91 respostas. Esse dado vem ao encontro do Censo Escolar 2022, o levantamento apresenta que 79,2% (1.834.295) do corpo docente na Educação Básica é formado por professoras. Já o Censo da Educação Superior 2021 mostra que, nas licenciaturas, 72,5% das matrículas são de mulheres. Mas, na docência das universidades, as mulheres são a minoria, ocupando 47,02% das vagas. Esses dados estão conectados com os estudos da pesquisadora Cláudia Pereira Vianna (2013), a qual apresenta que nos níveis de ensino que têm maior remuneração e prestígio são encontrados mais homens. Outra observação desse esquema é ressaltar que a questão tinha a opção “outros”, na qual o(a) interessado(a) poderia digitar, tendo uma resposta “feminino”.

GRÁFICO 2 – COMO O(A) PARTICIPANTE SE DEFINE

Como se define dentre as opções?

114 respostas



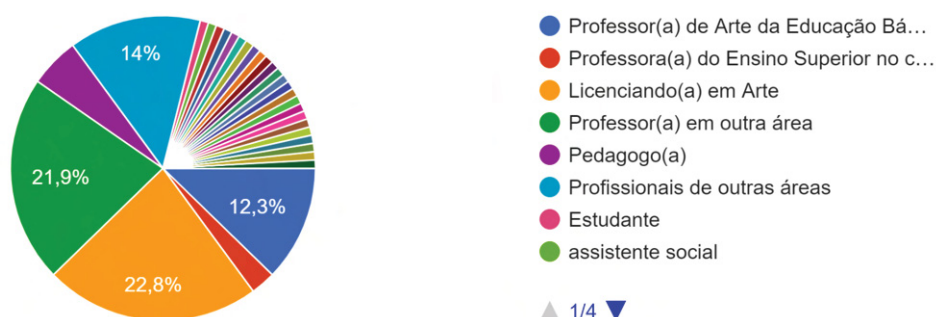
FONTE: A autora (2024).

O diagrama mostra que boa parte dos(as) participantes se autodeclarou como branco(a), sendo 77 das respostas e apenas uma pessoa afirmou ser indígena. Assim como na questão anterior, tinha a opção “outros” e obteve as seguintes respostas: “não declarada”, “messicsno” e “indígena embranquecida”. Essa última autodeclaração reverbera com o processo de retomada que muitos(as) indígenas vêm fazendo nos últimos anos. Devido às várias violências que os povos indígenas sofreram e sofrem ao longo dos cinco séculos. Algumas pessoas têm dificuldades de se declarar como indígena por não conhecerem a história, a cultura, a língua do seu povo; outras vezes, a não identificação é uma forma de se proteger contra o preconceito e o racismo; e em situações mais extremas, de defenderem a sua própria vida. Uma estratégia de sobrevivência, a qual a pesquisadora Rosani de Fátima Fernandes, do povo Kaingang, denomina de “silenciamento étnico”. (Fernandes, 2015, p. 9).

GRÁFICO 3 – ATUAÇÃO

Qual a sua atuação?

114 respostas



FONTE: A autora (2024).

Estudando o esquema, percebe-se que boa parte do público são professores(as), sendo que a maioria é de docentes e licenciandos(as) da área de Arte. As pessoas de outras áreas são de: Antropologia, Assistente Social, Ciências Sociais, Design Instrucional, Ilustração, Museologia e Psicologia. Como neste formulário essa questão tinha a opção de marcar a área de atuação: Professor(a) de Arte da Educação Básica, Professora(a) do Ensino Superior no curso de Arte, Licenciando(a) em Arte, Professor(a) em outra área, Pedagogo(a) e Profissionais de

outras áreas; as respostas ficaram mais genéricas do que o questionário da enquête.

Outra observação em relação a esse instrumento, algo a ser melhorado em uma nova oferta do curso, faltou colocar uma opção para que as pessoas com deficiência marcassem se precisavam de algum atendimento especial, fui perceber essa necessidade no primeiro dia de aula, quando notei que em uma turma tinha um participante autista e na outra, uma participante com baixa audição. No decorrer das aulas, fui me preparando para atendê-los(as) da melhor maneira possível, mas poderia ter previsto antes se tivesse colocado essa informação no questionário.

Um dia antes de começar a formação, encaminhei um e-mail para os(as) cursistas confirmando a inscrição, indicando o ensalamento das turmas, o endereço da universidade, o que levar para o curso e pedindo para entrarem nos grupos do WhatsApp, o qual seria fechado, somente os(as) administradores(as) poderiam enviar mensagem. Canal que utilizei para encaminhar os avisos, os links, os materiais da aula, divulgar os eventos relacionados à proposta da formação, as fotos dos encontros, dentre outras informações. Também avisei que era imprescindível a presença de todos(as) na primeira aula, para garantir a vaga, pois tinha turmas com lista de espera.

A primeira aula das turmas de sábado foi em um dia chuvoso e frio. Já as turmas de terça-feira estava somente frio, essa questão do tempo fez com que mais participantes viessem durante a semana. Dos 114 inscritos, 63 participantes vieram para a primeira aula. Para começar esse encontro, lembrando das vivências que tive com os povos indígenas, que muitas vezes, antes de uma fala, têm um canto. Coloquei a música “Manifesto O Futuro É Ancestral”⁴⁶, da Célia Xakriabá, primeira deputada federal de Minas Gerais, em parceria com o DJ Alok. A letra da melodia fala sobre a origem do Brasil, da luta e resistência dos povos indígenas, do cuidado com a natureza...

Nós somos um povo que resiste pela força do cantar / Antes do Brasil
da Coroa existe o Brasil do Cocar! / Provocamos a sair dos 4 tempos
/ E a entrar num outro tempo de uma escuta mais sensível / Com
mais delicadeza / Podemos até tocar no 4 tempos / Mas que seja o

⁴⁶ A melodia compõe o álbum Futuro Ancestral, que contou com a participação de vários artistas e lideranças indígenas de diferentes povos. Disponível em: <https://institutoalok.org/o-futuro-e-ancestral/>. Acesso em: 17 set. 2024.

tempo da natureza / O tempo das águas, da seca, do frio / É diferente, é o tempo do vento / Nossa luta é pela retomada do tempo / E não exatamente uma luta contra o tempo (Xakriabá, 2024).

Após contemplarmos o manifesto, perguntei para a turma se alguém já tinha escutado, a maioria não conhecia a música. Comentei um pouco sobre o álbum, os(as) artistas envolvidos(as) e convidei os(as) participantes para escutar outra música dessa produção, a “Sina Vaishu” do Yawanawa Saiti Kaya e do DJ Alok. Mas, em vez de sentados(as), pedi para formar uma roda, de mãos dadas e com os olhos fechados. Essa melodia faz parte do ritual do povo Yawanawa. Foi uma abertura para começar a jornada com muita luz, alegria, afeto... Ao final do canto, deixei aberto para eles e elas falarem o que sentiram e muitos(as) estavam emocionados(as), teve participante que chorou, foi um momento de muita conexão.

Em seguida a essa vivência, fiz a minha apresentação: quem sou eu, o meu despertar, o meu mergulho nas culturas indígenas e o meu lugar de fala. Expliquei o motivo de estar fazendo a pesquisa de campo e a escolha do título para o curso, como comentado, foi inspirado na obra da Márcia Wayna Kambeba (2021). Depois dessa abordagem, pedi para que os(as) participantes escrevessem em um papel o seu nome e resumissem em uma palavra ou frase a sua expectativa em relação ao curso.

As turmas apresentaram-se mostrando a sua produção e também falaram sobre a profissão e/ou área em que estudavam. Algumas pessoas comentaram sobre a sua idade, sua ancestralidade e os desafios de abordar a temática indígena na escola. Foram várias as respostas, mas algo em comum era a pouca discussão ou a invisibilidade das artes, histórias e culturas dos povos indígenas em sua trajetória de formação, seja na escola e/ou na universidade. A partir desses depoimentos, compreendi que naquelas turmas, mesmo com a Lei nº 11.645/08, pouco avançamos nas discussões da temática indígena.

Nessa conversa, identifiquei que os grupos eram compostos: de pai e filho, irmãs, colegas da mesma turma de graduação ou do curso, parceiras de trabalho e um casal de namorados. Alguns e algumas participantes da formação eram meus ex-alunos(as), amigas da pós-graduação, de cursos e de trabalho anteriores. Como esse momento das apresentações levou mais tempo do que tinha previsto, depois fiz

uma atualização no cronograma das aulas (kuju 4. parte 4), que inicialmente era da seguinte forma:

- 1º encontro: história dos povos indígenas e a legislação (Constituição Federal de 1988 e a Lei nº 11.645/08).
- 2º encontro: literatura indígena e as línguas dos povos indígenas.
- 3º encontro: produção artística indígena (cerâmica, cestaria, instrumentos musicais, dentre outras); brinquedos e brincadeiras dos povos indígenas.
- 4º encontro: arte indígena contemporânea (parte 1 - artes visuais e performance).
- 5º encontro: aula de campo (local - a definir).
- 6º encontro: arte indígena contemporânea (parte 2 - música, teatro e cinema).

Estabeleci alguns combinados com as turmas (sobre presença, horário, a utilização do celular, lanche, dentre outros) e falei sobre a imagem da obra *Aprendendo* (2020)⁴⁷, da artista Carmézia Emiliano do povo Macuxi, que foi utilizada na divulgação da formação via WhatsApp e Instagram. Concluída essa etapa, convidei a turma para preencher o Google Formulários, com perguntas objetivas e discursivas, para compreender qual era o repertório deles(as) em relação aos povos indígenas. Comentei que, ao longo da minha caminhada, fui fazendo aquelas perguntas para mim mesma e também para as turmas que ministrei aula, tanto na graduação como na formação continuada. Os(as) cursistas utilizaram o celular para responder o questionário. Logo após, fiz uma explanação teórica e dialógica sobre as histórias dos povos indígenas, começando pela ocupação do território que hoje é conhecido por América e depois a invasão dos colonizadores neste território chamado Brasil.

Como tarefa de casa, que intitulei de “Atividades para aquecer o coração” (kuju 5. parte 5), pedi para que os(as) participantes assistissem o documentário *Falas da Terra* (2021), que apresenta as histórias dos povos indígenas, as violências sofridas desde o período da colonização e a sua resistência. Esse filme foi dirigido, produzido e protagonizado por indígenas de diferentes povos, que vivem em várias regiões do Brasil. Tem falas de escritores, lideranças, artistas, uma médica, uma advogada, dentre outras profissões, mostrando que os(as) indígenas podem e estão ocupando todos os espaços, num movimento de retomada do que lhes foi tirado ao

⁴⁷ *Aprendendo* (2020) foi uma das 34 pinturas da exposição “Carmézia Emiliano: a árvore da vida”, realizada no MASP em 2023. Para mais informações sobre a obra e a artista, acesse o site do museu. Disponível em: <https://www.masp.org.br/exposicoes/carmezia-emiliano-arvore-vida>. Acesso em: 13 set. 2024.

longo dos séculos. Caso algum(a) participante já tivesse assistido esse documentário, indiquei outras duas produções: Falas da Terra - histórias (im)possíveis (2023) e Guerras do Brasil - 1º Episódio (2019).

No segundo encontro, iniciei perguntando para a turma se tinham feito a atividade para aquecer o coração, se iriam deixar o meu coração quente ou gelado. Alguns riram, outros falaram que assistiram o documentário e fizeram alguns comentários, teve quem falou que iria assistir no final de semana. Foi interessante que, durante o encontro, alguns e algumas participantes foram fazendo conexões do filme com o conteúdo da aula.

Em seguida, pedi para formar uma roda e coloquei a música “Originária” da Brisa Flow, artista do povo Mapuche que nasceu e mora no Brasil. Nesta melodia, ela apresenta o nome de 42 povos da Abya Yala. Antes de começar a música, pedi para que eles(as) prestassem bastante atenção na letra. Ao final, perguntei quais foram as suas impressões e depois quantos povos indígenas a cantora contemplava na melodia. Alguns cursistas falaram que a música apresenta uma diversidade de povos indígenas que vivem no Brasil e na América, comentaram sobre o ritmo que lembra o tocar do maracá, que iriam abordar essa música em sala de aula, dentre outras observações. Teve participantes que acertaram ou chegaram muito próximo do número de povos presentes na letra da melodia.

Depois dessa experiência, apresentei a Constituição Federal de 1988 e a Lei nº 11.645/08, legislações conquistadas pela luta do Movimento Indígena no Brasil. Na sequência, abordei a literatura indígena e mostrei as obras dos escritores Ailton Krenak, Olívio Jekupé e Davi Kopenawa Yanomami. A atividade para aquecer o coração desta aula tinha três opções de formato de referências: ler um livro de um(a) autor(a) indígena; assistir uma Live sobre a Lei nº 11.645/08; escutar um podcast de artistas ou lideranças indígenas.

No terceiro encontro, apresentei outros escritores e escritoras indígenas (Aline Rochedo Pachamama, Auritha Tabajara, Daniel Munduruku, Eliane Potiguara, Kaká Werá e Trudruá Dorrico). Também abordei a diversidade das línguas dos povos indígenas. Depois desenvolvemos uma atividade prática, na qual os(as) participantes se dividiram em dupla para ler um livro bilíngue de um(a) autor(a) indígena e pensar em uma proposta para desenvolver na escola ou no museu, ou na universidade, ou no seu ambiente de trabalho. As propostas foram as mais variadas, desde contação de histórias, encenação teatral, diversos tipos de jogos, explanação

teórica e depois uma pesquisa sobre o povo que o livro estava abordando, pesquisar outras palavras daquela língua, dentre outras. A atividade para aquecer o coração solicitada nessa aula foi para que os(as) cursistas pesquisassem e escolhessem uma palavra no dicionário da língua Kaingang que representasse eles(as), a qual se tornaria o pseudônimo deles(as) na pesquisa.

No quarto encontro, o assunto abordado foi a produção artística dos diferentes povos indígenas, como a cerâmica, a cestaria e as biojoias. Esta produção, que muitas vezes é considerada como artesanato e artefato, apresentei como arte e expliquei que a sua confecção foi se modificando com o passar dos anos. Como exemplo, mostrei as mudanças da cerâmica dos povos Baniwa, Tukano e Xakriabá, com base nos livros produzidos pelo Instituto Socioambiental (ISA) em parceria com a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN); e na pesquisa do mestre Nei Leite Xakriabá (2022). Em relação à cestaria, indiquei que, conforme o território do povo que produziu a obra, o material é diferente. Alguns exemplos: os Kaingang utilizam a Taquara, já os Baniwa e Baré utilizam a fibra de Arumã. Levei algumas peças para que os(as) participantes pudessem tocar, sentir as texturas, ver os diferentes tipos de materiais, grafismos e formatos dos objetos.

Nessa aula, também abordei a Arte Indígena Contemporânea, com enfoque nas Artes Visuais e na Performance. Falei sobre a biografia e a obra de alguns e algumas artistas indígenas como: Arissana Pataxó, Daiara Tukano, Denilson Baniwa, Jaider Esbell, Olinda Yawar Tupinambá e Uýra Sodoma. A atividade para aquecer o coração foi pesquisar a biografia, a obra e o povo de uma personalidade indígena. Coloquei no drive uma relação com o nome de 70 artistas, escritores(as), lideranças, dentre outros profissionais indígenas, além de referências para pesquisar as histórias de vida (kuju 6. parte 6).

No quinto encontro, o foco foi a produção artística indígena nas diferentes linguagens: teatro, música e cinema. Comecei apresentando a obra e a biografia dos(as) cineastas: Graci Guarani, Isael Maxakali e Sueli Maxakali, além das plataformas audiovisuais Vídeo nas Aldeias e Rede Katahirine. Depois, distribuí para cada dupla ou trio, um livro bilíngue da coleção “Um dia na aldeia”, de autoria da Ana Carvalho e Rita Carelli (2018). As obras foram inspiradas em filmes produzidos por indígenas de diferentes povos. Os(as) cursistas tiveram um tempo para ler o livro e depois contaram a história para a turma, assim todos(as) puderam conhecer um pouco sobre a cultura de cada povo.

Na sequência, abordei a produção das atrizes Lian Gaia e Zahy Guajajara. Mostrei o portal Teatro e os Povos Indígenas (TEPI) e escutamos algumas melodias, de diferentes estilos musicais, dos(as) artistas: Owerá, Suraras dos Tapajós e Grandão Vaqueiro. Por último, apresentei a minha coleção de instrumentos musicais indígenas, os quais os(as) participantes puderam tocar e conhecer artefatos de diversos povos. Nesse momento do encontro, eles e elas viraram crianças, foi uma euforia, uma alegria, se escutavam vários sons ao mesmo tempo, os(as) cursistas queriam tocar todos os instrumentos, saber como eram feitos, qual material foi utilizado na confecção e que povo produziu o artefato, foram feitas diversas perguntas.

Para finalizar a aula, pedi para os(as) participantes fazerem o mesmo trabalho que desenvolveram na primeira aula, só que em vez do seu nome, colocariam o seu pseudônimo e uma palavra ou frase em relação ao que ficou do curso. Na atividade para aquecer o coração, os(as) cursistas foram convidados(as) a desenvolver uma carta, uma música, uma poesia, dentre outras produções para o(a) artista, escritor(a), liderança indígena que já haviam pesquisado no encontro anterior, contando como foi o processo de formação.

Na sexta aula, fizemos uma visita guiada pela artista e comunicadora Mila Kanhgág (Camila Mĩg Sá dos Santos)⁴⁸, na exposição “Mejtere: histórias recontadas” no MUPA. Mila foi uma das integrantes da curadoria compartilhada da mostra. Além da mediação, ela contou um pouco da sua história e a luta do seu povo. Antes desse encontro acontecer, enviei alguns materiais para as turmas conhecerem um pouco mais da trajetória dela.

Teve participantes do curso que não conseguiram comparecer nessa atividade, então, em outro dia, foram à Caixa Cultural de Curitiba ver a exposição Graffitigrafismo Amazônico⁴⁹, a qual eu fiz a mediação. Além da visita às duas

⁴⁸ Em 2022, tive a oportunidade de fazer uma entrevista com a Mila Kanhgág (Camila Mĩg Sá dos Santos). A qual ela abordou a sua história, sua atuação na arte, na comunicação e na política, além da luta dos povos indígenas. Essa conversa foi publicada na revista “Das Amazônia” em 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/article/view/6546>. Acesso em: 10 fev. 2024. Uma versão do texto mais completa, com a biografia da Mila e a foto dela, foi publicada no livro “Mulheres nas Artes, Letras, Ciências e em Cotidianos no Paraná” (2024), com o título “Vênh pipin (multiplicar-se): um encontro com Camila Mig Sá dos Santos”. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/08/eBook_mulheres-artes.pdf. Acesso em: 20 out. 2024.

⁴⁹ A exposição Graffitigrafismo Amazônico é uma produção do artista Raiz em parceria com a Associação de Artesãos de Novo Airão (AANA), localizada no Amazonas, que tem como presidente Marcos Baré. Disponível em:

exposições, ao final dos encontros tivemos sorteios com os seguintes prêmios: maracás produzidos pela Mila Kanhgág; o livro “Ay Kayritama: eu moro na cidade” da escritora Márcia Wayna Kambéba (2018); algumas obras “Belarmina Paraná: trajetória de uma liderança indígena em Curitiba”, das autoras Lilianny Rodriguez Barreto dos Passos e Tatiana Takatuzi (2023); outra produção “Arte, Cultura e Subjetividades: perspectivas anti-coloniais e decoloniais”, organizado por Claudia Priori, Maria Cristina Mendes e Beatriz Avila Vasconcelos (2024), que tem um capítulo desta pesquisadora, sobre as histórias, as lutas e   produção artística das mulheres indígenas. Os livros e os instrumentos musicais foram doados por mim, pela participante  g t  n n to m   g m  v  t : inh pr  fi, he m  (  um tabu dizer: minha mulher) e pela minha amiga Luciana Oliveira.

Todos(as) queriam ganhar os pr mios, mas infelizmente não teria como presentear cada um deles(as), só se o curso fosse beneficiado com alguma verba pública, mas não era o caso. Destaquei esta questão no relatório final do projeto de extensão, que seria interessante ter um financiamento para ofertar um lanche aos(as) participantes, comprar materiais e pagar o cachê dos(as) convidados(as) indígenas. Como não tive esse apoio financeiro, fiz este investimento, pois a colonização e o capitalismo j  exploraram demais os povos indígenas.

As aulas da formação tiveram a duração de três horas e meia. Além disso, cada encontro tinha mais uma hora e meia, realizada de forma remota, voltada para a pesquisa dos(as) participantes, na qual eles(as) faziam as atividades de modo voluntário, totalizando cinco horas. No intervalo de cada aula, que era de 15 a 20 minutos, fazíamos um lanche comunitário, que a cada encontro foi aumentando a quantidade de alimentos. Tinha café, chá, suco, refrigerante, chocolate, bolachas, bolos, frutas, salgados, etc. Um dia teve até bolo de aniversário e cantamos parabéns para a participante.

Algo que ficou combinado desde a primeira aula era que cada um levaria o seu copo ou uma caneca, para não utilizarmos copos descartáveis e conseqüentemente gerar mais um lixo. Além de lanchar, neste momento os(as) cursistas aproveitavam para encher suas garrafas de água, ir ao banheiro, conversar com outros(as) participantes, tirar d vidas comigo, contar sobre algo que aconteceu na escola, indicar uma referência, dentre outros assuntos.

Os encontros do curso de extensão aconteceram uma vez por semana, nos meses de maio, junho e julho de 2024. A carga horária total da formação, como mencionado, foi de 30 horas. A previsão era ter seis aulas presenciais, mas como faltou tempo para abordar todo o conteúdo programado, foi realizado mais um encontro síncrono de uma hora, na plataforma Google Meet, contemplando o tema brinquedos e brincadeiras dos povos indígenas, o qual mostrei alguns jogos virtuais e impressos, livros e vídeos que tratam desse assunto.

Aproveitei este momento para combinar com os(as) cursistas que manteria: os grupos de WhatsApp; o acesso ao drive que tem vários documentos, como a lista de referências apresentadas nas aulas (kuju 7. parte 7), a maioria de autoria indígena e algumas indicações de escritores(as) não indígenas que dialogam com as lutas dos povos indígenas; e as referências que os(as) cursistas compartilharam em outro arquivo, que intitulei de “Multiplicar e semear” (kuju 8. parte 8). Além disso, continuaria enviando a programação de eventos, notícias, petições, dentre outras ações voltadas para o tema do curso, uma vez por semana, que chamei de “Encontros para movimentar o pensar” (kuju 9. parte 9), com o foco em ampliar a formação dos(as) participantes(as). Durante o curso e após, os(as) cursistas enviaram e enviam sugestões de eventos para a divulgação no grupo.

Como recursos didáticos da formação, utilizei notebook, projetor, celular, apresentação em Canva, vídeos, livros, músicas, catálogos de exposições, instrumentos musicais, cerâmica, cestaria, biojoias, brinquedos, jogos, dentre outros materiais. Durante o processo, fui apresentando algumas possibilidades de atividades práticas para desenvolver em sala de aula. Das quatro turmas, 49 participantes concluíram a formação presencial e gratuita. Algumas aulas foram registradas por mim e outras por uma amiga, a fotógrafa Luciana Oliveira.

Além dos encontros da formação, os(as) participantes foram em alguns eventos que contaram com a presença de escritores(as) e artistas indígenas, como: o show da Brisa Flow no Teatro Paiol; o “Festival Histórias da Floresta” que aconteceu na Caixa Cultural de Curitiba; o “II Festival da Palavra” realizado no Memorial de Curitiba; o Programa Público “Corpos - Indícios, Matrizes - Espécies” no Museu Paranaense; a “Mostra Claudete Pereira Jorge” no Teatro Novelas Curitiba; dentre outras atividades.

Durante este processo de formação, três monitores(as) voluntários(as), o Hoghog (cachorro-do-mato), a Mĩg (onça-pintada) e sem pseudônimo, estudantes da

instituição onde foi realizado o curso, me acompanharam neste percurso. Criei um grupo no WhatsApp chamado “Muvuca”, o nome foi inspirado em uma fala do Gustavo Caboco no Museu Oscar Niemeyer (MON), em maio de 2024. Parafraseando o artista, “Muvuca” para muitos povos indígenas é preparar o terreno, o solo, é semear, multiplicar. Quando ele explicou o termo, pensei que esse seria o nome para o nosso coletivo. Utilizamos o canal do WhatsApp inicialmente para nos organizarmos em relação à divisão de turmas, as dúvidas dos(as) cursistas e a indicação de referências. Em algumas aulas, os(as) monitores(as) contribuíram apresentando referências de filmes, artistas e livros.

O feedback dos(as) cursistas foi bastante positivo, durante o curso e após recebi várias mensagens por e-mail, WhatsApp e também teve postagens no Instagram, agradecendo os encontros, as indicações de referências, a partilha, a disponibilidade e as experiências. Selecionei duas mensagens para demonstrar esta troca de carinho e gratidão. A primeira mensagem recebi no início do curso e a outra ao final da formação.

Bom dia, Profe Flávia! Gostaria de agradecer pela oportunidade de participar da extensão! Está sendo ótimo acompanhar tantos conhecimentos! Você é maravilhosa e me trouxe luz para a caminhada acadêmica! Me senti acolhida, motivada e agora com um direcionamento para seguir! Só tenho a agradecer vc e a Deus por estar cercada de anjos ao meu redor! [REDACTED] (Fe pẽ - Rẽĩr: Amor - Luz do sol).

Prof eu vou tentar o mestrado da UFPR Litoral e da UEL, com a temática indígena, quero agradecer pela devolutiva e por tudo que vc vem cultivando na luta para a visibilidade do conhecimento ancestral dos povos originários, vou te informando sobre se deu certo, um grande abraço (Goj mág: Rio grande).

Como diz Aline Rochedo Pachamama (2020, p. 9), “as vivências são a própria essência da palavra, pois a palavra pode movimentar afeto, lucidez e utopias”. A partir dessa vivência, dessa formação, os(as) participantes fizeram algumas sugestões: ter uma continuidade do curso para poder se aprofundar sobre o assunto; criar uma especialização; ter disciplinas na graduação voltadas para as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas; publicar a tese no formato de

um livro; reunir o grupo para visitar uma aldeia; e ofertar o curso no formato EaD. A partir desse retorno, percebe-se a importância da formação inicial e continuada voltada para a Lei nº 11.645/08. No próximo capítulo, as materialidades produzidas durante o processo do curso de extensão foram desveladas com base na teoria da AD.

**4 ËG TỸ ËKRÉ RĚG KAR KỸ TI VÁR GÉNH HAN TŨ NĨN KỸ ËG TÓG, TỸ VĚYN
HAN MŨ SIR. DEPOIS DE TRILHAR NOSSA COLHEITA, SE NÃO JUNTARMOS
TUDO QUE CAIU, TEREMOS DESPERDÍCIO**



Estamos aqui,
apesar dos tempos sombrios.
Aqui estamos
pelo direito de ser
diferente e viver
porque somos iguais
nas diferenças

O tempo desaba!
Mas estamos aqui
do nosso jeito,
imagine há quanto tempo!
Há séculos sobrevivemos
em meio à intromissão
de outros valores

Aqui, estamos!
E apesar da incerteza,
o nosso povo avança
no preparo da chicha
da mandioca e o beiju
no embalo da cantoria
de cigarras e pássaros

Aqui, estamos!
Apesar das injúrias,
do nosso jeito lutamos
para manter o costume
de manejar as maracas
e reconhecer no cocar
a nossa resistência
(Graúna, 2023, 15 jul.)

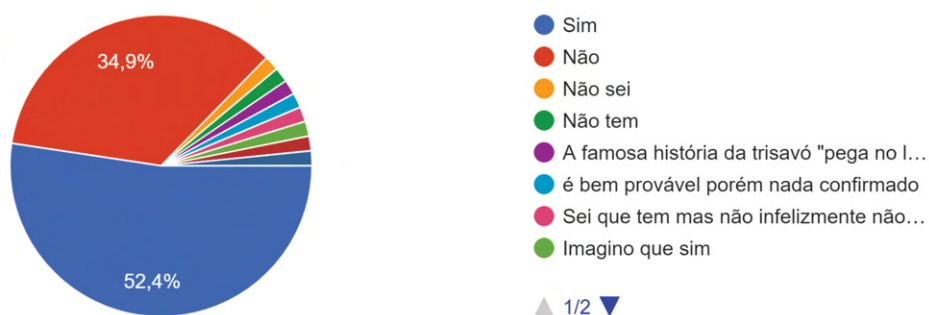
Para investigar uma das questões da pesquisa, que é compreender a formação dos(as) participantes do curso de extensão em relação às artes, às histórias e às culturas dos povos indígenas, desenvolvi um questionário que venho atualizando ao longo dos anos. A primeira vez que coloquei em prática foi na disciplina optativa Diversidade Cultural Brasileira, no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Unespar-FAP, no ano de 2019, no formato impresso. Já em 2020 e 2021 utilizei via Google Formulário.

Como abordado anteriormente, na primeira aula do curso de extensão pedi para que os(as) cursistas respondessem um formulário que tinha 20 perguntas, sendo 12 objetivas, 8 discursivas e um espaço para comentários. O questionário recebeu 63 respostas. Esse instrumento não tinha um campo para o(a) participante se identificar (nome, e-mail, dentre outras informações). Fiz essa opção para deixá-los(as) mais à vontade em relação às repostas. Por isso, nesta análise, não são citados os pseudônimos dos(as) cursistas.

GRÁFICO 4 – ASCENDÊNCIA INDÍGENA

1. Você sabe se a origem da sua família tem ascendência indígena?

63 respostas



FONTE: A autora (2024).

Essa questão tinha três opções de marcação, sim, não e outros - no qual o(a) participante poderia digitar a resposta. Analisando o gráfico, mais da metade dos(as) cursistas informou que tem ancestralidade indígena, sendo 33 respostas. Sete pessoas disseram que não sabem se têm ascendência indígena, na qual relatam o apagamento, o silenciamento das memórias familiares e a história de violência contra as mulheres indígenas. Um(a) participante utilizou o termo “trisavó pega no laço”. O escritor Daniel Munduruku tem um texto com o título “Minha vó foi pega a laço”, no qual ele convoca a pensar sobre essa história.

O Brasil foi “inventado” a partir das dores de suas mulheres e é importante não esquecermos esta história para podermos olhar de frente para nosso passado e aprendermos com ele. O Brasil precisa se reconciliar com sua história; aceitar que foi “construído” sobre um cemitério. Apenas dessa forma saberemos lidar com criatividade sobre a verdadeira história de como “minha avó foi pega a laço” (Munduruku, 2017, 02 nov.).

Muitas autoras indígenas vêm abordando em suas obras a violência contra as mulheres indígenas desde o período da colonização até os dias atuais, como o livro “Metade Cara, Metade Máscara” da escritora Eliane Potiguara, que tem um poema intitulado “Brasil”, apresento um pequeno trecho: “Brasil, o que faço com a minha cara de índia? / Não sou violência / Ou estupro / Eu sou história / Eu sou cunhã / Barriga brasileira / Ventre sagrado / Povo brasileiro / Ventre que gerou / O povo brasileiro” (Potiguara, 2018, p. 29-30); a obra “Guerreiras: mulheres indígenas na cidade, mulheres indígenas da aldeia”, da historiadora Aline Rochedo Pachamama (2018), conta com doze entrevistas de mulheres indígenas de diferentes povos; e o texto “A Mãe do Brasil é indígena”⁵⁰ da médica Myrian Krexu (Myrian Veloso), do povo Guarani Mbyá.

A mãe do Brasil é indígena, ainda que o país tenha mais orgulho de seu pai europeu que o trata como um filho bastardo. Sua raiz vem daqui, do povo ancestral que veste uma história, que escreve na pele sua cultura, suas preces e suas lutas. Nunca vou entender o nacionalismo estrangeiro que muitas pessoas tem. Nós somos um país rico, diverso e guerreiro, mas um país que mata o seu povo originário e aqueles que construíram uma nação, que ainda marginaliza povos que já foram escravizados e seguem tentando se recuperar dos danos. O indígena não é aquele que você conhece dos antigos livros de história, porque não foi ele quem escreveu o livro então nem sempre a sua versão é contada. Ele não está apenas na aldeia tentando sobreviver, ele está na cidade, na universidade, no mercado de trabalho, na arte, na televisão, porque o Brasil todo é terra indígena. Sabe aquela história de que “sua bisavó foi pega no laço?” Isso quer dizer que talvez seu bisavô tenha sido um sequestrador, então acho que você deveria ter mais orgulho do sangue indígena que corre em suas veias. A mãe do Brasil é indígena (Krexu, 2020, n.p).

Outro trabalho que trata desse tema é a instalação “Minha avó foi pega a laço”⁵¹, da artista Naine Terena, produzida em 2022. A obra é composta por laços de cetim, emaranhados de metal, uma boneca indígena em pedaços e o áudio de uma sessão na Câmara dos Deputados do Brasil, realizada em junho de 2021, onde se tenta votar o Projeto de Lei nº 490, que trata das novas regras para a demarcação das terras indígenas. Esse trabalho retrata a violência racial e de gênero sofrida pelas mulheres indígenas. É importante conhecermos essas produções e

⁵⁰ Uma versão do texto “A Mãe do Brasil é indígena” foi declamada pela cantora e compositora Maria Bethânia. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-6yJRt_GVZE. Acesso em: 20 fev. 2025.

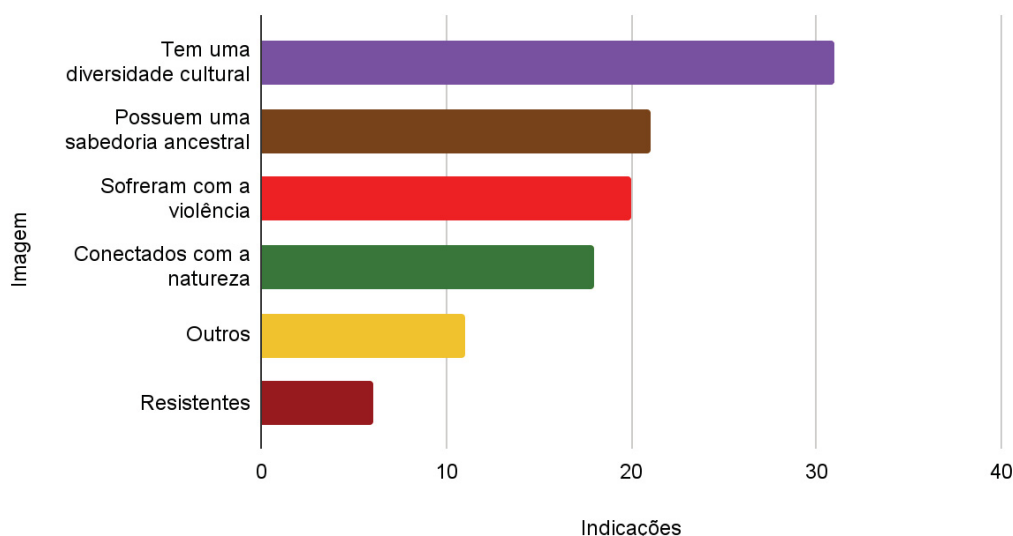
⁵¹ A artista Naine Terena também produziu um vídeo da instalação “Minha avó foi pega a laço”. Disponível em: <https://www.digitalexhibitions.manchester.ac.uk/s/carla-pt/page/naine-terena>. Acesso em: 20 fev. 2025.

pensarmos como podemos contribuir na luta contra o patriarcado, o machismo, o racismo, o colonialismo e o capitalismo.

Voltando ao questionário, a segunda, terceira e quarta pergunta eram discursivas, tinham como foco compreender o repertório dos(as) participantes em relação aos povos indígenas durante o seu processo de formação na Educação Básica e no Ensino Superior, além de entender a imagem que os(as) cursistas têm dos povos indígenas. Analisando as três respostas dos(as) cursistas em conjunto, temos um panorama do seu processo de formação no ensino formal, sobre a temática indígena. Os(as) participantes que responderam de forma mais sucinta ou genérica à questão 2, que trata da imagem ou das imagens dos povos indígenas, afirmaram que tiveram pouca ou nenhuma formação na escola e na universidade.

GRÁFICO 5 – IMAGEM DOS POVOS INDÍGENAS

2. Qual ou quais imagens você tem dos povos indígenas?



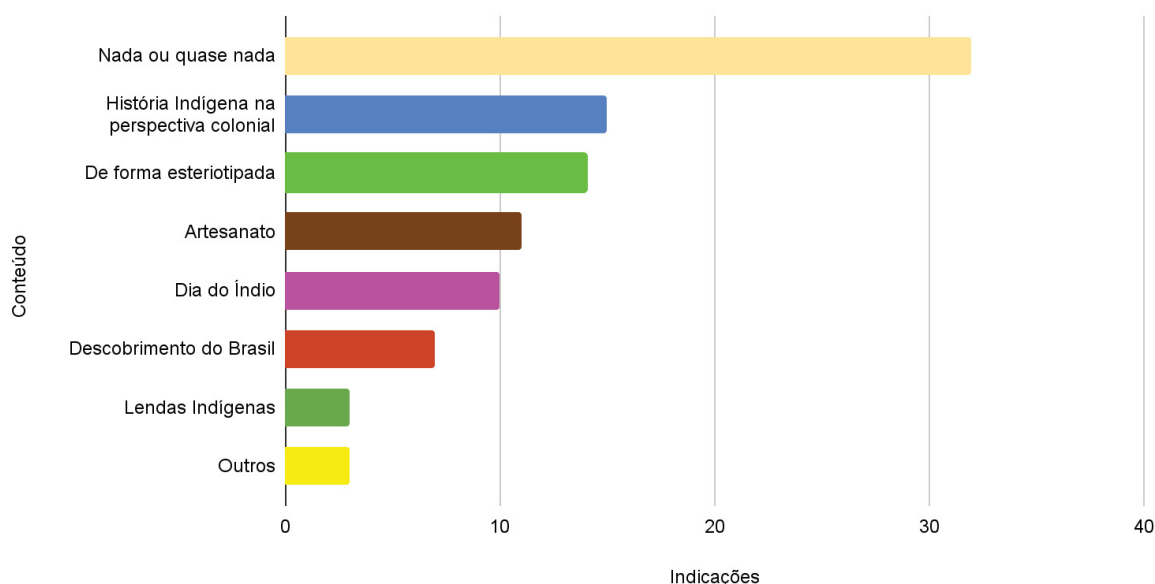
FONTE: A autora (2024).

Nesta pergunta e nas questões 3 e 4, as respostas foram sintetizadas em grupos. Vale destacar que muitos(as) cursistas apresentaram mais de uma resposta. A imagem que quase metade do grupo tem em relação aos povos indígenas é “têm uma diversidade cultural”, com 31 menções. Na sequência, temos três grupos que tiveram uma quantidade de indicações muito próxima: “possuem uma sabedoria ancestral”, “sofreram com a violência” e “conectados com a natureza”.

No tópico “outros” foram inseridas as explicações que não faziam conexão com nenhum grupo, que tratavam de diferentes temas, como a desconstrução de imagens - *Acredito que a imagem que sempre tive esta incorreta ou incompleta, agora tenho uma incógnita e muito interesse em aprender*; a relação de afeto e amor - *Sou casada com um indigena Kariri Xocó, e mãe de uma indigena de 2 anos. Então, além de toda força ancestral dessa Terra, ainda, hoje, representam o meu maior amor*; alguns cursistas não souberam informar ou resumir em poucas palavras a imagem que têm dos povos indígenas.

GRÁFICO 6 – FORMAÇÃO NA ESCOLA SOBRE A TEMÁTICA INDÍGENA

3. O que você aprendeu sobre as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas na escola?



FONTE: A autora (2024).

Na questão 3, pelos depoimentos dos(as) participantes, verifica-se uma ausência da abordagem da temática indígena na escola, pois 32 respostas indicam que não aprenderam nada ou quase nada sobre os povos indígenas. Quando apresentado, o assunto foi numa perspectiva colonial ou estereotipada. Os conteúdos com maior predominância são “Artesanato”, “Dia do Índio”⁵²,

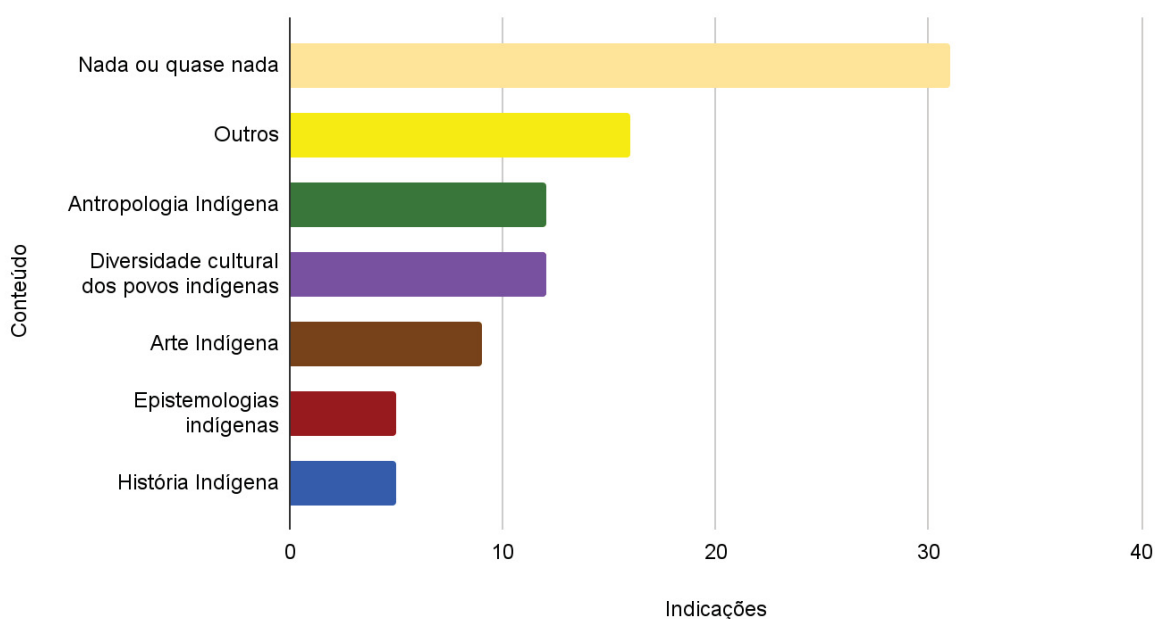
⁵² No dia 08 de julho de 2022, foi promulgada a Lei nº 14.402/22, que determina a mudança do nome de “Dia do Índio” para “Dia dos Povos Indígenas”, visando evidenciar a diversidade de povos indígenas que vivem no Brasil. O projeto de Lei foi elaborado pela deputada Joenia Wapichana. Disponível em:

“Descobrimento do Brasil” e “Lendas Indígenas”. No tópico “Outros” temos respostas como: *Aprendi que os saberes são passados de geração em geração que existe uma ligação com a natureza e um respeito aos recursos*; outro depoimento - *Três povos na Américas espanhola. Inka, Maias e Astecas*.

Os pesquisadores Edson Kayapó e Tamires Brito afirmam que: “A escola e seus currículos têm pactuado com a reprodução de lacunas históricas e a propagação de preconceito sobre os povos indígenas, estando alinhada a interesses de grupos hegemônicos de perspectiva colonizadora”. (Kayapó; Brito, 2014, p. 40). O que contribui para a invisibilidade, a reprodução dos estereótipos e a violência contra os povos indígenas na sociedade.

GRÁFICO 7 – FORMAÇÃO NA UNIVERSIDADE SOBRE A TEMÁTICA INDÍGENA

4. E na universidade, o que foi apresentado sobre o assunto?



FONTE: A autora (2024).

Investigando a quarta questão, que aborda qual foi a formação que os(as) cursistas tiveram na universidade em relação aos povos indígenas, verifica-se que 31 participantes não tiveram nenhum conteúdo voltado à temática indígena em sua graduação ou foi abordado o assunto de forma breve, muitas vezes nas disciplinas

optativas, ou em um curso de extensão, ou em evento, ou somente um(a) professor(a) apresentou a temática indígena em algumas aulas. Mesmo assim, um(a) cursista destacou que fez o seu trabalho de conclusão de curso voltado para o assunto, com o título: *Linguagem visual do artesanato do povo Karuguá de Piraquara-PR*. Outro(a) participante justifica não ter aprendido nada sobre os povos indígenas no Ensino Superior por estar na área de Ciências Sociais Aplicadas - *Eu faço administração, então não é abordado dentro dos meus estudos*.

Dentre as respostas, 6 cursistas destacaram que nas aulas não foram abordadas referências de teóricos(as) indígenas ou o assunto era apresentado na perspectiva do “branco”. Somente 16 participantes disseram que aprenderam de forma mais aprofundada a temática indígena, inclusive um(a) dos(as) cursistas informou que visitou uma aldeia. Os assuntos mais abordados na universidade foram: antropologia indígena, diversidade cultural dos povos indígenas, arte indígena, histórias dos povos indígenas e epistemologias indígenas. No grupo “Outros” foram reunidos os seguintes temas: ensino da temática indígena para ser abordada na escola, Literatura Indígena, legislação sobre a temática indígena, história indígena na perspectiva colonial.

Fazendo um comparativo dos diagramas da escola e da universidade, verifica-se que quase 50% dos(as) participantes não aprenderam nada ou quase nada sobre as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas, tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior. A diferença é que na universidade, quando foi abordada a temática indígena, contemplou-se um número maior de assuntos e muitas vezes aconteceu de forma mais aprofundada. A partir deste estudo, percebe-se que a Lei nº 11.645/08 ainda não foi implementada de forma efetiva. Como bem apresenta o pesquisador Gersem Baniwa (Gersem José dos Santos Luciano), “o estudo das histórias e culturas dos povos indígenas e afro-brasileiros nas instituições de ensino, principal foco da Lei, ainda é muito tímido, não sistemático e pouco institucionalizado”. (Baniwa, 2016, p. 13).

Pensando no meu processo de formação universitária (graduação, especialização e mestrado), não tive contato com as artes, as histórias e culturas dos povos indígenas. No doutorado em Educação, apenas a disciplina “Educação, movimentos sociais e teorias decoloniais”, que cursei em 2023, ministrada pela professora Carolina dos Anjos de Borba, contemplou a teoria de dois escritores(as)

indígenas, Ailton Krenak e Julieta Paredes, do povo Aymara da Bolívia. Nas outras matérias que cursei, não foi apresentada nenhuma referência artística, cultural ou intelectual indígena, tanto na referência básica ou complementar, mesmo as que eram voltadas para as relações étnico-raciais.

Para analisar como a Lei nº 11.645/08 vem sendo aplicada no espaço que estou ocupando, em agosto de 2022 fiz uma busca no portal do PPGE da UFPR, no menu Informações Acadêmicas - Disciplinas, com as palavras-chave: povos indígenas, educação indígena, decolonialidade, diversidade, interculturalidade e relações étnico-raciais, na pesquisa não apareceu nenhuma matéria que tivesse no título ou na ementa, as palavras indígena ou povos indígenas, sendo que constava uma lista de 115 disciplinas.

Em relação às referências bibliográficas, apenas uma disciplina, com o título “Educação, movimentos sociais e teorias decoloniais” indicou uma pesquisadora indígena, a Silvia Rivera Cusicanqui e sua obra “Ch’ixinakax utxiwa: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores” (2020). Neste estudo, não foi possível verificar as referências de algumas matérias, pois aparecia a seguinte mensagem: “As referências serão definidas de acordo com a temática a ser abordada neste tópico especial”. Fazendo alianças com o teórico Tomaz Tadeu (1997), é necessário criar estratégias para descolonizar o currículo. Este estudo é uma pista para mostrar o apagamento dos povos indígenas na instituição. Como afirma Gersem Baniwa (Gersem José dos Santos Luciano):

Os cursos de formação de professores fazem parte de uma das estruturas mais conservadoras do Estado e da sociedade moderna, que é a universidade. Afinal de contas, a escola e a universidade são os principais instrumentos de reprodução da sociedade dominante, como já afirmei, colonialistas, monoculturalistas, homogeneizadoras e eurocêntricas. Os currículos desses cursos seguem um propósito que é formar o professor em multiplicador dos conhecimentos e da visão do colonizador (Baniwa, 2016, p. 21).

O rap indígena Owerá do povo Guarani, na sua música “Xondaro Ka’aguy Reguá” (Guerreiro da Floresta em português - 2021), declama: “Desprezaram a nossa ciência e tecnologia, conhecimento milenar da floresta. E agora vemos na TV alertas de aquecimento da terra. Extinções em massa e continuam destruindo nossos rios e nossas matas”. Dialogando com a crítica do cantor, apresento uma

poesia que criei em 2024.⁵³ Ontem, olhei o céu e estava cinzento. Cinza das cinzas da floresta queimada. O céu está caindo e isso não é uma metáfora. Os xamãs, os sábios indígenas estão dizendo, gritando... Mas, a gente para... para escutar? Para... para ver? Para... para contar outras histórias?

Como seria potente se estudássemos e fizéssemos pesquisa olhando por diferentes perspectivas um tema. A universidade continua com uma abordagem hegemônica, mesmo tendo legislações que apontam a obrigatoriedade do ensino das histórias e das culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras. Concordando com as pesquisadoras Alva Rosa Tukano (Alva Rosa Lana Vieira), Helenice Aparecida Ricardo, Luciane Rocha Paes e Rita Floramar Fernandes dos Santos, que falam sobre o ensino nas instituições do Ensino Superior, “a linguagem e o discurso nestes espaços ainda são eurocêntricos e assimétricos, em certa medida silenciam a voz da interlocução dos saberes, dos conhecimentos e da ciência ancestral produzida pelos povos indígenas”. (Paes *et al.*, 2022, p. 104) Já o escritor Ailton Krenak destaca a responsabilidade e a importância das universidades brasileiras na abertura para outros modos de pensar:

O século XXI exige respostas da Universidade que estejam à altura dos desafios de nosso tempo, e isto obriga as instituições de ensino superior a uma constante atualização de suas “mentalidades”. Essa pode ser a janela para que aconteçam diálogos entre diferentes tradições, com abertura para interculturalidade, nos quais os chamados *povos da floresta* estão também instigados a refletir sobre o nosso tempo e seus desafios, que deixaram de ser locais e regionais e se tornaram um alerta global, não apenas do ponto de vista da emergência ecológica planetária, mas também pelas novas necessidades que uma população crescente a cada dia vem demandando para quem tem a responsabilidade de pensar sobre o nosso futuro comum (Krenak, 2020, p. 23).

Como na pós-graduação, não tive uma formação teórica e prática conectada com os povos indígenas, fui buscar em outros espaços. Assim como a resposta do(a) cursista: *Na Universidade aprendi que se eu quiser saber sobre, vou ter que pesquisar*. Então, comecei a fazer cursos; assistir lives; participar de grupos de leitura e de estudos, a maioria mediada por professores(as), artistas e lideranças indígenas; visitar aldeias, museus com exposições de arte indígena contemporânea;

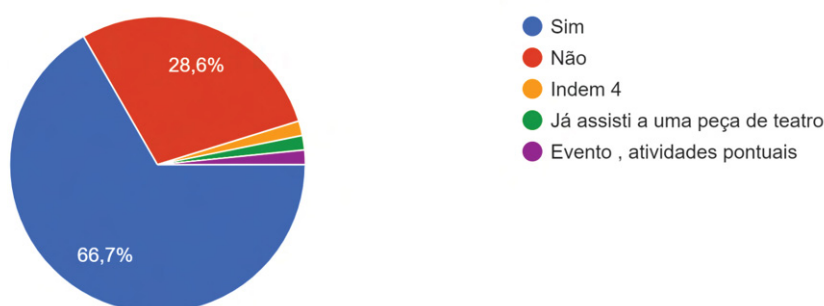
⁵³ Esta poesia foi desenvolvida na oficina “Corpografias e Educação Estética”, ministrada pela professora Isleide Steil e pelo professor Jean Carlos Gonçalves, no VII Seminário Linguagem, Corpo e Estética na Educação (LiCorEs) do PPGE da UFPR, realizado em 2024. Neste dia, estava impactada e triste, pois nunca tinha visto o céu daquela maneira. Conectada com as falas dos pensadores Ailton Krenak e Davi Kopenawa Yanomami, criei este pequeno texto.

participar de vivências e de eventos com essa temática; ir em shows, peças de teatro, lançamento de livros e filmes de artistas, autores(as) e cineastas indígenas; comparecer em manifestações contra o Marco Temporal e em defesa da Amazônia. Além de montar o meu acervo pessoal de livros de escritores(as) indígenas e uma coleção de instrumentos musicais de diversos povos. Uma imersão nas artes, histórias, culturas e filosofias dos povos indígenas.

GRÁFICO 8 – FORMAÇÃO RELACIONADA AOS POVOS INDÍGENAS

5. Você já participou de alguma formação (evento, curso, palestra, dentre outros) relacionada aos povos indígenas?

63 respostas



FONTE: A autora (2024).

Nesta questão, as opções eram: sim, não e outros, em que o(a) participante poderia digitar a resposta. O diagrama apresenta que boa parte dos(as) participantes, um total de 44, já fez algum tipo de formação relacionada aos povos indígenas. Estudando o gráfico, verifiquei que poderia ter colocado opções de respostas para saber o tipo da formação que os(as) cursistas realizaram, algo a ser repensado para uma próxima oferta.

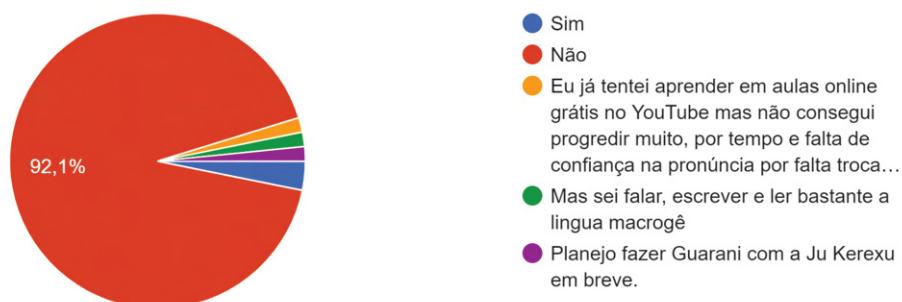
Desde 2019, venho ministrando cursos, oficinas, palestras relacionadas às artes, histórias e culturas dos povos indígenas em diferentes instituições como: a Prefeitura Municipal de Curitiba, o Centro Estadual de Capacitação em Artes Guido Viaro, a UFPR, a Unespar, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o Instituto Federal do Paraná (IFPR), dentre outros espaços. Algo que tenho identificado nesses anos de caminhada é que boa parte do público não teve uma formação sobre a temática indígena e a maioria deles(as) não conhecia boa parte das referências que apresentei nos eventos. O aspecto positivo desta análise informal é que gradualmente os(as) participantes dos cursos vêm ampliando o seu

repertório, participando de diferentes atividades, como comentado pelo(a) cursista no questionário: *Já assisti uma peça de teatro.*

GRÁFICO 9 – LÍNGUAS INDÍGENAS

6. Fez algum curso de línguas indígenas?

63 respostas



FONTE: A autora (2024).

Analisando o gráfico, a maioria dos(as) participantes nunca fez um curso de línguas indígenas ou conhece um dos idiomas. Apenas a participante que é Kaingang sabe falar a língua do seu povo. Duas pessoas apresentaram o interesse em aprender um idioma indígena. Infelizmente, existem poucos cursos de línguas indígenas e a maioria das ofertas é referente ao Nheengatu, proveniente do conjunto linguístico Tupi. Alguns professores(as) indígenas têm oferecido aulas do idioma do seu povo no formato on-line, como o exemplo citado pelo(a) participante: a Juliana Kerexu, que é cacique da aldeia Tekoa Takuaty, do povo Mbyá-Guarani, localizada na Ilha da Cotinga, em Paranaguá, no Paraná.

Tentando entender como a UFPR vem tratando esta questão, no mês de agosto de 2022 fiz um levantamento no setor voltado para os idiomas, o Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin), que foi criado em 1995 e oferece cursos de extensão para a comunidade interna e externa. Segundo o site do Celin, já foram desenvolvidos 40 cursos e projetos, dentre eles apenas um curso de língua indígena. Então, encaminhei um e-mail para a instituição para saber mais informações sobre esse assunto. A resposta que obtive foi: "Já oferecemos o

Guarani, mas faz muito tempo”.⁵⁴ Ao solicitar outros dados sobre a formação, falaram que não poderiam me ajudar, pois antigamente as inscrições eram manuais.

Trago este exemplo para mostrar como é difícil o acesso às línguas indígenas, mesmo em uma universidade de grande porte, que tem um departamento específico para esse tema. Este é um dos fatores que contribui para que muitas línguas indígenas deixem de existir, sendo que 190 línguas estão ameaçadas de extinção, de acordo com a reportagem da BBC News Brasil de 2018, que teve como base os estudos da Unicamp e Unesco. O filósofo Ailton Krenak tem um artigo com o título “Que línguas falam as Universidades Brasileiras?”, o qual dialoga com essas questões.

A Unesco vem alertando para a enorme perda para a humanidade que representaria o desaparecimento das centenas de línguas nativas ainda existentes no nosso país, e, mesmo assim, quantos programas voltados para salvaguardar línguas nativas são feitos pelas universidades brasileiras?! Os poucos falantes de uma centena de “línguas nativas” que estão na lista de línguas ameaçadas de extinção deveriam ser objeto de outras centenas de pesquisas e estudos, [...] desde que ainda estivéssemos comprometidos também com a sobrevivência das pessoas falantes destes idiomas, assim como interessados em seus *conhecimentos* ou *saberes* (Krenak, 2020, p. 24).

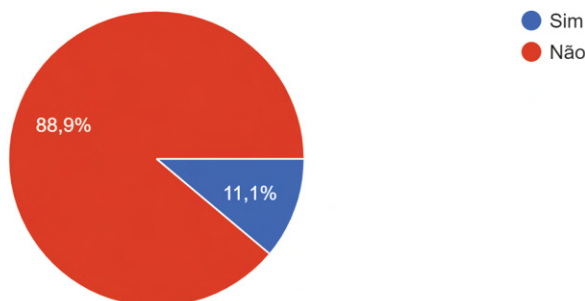
Em 2020, o designer Luis Sardá criou uma instalação intitulada “Bosque das Línguas Indígenas no Brasil”, no Memorial dos Povos Indígenas, localizado em Brasília, para mostrar a diversidade de línguas indígenas faladas no Brasil e a preocupação da extinção desses idiomas e culturas. Quando uma língua é extinta, muitos saberes se perdem, deixando um lugar vazio sem sonoridade artística, social, cultural e científica. Diante deste cenário, o que o Estado, a universidade e a escola têm feito para reverter essa situação? Pois diversas línguas estrangeiras são ensinadas nas instituições. Mas, nesses espaços de formação, as línguas dos povos indígenas são silenciadas.

⁵⁴ Celin. Línguas indígenas [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: celin@funpar.ufpr.br. 19 e 29 ago. 2022.

GRÁFICO 10 – FORMAÇÃO COM UM(A) PROFESSOR(A) INDÍGENA

7. Você já teve aula com um(a) professor(a) indígena?

63 respostas



FONTE: A autora (2024).

Conforme o esquema, poucos participantes tiveram a oportunidade de ter um(a) professor(a) indígena ao longo da sua formação. No meu caso, somente em 2019 tive aula com um docente indígena, no ensino não formal. Pensando no programa de pós-graduação e na universidade em que realizo o doutorado, fiz uma pesquisa no portal do PPGE da UFPR, em agosto de 2022, para compreender a composição do quadro docente e do corpo discente.

O programa era composto por 94 professores(as) permanentes e 5 docentes colaboradores(as). Com 215 estudantes matriculados no mestrado e 346 discentes no doutorado. Mas, o PPGE nunca teve um(a) professor(a) ou estudante indígena, segundo informou o professor Paulo Vinícius Baptista da Silva, que atua no programa na Linha de Pesquisa Diversidade, diferença e desigualdade social em Educação; no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB); e desenvolve um trabalho voltado para as relações étnico-raciais e ações afirmativas na instituição. Também enviei um e-mail para a secretaria do PPGE⁵⁵, para verificar se o programa já teve um(a) professor(a) ou estudante indígena. A resposta foi que “Não temos registro em nossos arquivos”.

De acordo com o levantamento de dados no site da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEPE) em outubro de 2024, no Relatório “Total de Docentes e Técnico-Administrativos Ativos do Quadro de Pessoal da UFPR por Etnia”, referente ao mês de setembro de 2024, consta que a instituição tem 5.948 servidores(as), mas somente 1 técnico(a) e 4 docentes são indígenas, totalizando 5 servidores(as).

⁵⁵ PPGE. Disciplinas, estudantes e professores indígenas [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: ppge.academico@ufpr.br. 12 set. 2022.

O documento também apresenta que 2 técnicos(as) não informaram a sua etnia e 635 servidores(as) se autodeclararam pardos. Dentre estas pessoas podem ter alguns indígenas, que não se declaram por diferentes motivos.

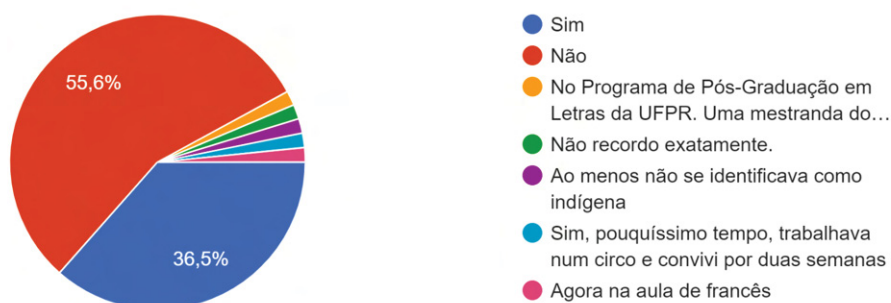
Essa falta da presença de professores(as) e servidores(as) indígenas no Ensino Superior, não é algo específico da UFPR, uma pesquisa desenvolvida por Josadaque Martins Silva, Thiago Beirigo Lopes e Cristiane da Silva Ferreira, no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) em 2021, a qual contou com a participação de 126 docentes da instituição que responderam um questionário. Uma das perguntas era sobre cor/raça, o resultado foi que nenhum professor(a) se declarou indígena. É intrigante pensar nesse resultado, pois o Mato Grosso é um estado que tem uma grande diversidade de povos indígenas.

Em outro estudo elaborado pelo jornal da Folha de São Paulo em 2019, apresentou-se que a USP tinha somente um professor indígena, sendo que a instituição contava com mais de 5.000 educadores(as). Fica a pergunta. Quais são os desafios para que as ações afirmativas contemplem um número maior de indígenas? O pesquisador Gersem Baniwa apresenta algumas pistas para esta questão. “Para que a Lei venha atender aos direitos indígenas em suas demandas e realidades, é necessário que sua aplicação esteja pautada sobre os direitos coletivos, os processos específicos e diferenciados de ingresso”. (2019, p. 178).

GRÁFICO 11 – TEVE UM(A) COLEGA INDÍGENA EM DIFERENTES ESPAÇOS

8. Teve algum colega indígena na escola, na universidade ou no trabalho?

63 respostas



FONTE: A autora (2024).

O diagrama apresenta que mais da metade dos(as) cursistas não teve contato com algum(a) colega indígena nos seus estudos e no trabalho. Dentre as

respostas afirmativas, três mostram que aos poucos os povos indígenas vêm ocupando diferentes espaços, como o circo, o curso de língua estrangeira e a pós-graduação. Isso só é possível devido à luta do Movimento Indígena Brasileiro, reivindicando os seus direitos, que são constantemente ameaçados. Dialogando com Jimy Cavalcanti (2022, p. 89), “por muito tempo os espaços educativos foram abertos apenas a um grupo seleto. [...] Os ventos mudam. Movimentos. E as portas são arreganhadas”. Os Movimentos (indígena, negro, quilombola, dentre outros) conseguiram, com a promulgação da Lei nº 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas para o Ensino Superior, a possibilidade de adentrar a universidade. Mas, como bem observou o professor Gersem Baniwa (2019, p. 168).

A política de cotas, assim como todas as políticas de ações afirmativas, não pode ser considerada como um fim em si mesmo nem como uma solução única para todos os problemas de desigualdade e exclusão educacional no país. É um ponto de partida para se pensar o enfrentamento mais pragmático das desigualdades associadas à exclusão e às discriminações racial, sociocultural, econômica e étnica. Neste sentido, o alcance da Lei depende de ações e estratégias a serem adotadas pelo Ministério da Educação e pelas Instituições Federais de Ensino.

Fazendo alianças com Gersem Baniwa, a UFPR precisa pensar sobre suas ações e estratégias na graduação, que conta com a presença de estudantes indígenas somente em alguns cursos, por meio de um vestibular específico⁵⁶, que tem apenas dez vagas. Muitas vezes os(as) calouros(as) indígenas não podem escolher o curso que vão fazer, pois cada graduação tem uma cota de vagas, se ela for preenchida, o(a) candidato(a) aprovado precisa escolher outra. Por exemplo: Pedagogia tem apenas uma vaga disponível. Se dois estudantes foram aprovados no vestibular e quiserem fazer esse curso, somente um(a) poderá fazer a matrícula⁵⁷.

⁵⁶ O texto informativo “O primeiro vestibular Indígena na UFPR”, que foi realizado em 2005, da autora Ciméa Barbato Belivaqua, apresenta que desde a primeira oferta do vestibular a relação de candidato(a) por vaga era alta. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/1627/1369>. Acesso em: 21 ago. 2022.

⁵⁷ A questão do vestibular indígena ter poucas vagas, em especial, nos cursos de licenciatura, foi apresentada pelos(as) estudantes indígenas da UFPR no debate da Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (SEPE), em 2022. Disponível em: <https://educacao.ufpr.br/sepe/anais/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

Em 2022, o vestibular da UFPR ofertou 5.291 vagas em 124 cursos, mas desde 2009, o número de vagas destinadas para o processo seletivo diferenciado permanece o mesmo: dez vagas para os(as) indígenas. Segundo o Portal de Transparência da UFPR, em 2021, a instituição tinha 29.406 estudantes na graduação e 10.690 discentes na pós-graduação matriculados(as). Sendo o Brasil uma terra originariamente indígena, a universidade deveria se mostrar um espaço mais aberto a dialogar, favorecendo a percepção de um território indígena.⁵⁸ Fica a questão: quando os corpos dos povos indígenas terão a oportunidade de ocupar esse espaço de forma mais efetiva?

Corpos que carregam um conhecimento milenar, com cosmovisões diferentes da nossa. Corpos que foram escravizados, violentados, contaminados, silenciados... Corpos que lutam há mais de 524 anos, que resistem, choram e sangram. Corpos que abraçam e cuidam da mãe terra. Esses corpos habitam há milhares e milhares de anos esta terra chamada Brasil. E mesmo com toda essa trajetória, por que esses corpos são tão invisibilizados? Por que esses corpos quase não aparecem na mídia, nos livros, nas universidades, nas escolas? Por que continuamos alimentando o sistema e contando uma “história única” (Adichie, 2019)?⁵⁹

QUADRO 1 – COMO OS POVOS INDÍGENAS SÃO APRESENTADOS NOS DIFERENTES MEIOS DE COMUNICAÇÃO

9. Na sua perspectiva, como os povos indígenas são apresentados nos livros didáticos das diferentes áreas de conhecimento (Arte, História, Língua Portuguesa, dentre outras)?	10. E nos meios de comunicação de massa (televisão, jornal, internet, dentre outros)?
Como um povo que necessita de tutela. Na literatura e cinema minha visão é que eles são constantemente apresentados como alguém que precisa ser salvo, e quem os salva é o homem branco.	No jornal sempre com a questão dos aspectos políticos e demarcação de terras. Confronto com garimpeiros e etc

⁵⁸ Para saber mais sobre as lutas, os desafios e a ocupação dos povos indígenas neste território chamado universidade. Leia o caderno “Universidade: território indígena”, organizado pelo Edson Kayapó e Kassiane Schwinge, publicado pelo Conselho de Missão entre Povos Indígenas (COMIN). Disponível em:

<https://comin.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Comin- universidade-territorio-Indigena-CAPA-web-pag-a-pag.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2022.

⁵⁹ Uma versão desta poesia, com o título “Painel de denúncia - O Grito”, foi apresentada na exposição “Mulheres na poesia brasileira: trajetórias e desarmamentos”, realizada na Biblioteca de Ciências Humanas da UFPR, em 2023.

Não sei como está nos livros atuais, pois não utilizo na minha área. Mas na época que eu estudava na escola tinha uma representação muito estereotipada, não levando em conta a cultura dos povos e ignorando completamente sua identidade.	Atualmente tenho visto um cuidado maior em relação a esses assuntos, acredito que depois das leis. Mas ainda encontramos muitos preconceitos em falas de pessoas influentes na mídia e em comentários em postagens.
Ainda há muito uma visão estereotipada e colonial dos diferentes povos, sem apresentar as suas cosmovisões, e quando há também, pois há muitos apagamentos.	Dentre os meios de comunicação acredito que a internet é um meio em que há maior visibilidade para as identidades indígenas, em que essas pessoas conseguem contar a sua própria história.
Acredito que esteja tendo uma mudança gradual na elaboração de alguns materiais didáticos, que se não aprofundam os conhecimentos sobre as populações indígenas, ao menos tentam não reproduzir a visão colonialista. Mas ainda são poucas iniciativas nesse sentido.	Acho que é bastante semelhante ao que acontece em relação aos materiais didáticos, existem alguns indígenas que tem conseguido um alcance maior e consequentemente traduzo diversas questões importantes. Porém o acesso muitas vezes fica restrito a alguns grupos de pessoas.
Como parte do passado. Quando são colocados como parte do presente, não é mostrado como existem muitos povos e como eles têm sido atacados constantemente.	Tem sido mostrado algumas das violências vividas pelos Yanomami, por exemplo. Mas muito pouco e praticamente nada sobre a sua cultura, suas raízes, etc.
Alguns materiais já trazem uma perspectiva mais crítica relacionada à invenção da América.	Indígenas como Daniel Munduruku e Ailton Krenak têm tido espaço de fala.
Um povo com uma cultura e conhecimento de remédios, mas fechados nas suas tribos.	"Civilizados"...
Os indígenas são mostrados como pelados e moram no mato.	São mostrados com roupa e civilizados.
Atualmente, existem pequenos avanços, mas depende muito das profissionais.	Com pequenos avanços, generalizando a resposta
Como povos passados e generalizados. Como se fossem um só e que a história ficasse antes de chegarmos ao contemporâneo.	Hoje se vê muita movimentação da luta dos povos, em documentários, etc. Eu sigo inúmeros influenciadores indígenas, então minhas mídias costumam ser diversificadas, em algum momento segui muitas pessoas de vários povos distintos. O algoritmo ajuda, recebo bastante conteúdo desse assunto.
A questão do "Descobrimento" que já começa errado.	Que são pessoas extintas e que não contribuem para o futuro da sociedade.
No final do livro ou só em 1 série só pra dizer que tem assim como com o povo preto	Mais difundido mas ainda é pouco os espaços
Até determinada época, através de estereótipos. Ultimamente talvez tenha havido alguma pequena mudança. Seria necessário pesquisar a respeito, para se ter uma ideia mais precisa.	Alguns canais de televisão, como a TV Cultura há uma melhor viabilidade.
com sub raça.	sempre estereótipo.
Para mim são apresentados de forma superficial e monetizada	Raramente tenho acesso a esse tipo de informação nestes meios
Participação deles no descobrimento	Documentário

Quase não são apresentados e quando são aparecem de forma generalista.	São colocados de forma caricata e nem sempre representados por indígenas reais.
Irreal e de modo a ser descaracterizados, para não serem reconhecidos	Da mesma forma
Como um ser inocente, leigo. Tábula rasa. Apaixonado por Ceci.	Sempre em conflitos territoriais, assassinados. Filme: Brincando nos Campos do Senhor do Ector Babenko
No geral, acho que ainda é muito presente o estereótipo do "bom selvagem". Confesso que tenho dificuldade em fugir disso, inclusive para construir o meu entendimento. Não consegui ainda encontrar um lugar entre esse mas que também não seja de julgamento, como as descrições coloniais de povos "sem alma" e esse tipo de coisas.	Confesso que nesses meios não vejo nada a respeito dos povos indígenas.
Não recordo de vê-los nos livros de língua portuguesa nos últimos anos.	Tenho notado bons programas na rede globo. Vi um documentário na Globo Play esses dias.
Acredito que com a passagem do tempo foram se atualizando mas ainda sim são poucos os conteúdos e são superficiais	Vejo que existe uma tendência de aumento!, mas ainda sim são poucos os presentes em destaque
Pela versão do colonizador	Como preguiçosos, vagabundos e que só querem terra e não querem trabalhar
São muito mal apresentados, de forma muito estereotipada.	Também de forma estereotipada
No ensino tradicional só tive acesso a visões estereotipadas	Atualmente vejo mais representatividade nas artes culturais e políticas
Uma figura do folclore brasileiro	Patrimônio público
Minimamente	Normalmente em massacres....
Ainda muito estereotipados e homogêneos, perspectivas coloniais	Tem se tornado menos pior, mas ainda quem manda é o capital, e o capital no Brasil é agro
São apresentados como personagens secundários, sem aprofundamento em sua história.	São representados, geralmente, de uma maneira escassa.
São abordados como objetos de estudo, seres exóticos de "fácil dominação" sobre uma lente colonizadora.	São tidos como povos exigentes e que procuram demarcação de terras e auxílio estatal para não trabalharem e preocuparem-se com a vida.
Ainda há uma construção estereotipada	Idem
De maneira estereotipada e preconceituosa	Ainda muito estereotipada
De maneira etnocêntrica, indistinta e morta, retratando somente o passado indígena como uma homogeneidade cultural, não manifestações regionais variadas, que não têm pertinência na cultura brasileira e internacional atuais. Pouco reconhecimento de idiomas indígenas, historiografia e historiologia indígenas, tecnologias indígenas, em especial no manejo de diferentes ambientes brasileiros, e nas culturas artísticas e do design brasileiro. Quando reconhecidos, de maneira exotizada.	A imagem do nobre selvagem com notado partidismo e esquecimento de lutas indígenas e de produções políticas, acadêmicas e artísticas indígenas.

são apresentados como “passado”, antigos moradores das Américas, bárbaros que foram civilizados pelos europeus...	minorias muito distantes da nossa realidade
Normalmente os povos indígenas são representados como os povos que deram origem a grande parte do que temos acesso, porém, nos livros didáticos eles são colocados como objeto de estudo e nunca como intelectuais, nunca como os desenvolvedores de pesquisa e conteúdo. Além das representações racistas principalmente no que diz respeito ao período colonial.	Nos meios de comunicação, normalmente os indígenas são representados apenas como os povos que lutam por terra, raramente ou nunca lembram dos indígenas como povos que desenvolvem pesquisa, arte e afetos.
De forma superficial e estereotipada	Como indefesos e explorados
Em artes achei material interessante sobre grafismo indígena. (pintura corporal)	Eu nem sei dizer, porque estas abordagens midiáticas, na maioria são tendenciosas.
A bibliografia que existe ainda não contempla a complexidade dos povos originários, frequentemente reproduzem estereótipos, violências simbólicas, repassam narrativas falsas como o "descobrimento", lembram dos povos indígenas somente em abril, etc. Não há muito material atualizado que considere indígenas como produtores de conhecimento nas diversas áreas na contemporaneidade.	Há canais produzidos por povos indígenas que contribuem muito na disseminação de informações e conhecimento, eventos, cursos, etc... Ao passo que, ainda ocorre a reprodução de violências em meios de comunicação que não há presença indígena ou interesse em saber mais sobre a questão. Com frequência são lembrados apenas em abril.
Simplesmente um povo dominado e escravizado, sem grandes focos nas produções próprias desses povos, ou na importância dos mesmos, uma visão em geral majoritariamente eurocêntrica.	basicamente invisíveis.
Na arte, é apenas citado o artesanato, a arte manual sem aprofundar na cultura ou o porquê por trás. Na história, caso sejam citados, é visto por uma visão europeia, logo após a invasão no Brasil.	Os povos indígenas só aparecem, se aparecem, quando é para falar da guerra de posse entre terras, o que é originalmente indígenas e foi roubado.
Estereótipos, de povos extintos, cultura e modo de vida primitivo	Vejo um movimento recente de ocupação desses espaços pelos indígenas
Acho que existem esforços como A Turma do Pererê, O Guarani, Ubirajara, Tainá. Minha versão em quadrinhos de um resumo de Ubirajara foi mimeografada pela escola e distribuída pelos alunos. No meu caso em específico teve um olhar carinhoso. Os Colombianos, Pagamentos e outros povos latinos tem a inserção da cultura indígena mais cotidiana que a nossa, tanto em música, cinema.	Hoje em dia acredito que o acesso tem sido mais povoado.
de maneira simplório, nem ocupando 2 páginas da apostila	Como "isolados"
São apresentados como seres exóticos, fora da cultura dita civilizada.	São apresentados como exóticos, violentos e que requerem pautas sem sentido, sem conhecimento, estranhos, à margem, que no fundo deveriam buscar se inserir na cultura do homem branco e agradecer por ter essa oportunidade.

A imagem dos povos indígenas, quando descrita por pessoas não indígenas e sem vivência na cultura, costuma ser a tradicional contada na visão eurocêntrica. Recentemente realizei um relatório sobre livros didáticos do ensino médio, e um deles era Terras Brasileiras, com conteúdo interdisciplinar que descrevia de forma muito vaga e estereotipada, sem qualquer tipo de detalhe cultural ou aprofundamento sobre seus costumes.	Nos meios de comunicação em massa muitas vezes pouco mostra de fato sobre o mundo indígena, e se mostra (como documentários, notícias ou artigos) são pouco explorados e muito menos divulgados
Infelizmente da pior maneira. Por isso meu movimento de apoio	Hoje em dia o capitalismo está se aproveitando da imagem dos povos indígenas para vender. Mas agora os povos estão aí, visíveis e mais vivos do que nunca!!!
Tenho pouco contato com os materiais. Apesar de conhecer projetos que trabalham com materiais bilíngues e plurais, majoritariamente vejo ausências e generalizações nas representações dos povos indígenas nesses conteúdos.	Ao meu ver e pensando na localização regional na qual me insiro (Sul do Brasil), seguem uma perspectiva de invisibilização que acionam estereótipos, embora na Internet existam muitos indígenas produtores de conteúdo e comunicadores que resistem contra essas formas de representação.
Como exóticos	Ora como exóticos e ora como donos de sabedoria ímpar, mas em relação a natureza apenas
Muito estereotipado, sempre na comparação com a cultura europeia, sempre muito razo	Aos poucos têm ganhado mais visibilidade, filmes, ministério
Nos livros de educação básica são geralmente referidos como população subdesenvolvida.	População pouco desenvolvida ou marginalizada.
Como povos que não convivem mais conosco, que estão no passado.	Penso que ultimamente eles aparecem de uma maneira um pouco mais complexa, com nomes dos povos a que pertencem.
Nada da realidade	Não são apresentados
Uma civilização atrasada e ignorante.	Aparecem somente nos conflitos e nas lutas pela propriedade de suas terras.
Ainda como povos primitivos e como coadjuvantes na história do Brasil.	Agora tem sido mais frequente aparecer pessoas indígenas nos meios de comunicação com suas vozes sendo ouvidas.
De modo raso e estereotipado, como se fossem povos atrasados.	Também de modo raso e estereotipado, sempre com uma visão negativa.
Pejorativamente, como coadjuvantes da formação da sociedade brasileira.	De forma pejorativa, constantemente externalizados da sociedade como impedidores do progresso.
A cultura indígena é bem superficial apresentada em livros didáticos	Nos meios de comunicação é uma cultura mais aberta ao público
Quando tinha contato com livros didáticos, tanto na história como na literatura, somente encontrava a perspectiva colonial do Brasil.	Sempre com uma imagem estereotipada, porém recentemente observei a inserção em novelas de artistas indígenas e na Internet um crescente ativismo tanto como entretenimento como informação de pessoas indígenas.

Recentemente dá pra perceber uma ponta de avanço de modo a acolher e organizar as diversidades a serem aprendidas. Mas isso nos materiais específicos. Em geral, quando citada, as culturas indígenas são homogeneizadas.	Ainda de modo generalizado e alegórico, mesmo com o avanço da reflexão sobre colonialidades.
Pouca realidade	Na maioria são invisíveis
Não	Internet pois depende da busca da pessoa
Como personagens fora do nosso contexto, realidade.	Algo distante.
Atualmente são mais representados, com paralelos dos aspectos de seu cotidiano com os de outras culturas.	Ainda persiste os estereótipos.

FONTE: A autora (2024).

Observando o quadro 1, temos duas questões que tratam dos meios de comunicação, um com uma circulação mais restrita às escolas - os livros didáticos; e outro com uma divulgação em larga escala, os meios de massa (TV, jornal, internet, dentre outros). Os manuais escolares desenvolvidos por pesquisadores(as), professores(as), ilustradores, dentre outros profissionais, pela maioria das respostas dos(as) participantes, são os meios que mais apresentam estereótipos dos povos indígenas, mostrando de forma homogeneizada e na perspectiva do passado. Alguns cursistas comentaram que aos poucos os livros vêm sendo atualizados e trazendo mais assuntos em relação aos povos indígenas. Esta questão lembra a afirmação dos(as) pesquisadores(as) Giovani José da Silva e Anna Maria da Costa em relação à produção acadêmica e extra-acadêmica voltada para a Lei nº 11.645/08.

Muito deverá ser elaborado didaticamente para que a temática chegue às salas de aula livre das amarras dos estereótipos e dos preconceitos alimentados durante séculos em relação aos, até bem pouco tempo atrás, chamados “povos sem história” ou “primitivos” (não com o sentido de “primeiros”, mas pejorativamente de “atrasados” ou “sem cultura”, em uma perspectiva evolucionista e racista). (Silva; Costa, 2018, p. 92).

Em contrapartida, boa parte dos(as) participantes disse que os meios de massa têm apresentado os povos indígenas no contexto atual, na luta pela demarcação das terras, nos conflitos contra o garimpo, na produção da literatura e

arte indígena contemporânea, dentre outros assuntos. Mas teve respostas afirmando que esses canais reforçam estereótipos, assim como os livros didáticos.

No ano de 2023, recebi o convite para produzir, de forma voluntária, um material didático em relação às artes dos povos indígenas, para a Secretaria da Educação da Prefeitura de Araucária, Região Metropolitana de Curitiba. Pensando em contribuir com a formação dos(as) professores(as) e estudantes, aceitei a proposta e o desafio, pois não tinha nenhum material como referência sobre a temática. O número de páginas destinado à produção era reduzido, assim como o cronograma. Tentei fazer parceria com alguns e algumas artistas indígenas, mas todos(as) estavam com diversas atividades agendadas, pois era abril, mês em que uma boa parte da sociedade lembra que os povos indígenas existem.

Comecei a desenvolver o material, escolhendo as imagens que iriam compor o caderno e as pranchas da "Pasta Araucária", procurei contemplar a produção artística dos três povos indígenas que vivem no Paraná, Guarani, Kaingang e Xetá, feita por homens, mulheres e coletivos indígenas, apresentando as diferentes linguagens e técnicas como: a arte plumária, a carimbagem, o desenho, a escultura e a cestaria. As obras selecionadas foram dos(as) artistas: Gustavo Caboco que mora em Curitiba, Juliana Kerexu, Coletivo Kókir⁶⁰ e uma escultura do povo Xetá sem autoria. Os trabalhos estão disponíveis no acervo ou na exposição do MUPA, esse também foi um dos motivos da escolha, para que o público possa ter contato, para além da reprodução das imagens. Busquei entrelaçar uma diversidade de referências, dialogando com Ailton Krenak, Daiara Tukano, Jaider Esbell, Myriam Krexu e Naine Terena, além dos(as) artistas das obras.

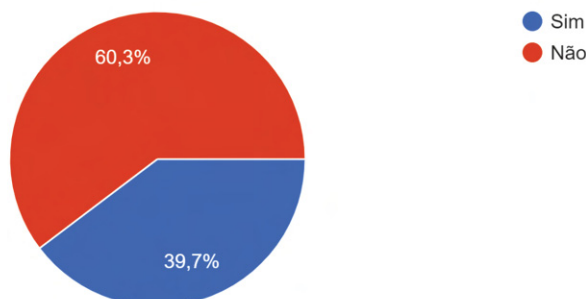
Desenvolver esse material didático nesta perspectiva só foi possível pela caminhada que venho fazendo há alguns anos na docência e pesquisa junto com os povos indígenas. Mas, muitas vezes, não é isso que acontece com a equipe de uma editora que produz livros didáticos. Pela falta de formação, de repertório, acabam reproduzindo estereótipos ou não retratando a diversidade e contemporaneidade dos povos indígenas.

⁶⁰ Kókir vem da língua Kaingang, que significa fome. No artigo "Arte indígena contemporânea, antropofagia da Re-volta", da autoria de Sheilla Souza e Tadeu dos Santos Kaingang (2022), fundadores do Coletivo Kókir, é possível conhecer um pouco da trajetória e dos processos de criação do grupo. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaestadodaarte/article/view/64960>. Acesso em: 11 fev. 2025.

GRÁFICO 12 – VISITOU UMA ALDEIA

11. Você já teve a oportunidade de visitar uma aldeia?

63 respostas



FONTE: A autora (2024).

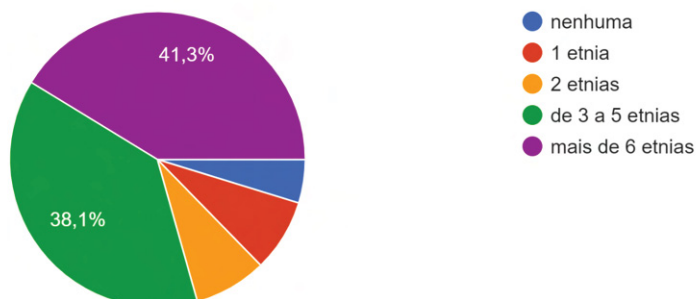
Conforme o diagrama, mais da metade dos(as) participantes nunca visitou uma aldeia. Na formação, muitos(as) cursistas informaram este desejo de fazer uma vivência na aldeia. Tentei verificar essa possibilidade, mas devido ao trâmite para conseguir transporte, ficou inviável esta programação. Revisitando o baú da minha memória, fui conhecer uma aldeia quando estava na graduação. A visita foi organizada pelo colégio que fazia estágio, mas não houve nenhuma formação, simplesmente chegamos no local e entregamos os donativos.

Diferente de quando conheci a Terra Indígena Rio das Cobras, localizada em Nova Laranjeiras, maior reserva indígena no Paraná, onde vivem os povos Kaingang e Guarani. Antes de viajarmos, tivemos várias aulas no MUPA com o professor Florêncio Rekayg Fernandes, que é dessa comunidade. Ele falava brincando que ninguém iria falar em português com a gente, teríamos que estudar bastante a língua Kaingang, pelo menos para pedir comida. Mas, quando chegamos à aldeia, as pessoas foram muito acolhedoras com todo o grupo e se comunicaram na nossa língua.

GRÁFICO 13 – ETNIAS INDÍGENAS

12. Quantas etnias indígenas você conhece ou já ouviu falar?

63 respostas



FONTE: A autora (2024).

Segundo o gráfico, quase 80% dos(as) cursistas conhecem três ou mais povos indígenas. Somente 3 participantes marcaram que não sabiam o nome de um povo. Como abordado neste estudo, antes da invasão deste território, pesquisas apontam que existiam de 1000 a 1400 povos. Já o Censo de 2010 mostrou que existem 305 povos indígenas no país. No site do ISA Povos Indígenas no Brasil é possível conhecer um pouco dessa diversidade, o qual tem listado 279 povos, sendo a última atualização feita em novembro de 2023. No portal é apresentada a autodeterminação, a língua, a localização, a história, dentre outras informações de cada povo indígena.

INFOGRÁFICO 1 – NOME DOS POVOS INDÍGENAS



FONTE: A autora (2024).

A décima terceira pergunta do questionário foi: “Caso afirmativo, quais são os nomes das etnias que você conhece?”. Foram citados o nome de 58 povos indígenas, sendo 53 etnias que vivem no país e 5 que moram em outros territórios da Abya Yala, Austrália e Nova Zelândia. Também foram indicados os troncos linguísticos indígenas do Brasil, Tupi e Macro Jê, além da família Tupi-Guarani do tronco Tupi. Na nuvem de palavras, optou-se por apresentar apenas o nome de 20 povos indígenas, os quais tiveram 4 ou mais menções. Dos 4 povos indígenas mais citados, 3 são os que predominam no Paraná⁶¹: os Kaingang com 41 indicações, os Guaraní com 38 menções e os Xetá com 15 respostas. Esse pode ter sido um dos motivos por serem mais lembrados do que os outros povos indígenas.

⁶¹ Em 2019, o deputado estadual do Paraná Goura e a sua equipe, em parceria com o artista Gustavo Caboco, produziram a “Cartilha Paraná Indígena”, material didático que apresenta um panorama dos povos indígenas que estão no estado e os seus direitos. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/17w9Mt5weOTPCMrclC97Xw_A8P2Wn_9uG/view?usp=drive_link. Acesso em: 11 fev. 2025. Também foi desenvolvido um mapa que mostra os territórios indígenas regularizados, em processo de demarcação e reivindicados no Paraná. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/10dxZ43_QPtTqTExDeTNJdO9oOG5W8Z6N/view. Acesso em: 11 fev. 2025.

O povo Yanomami foi o segundo mais mencionado pelos(as) participantes, com 21 indicações. Talvez pela crise humanitária que ganhou destaque em 2023 e uma parte dela foi televisionada, que ocorreu devido à constante invasão das terras indígenas pelos garimpeiros e pela negligência do governo no período da pandemia. O que causou várias doenças e mortes na população indígena, além do desmatamento da floresta e a poluição dos rios. Outras hipóteses: à luta constante do xamã Davi Kopenawa Yanomami em diferentes espaços, além da sua produção literária e audiovisual⁶²; o trabalho desenvolvido desde a década de 70 pela fotógrafa e ativista Claudia Andujar junto ao povo Yanomami; o samba enredo da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro⁶³, que referenciou o povo, no carnaval de 2024.

Na sequência, segue a lista de todos os povos indígenas mencionados pelos(as) cursistas e que não aparecem na representação visual: Avá-Guarani, Baniwa, Fulni-ô, Guarani Nhandewa, Huni Kuin, Potiguara, Ticuna, Bororo, Carijó, Kamaiurá, Puri, Quechua, Yawanawá, Aborígene, Arara, Aymara, Baré, Caeté, Charrua, Cuna, Fulkaxó, Jamamadi, Ka'apor, Katukina, Kiriri, Maori, Metyktire, Minuano, Nambikwara, Ofaié, Sateré-Mawé, Shanenawa, Tapajós, Varinawa, Waujá, Xakriabá, Xikrin e Yawalapiti.

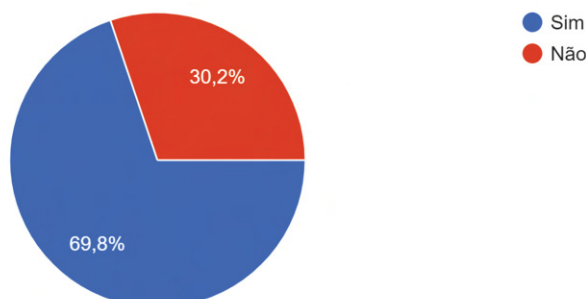
⁶² Davi Kopenawa Yanomami atuou e foi co-roteirista do documentário “A Última Floresta”, dirigido por Luiz Bolognesi (2021). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P88Mnpkdfa4>. Acesso em: 11 fev. 2025. Outro filme do qual o xamã participou foi “Ya Temi Xoa”, do cineasta Thomas Mendel (2024), que trata do encontro das lutas entre a comunidade negra das favelas do Rio de Janeiro e o povo Yanomami. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J917Wq4Vvec>. Acesso em: 11 fev. 2025.

⁶³ Em 2024, o samba-enredo da Acadêmicos do Salgueiro, Escola de Samba do Rio de Janeiro, recebeu o título “Hutukara”, termo da língua Yanomami que significa terra-floresta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uiXw1BkCGTc>. Acesso em: 11 fev. 2025.

GRÁFICO 14 – ARTISTAS INDÍGENAS

14. Conhece um(a) artista indígena?

63 respostas



FONTE: A autora (2024).

O esquema apresenta um número expressivo de cursistas que conhecem um(a) artista indígena. Na última década, os(as) artistas indígenas vêm conseguindo ocupar espaços que antes não contavam com a sua presença devido ao sistema colonial, como os museus, os teatros, os cinemas, as universidades, os festivais de música, de literatura e cinema, as bienais, os congressos, dentre outros eventos. Além da ocupação e demarcação das telas⁶⁴ nas diferentes redes sociais, as quais utilizam para divulgar a sua produção artística, cultural e intelectual. Vale lembrar também que uma boa parte dos(as) participantes está conectada à Arte, seja nos estudos ou profissionalmente, o que pode proporcionar um maior contato com a produção artística indígena.

⁶⁴ “Vamos demarcar as telas e ocupar as redes” - frase utilizada pela Sonia Guajajara, ministra do Ministério dos Povos Indígenas, em algumas de suas apresentações, em especial, no Acampamento Terra Livre on-line de 2022. Uma forma de demonstrar a presença dos(as) indígenas e de denunciar as violências contra os povos.

INFOGRÁFICO 2 – NOME DOS(AS) ARTISTAS INDÍGENAS

QUAL O NOME DO(A) ARTISTA QUE VOCÊ CONHECE?

GUSTAVO
CABOCO

citado 16x



JAIDER
ESBELL

citado 9x



DANIEL
MUNDURUKU

citado 9x



OWERÁ

citado 7x



AILTON
KRENAK

citado 4x



DAIARA
TUKANO

citada 4x



ZAHY
TENTE HAR

citada 4x



GLICÉRIA
TUPINAMBÁ

citada 3x



JULIANA
KEREXU

citada 3x



MÁRCIA
WAYNA
KAMBEBA

citada 3x



FONTE: A autora (2024).

A décima quinta pergunta era “Caso afirmativo, qual o nome do(a) artista que você conhece?” Foram citados(as) 36 artistas indígenas, no infográfico⁶⁵ optou-se por mostrar os(as) artistas que tiveram 3 ou mais indicações. O artista mais citado foi Gustavo Caboco, que mora em Curitiba e faz a rede entre Paraná e Roraima, onde vive o seu povo Wapichana. Gustavo Caboco participou, nos últimos anos, de várias exposições em Curitiba, em diferentes museus. Lançou livros, ministrou palestras e oficinas na cidade. Além da visibilidade local, Gustavo já expôs em vários espaços artísticos e culturais no Brasil, como a Bienal de São Paulo em 2021; e foi curador da Bienal de Veneza em 2024. Caboco é bastante atuante nas redes sociais e tem um site⁶⁶ que aborda a sua biografia e obra. Esses podem ser alguns motivos pelos(as) participantes terem lembrado mais do artista.

No questionário, um total de 20 participantes informou que não conheciam ou não recordavam o nome do(as) artista ou não preencheram o campo. Também tiveram duas menções: “artesões” e “artesã têxtil Guarani”. A relação dos(as) artistas indígenas ou que têm ascendência citados(as) 1 ou 2 vezes foi a seguinte: Davi Kopenawa, Denilson Baniwa, Kaê Guajajara, Olivio Jekupé, Trudruá Dorrico (Julie Dorrico), Uyra Sodoma, Arissana Pataxó, Brisa Flow, Djuena Tikuna, Eliane Potiguara, Erick Terena, Jaguatirika, Jovina Renhga, Kixirrá, Lana Potiguara, Lumumba, Marcus Baré, Moara Tupinambá, Noe Carvalho, Sonia Guajajara, Souto MC, Takumã Kuikuro, Xadalu Tupã Jekupé, Xamã, Yacunã Tuxá e Yaguarê Yamã.

Algo a destacar na representação visual é que as artistas indígenas foram menos citadas, a invisibilidade de gênero perpassa pelas culturas, mas nos últimos anos vêm acontecendo movimentos como a exposição “Somos Aquelas por Quem Estávamos Esperando”⁶⁷, com curadoria de Naine Terena, contou com a participação de 8 artistas mulheres indígenas de diferentes regiões do Brasil, realizada em 2024 no Sesc Catanduva, localizado em São Paulo; e a mostra “Elas Indígenas” que apresenta 50 obras de 8 artistas indígenas do Norte ao Sul do país.

Não só na arte estão acontecendo mobilizações, mas em outras áreas, como na política. Em 2021, foi criada a Articulação Nacional das Mulheres Indígenas

⁶⁵ As fontes das imagens dos infográficos 2, 3 e 4 estão listadas em kuju 10. parte 10.

⁶⁶ Site do artista Wapichana Gustavo Caboco. Disponível em: <http://caboco.tv/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

⁶⁷ O Sesc Catanduva produziu um vídeo sobre a exposição “Somos Aquelas por Quem Estávamos Esperando”, com a curadora de Naine Terena, e postou em suas redes sociais. Disponível em: <https://www.instagram.com/sescatanduva/reel/C--UkVwO38f/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

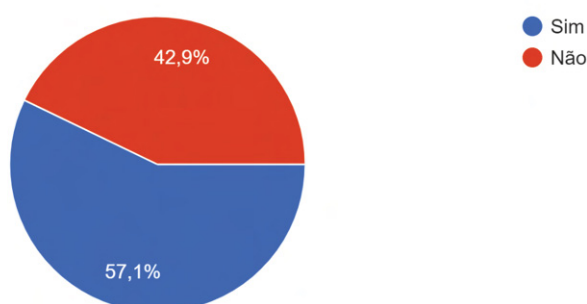
Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGA), um espaço para fortalecer a luta das mulheres indígenas pelos seus direitos e dos seus povos. As cofundadoras da ANMIGA, Sonia Guajajara e Célia Xakriabá, em 2023, foram eleitas deputadas federais pelo estado de São Paulo e Minas Gerais, respectivamente, além da deputada federal Juliana Cardoso, do povo Terena, também por São Paulo.

Conectando com uma passagem do livro "Metade cara, metade máscara" de Eliane Potiguara (2018, p. 87), "bonito é florir no meio dos ensinamentos impostos pelo poder. Bonito é florir no meio do ódio, da inveja, da mentira ou do lixo da sociedade. Bonito é sorrir ou amar quando uma cachoeira de lágrimas nos cobre a alma! Bonito é poder dizer sim e avançar". E assim, as mulheres indígenas, os povos indígenas vão avançando e demarcando o território.

GRÁFICO 15 – AUTORES(AS) INDÍGENAS

16. Você já leu o livro de um(a) autor(a) indígena?

63 respostas



FONTE: A autora (2024).

Observando a resposta da questão 16, verifica-se que mais de 50% dos(as) cursistas já leram pelo menos um livro de um(a) escritor indígena. Pela minha experiência na aplicação deste questionário em formação inicial e continuada, percebo que a partir desta amostra que a cada ano o número de leitores(as) da literatura indígena vem se ampliando. Tanto pela publicação de obras e de escritores(as) que vem aumentando, como pela participação dos(as) indígenas em diferentes eventos, divulgando a sua produção literária.

INFOGRÁFICO 3 – NOME DOS(AS) ESCRITORES(AS) INDÍGENAS

QUAL O NOME DO(A) ESCRITOR(A)?

**AILTON
KRENAK**

citado 26x



**DAVI
KOPENAWA
YANOMAMI**

citado 9x



**DANIEL
MUNDURUKU**

citado 6x



**GENI
NÚÑEZ**

citada 4x



**MÁRCIA
KAMBEBA**

citada 3x



**OLÍVIO
JEKUPÉ**

citado 2x



**TRUDRUÁ
DORRICO**

citada 2x



FONTE: A autora (2024).

A décima sétima pergunta do formulário era: “Se a resposta foi afirmativa. Qual é o título do livro ou o nome do(a) escritor(a)?”. As devolutivas contemplaram 15 autores(as). O infográfico apresenta os(as) literatos(as) que tiveram 2 ou mais menções. Um total de 26 cursistas informou que não leu ou não lembrava o nome do(as) escritor(a) ou não preencheram o campo. O autor mais citado pelos(as) participantes foi Ailton Krenak com 25 respostas, uma das hipóteses é que sua visibilidade nas mídias e nas universidades vem aumentando a cada ano, depois de décadas de luta em defesa dos povos indígenas e da Mãe Terra, seus pensamentos e críticas começam a reverberar na sociedade, sendo o primeiro indígena a ser eleito na Academia Brasileira de Letras (ABL).

Na sequência, mencionado 11 vezes, Davi Kopenawa Yanomami, cofundador e presidente da Hutukara Associação Yanomami (HAY)⁶⁸. Uma liderança que vem lutando e denunciando as violências contra o seu povo e a Amazônia, no Brasil e no mundo. O terceiro autor mais lembrado é Daniel Munduruku que tem uma vasta produção literária, com publicações em diversas áreas para diferentes públicos. Além disso, é fundador do Instituto Uka - Casa dos Saberes Ancestrais, que tem um selo editorial especializado na temática indígena, e venceu duas vezes o prêmio Jabuti, em 2017 e 2021.

A escritora mais lida pelos(as) cursistas foi Geni Núñez, citada 4 vezes. Como apresentado na análise anterior, as autoras foram menos lembradas pelos(as) cursistas. Na Literatura, assim como nas Artes Visuais, acontece uma mobilização feita por coletivos de mulheres indígenas para a publicação de obras como: “Vivências diversas: uma coletânea de indígenas mulheres”, organizado por Braulina Baniwa, Joziléia Kaingang e Lucinha Tremembé (2020); o “Álbum Guerreiras da Ancestralidade: mulherio das Letras Indígenas”, organizado por Eva Potiguara e Vanessa Guarani Ratton (2022), que em 2023 ganhou o prêmio Jabuti na categoria Fomento à Leitura; o livro “Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena”, organizado por Trudruá Dorrico (Julie Dorrico) e Mauricio Negro (2023), com a participação de 12 autoras indígenas. Em 2020, é criada a página do Instagram “Leia Mulheres Indígenas”, com foco em divulgar os livros das mulheres escritoras indígenas de Abya Yala.

⁶⁸ A Hutukara Associação Yanomami (HAY) foi fundada em 2004, tem como missão a defesa da vida e dos direitos dos povos indígenas. Disponível em: <https://hutukarayanomami.org/>. Acesso em: 26 fev. 2025.

INFOGRÁFICO 4 – TÍTULO DAS OBRAS DE AUTORIA INDÍGENA

QUAL O TÍTULO DO LIVRO?

Ideias para
adiar o fim do
Mundo

Ailton Krenak

citado 9x



A queda do céu:
palavras de um
Xamã Yanomami

Davi Kopenawa
Yanomami

citado 8x



Futuro é
ancestral

Ailton Krenak

citado 4x



A vida não é útil

Ailton Krenak

citado 3x



O amanhã não
está a venda

Ailton Krenak

citado 3x



Descolonizando
afetos:
experimentações
sobre outras
formas de amar

Geni Núñez

citado 2x



FONTE: A autora (2024).

Em relação às obras, os(as) participantes indicaram 13 títulos de autoria indígena. Também foi citado um livro sobre a temática indígena “Grafismo Indígena” do autor Lux Vidal (2007) e o catálogo da exposição “Kwá yapé turusú yuriri assojaba tupinambá - Essa é a grande volta do manto tupinambá”⁶⁹, que teve a curadoria de Glicéria Tupinambá (Célia Tupinambá), Augustin de Tugny e o design da publicação desenvolvido pelo artista Gustavo Caboco. No infográfico aparece a imagem dos livros que foram mencionados duas ou mais vezes. A obra mais citada pelos(as) cursistas foi “Ideias para adiar o fim do mundo” do filósofo Ailton Krenak (2019). Segundo o portal Publishnews, em 2019 e 2020 o livro foi um dos mais vendidos no Brasil. Nesta obra, Ailton Krenak discorre sobre a separação feita pela cultura ocidental de natureza e humanidade, provocando a pensar sobre esse conceito.

Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício do ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade (Krenak, 2019, p. 14).

Os cinco livros mais indicados nas respostas são de duas lideranças indígenas, Ailton Krenak e Davi Kopenawa Yanomami, que vêm ecoando suas vozes há muitas décadas em defesa dos povos indígenas e da Mãe Terra, mas faz pouco tempo que conseguiram um pouco mais de espaço para uma escuta sensível. Os livros que tiveram apenas uma indicação pelos(as) participantes são os seguintes: “Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade” de Márcia Wayna Kambeba; “Baaraz Ka’aupán” do Gustavo Caboco; “Catando piolhos, contando histórias” do Daniel Munduruku; “Coleção Tembetá” organizada pelo Kaká Werá; “Metade cara, metade máscara” de Eliane Potiguara; “Os olhos do jaguar” do Yaguarê Yamã; e “Teatro e os povos indígenas: janelas abertas para a possibilidade” organizado por Naine Terena e Andreia Duarte.

⁶⁹ A mostra “Kwá yapé turusú yuriri assojaba tupinambá - Essa é a grande volta do manto tupinambá”, foi realizada na Galeria Fayga Ostrower, em Brasília, no ano de 2021. A versão on-line do catálogo da exposição pode ser acessada no site da Fundação Nacional de Artes (Funarte). Disponível em: <https://www.yumpu.com/en/document/read/65935132/catalogo-kwa-yepe-turusu-yuriri-assojaba-tupinamba>. Acesso em: 12 fev. 2025.

Conectando com essa verificação, no mês de agosto de 2022, fiz uma pesquisa no acervo da biblioteca da UFPR. Segundo o Portal de Transparência da instituição, as 20 bibliotecas da universidade tinham um total de 304.477 títulos e 551.622 exemplares de livros. A partir de uma lista de cinquenta autores(as) indígenas, sendo 31 homens e 19 mulheres, foi feito o levantamento das obras no acervo virtual. Essa relação teve com base: o site da Livraria Maracá, a primeira livraria virtual especializada em literatura indígena produzida no Brasil, idealizada pela bibliotecária Aline da Silva Franca, com curadoria do Daniel Munduruku; outra referência foi a página do Instagram Leia Mulheres Indígenas que tem como uma das administradoras a Trudruá Dorrico (Julie Dorrico), do povo Makuxi, doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); e indicações dos cursos que realizei sobre a temática indígena.

Vale destacar que o número de escritores(as) indígenas é muito maior do que a relação que consta na tabela exposta. Por exemplo, a exposição “Araeté - A Literatura dos Povos Originários”⁷⁰, com curadoria de Ademario Ribeiro, do povo Payayá, Kaká Werá e Selma Caetano, promovida pelo Sesc Ipiranga, localizado em São Paulo, a qual teve a abertura em 30 de agosto de 2023, contou com 114 autores(as) indígenas de livros escritos em língua portuguesa e nativa. Em uma entrevista ao Diário de Cuiabá, o pesquisador Kaká Werá, que faz curadoria ao Instituto Oceanos, apresentou, em 2024, um levantamento de 156 escritores(as) indígenas no país.

O número de autores(as) indígenas no Brasil a cada ano vem ampliando, pois a produção editorial da literatura indígena⁷¹ é bastante recente, começa na década de 90, após a homologação da Constituição, a qual os(as) indígenas deixam de ser tutelados(as) pelo Estado e podem assumir a sua autodeterminação, consequentemente os seus direitos autorais. A crítica literária Graça Graúna, do povo Potiguara, define que “a literatura indígena contemporânea é um lugar utópico

⁷⁰ A mostra “Araeté - A Literatura dos Povos Originários”, além da produção literária, reuniu trabalhos de 14 fotógrafos(as) indígenas. Algumas fotografias dos(as) artistas indígenas, imagens da exposição, vídeos com depoimentos dos(as) curadores(as) e escritores(as) indígenas, além do catálogo da mostra, podem ser conferidos no site do Sesc São Paulo. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/editorial/exposicao-araeta-a-literatura-dos-povos-originarios- chega-em-ago-sto-ao-sesc- ipiranga/>. Acesso em: 22 fev. 2025.

⁷¹ Para conhecer a trajetória da Literatura Indígena Contemporânea, consulte a tese “A literatura indígena contemporânea no Brasil: a autoria individual e a poética do eu-nós”, da pesquisadora Trudruá Dorrico (Julie Dorrico). Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9655>. Acesso em: 27 out. 2024. Outra referência é o livro “Contrapontos da Literatura Indígena Contemporânea no Brasil” da escritora Graça Graúna (2013).

(de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas), ao longo dos mais de 500 anos de colonização”. (Graúna, 2013, p. 15).

Na lista, além de escritores(as) indígenas do Brasil, foi acrescentado autores(as) indígenas de outros países, como: Silvia Rivera Cusicanqui do povo Aymara, autora referência na questão do gênero na Bolívia; Linda Tuhiwai Smith do povo Maori, da Nova Zelândia, que tem um livro publicado pela editora da UFPR; Tommy Orange dos povos Cheyenne e Arapaho, dos Estados Unidos, escritor do livro “Lá não existe lá”, considerado um épico pela crítica americana.

QUADRO 2 – LEVANTAMENTO DE OBRAS DE ESCRITORES(AS) INDÍGENAS DO ACERVO VIRTUAL DA BIBLIOTECA DA UFPR - 08/2022

Nº	Nome dos(as) escritores(as) indígenas	Nº de títulos	Nº de exemplares	Nome da obra
1	Ailton Krenak	1	2	Território e cidadania: da luta pela terra ao direito à vida (1988)
2	Ademario Ribeiro	0	***	***
3	Aline Rochedo Pachamama	0	***	***
4	Álvaro de Azevedo Gonzaga	0	***	***
5	André Fernando Baniwa	1	4	Bem viver e viver bem: segundo o povo Baniwa no nordeste amazônico brasileiro (2019)
6	Auritha Tabajara	0	***	***
7	Casé Angatu	1	4	Identidade urbana e globalização: a formação dos múltiplos territórios em Guarulhos-SP (2006)
8	Chirley Maria Pankará	0	***	***
9	Cristino Wapichana	0	***	***
10	Daniel Munduruku	5	1 / 1 / 1 / 1 / 2 Total: 6	As serpentes que roubaram a noite: e outros mitos (2012) / Catando piolhos: contando histórias (2001) / Histórias que eu ouvi e gosto de contar (2004) / Kabá Darebu (2002) / O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990) - (2012)
11	Davi Kopenawa Yanomami	1	5	A queda do céu: palavras de um xamã yanomami (2015)
12	Denízia Cruz	0	***	***
13	Edson Kayapó	0	***	***
14	Edson Krenak	0	***	***
15	Eliane Potiguara	1	2	Metade cara, metade máscara (2004)
16	Elias Yaguakãg	0	***	***
17	Ely Macuxi	0	***	***

18	Eva Potiguara	0	***	***
19	Gersem Baniwa	0	***	***
20	Gustavo Caboco	0	***	***
21	Graça Graúna	0	***	***
22	Jaime Diakara	0	***	***
23	Juão Nyn	0	***	***
24	Julie Dorrico	0	***	***
25	Kaká Werá	1	2	As fabulosas fábulas de Iauaretê: a onça que virou guerreiro (2009)
26	Kamuu Dan Wapichana	0	***	***
27	Kerexu Mirin	0	***	***
28	Lia Minapoty	0	***	***
29	Linda Tuhiwai Smith	1	3	Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas (2018)
30	Lucia Moraes Tucuju	0	***	***
31	Luiz Henrique Eloy Amado	0	***	***
32	Luiz Karai	0	***	***
33	Márcia Wayna Kambeba	0	***	***
34	Márcia Mura	0	***	***
35	Nankupé Tupinambá Fulkaxó	0	***	***
36	Olívio Jekupé	0	***	***
37	Roni Wasiry Guará	0	***	***
38	Silvia Rivera Cusicanqui	0	***	***
39	Sulami Katy	0	***	***
40	Telma Pacheco Tremembé	0	***	***
41	Tiago Hakiy	0	***	***
42	Tiago Nhandewa	0	***	***
43	Timóteo Verá Tupã Popygua	0	***	***
44	Tommy Orange	0	***	***
45	Uziel Guynê	0	***	***
46	Vãngri Kaingáng	0	***	***
47	Werá Jeguaka Mirim	0	***	***
48	Yaguarê Yamã	0	***	***
49	Ytanajé Coelho Cardoso	0	***	***
50	Zélia Balbina	0	***	***

FONTE: A autora (2024).

Analisando a tabela, verificamos que somente oito escritores(as) indígenas têm livros na biblioteca, sendo seis homens e duas mulheres. Observando esses dados, percebemos que a invisibilidade das escritoras indígenas no acervo da instituição é maior do que a dos escritores indígenas, seguindo a visão eurocêntrica e patriarcal. Pensando com o conceito da interseccionalidade, a pesquisadora Megg Rayara Gomes de Oliveira apresenta que “num estudo interseccional, as concepções de sexismo devem ser interpretadas como parte do problema a ser investigado, assim como categoria de raça, adotando-se uma visão crítica a respeito desses temas”. (Oliveira, 2018, p. 41). Mas, mesmo com estas camadas de dificuldades, as mulheres indígenas vêm lutando, resistindo e ocupando os diferentes espaços, da política, da arte, dentre outros, como mostra a ilustradora Yacunã Tuxá, em sua obra “Somos sementes da resistência”.

FIGURA 4 – SOMOS SEMENTES DA RESISTÊNCIA



FONTE: TUXÁ, Yacunã. Somos sementes da resistência. 2020. ilustração, color.

Outro apontamento em relação ao estudo é que o acervo da biblioteca apresenta apenas doze títulos de obras de autores(as) indígenas. O escritor que tem o maior número de livros é Daniel Munduruku, com cinco títulos, sendo quatro

voltados para a literatura Infantojuvenil e um sobre o Movimento Indígena Brasileiro, não consta outras obras com foco na Educação - "Mundurukando 2: roda de conversa com educadores", "O banquete dos deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira", "Antologia de contos indígenas de ensinamento: tempo de histórias", dentre outras; ou para a Filosofia - "Das coisas que aprendi: ensaios sobre o bem-viver".

Em relação ao número de exemplares, somente quatro títulos têm o número mínimo estabelecido pelo Sistema de Bibliotecas do Ensino Superior, que é ter três obras disponíveis na biblioteca se constarem na bibliografia básica da disciplina. Se existem poucos títulos e exemplares de livros de autores(as) indígenas, é uma pista de que poucas obras constam nas ementas ou nos planos de ensino da graduação e pós-graduação da instituição. É evidente que, para fazer uma análise mais aprofundada, a tabela deveria contemplar um número maior de escritores(as) indígenas. Neste estudo, não constam os livros organizados por teóricos(as) não indígenas, com capítulos de autores(as) indígenas. O que demandaria um tempo muito maior de pesquisa.

O que é necessário para que os(as) escritores(as) indígenas sejam evidenciados e tenham um espaço significativo nas discussões acadêmicas? Eles(as) precisam ter doutorado?⁷² Muito deles(as) tem essa titulação, alguns exemplos são: Ailton Krenak - Doutor Honoris Causa pela UFJF e pela UnB, mas só tem um título da sua obra na biblioteca, produzido em 1988; Graça Graúna - Doutora em Letras pela UFPE; e Márcia Mura - Doutora em História Social pela USP, as duas escritoras não têm nenhum livro na biblioteca.

⁷² No artigo "Prospecções: doutores indígenas e a autoria acadêmica indígena no Brasil contemporâneo", a autora Inês Caroline Reichert apresenta um quadro de doutores(as) indígenas e suas teses, desenvolvido em 2017. Disponível em: <https://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/550>. Acesso em: 21 ago. 2022. Já a tese "Indígenas mulheres acadêmicas: vozes insurgentes e corpos resistentes nas universidades brasileiras", da pesquisadora Nanah Sanches Vieira (2023), mostra o levantamento das mulheres indígenas na pós-graduação. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/46729>. Acesso em: 5 out. 2024. Além dessas duas produções, a Wikilivros apresenta uma bibliografia de publicações indígenas do Brasil, a qual tem como editores(as): os(as) bibliotecários(as) Aline da Silva Franca e Thulio Dias Gomes, além do escritor Daniel Munduruku. Disponível em: https://pt.wikibooks.org/wiki/Bibliografia_das_publica%C3%A7%C3%B5es_ind%C3%ADgenas_do_Brasil. Acesso em: 21 ago. 2022.

Precisam estar atuando em uma instituição de Ensino Superior? Tem escritores(as) indígenas que são professores(as) em universidades, como: Gersem Baniwa professor da UnB; Edson Kayapó professor do Instituto Federal da Bahia (IFBA); Álvaro de Azevedo Gonzaga professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP); Silvia Rivera Cusicanqui professora aposentada da Universidad Mayor de San Andrés em La Paz, na Bolívia; mas nenhum desses(as) intelectuais tem obras no acervo da UFPR.

Outro critério: ter mais de 3 livros publicados? Olívio Jekupé tem mais de vinte obras, ele com a sua esposa Jovina Kaingang (Jovina Renhga), criaram a Editora Jekupé,⁷³ voltada para a publicação de autores(as) indígenas; Tiago Hakiy autor de mais de oito livros e é membro do Núcleo dos Escritores e Artistas Indígenas (NEARIN); Aline Rochedo Pachamama tem cinco títulos e é idealizadora da Editora Pachamama, que produz livros de Literatura Indígena bilíngue; mesmo com toda essa produção esses(as) escritores(as) não tem nenhuma obra na biblioteca da instituição. Então, quais são os outros requisitos que ainda faltam ser superados, para que essas histórias, esses conhecimentos, esses saberes atravessem a educação?

A partir deste estudo, percebemos a invisibilidade e o racismo científico em relação às epistemologias indígenas em uma universidade pública. O artigo “Existência e diferença: o racismo contra os povos indígenas” (2019), escrito por pesquisadores indígenas e não indígenas, discute essa questão. Ailton Krenak que é um dos autores do trabalho, afirma que:

A doença do racismo, essa espécie de epidemia global do racismo se originou na nossa separação da natureza, quando nós nos separamos da natureza a ponto de não compartilharmos mais com a natureza a riqueza da diferença. Quando se disse que a diferença é o outro, é a impossibilidade de aceitar a diferença, de aceitar o outro como diferença – isso gerou o que nós reconhecemos historicamente como racismo (Milanez *et al.*, 2019, p. 2172).

Apesar do racismo, intelectuais indígenas cada vez mais vêm produzindo na literatura, no cinema, nas diversas linguagens da arte, na ciência, em diferentes

⁷³ Para saber mais informações sobre a Editora Jekupé, leia a reportagem “Jekupé: uma editora indígena para livros indígenas”. Disponível em: <https://cidadeinvisivel.art.br/?p=773>. Acesso em: 26 ago. 2022. Outra opção é acessar a página do Facebook da instituição. Disponível em: <https://www.facebook.com/jekupeolivio/>. Acesso em: 26 ago. 2022.

áreas de conhecimento. Vão firmando o pé no território, espalhando a semente e reflorestando os pensamentos dos não indígenas, como retrata a obra “A queda do céu - fincar a raiz e espalhar a semente”⁷⁴ (2019) da ilustradora Yacunã Tuxá.

FIGURA 5 – A QUEDA DO CÉU - FINCAR A RAIZ E ESPALHAR A SEMENTE

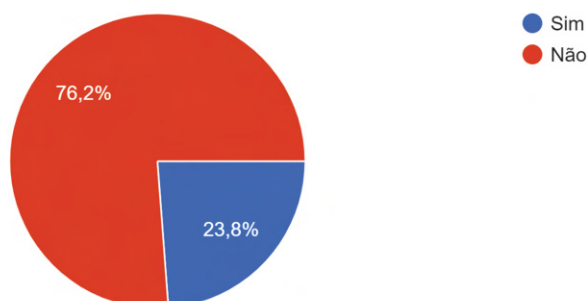


FONTE: TUXÁ, Yacunã. A queda do céu - fincar a raiz e espalhar a semente. 2019. ilustração, color.

GRÁFICO 16 – CINEASTAS INDÍGENAS

18. Já assistiu algum filme produzido por um(a) cineasta indígena?

63 respostas



FONTE: A autora (2024).

⁷⁴ Este trabalho foi apresentado na exposição “Véxoa: Nós sabemos”, realizada na Pinacoteca em 2020.

Fazendo uma relação com o gráfico anterior, os(as) participantes tiveram mais acesso à Literatura Indígena do que ao Cinema Indígena. Algumas possibilidades são pela produção audiovisual envolver um custo muito maior do que a publicação de um livro, consequentemente o número de filmes desenvolvidos é menor em relação às obras impressas; pela produção cinematográfica indígena ser mais recente em relação à produção editorial.

O projeto Vídeo nas Aldeias⁷⁵ é precursor em relação à produção audiovisual indígena no país, criado em 1986, seu idealizador é o indigenista Vincent Carelli. Um dos objetivos do projeto é capacitar os povos indígenas na linguagem cinematográfica para que eles(as) possam contar as suas próprias histórias através dos filmes. Em 2008, foi criada a Associação Cultural dos Realizadores Indígenas (ASCURI)⁷⁶, formada por jovens Terena e Guarani-Kaiowá de Mato Grosso do Sul, busca por meio da cinematografia, desenvolver estratégias de formação, resistência e fortalecimento das culturas indígenas. Outro espaço de formação audiovisual e multimídia é o Instituto Catitu - Aldeia em Cena⁷⁷, fundado em 2009 pela cineasta Mari Corrêa, voltado para jovens e mulheres indígenas. A organização tem como foco contribuir com a defesa dos direitos dos povos indígenas e o fortalecimento das suas culturas.

Em 2023, é lançada a plataforma Rede Katahirine⁷⁸ - Rede Audiovisual das Mulheres Indígenas, que tem catalogado a produção de 75 cineastas indígenas dos diversos biomas. O Cinema Indígena aos poucos vem conquistando espaço: na TV aberta, como a série Falas da Terra; nos centros culturais, um exemplo é a mostra “Demarcação das telas e revolução das imagens: celebrando a produção audiovisual indígena no Brasil”⁷⁹, realizada em 2023 no Instituto Moreira Salles de São Paulo (IMS Paulista); além de festivais de cinema em várias regiões do Brasil, voltados especialmente para a produção artística indígena.

⁷⁵ Uma parte da produção do Vídeo nas Aldeias pode ser conferida na rede social do projeto. Disponível em: <https://www.youtube.com/@VideoNasAldeias/videos>. Acesso em: 12 fev. 2025.

⁷⁶ No canal do YouTube da Ascuri é possível conhecer alguns trabalhos desenvolvidos pela associação. Disponível em: <https://www.youtube.com/@ascuriBrasil7341/featured>. Acesso em: 20 fev. 2025.

⁷⁷ Alguns vídeos realizados pelo Instituto Catitu - Aldeia em Cena estão disponíveis no site da organização. Disponível em: <https://institutocatitu.org.br/producoes/>. Acesso em: 15 fev. 2025.

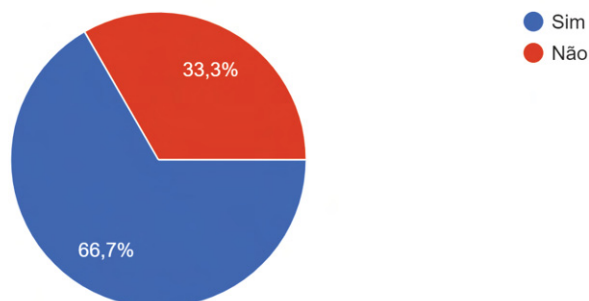
⁷⁸ A palavra Katahirine é de origem do povo Manchineri e significa constelação. O nome sugere a pluralidade de mulheres indígenas, de diferentes povos, biomas e regiões do Brasil. Disponível em: <https://katahirine.org.br/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

⁷⁹ A mostra “Demarcação das telas e revolução das imagens: celebrando a produção audiovisual indígena no Brasil”, realizada em 2023, teve uma sessão especial com os(as) curadores(as) Graci Guarani, Takumã Kuikuro e Christian Fischgold. O evento foi gravado e disponibilizado no canal do YouTube do IMS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oEms-RQJFQ8&t=6s>. Acesso em: 15 fev. 2025.

GRÁFICO 17 – EXPOSIÇÃO DE ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

19. Prestigiou alguma exposição de arte indígena contemporânea?

63 respostas



FONTE: A autora (2024).

O número de participantes que já visitou uma exposição de arte indígena contemporânea é bastante expressivo, visto que a frequência dos(as) brasileiros(as) aos museus é baixa, conforme o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), devido a uma série de fatores como a desigualdade social e a localização dos espaços culturais e artísticos. Mas, nos últimos anos, o público vem aumentando. Vale destacar que uma parte dos(as) cursistas são da área de Arte e nos últimos cinco anos, começaram a ter exposições de arte indígena contemporânea na cidade de Curitiba, onde havia um silêncio, um apagamento em relação à produção artística feita pelos(as) indígenas, começa acontecer um movimento de curadoria compartilhada e exposições com artistas indígenas de diferentes povos, além de um trabalho colaborativo entre as instituições.

Exemplos dessa caminhada são as mostras: "O Renascimento de Makunaima na Arte Indígena Contemporânea", com obras de Jaider Esbell, que aconteceu em 2019 no MUPA, em parceria com a UFPR, foi realizado o evento "Abril Indígena"⁸⁰, com mesas-redondas, lançamentos de livro e filme; "Netos de Makunaimi: encontros de arte indígena contemporânea" no MUSA em 2019, contou com a expografia de Jaider Esbell e Gustavo Caboco; "Retomada da Imagem"⁸¹ que ocorreu em 2021 no MUPA, com a participação de Denilson Baniwa, Gustavo Caboco e artistas indígenas

⁸⁰ A programação on-line do evento "Abril Indígena" no MUPA conta com textos que abordam a arte indígena contemporânea e pode ser conferida no site da instituição. Disponível em: <https://issuu.com/museuparanaense/docs/organized>. Acesso em: 14 fev. 2025.

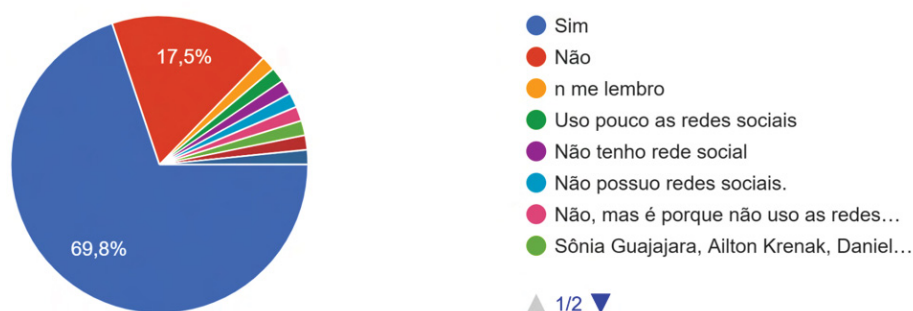
⁸¹ O catálogo virtual da exposição "Retomada da Imagem" pode ser visualizado no site do MUPA. Disponível em: https://issuu.com/museuparanaense/docs/retomada_da_imagem_mupa. Acesso em: 14 fev. 2025. Em 2024, foi lançado o catálogo impresso da mostra. A gravação do evento pode ser acessada no canal do YouTube da instituição. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hSIUt0rezFk&t=4s>. Acesso em: 14 fev. 2025.

convidados(as); e a exposição permanente “Mejtere: histórias recontadas”, inaugurada em 2023 no MUPA, com obras de diversos artistas e escritores(as) indígenas.

GRÁFICO 18 – REDES SOCIAIS DE INDÍGENAS

20. Segue nas redes sociais algum(a) artista, escritor(a), pesquisador(a), político e/ou liderança indígena?

63 respostas



FONTE: A autora (2024).

Somando as respostas dos(as) participantes que marcaram “sim” com as indicações de quais indígenas seguem nas redes sociais, um total de 76,1% conhece algum(a) artista, escritor(a), político ou liderança indígena. Uma porcentagem alta se comparada com os gráficos anteriores. Nos últimos anos, em especial no período da pandemia muitos(as) indígenas ocuparam de forma mais intensiva este espaço, utilizando essa ferramenta de diferentes formas, para denunciar as violências contra os povos indígenas, para divulgar o trabalho desenvolvido pelo(a) influencer, a cultura do seu povo, dentre outras propostas.

Um exemplo é o criador de conteúdo digital Cristian Wariu, do povo Xavante, no seu canal do YouTube Wariu, que tem mais de 50 mil seguidores, apresenta vídeos curtos em torno de 5 a 15 minutos no máximo, desmistificando estereótipos, preconceitos e mostrando a diversidade cultural dos povos indígenas. Na página do Instagram Wariu, os vídeos tratam das eleições, marco temporal, notícias, divulgação de eventos, dentre outros assuntos. Ele também é um dos apresentadores do podcast “Copiô, parente”, voltado para os povos indígenas. Além disso, tem uma página no TikTok na qual apresenta vídeos de 15 a 30 segundos de forma bem-humorada, com um alcance de milhares de visualizações. Assim como

Cristian Wariu, existem muitos(as) outros(as) influenciadores(as) digitais⁸² que vêm ecoando a sua voz e do seu povo nas redes sociais⁸³.

Ao final do formulário tinha um campo com a seguinte frase: “Caso você tenha alguma questão que não foi abordada no formulário, aproveite este espaço.” Oito participantes preencheram esta questão que não era “obrigatória” para o envio das respostas. Os(as) cursistas citaram o nome de escritores(as) e lideranças indígenas; falaram sobre a expectativa em relação à formação - *Estou muito ansioso pelo curso. É uma novidade para mim.* Apresentaram questionamentos - *Pq só hoje, (tempos atuais) abrimos os olhos para esses irmãos tão esquecidos?* E fizeram sugestões para o curso - *Seria legal trocarmos referências de indígenas de diversas áreas como medicina, psicologia, meio ambiente, educação, teatro, e o que mais pudermos para fortalecer os saberes e ofícios dos povos originários.* Durante o curso, algumas dessas áreas foram contempladas nas aulas e/ou nos eventos, dos quais alguns e algumas cursistas participaram de forma voluntária.

Os pseudônimos dos(as) participantes da pesquisa, como destacado na metodologia, foram criados após a terceira aula, surgiram da atividade para aquecer o coração, na qual eles(as) escolheram no dicionário Kaingang - Português uma palavra em Kaingang que os(as) representasse. Além disso, fizeram uma produção artística, colocaram o significado da palavra e a justificativa da escolha. Essa ideia foi inspirada na dissertação que desenvolvi no mestrado em Educação da UFPR, com o título “Clube Arte na escola: espaço de criação e formação” (2016), com orientação da professora Dr.^a Kátia Maria Kasper, a qual os(as) estudantes definiram em uma palavra o que representava o clube para eles(as), então, surgiu o nome deles(as) no trabalho: União, Esperança, Aprendizado, Criação, Alegria, Cultura,

⁸² No Instagram, a página Literatura Indígena Brasileira, administrada pela Carina Pataxó, doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tem mais de 38 mil seguidores(as), é um espaço de divulgação de livros, eventos literários, dentre outras atividades. Disponível em: <https://www.instagram.com/literaturaindigenabrasil/?hl=pt>. Acesso em: 12 fev. 2025. No YouTube, o canal Literatura Indígena Contemporânea, administrado por Trudruá Dorrico (Julie Dorrico), apresenta entrevistas com escritores(as) indígenas, resenhas de obras e depoimentos. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/literaturaindigenacontemporanea>. Acesso em: 12 fev. 2025.

⁸³ A revista digital Emerge Mag fez uma curadoria de influenciadores indígenas e postou em seu site a seleção de “10 Influenciadores Indígenas para você se conectar”. Disponível em: <https://emergemag.com.br/10-influenciadores-indigenas-para-voce-se-conectar/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Amizade, Liberdade, Descobertas, Solidariedade, Manifestação, Companheirismo, Amor, Loucura e Expressão.

A proposta da atividade era para que os cursistas tivessem contato com uma língua indígena, observassem a sua grafia, as palavras da língua portuguesa que não existem nesse idioma, percebessem outra maneira de ver e pensar o mundo. A maioria dos(as) participantes não teve a oportunidade de estudar uma língua indígena no seu processo de formação, seja na escola ou na universidade. No meu caso, fui fazer um curso de língua e cultura Kaingang somente em 2019, com o docente Florêncio Rekayg Fernandes, no MUPA, que teve duração de três meses. A língua Kaingang não tem algumas consoantes do alfabeto da língua portuguesa; têm letras diferentes da língua portuguesa com acento til, como: ã, ã, ã, dentre outras; o idioma é bem nasal. Infelizmente, não tive tempo de me dedicar aos estudos da língua e esqueci quase tudo que aprendi, mas até hoje lembro das histórias divertidas do professor Florêncio, que ensinava com muito carinho e afeto.

QUADRO 3 – PSEUDÔNIMOS

Nº	Pseudônimo	Tradução	Justificativa
1	Ėg tỹ nén to mỹ ág mũ vỹ tỹ: inh prũ fi, he mũ.	É um tabu dizer: minha mulher.	Nesta semana, a objetificação dos nossos corpos esteve no centro dos debates mostrando como o patriarcado se manifesta. Esta frase me levou a refletir sobre isso.
2	Ėgjkre Sĩnvĩ	Nossas belas histórias	Anjo mensageiro(a).
3	Ėkrãn	Plantar	Demarcação já!
4	Fag tã ã tá	De lugar diferente.	Dizem que meu nome significa "estrangeira"... Escolhi "fag tã ã tá" não só por ser o equivalente do significado do meu nome, mas por descrever perfeitamente como um estado de espírito, e por já ter vivido em tantos lugares... Sou sempre "de fora".
5	Fe pẽ	Amor	Por que escolhi justamente esta palavra? Bom, "fe pẽ", para mim, é o que estou sentindo neste exato momento. 20 anos foram necessários para que eu tivesse a maturidade necessária para ter esse sentimento. Estou neste curso graças à pessoa que me proporciona isso: se não fosse ela, eu não sei o que seria de mim. Tudo que eu faço é com os pensamentos nela. Tenho 1001 motivos para ter escolhido a palavra "fe pẽ", do Kaingang, mas é muito especial: 2024 é o ano do "fe pẽ" para mim, e não há sensação melhor no mundo.
6	Fe pẽ / Rẽrĩr	Amor / Luz do sol	Minha amiga disse que sou luz, no mesmo dia da entrega da atividade. Me considero uma pessoa amorosa. Não encontrei amorosa, mas escolhi amor.

7	Fe tar	Forte, corajoso.	Sempre fui uma pessoa bastante sensível. Mas, diferentes situações difíceis da vida tem exigido de mim coragem, e tenho me reconhecido e ouvido de pessoas próximas o quanto sou forte. Estou aprendendo, em processo, inacabada sempre...
8	Fej	Flor	Flor; florescer; no ponto de morrer. Representa o equilíbrio, os ciclos, a vida e a morte (que também permite a vida, com a existência de novas flores). É o que significa ser humano e finito (como indivíduo) e também infinito (como coletivo, como cultura, como memória). É o que vejo quando olho para a natureza, para as flores, e que quando me olho no espelho. Jun 2024
9	Fi vāfy gun nũ vē	É o começo da trança dela.	Me represento como a forma que enxergo poeticamente o começo da minha jornada de vida.
10	Fóg / Fe góv	Pessoa não indígena / Calmo	***
11	Fy / Fej / Kór gy	Semente / brotar/ bem longe	Fy - semente / Tygtynh - brotar, quebrar o ovo para sair, partir / Fej - brotar / Kór gy, kor ha, kuvar gy - longe / kuvar - bem longe / tã 'lá longe' / tag ki - ênki - tã ki 'aqui perto - lá longe - acolá bem longe' / fy - fej - kor - gy / Semente que brotou longe. Meu avô é de Livramento de Nossa Senhora na Bahia. O território na época dele era povoado por Pataxós Hã-Hã-Hãe. Hoje especificamente nessa cidade estão os Baré, Mura, Tukano, Tariano, Dessano, Deni, Apurinã e Miranha. Kamé - Kaingang do dia - metade aberta - a no corpo é ponta de flecha e significa proteção. Kainrú - quando fechadas são as pinturas dos pajés. Também existem as em linhas e redondas. Kamé - riscos retos. Kainrú - formas redondas.
12	Ga	Terra	Ser terra, ser parte da terra, ser parte de um todo, estar junto com outros seres da terra, na terra. Ser o substrato em que pode-se plantar e muita coisa pode crescer.
13	Goj kafã tũ	Mar	Eu escolhi devido a uma questão de espiritualidade, estou me descobrindo dentro da religião de Umbanda. Recentemente me descobri filha de Iemanjá. Me sinto ligada à energia do mar, a pessoa que sou e minha personalidade é ligada ao mar.
14	Hoghog	Cachorro-do-mato	A relação com o cachorro-do-mato vai de encontro ao sentido mitológico e místico que envolve os animais, a lua e a floresta.
15	Hoghog	Cachorro-do-mato	Observando o dicionário Kaingang-Português me identifiquei com várias palavras. Gosto de dicionários e gosto de palavras. Em geral, costumo me encantar com verbos, mas a palavra hoghog - cachorro-do-mato me faz parar a busca. Em minha poética, como artista visual, os bichos sempre estão presentes. Nos últimos meses, são os cães vira-lata que me chamam atenção. Em um movimento antiespecista, observo esses animais, numerosos na periferia onde moro e estabeleço relações com dissidências sexuais e a anarquia. Agora, pesquiso meu eu sapatão, me colocando em lugares de plantas, águas e terra. Entre os cachorros que circulam entre o quintal de casa e adentram o interior desta casa, onde terra a muito deixou de ser sinônimo de sujeira. Talvez, o meu sentir vira-lata também seja hoghog.

16	hunh ke, jym jym he, kragragrag he, kraug he, togtov, tó he, krÿ he	Barulho	Gosto da possibilidade de ter vários sentidos e também várias formas de escrever/dizer. Escolhi porque gosto de barulhos, sons, música, conversas, me concentro melhor. E também sou muito barulhenta, deixo coisas cair, trombo nas coisas, falo alto.
17	Inhkóra	Escola	A palavra escola me lembra espaço ou lugar, encontro de saberes e produção de conhecimento. Pensando na cultura indígena percebo que o sentir completa a ação do desenvolvimento e compartilhamento de conhecimento, o desenvolvimento pedagógico.
18	Jatun mÿ	Sossegado	Me identifico com essa palavra pois é assim que eu procuro ser no trabalho, nas amizades e demais relações. Sempre em paz, sossegada...
19	Jũ / Pě	Valente / Verdadeiro	Enfrentando meus medos, por isso sou valente. Gosto da verdade e sou verdadeiro.
20	Jumĩ kÿ Jě	Botão de flor	Beleza do processo. Vir a ser sendo.
21	Kafy	Vida	Meu nome judaico, em hebraico, nome que herdei da minha tia avó é Chaya, que também significa "vida". Kafy é uma tradução direta desse nome.
22	Kāgran	Desenhar / Fotografar	Fotografar é uma parte feliz da minha vida. É uma atividade/arte que me permite ver e rever o mundo de diferentes jeitos ao me levar para uma observação detalhada e atenta.
23	Krĩn Kónān	Tentar	Nesse momento sinto que sou uma pessoa que tenta. Ao menos tento. Sigo tentando.
24	Krygfěj	Vampiro, morcego.	Achei uma palavra interessante que não havia imaginado que seria uma das opções de escolha; gosto de vampiros.
25	Mĩg	Onça-pintada	Gosto de onças. Me conecto com onças quando posso, quando sinto necessários. São seres que carregam muita história e espalham muito medo pela possibilidade de ataque. Mas, cuidam dos seus. Cuidam da mata. Bônus: ãmbro - pôr de molho para socar novamente. Eu sempre esqueço minha roupa na máquina. E sempre tenho que bater de novo.
26	Mĩg Sĩ	Gato	Escolhi a palavra mĩg sĩ, que significa 'gato' na língua Kaingang, porque gosto muito de gatos, inclusive, tenho 3 gatos (Belinha, Sofia e Neve).
27	Mrěj	Cinza	Assim como a cor cinza, sou o resultado e o processo de fricção mediante o contato entre o diferente que me constitui. Sou Ch'ixi - Mrěj - cinza - caiçara.
28	Mÿ	Pergunta	Escolhi esta palavra, pois a palavra dúvida não existe na língua Kaingang, porém a pergunta serve tão bem quanto. Essa palavra me define, porque foi ela que me guiou em tudo na vida desde que me lembro por gente. Foi a dúvida e por consequência a pergunta, que me levou e motivou a fazer e manter minhas ambições acadêmicas e é o que me leva a estar neste curso. A vontade de entender o que não sei. É a pergunta que me direciona a ser quem eu quero SER.

29	Paraná (em Guarani) / Goj mág	Rio grande	Escolhi essa palavra pois neste momento me percebo, bebendo da fonte do conhecimento dos povos originários. Compreendendo que existem outras formas de pensar, de existir, de viver e de ser no mundo. Ouvir, ler, buscar, me alimentar desse conhecimento ancestral, tem oportunizado libertar minha mente das doutrinas do colonizador que reduz minha vida a um modelo imposto.
30	Rěřín	Esclarecer-se	Palavra escolhida: aprendiz. Pessoa que aprende um ofício ou arte. Principalmente, inexperiente.
31	Sĩ Kã	Infância	Na minha vida tive duas realidades de infância: até os 5 anos morei em uma periferia na minha cidade natal e depois fui morar em uma chácara e ali cresci. Sei que o contato com a natureza foi fundamental para a construção dos meus saberes. Como professora de educação infantil, tenho o objetivo de proporcionar uma infância rica em vivências para as minhas crianças, independente da realidade que estejam inseridas, de modo que possam se desenvolver integralmente. Por isso, essa palavra é tão significativa para mim. Kejën sóg, isĩ kã mĩ ěkrég tĩ. Às vezes me lembro da minha infância.
32	Tó	Coruja	Coruja era meu apelido na escola. Normalmente é considerado um animal sábio e observador e é o que eu sonho em ser na vida.
33	Torēmã	Torresmo	Não achei muitos adjetivos e fui livremente folheando o dicionário até encontrar algo que eu gosto muito.
34	Tỹ emin sĩ nĩ	O carreiro é uma estrada estreita.	Conhecia esta palavra - tinha que atravessar um carreiro para chegar na escola.
35	Tỹ fe nĩ	Amar	Escolhi "amar" por estruturar todas as relações que estabelecemos em sociedade. É o sentimento que pode revolucionar o mundo, através do amor e afeto.

FONTE: A autora (2024).

Ao ler os trabalhos, me surpreendi com o mergulho que os(as) participantes fizeram nesse exercício. Durante o curso, só alguns e algumas cursistas apresentaram este trabalho, de forma voluntária. Devido ao tempo, não consegui discutir como gostaria a atividade para aquecer o coração, algo a ser pensado em uma próxima formação. Mas, as palavras que reverberam para a professora e pesquisadora nas justificativas são: memórias, ancestralidade, busca de si, espiritualidade, conexão com a natureza, processos de aprendizagem, outros modos de pensar e ver o mundo, luta pelos direitos, dos povos indígenas, das mulheres, declarações de afeto, de amor...

FIGURA 6 – INVENTANDO OUTROS MUNDOS 1



FONTE: A autora (2024).

FIGURA 7 – INVENTANDO OUTROS MUNDOS 2



FONTE: A autora (2024).

Na primeira e na última aula, os(as) participantes fizeram uma produção utilizando canetinhas, lápis de cor, giz de cera, caneta e papel reciclado. No primeiro encontro, escreveram o seu nome ou como gostariam de ser chamados e escolheram uma palavra ou frase sobre o que esperavam do curso. Já no último encontro, os(as) cursistas registraram o seu pseudônimo e uma palavra ou frase relacionada à experiência da formação. Como nem todos(as) vieram no primeiro ou no último encontro, o número de entregas da proposta é menor do que o número total de cursistas. Abaixo, temos a foto dos trabalhos de uma turma e, na sequência, a tabela apresenta os textos das quatro turmas.

FIGURA 8 – PALAVRAS LANÇADAS AO VENTO



FONTE: A autora (2024).

QUADRO 4 – EXPECTATIVAS E MARCAS

Nº	Pseudônimo	Tradução	1º encontro - Qual a sua expectativa em relação ao curso? Em uma palavra ou frase.	6º encontro - O que marcou neste processo de formação? Em uma palavra ou frase.
1	Jăgti	Sonhar	Reconhecer tecnologias ancestrais. Sol, lua, estrela. A terra, o vento e o mar. É a luz do firmamento. É só a quem eu devo amar.	Encontros que nos possibilitam sonhar uma nova realidade a partir daquilo que nos é ancestral.
2	Rěřĩn	Esclarecer-se	Visitar minha origem.	A lição da vida é a aprendizagem, é o despertar da consciência, é o olhar para o outro. Na vida tudo, mesmo o bem e o mal.
3	Křĩn Kónãñ	Tentar	Boas trocas e experiências.	Cada povo um povo. Cada indígena um indígena. O Brasil é terra indígena. E o futuro é ancestral.
4	hunh ke, jym jym he, kragragrag he, kraug he, togtov, tó he, krỹ he	Barulho	Troca de conhecimentos.	O que fica é gratidão pelas trocas e todas as referências. Com certeza saio do curso com uma "pinha" e coração aquecido. Obrigada Prof.
5	Mĩg Sĩ	Gato	Espero que seja um momento de aprendizagem sobre as culturas indígenas e que seja divertido.	Retomada dos povos; conexão; curiosidade.
6	Ga	Terra	Abertura de possíveis e narrativas de outras histórias.	Prestar atenção. Caminhar junto. Levar a sério.
7	Tỹ fe nĩ	Amar	Ecoar o futuro ancestral.	Afeto em rede. Aprendizado. Trocas. Ancestralidade.
8	Ěgỹkre Sĩnvĩ	Nossas belas histórias	Trançados de identidades.	Fruto ancestral.
9	Fag tã ũ tá	De lugar diferente.	Escuta. Percepção. Contato. Confluência.	Escuta.
10	Jũ / Pě	Valente / Verdadeiro	Eu espero que aprenda sobre os hábitos e costumes indígenas.	Livro.
11	Fe tar	Forte, corajoso.	Coma colonial.	Sei ainda tão pouco... Mas, permaneço no processo de despertar do COMA COLONIAL. E o curso contribuiu muito para esse processo. Sou imensamente grata pela oportunidade e porque posso continuar aprendendo com os povos indígenas por meio das referências apresentadas no curso.
12	Hoghog	Cachorro-do-mato	Embasamento	Satisfação

13	Fóg / Fe góv	Pessoa não indígena / Calmo	Uma nova visão.	Maravilhado.
14	Goj kafā tū	Mar	Aprender e compreender melhor a história e a cultura dos povos que deram a real origem de nosso país. Aprender a história não contada.	Ampliou a visão. Me trouxe outras perspectivas. Esclarecimentos. Muito aprendizado.
15	Fe kãnhvy	Alegria	Que seja divertido & traga ensino sobre várias tribos & suas culturas.	Curiosidade.
16	Fy / Fej / Kórgy	Semente / brotar / bem longe	Gostaria de entender a ausência do auto-retrato em determinadas culturas.	Percepção. Reconexão. Sangue ancestral. Apesar da história perdida, roubada, incompreendida e mal cuidada. De onde nasceram as florestas. Sou o farelo dessa terra. Poeira que desgrudou misturada com cimento. Lixo, água de bueiro e vento. Uma planta que nasce no ralo juntando os torrões soltos quando abro meus olhos abrem-me os olhos do meu avô. Onde piso nasce flor.
17	Inhkóra	Escola	Expressar	Despertou muito mais respeito, admiração e carinho pelo curso, pela professora e principalmente pela cultura indígena!
18	Mīg	Onça-pintada	Compreensão.	Porã. Aguyjevete.
19	Jatun mý	Sossegado	Novos conhecimentos e ideias + interdisciplinaridade.	Repertório, curiosidades e com a certeza de que quanto mais estudamos mais percebemos que o mundo é cheio de possibilidades.
20	Torēmā	Torresmo	Adquirir novos conhecimentos/perspectivas.	O curso abriu um novo mundo para entendimento e também adquirir um maior respeito por produções e personalidades indígenas.
21	Kāgran	Desenhar / Fotografar	Compartilhar saberes.	Como costumam dizer "aprender nunca é demais" e cada encontro foi um transbordamento de conhecimentos, ainda há muito para aprender não somente sobre mas com a diversidade de povos indígenas.
22	Kairu	Uma das marcas do povo Kaingang.	Conectar	Pertencimento. Renascimento.
23	Hoghog	Cachorro-domato	Conhecimento.	Muitos povos. Diversidades. Afetos. Pesquisas. Referências.
24	Fej	Flor	Respeito.	Interação e diversidade.

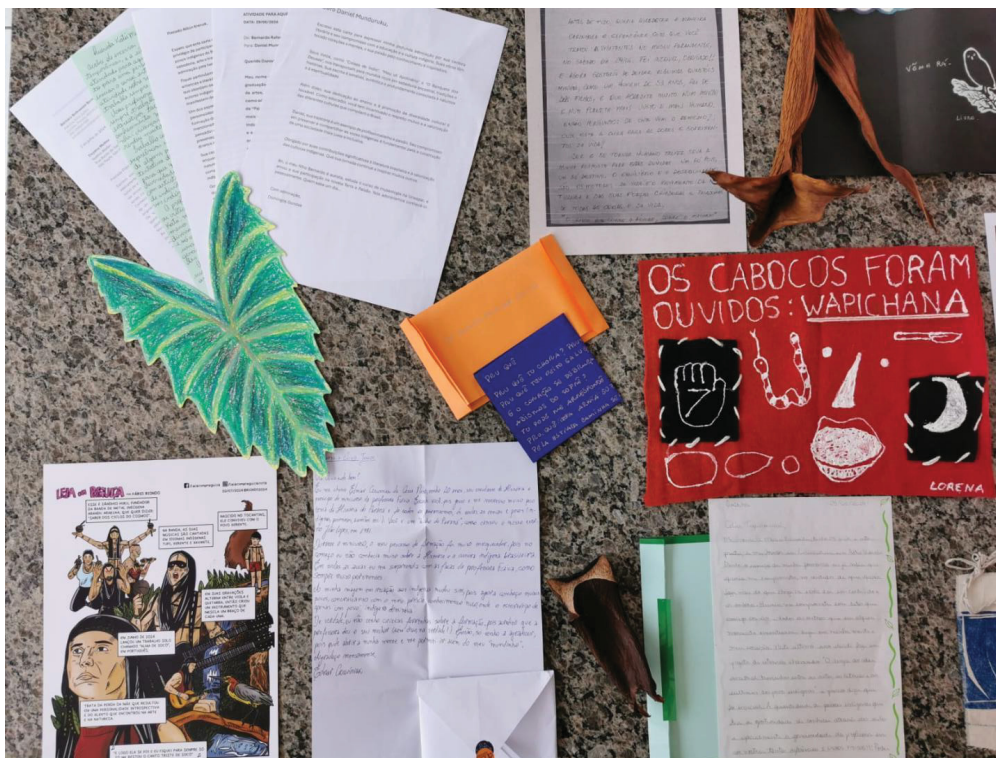
25	Krygféj	Vampiro, morcego.	Aprender e compartilhar.	Entrar em contato com os conhecimentos ancestrais é sempre muito enriquecedor. Foi uma experiência importante que abriu caminhos para outros muitos aprendizados. Coma colonial. Coma colonial. Coma colonial.
26	Ėmĩn	Caminhar	Construção de pontes.	Fazer junto. Agir de forma política. Continuar resistindo.
27	Tó	Coruja	Aprender sempre para sempre.	Krỹg krỹg. locjngógn. "O adulto ensina sobre a vida e o velho ensina sobre a alma." (em Guaraní)
28	Goj	Água, rio.	Aprendizado.	O curso trouxe uma riqueza maravilhosa de povos que são nosso chão, nossas raízes, nossa ancestralidade. Temos que nos ver como um povo diverso, com todo o respeito aos povos indígenas, que tem diversas culturas, especificidades, necessidades, sonhos e precisam de espaço e voz. Enfim, o curso ampliou nosso olhar. A palavra "goj" é rio, água, que adoro o significado. Traz vida, lava, alimenta.
29	Fe pẽ / Rẽĩr	Amor / Luz do sol	Mergulhar.	Gratidão! Os encontros despertaram o amor, a pesquisa e o interesse por conhecer e aproximar cada vez mais da cultura dos povos originários que revelam um outro olhar para si, com o outro e o meio em que se vive!
30	Paraná (em Guaraní) / Goj mág	Rio grande	Aprender	Imensidão do saber.
31	Goj	Água	Fazer pontes.	Aproximação, a maior aproximação que eu tive das linguagens artísticas de sujeitos indígenas.
32	Vẽnh rá	Livro	Desperto	Luta. Acorda. Resistência. Valorização.
33	Mrẽj	Cinza	(Re)Conhecer para (Re)conectar. Ch'ixi	Kasir (fragmentos). Após o curso sinto que conheci mais fragmentos ancestrais que me constituem.
34	Toto	Borboleta	Aprofundamento. Esclarecimentos, questões indígenas, aprofundamento cultural.	Vãsãn. Kanhrãn. Fóg jyre kato vãsãn.

FONTE: A autora (2024).

Estudando o quadro com o depoimento dos(as) participantes no início do curso, compreende-se que a expectativa em relação à formação estava voltada para a questão da aprendizagem na maioria das mensagens, mas algumas respostas destacaram: a experiência, a ancestralidade, a diversidade de culturas e histórias dos povos indígenas. Ao final do curso, o que marcou para eles(as) também foi a aprendizagem, a ancestralidade, a experiência e a diversidade; e surgiram outras palavras, afetos, como: gratidão, respeito e resistência. O conceito “coma colonial” do artista Wapichana Gustavo Caboco, que apresentei na primeira aula, foi destacado em dois relatos. Fiquei muito feliz com esses depoimentos, pois percebi que tocou, reverberou e que a semente está sendo feita. Com base na teoria e na metodologia da AD, os depoimentos foram desvelados pensando na produção de sentidos, a linguagem como fato e não dado. (Orlandi, 2008).

No último encontro presencial da formação, os(as) participantes entregaram as cartas e os trabalhos que tinham como destinatários(as) às personalidades indígenas. Algo que me chamou a atenção foi que algumas eram endereçadas para mim. Teve cursistas que, depois dessa aula, enviaram o trabalho por e-mail ou WhatsApp. Como todas as atividades do curso eram voluntárias, ao total recebi 20 produções, a maioria delas cartas escritas à mão ou digitadas, mas teve outros formatos, como gravura, colagem, desenho e pintura. Ao final do doutorado, pretendo encaminhar via correio ou, quando possível, entregar pessoalmente essas produções artísticas para os(as) respectivos(as) destinatários(as).

FIGURA 9 – UMA MENSAGEM DE AMOR E ESPERANÇA 1



FONTE: A autora (2024).

FIGURA 10 – UMA MENSAGEM DE AMOR E ESPERANÇA 2



FONTE: A autora (2024).

5 HỸN. PROVAVELMENTE



Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim (Krenak, 2019, p. 26-27).

Chegou o momento de fazer uma retrospectiva desta viagem entre mundos. Que começou em 2018 com o despertar do “coma colonial” (Caboco, 2022). Com a chama, o chamado. Mas, oficialmente, a jornada inicia em 2021, um momento que parecia ser o fim da humanidade, algo novo, inesperado, a pandemia, uma doença, uma tragédia que ceifou tantas vidas. O Brasil naquele período estava desgovernado, tive medo de perder as pessoas que mais amava, queria colocar todos(as) em uma redoma para protegê-los(as) do vírus.

Lembro-me até hoje quando saiu o resultado da minha aprovação no doutorado em Educação da UFPR. Depois de três tentativas, de três anos, finalmente consegui adentrar no PPGE. Fiquei tão feliz pela conquista, mas, infelizmente, não pude comemorar. Neste mesmo dia, uma pessoa próxima à família faleceu de Covid-19, já era a segunda em menos de dez dias. Uma tristeza. Na pandemia, me olhava e percebia como era privilegiada por ter uma casa, comida, emprego, condições para me manter em isolamento e ainda consegui acessar um nível de estudo que apenas 0,2% da população brasileira tem essa titulação, conforme a Capes (2024).

Como já é sabido, mas pouco divulgado, a pós-graduação pode causar adoecimento mental. A Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG) tem apresentado várias pesquisas sobre esse assunto, algo que foi potencializado com a pandemia, que ainda não tinha sido vivida por boa parte da população mundial. Segui o caminho preocupada, mas as aulas remotas do doutorado, as trocas com os(as) colegas, as leituras, as lives, os eventos, os cursos de extensão que fiz em

diferentes instituições, a maioria relacionados à temática indígena, foram um sopro de vida naquele momento tão difícil.

Quanto mais estudava e vivenciava as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas, mais crítica ficava dentro e fora da universidade, denunciando o apagamento, o silenciamento da produção artística, cultural e intelectual dos povos indígenas. Destaco alguns fatos: em 2021, me matriculei na disciplina “Educação da História Indígena”, do Mestrado Profissional em História da UFPR, com a expectativa de aprofundar os meus estudos em relação ao assunto. Como a ementa da disciplina não apresentou as referências bibliográficas, participei durante um mês das aulas, para entender como seria o desenvolvimento da matéria e verifiquei que a história dos povos indígenas seria contada somente na perspectiva dos teóricos brancos. Nos encontros, comentei com a professora sobre os(as) historiadores(as) indígenas Aline Rochedo Pachamama, Casé Angatu e Edson Kayapó, mas ela nunca tinha ouvido falar deles(as). Fiquei tão decepcionada que acabei cancelando a matrícula da disciplina.

No ano seguinte, fiz a inscrição em uma matéria do PPGE da UFPR que tratava de vários temas que dialogavam com os povos indígenas, então imaginei que ao menos um(a) teórico(a) indígena seria abordado nas aulas. Nos encontros, foi falado de sustentabilidade, do bem-viver, um conceito milenar dos povos indígenas, em especial dos Guarani e Baniwa, que têm publicações sobre o assunto, mas em nenhum momento foram citados. Fiz várias provocações nas aulas. Que ciência estamos fazendo ou queremos fazer? E para quem? Em um dos trabalhos que enviei para a docente, ela escreveu nos comentários do documento que o termo correto era povos originários, perguntou se os povos indígenas faziam pesquisa e fez outros apontamentos. Respirei fundo e enviei um e-mail, destaco abaixo um trecho da mensagem.

O termo mais indicado e utilizado mundialmente é "povos indígenas", conforme a Declaração da ONU sobre os Direitos dos Povos Indígenas (1993), Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) e também a produção de diversos escritores(as) indígenas, como Linda Smith, Edson Kayapó, Edson Krenak e Trudruá Dorrico (Julie Dorrico). Já o termo "povos originários" não está incorreto, pois muitos(as) autores(as) indígenas utilizam esse termo, como o escritor Daniel Munduruku, mas tem alguns e algumas teóricos(as) que discordam, como, por exemplo, a intelectual Silvia Rivera Cusicanqui. Em relação ao segundo

apontamento, não é apenas dar visibilidade aos diferentes povos, mas conversar com estes escritores(as), pensadores(as), teóricos(as)... Falo dos povos indígenas por estar conectado com a minha pesquisa, mas penso nas outras vozes e perspectivas de mundo, como das mulheres, da população negra, da comunidade LGBTQIA+, das pessoas com deficiência, dentre outros(as).

Sobre o terceiro comentário, penso que, por estarmos em um doutorado em Educação, todas as disciplinas deveriam apresentar em seus planos de ensino uma diversidade de autores(as). Em relação à produção da pesquisa indígena na academia, nas últimas décadas vem crescendo, a partir do momento que é criada a Lei de Cotas. Encaminho o link de uma biblioteca virtual, que tem como um dos organizadores o teórico Daniel Munduruku. Neste espaço, tem diversas antologias, dissertações e teses feitas por pesquisadores(as) indígenas. Além disso, existem várias publicações: livros, artigos e revistas disponíveis na Internet, nas diferentes áreas, produzidas por e pelas indígenas. Entendo que o objetivo da disciplina não é falar sobre os povos indígenas, mas considero importante, pelo título da matéria, pensar os conceitos com múltiplas vozes.

Esta foi mais uma disciplina que desisti, pois não estava agregando conhecimento para desenvolver o estudo na pós-graduação. Outro episódio aconteceu em 2023, quando participei de um seminário de relações étnico-raciais na UFPR de forma on-line, verifiquei que não havia palestrantes indígenas, sendo que o evento contava com verba da instituição, então, enviei uma mensagem no chat perguntando o que eles(as) entendiam sobre o conceito “relações étnico-raciais”, pois não vi nenhum(a) intelectual indígena participando das mesas-redondas. A resposta foi o silêncio.

Passando dos relatos da pós-graduação para a graduação. Uma vez, escutei um professor que trabalhava comigo no Ensino Superior falar para os(as) estudantes que agora eu só falava dos povos indígenas. Então, lembrei de uma fala que a Júlia Muniz, do povo Xavante, fez no curso “Arte Visual Indígena Tradicional” que realizei em 2021. “Eu tenho que falar por todos(as) professores(as) da escola, porque ninguém fala nada sobre os povos indígenas. Se cada um falasse um pouco em sua disciplina, não precisaria eu ficar falando toda hora sobre a temática indígena.” A mesma situação acontecia comigo na universidade. Alguém precisava apresentar para os(as) estudantes outras maneiras de olhar e pensar a arte, a vida.

Em uma aula em que fui convidada para ministrar na licenciatura, uma aluna perguntou antes de eu iniciar a apresentação qual era a minha ancestralidade. Respondi, como sempre falo nas aulas, nos cursos e nas formações, que tinha ascendência indígena, como boa parte da população brasileira. Mas, naquele momento, estava falando como uma professora, uma pesquisadora e dialogando com os povos indígenas, pois boa parte do referencial teórico que apresento são de intelectuais indígenas, que vai de encontro da solicitação do movimento indígena de ter materiais didáticos sobre a temática indígena produzidos por autores(as) indígenas, conforme o Parecer CNE/CEB nº 14/2015.

Além disso, existe a Lei nº 11.645/08 que determina o ensino obrigatório das culturas e histórias indígenas na Educação Básica. Sendo a universidade formadora dos(as) futuros(as) professores(as), também teria que contemplar a temática indígena nos currículos e nas aulas. Ao final do encontro, a estudante veio pedir desculpas pela forma como se expressou. Saindo do espaço da universidade para as redes sociais, em 2024, vi um post no Instagram de um clube de leitura de mulheres realizado em Curitiba, informando as leituras que seriam feitas naquele ano, apresentando o coletivo que tem quase 10 anos e que mais de 80 autoras já tinham sido lidas. Fiquei curiosa para saber quantas escritoras indígenas tinham nessa relação, então mandei uma mensagem. O comentário teve tanta repercussão que obtive a informação depois de várias manifestações. Dessas 80 escritoras, nenhuma era indígena.

Esses são apenas alguns momentos que vivenciei nesta jornada. Há um desconhecimento e um preconceito em relação aos povos indígenas por boa parte da sociedade brasileira, segundo o Parecer CNE/CEB nº 14/2015. Apesar dos desencontros, dos silenciamentos, nesta caminhada, muitos diálogos foram feitos com escritores(as), artistas, poetas, cineastas, cantores(as), professores(as), pesquisadores(as), políticos(as), ativistas, lideranças, boa parte indígenas, mas diferente do colonialismo que quer manter um monólogo europeu, o estudo também conversou com pensadores(as) brancos(as), negros(as) e LGBTQIA+, de diferentes regiões do Brasil e países, procurando fazer “alianças afetivas”. (Krenak, 2022).

No trajeto, fui acompanhada por Eni Orlandi, uma pesquisadora sensível às causas indígenas. Nos seus trabalhos relacionados aos povos indígenas, sempre evidenciou a contribuição das lideranças e escritores(as) indígenas, como Ailton Krenak. Talvez não tenhamos conversado tanto como eu gostaria, mas foi uma

tentativa, a primeira, espero que de muitas outras pesquisas que relacionem a teoria da Análise do Discurso, a Lei nº 11.645/08 e a formação de educadores(as).

No referencial teórico da tese, na parte que aborda a Lei nº 11.645/08, optei em fazer o mapeamento, uma mostra da produção editorial sobre a legislação. Pois este material é mais acessado pelos(as) professores(as) da Educação Básica do que artigos, dissertações e teses. Seria interessante que fossem realizadas pesquisas com o levantamento e análise da produção acadêmica sobre o tema, que conta com trabalhos de intelectuais indígenas, como Casé Angatu (2015), Edson Kayapó (2015), Edson Krenak (2019), Gersem Baniwa (2016), Graça Graúna (2011), Regina Aparecida Kosi dos Santos (2023), do povo Kaingang, dentre outros(as) pensadores(as) indígenas.

No subcapítulo que trata da arte indígena contemporânea, foi dada ênfase para as Artes Visuais, a área da minha formação, mas é importante destacar que há artistas indígenas atuando, permeando as diferentes linguagens. Para os povos indígenas, a arte não está dividida em “caixinhas” (Artes Visuais, Teatro, Dança, Cinema, Música, etc.) como acontece na cultura ocidental. Conforme apresentado por Ailton Krenak, Jaider Esbell e Naine Terena, a arte está presente no dia a dia, é viva, é vida.

Fazendo um trançado, passamos da revisão de literatura para a linguagem do trabalho, concordando com Djamila Ribeiro que entende “a linguagem como mecanismo de manutenção de poder” (Ribeiro, 2023, p. 14), a escolha foi por uma comunicação didática, acessível, para que a leitura não fique restrita somente aos pares da academia, mas que perpassasse os muros da universidade, para que a minha mãe, as professoras e professores que trabalham 40 horas ou mais nas escolas, os(as) estudantes da graduação e do Ensino Médio que conciliam o trabalho com os estudos, dentre outros profissionais das diferentes áreas, possam fazer esta viagem entre mundos. Lendo poesias, imagens, letras de música, imaginando as performances, os filmes, as obras. Conhecendo diversos intelectuais indígenas e não indígenas.

Outro trançado, recapitular o objetivo geral e os objetivos específicos da tese, seus movimentos, desdobramentos. O objetivo geral da pesquisa era: **compreender como um curso de extensão relacionado à temática indígena, com base na legislação e com referências da produção artística e intelectual dos(as) povos indígenas, pode mobilizar um grupo de educadores(as) da capital paranaense**

e Região Metropolitana, a pensarem por outras perspectivas as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas. Já os objetivos específicos foram:

- **Elaborar a proposta de um curso de extensão com base na Lei nº 11.645/08, com enfoque especial na arte indígena contemporânea.** Desenvolvi em 2024 o projeto de extensão “O lugar do saber ancestral: trançados entre as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas”, apresentado na Unespar, campus Curitiba II - FAP, vinculado ao colegiado de Artes Visuais, que teve como coordenadora a professora doutora Ana Maria Rufino Gillies. Como trabalhei por quatro anos nessa instituição, tive uma abertura, um incentivo para desenvolver a formação nesse espaço, além dos(as) professores(as) da universidade terem contribuído com a divulgação do curso, que teve seis encontros presenciais de três horas e meia e um síncrono na plataforma Google Meet de uma hora, com a carga horária total de 30 horas. A programação da formação contemplou alguns fatos das histórias dos povos indígenas, as legislações referentes ao tema, a produção contemporânea, artística e literária indígena.

- **Desenvolver uma formação voltada para educadores(as) em uma instituição pública.** Foi desenvolvido um curso de extensão em uma universidade pública, nos meses de maio, junho e julho de 2024, que contemplou professores(as), estudantes e profissionais das diferentes áreas da cidade de Curitiba e Região Metropolitana. Recebeu 113 inscrições, sendo que na primeira aula vieram somente 63 participantes divididos em 4 turmas. A média de frequência teve variação de 55 a 60 cursistas por aula, sendo que 49 completaram o curso com mais de 70% de presença. Alguns e algumas participantes informaram sobre a desistência na formação, por estarem sobrecarregados no trabalho ou por não conseguirem conciliar essa atividade com os estudos e o trabalho.

É importante destacar que a enquête feita para investigar o número de interessados(as) e qual seria o melhor dia da semana e período para realizar o curso, teve 167 respostas. Percebe-se uma carência de formações relacionadas às artes, histórias e culturas dos povos indígenas na cidade de Curitiba e Região Metropolitana; além disso, profissionais de diferentes áreas têm vontade de aprender sobre a temática indígena.

- **Mapear a formação dos(as) participantes do curso de extensão em relação aos povos indígenas.** Através do questionário preenchido por 63 cursistas na primeira aula da formação, verificou-se que um pouco mais da metade dos(as)

participantes têm ascendência indígena; que 50% deles(as) não aprenderam nada ou quase nada sobre a temática indígena na escola e na universidade. A formação em relação aos povos indígenas aconteceu com mais frequência no ensino não formal, sendo quase 70% das respostas; a maioria não fez um curso de língua indígena (93,7%) ou teve um(a) professor(a) indígena (88,9%); mais de 60% nunca visitou uma aldeia; mesmo tendo pouca formação no ensino formal, uma média de 65% dos(as) participantes conhece um(a) artista, um(a) escritor(a) indígena, segue-os(as) nas redes sociais e visitou uma exposição de arte indígena contemporânea. Diferentemente da produção cinematográfica, que apenas 23,8% dos(as) cursistas já assistiram a um filme produzido por um(a) cineasta indígena.

- Criar um canal de comunicação (grupo do WhatsApp) para divulgar cursos, palestras, exposições, peças de teatro, manifestações, petições, notícias, dentre outros eventos relacionados aos povos indígenas. Além de disponibilizar o link de acesso ao drive com a relação de referências abordadas no curso, uma lista com o nome de personalidades indígenas, o cronograma das aulas, dentre outros materiais. Foram criados dois grupos no WhatsApp, um para as turmas de terça-feira e outro para as turmas de sábado, no qual só a administradora envia mensagens. Em 2024, encaminhei semanalmente o informativo “Encontros para movimentar o pensar”, entre dezembro e janeiro houve uma pausa, devido ao período de férias. Em 2025, estou enviando a programação mensalmente, devido às demandas do doutorado. O link do drive está disponível de forma permanente para os(as) cursistas, com todos os documentos que foram citados e seguem nos apêndices deste estudo.

- Desvelar o discurso dos(as) cursistas sobre o seu processo de formação;
- Compreender se houve mudança no olhar dos(as) participantes para as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas, ao final do curso de extensão, a partir das materialidades produzidas no processo. Conectei estes dois objetivos, por estarem entrelaçados. Muitas materialidades foram produzidas ao longo do processo de formação, como cartas para personalidades indígenas, pseudônimos na língua Kaingang, diversas produções artísticas e os depoimentos dos(as) participantes. Poderia ser feita uma pesquisa para cada uma delas e desvelar com mais tempo todas essas criações. Apresento a seguir o relato de alguns e algumas cursistas, que encaminharam para o meu WhatsApp depois do

curso finalizado, o que vem reverberando nos seus estudos, no seu trabalho, na sua vida.

A Fe pẽ / Rẽĩr (Amor / Luz do sol) depois de quatro meses do término da formação, enviou uma mensagem dizendo que tinha participado do Seminário de Educação Ambiental, realizado em Pinhais, Região Metropolitana de Curitiba, em 2024. O evento contou com a palestra de abertura do Daniel Munduruku. Fe pẽ / Rẽĩr (Amor / Luz do sol) encaminhou algumas fotos com o escritor autografando os livros que ela tinha adquirido e o seguinte recado:

Boa tarde, professora Flávia! Hoje tive a oportunidade de ouvir novamente o Daniel Munduruku no evento em Pinhais! E vc não sabe o que eu fiz! Entreguei a carta que escrevemos no curso para ele, acredita? Ele disse que irá ler com muito carinho! Passando aqui só para dizer que “sonhos não morrem jamais”! Obrigada por cada conhecimento compartilhado! Grande beijo! Logo iremos comemorar juntas nossas conquistas!

Em dezembro, Fe pẽ / Rẽĩr (Amor / Luz do sol) mandou um registro de tela da relação de aprovados do Doutorado em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) que mostrava a sua aprovação. Além da imagem, enviou a seguinte mensagem: - *Queria compartilhar com vc a alegria! Vc faz parte dessa conquista!*  A Fe pẽ / Rẽĩr (Amor / Luz do sol) vai pesquisar na pós-graduação a relação entre educação ambiental, povos indígenas e os estudos decoloniais. É fundamental serem feitos mais estudos como este, de pesquisar COM os povos indígenas, dialogando com as suas epistemologias, em todas as áreas do conhecimento. Fico muito feliz com as palavras, a conquista e ver como o curso vem reverberando na caminhada da Fe pẽ / Rẽĩr (Amor / Luz do sol).

O próximo relato é da Tỹ fe nĩ (Amar), que participa de diversas formações. Nos reencontramos em julho de 2024, em uma oficina da Caixa Cultural de Curitiba, sobre Arte Indígena e abordagens didáticas em sala de aula. Também trocamos mensagens via WhatsApp sobre uma possível visita à aldeia, dela com as turmas da escola. Em fevereiro de 2025, enviei uma mensagem para Tỹ fe nĩ (Amar)

perguntando se poderia apresentar na pesquisa as ações que ela vem desenvolvendo na instituição de ensino, em relação à temática indígena, e ela respondeu com um lindo depoimento, detalhando todo o processo desta caminhada.

Sou professora da rede pública estadual, atuando com a disciplina de Sociologia. No ano letivo de 2024, após passar pelo curso de formação da professora Flávia Gisele, foi possível aprofundar o conhecimento sobre os povos originários e ampliar as possibilidades de abordagens pedagógicas e metodológicas em sala de aula. Ao finalizar o curso, o que foi ensinado e aprendido pode ser colocado em prática. Pela primeira vez, quatro turmas do 2º ano do Ensino Médio tiveram contato com um escritor indígena. Foi-lhes apresentado o filósofo indígena Ailton Krenak através dos títulos: A vida não é útil, Futuro Ancestral e Ideias para adiar o fim do mundo. Os livros foram adquiridos com recursos da APMF da escola, que comprou 10 exemplares de cada título para formar um kit de leitura para ser levado às salas durante as aulas de Sociologia.

As impressões dos estudantes sobre a escrita de Ailton Krenak foi um dos momentos mais bonitos. Muitos questionamentos foram feitos sobre os povos tradicionais e sua relação com o meio ambiente. Perguntas como: professora, por que o autor diz que os rios, as montanhas, as florestas são parentes? Qual a utilidade vida? Como iremos adiar o fim do mundo? Ao finalizar a leitura, os estudantes foram avaliados de duas formas, uma por meio de um debate sobre os livros e outra pela ilustração dos conteúdos apresentados por Krenak. Para a produção das ilustrações, os estudantes foram apresentados ao artista indígena Jaider Esbell. Quando do contato com a obra de Jaider Esbell, percebeu-se um fascínio pela estética colorida e criativa de Esbell.

Os resultados alcançados superaram as expectativas, pois despertou nos estudantes o interesse em aprender sobre os povos originários e romper com uma visão tradicional de educação, focada num pensamento colonial e etnocêntrico. Para finalizar o trabalho desenvolvido com as turmas, programou-se uma aula de campo no Museu Paranaense. A exposição visitada, de curadoria indígena, é algo inédito neste espaço de memórias da cultura. Muitos estudantes nunca haviam entrado num museu, fato que demonstra a necessidade de sairmos dos muros da escola e

proporcionamos novos espaços de conhecimento e aprendizagem aos nossos estudantes.

O curso de formação ministrado pela professora Flávia, transformou meu fazer pedagógico e possibilitou aos estudantes do Ensino Médio um novo olhar sobre a diversidade cultural brasileira. Conclui-se que é imprescindível a formação continuada dos profissionais da educação, para que imbuídos desse conhecimento possam transformar os processos de ensino e aprendizagem da população jovem que cursa o novo ensino médio.

Esse relato apresenta uma sequência didática entrelaçando Sociologia, Literatura Indígena e Arte Indígena Contemporânea, envolvendo a professora, estudantes, a Associação de Pais, Mestres e Funcionários (APMF) e a equipe de mediação do museu. Mostra a importância da formação de professores(as) para que eles(as) se sintam preparados(as) para desenvolver a temática indígena em sala de aula, ao longo do calendário escolar e não somente no Dia dos Povos Indígenas.

Dialogando com a pesquisadora Regina Aparecida Kosi dos Santos (2023), em sua dissertação com o título “Lei 11.645/08 e o desafio de docentes não-indígenas em relação à temática indígena nas salas de aula”, apresenta na análise de dados, desenvolvida com um grupo de professores(as), que todos(as) conhecem a legislação, sabem da sua importância, trabalham em sala de aula, mas não tiveram formação e por isso, alguns e algumas docentes informaram que não se sentem qualificados para abordar as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas nas aulas.

A próxima mensagem que apresento é do Fy / Fej / Kór gy (Semente / brotar / bem longe), que foi bastante ativo no processo do curso de extensão, indicando várias referências e apresentando várias questões para pensar. Desde a formação, Fy / Fej / Kór gy (Semente / brotar / bem longe) comenta sobre a sua memória familiar indígena, a busca, o desvelar, e após tem feito um mergulho, frequentando muitos cursos.

Estou participando do curso de extensão da UNB "A produção de conhecimento das indígenas mulheres nas universidades: uma proposta de expansão e indigenização do pensamento social brasileiro contemporâneo" onde estou sendo introduzido à várias questões sobre as quais eu nunca havia refletido,

tais como: violência alimentar, DNA mitocondrial (Eva Mitocondrial), questões de padrões de beleza, acesso à saúde e direitos básicos.

O Fy / Fej / Kór gy (Semente / brotar / bem longe) também tem se envolvido em produzir materiais pedagógicos e didáticos, que retratem a diversidade de povos indígenas, suas lutas, a contemporaneidade, baseado em pesquisas, fazendo com base em referências indígenas, buscando escutar, aprender em todo o processo. Alguns dos seus quadrinhos já foram repostados por artistas e associações indígenas nas redes sociais.

Comecei interagindo com o artista, cantor, músico e compositor xerente Zândhio Huku e publiquei uma página de histórias em quadrinhos sobre ele. Depois li sobre o Marco Temporal e a PEC48 e produzi algumas tirinhas ainda enquanto no curso de extensão "O lugar do saber ancestral: trançados entre as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas" na UNESPAR/FAP. Essas tirinhas foram reproduzidas pela APIB e ANMIGA. Na primeira tirinha a Camila me ajudou com a citação de um canto Kanhgág.

Eu trabalho com materiais didáticos, então minha forma de colaborar com a indigenização é, sempre que eu puder, por exemplo, quando a imagem que eu devo desenhar fala de um cientista, eu por escolha própria desenhar uma mulher indígena. É uma responsabilidade que eu devo assumir. A indigenização é muito necessária e pouquíssimo refletida. Acredito que meu esforço pessoal possa colaborar com o coletivo.

Outra participante que tenho acompanhado a trajetória é a Mĩg (Onça-pintada). Ela é estagiária em uma Casa de Leitura na cidade de Curitiba. Conversamos pelo WhatsApp e Mĩg (Onça-pintada) mandou a seguinte mensagem: *Estou fazendo um projeto de mediação de literatura indígena nas Casas da Leitura, vou entregar amanhã!! Coloquei a Trudruá, Marcia Kambeba, Yaguarê Yamã.. sua aula ajudou muito nessa busca de repertório de verdade! É gratificante ver a formação reverberando em outros espaços, de ensino não formal.*

Além deste projeto, Mĩg (Onça-pintada) está desenvolvendo o seu TCC no curso de Teatro da Unespar - FAP. *Estou pesquisando o Teatro como ferramenta para a criação de um imaginário racial, em específico para com os povos indígenas.*

la falar com vc mais pra frente pra conversarmos sobre isso, trocar umas ideias, mas ainda estou iniciando a pesquisa hehehe. Ainda não conversamos sobre esse trabalho, mas quero muito contribuir com a pesquisa da Mĩg (Onça-pintada).

O que falar desses depoimentos? Não tenho palavras para expressar a minha alegria em ver os frutos da semeadura germinando. É possível sonhar. Conectando-se com o propósito da III Marcha das Mulheres Indígenas, organizada pela ANMIGA, que aconteceu em 2023 no Distrito Federal, “reflorestar as mentes e os corações para a cura da Terra”. Escolhi apenas quatro relatos de vários que recebi após o curso de extensão. Procurei contemplar na seleção os depoimentos que envolvessem a escola, a universidade, os espaços culturais e os meios de comunicação.

A realização da formação foi um sopro de vida para continuar a pesquisa. Tivemos encontros alegres e afetuosos. As horas passavam voando. Foi um período intenso, tive que conciliar a pesquisa, o curso e o trabalho. Mas aprendi muito neste processo, conheci outras histórias, referências, artistas e escritores(as) indígenas. Fiz muitas amizades e ganhei parceiros(as) de luta, lutamos por uma educação antirracista, pelos direitos humanos, pela Mãe Terra.

O projeto de extensão apresentado na tese é uma possibilidade que pode ser desenvolvida pelas secretarias de educação e/ou cultura dos municípios e estados; pelos espaços culturais; pelas universidades e escolas, públicas e privadas. Faço algumas considerações para uma nova oferta, a partir desta experiência vivenciada em 2024, com 4 turmas e uma média de 15 participantes por sala, em uma universidade pública, na cidade de Curitiba:

- Aumentaria o número de encontros de 6 para 8, assim teria mais tempo para abordar os conteúdos, para as discussões nas aulas e o feedback dos(as) participantes;
- Não ofertaria turmas aos sábados à tarde, teve bastante procura, mas pouca presença dos(as) cursistas. As turmas com maior participação foram durante a semana, no período da tarde e noite;
- No formulário de inscrição, colocaria uma opção para verificar se algum(a) participante necessita de atendimento especial, assim poderia preparar o espaço e a aula com antecedência, atendendo cada especificidade. Outra questão, que faltou mencionar, programaria o formulário para que o(a) cursista recebesse uma resposta automática com os dados preenchidos, assim ele(a) teria esse registro de matrícula.

A partir desta pesquisa, temos algumas pistas da falta de diversidade nas instituições de ensino, em especial nas universidades, tanto dos corpos indígenas (discentes e docentes), como das suas epistemologias, produções artísticas e culturais, nos currículos, nas ementas das disciplinas, nas extensões. Conforme a Constituição Federal de 1988, a LDB e a Lei nº 11.645/08, os(as) estudantes têm o direito ao acesso à diversidade de conhecimentos, histórias e culturas, esse estudo destaca as dos povos indígenas.

Fazendo uma nova busca no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, em fevereiro de 2025, com a palavra-chave “Lei 11.645/08”, sem o “nº”, pois o número de estudos que aparece na plataforma é maior, foram encontrados somente 155 trabalhos, nas diferentes áreas. A Educação é a área de conhecimento com mais estudos, tem 39 pesquisas. Para uma legislação que vai completar, no dia 10 de março de 2025, 17 anos, esta produção acadêmica ainda é muito pequena.

Esta tese tem como propósito contribuir com outras pesquisas, pois é urgente que se amplie significativamente a quantidade de trabalhos relacionados à Lei nº 11.645/08. Além disso, pode ser uma referência na preparação das aulas, tanto na universidade como na escola; como já mencionado, apresenta uma possibilidade de formação continuada para educadores(as). Conectando os três pilares aos quais a universidade se propõe: pesquisa, ensino e extensão.

Inspirada nas crônicas: “Eu sei, mas não devia” da escritora Marina Colasanti, publicada em 1972; e “Vista Cansada” do jornalista Otto Lara Resende, de 1992; criei uma poesia.

A gente se acostuma, mas não devia...

Ver crianças Yanomami sendo sugadas pelas dragas dos garimpeiros⁸⁴; jovens e crianças Guarani Kaiowá sendo contaminadas por agrotóxico jogado por fazendeiros⁸⁵; meninas e mulheres indígenas de diferentes povos sendo estupradas

⁸⁴ Notícia El País - “Duas crianças yanomami mortas, sugadas por uma draga da exploração ilegal de minério”, da jornalista Beatriz Jucá, publicada em 15 de outubro de 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-16/duas-criancas-yanomami-mortas-por-uma-draga-de-exploracao-ilegal-de-minerio-diante-da-omissao-do-governo.html>. Acesso em: 7 fev. 2025.

⁸⁵ Notícia da Assessoria de Comunicação do Cimi - “Agrotóxicos despejados perto de aldeia levam crianças e jovens Guarani Kaiowá ao hospital”, por Renata Santana, divulgada no dia 16 de maio de 2019. Disponível em: <https://cimi.org.br/2019/05/agrotoxicos-despejados-perto-aldeia-levam-criancas-jovens-guarani-kaiowa-hospital/>. Acesso em: 7 fev. 2025.

dentro e fora da aldeia; anciões(as) sendo queimados(as) por terem uma crença diferente do colonizador⁸⁶.

A gente se acostuma, mas não devia...

Ver bibliotecas não terem livros de escritores(as) indígenas; ementas de disciplinas sem nenhum referencial teórico indígena; museus não terem obras de artistas indígenas em seus acervos; pesquisas desenvolvidas no Brasil utilizarem boa parte do referencial europeu.

A gente se acostuma e, de tanto se acostumar, muitos acreditam que é melhor continuar assim, mantendo o sistema colonizador, capitalista, racista, machista.... “É por aí que se instala no coração o monstro da indiferença”. (Resende, 1992).

Fazendo alianças afetivas com a vídeo-performance “Preconceito” da Olinda Yawar Tupinambá, que ao final a artista diz: “Lembre, no Brasil, todo mundo tem sangue indígena, uns nas mãos, outros nas veias e outros na alma. Onde fica o seu?” Quando somos professores(as), pesquisadores(as), educadores(as), e apresentamos somente referenciais artísticos, culturais e epistemológicos eurocêntricos, ocidentais, hegemônicos, estamos contribuindo para que mais gotas de sangue indígena sejam derramadas. Em pleno 2025, o “coma colonial” impera. Mas ainda é possível sonhar e criar fissuras no sistema. Como canta Casé Angatu, em suas aulas, “pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem não pode com a formiga não assanha o formigueiro!”

A porcentagem de sangue indígena que corre nas minhas veias é pequena, segundo um teste de sangue genético, mas a que corre na alma é imensa. Sigo acreditando que é possível contar mais uma história e que depois desta viagem tem mais gente caminhando comigo. Este momento aqui não é o fim, mas sim uma pausa, breve. Pois ainda há muito que aprender, pesquisar, mobilizar, lutar, multiplicar, semear...

⁸⁶ Notícia Brasil de Fato - “Casal de rezadores Guarani e Kaiowá é encontrado carbonizado no Mato Grosso do Sul”, da jornalista Gabriela Moncau, publicada em 19 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/09/19/casal-de-rezadores-guarani-e-kaiowa-e-encontrado-carbonizado-no-mato-grosso-do-sul>. Acesso em: 7 fev. 2025.

5.1 ÁLBUM DE MEMÓRIAS







Fonte: A autora (2024) e Luciana Oliveira (2024).

Agradeço imensamente aos(as) participantes do curso que me acompanharam nesta caminhada e contribuíram com esta pesquisa.

5.2 MEU CAMINHAR COM OS POVOS INDÍGENAS





Fonte: A autora (2019-2024) e Nelson Sebastião (2019).

MĨJ. ENCONTRO

34ª BIENAL DE SÃO PAULO. **Faz escuro mas eu canto**. São Paulo, 2021.
Disponível em: <http://34.bienal.org.br/>. Acesso em: 22 jun. 2023.

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010**: população indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas. Rio de Janeiro: 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14262-asi-censo-2010-populacao-indigena-e-de-8969-mil-tem-305-etnias-e-fala-274-idiomias>. Acesso em: 21 fev. 2024.

ARAÚJO, Vanessa Rodrigues. **Sabendo quem somos**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://cimi.org.br/2019/08/sabendo-quem-somos-livro-discute-apagamento-memoria-familiar-descolonizacao/>. Acesso em: 7 ago. 2022.

ARQUIVO NACIONAL. **Vítimas de tortura**: indígenas ainda sentem violações sofridas na ditadura. Rio de Janeiro: 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/noticias/vitimas-de-tortura-indigenas-ainda-sentem-violacoes-sofridas-na-ditadura>. Acesso em: 31 out. 2024.

ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL (APIB). **Marco Temporal**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://apiboficial.org/category/marco-temporal/#:~:text=O%20marco%20temporal%20%C3%A9%20uma,da%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20Federal%20do%20Brasil>. Acesso em: 27 out. 2024.

ARTICULAÇÃO NACIONAL DAS MULHERES INDÍGENAS GUERREIRAS DA ANCESTRALIDADE (ANMIGA). **Quem somos**. Disponível em: <https://anmiga.org/quem-somos/>. Acesso em: 19 fev. 2025.

_____. **III Marcha das Mulheres - 2023**. Disponível em: <https://anmiga.org/iii-marcha-das-mulheres-indigenas-2023/>. Acesso em: 19 fev. 2025.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUANDOS (ANPG). **Estresse e depressão na pós-graduação: uma realidade que a academia insiste em não ver**. Disponível em: <https://www.anpg.org.br/2017/04/estresse-e-depressao-na-pos-graduacao-uma-realidade-que-a-academia-insiste-em-nao-ver/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

BANIWA, André. A garantia do bem viver. In: LEMOS, Beatriz; BANIWA, Denilson; LAFUENTE, Pablo (Org.). **Nakoada**: estratégias para a arte moderna. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2022. Catálogo.

BANIWA, Braulina; KAINANG, Jozileia; TREMEMBÉ, Lucinha (Org.). **Vivências diversas**: uma coletânea de indígenas mulheres. São Paulo: Hucitec, 2020.

BANIWA, Denilson. **Performance Pajé-Onça Hackeando**. 1 vídeo (15 min). 33ª Bienal de Artes de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MGFU7aG8kgl&t=2s>. Acesso em: 24 jun. 2023.

BANIWA, Gersem José dos Santos Luciano. A história e cultura indígena no contexto da Lei 11.645/08: reflexos na educação brasileira. **Revista de Educação do COGEIME**, Manaus, v. 25, n. 49, p. 11-23, jul./dez. 2016.

_____. **Educação escolar indígena no século XXI**: encantos e desencantos. Rio de Janeiro: Mórula, Laced, 2019. Disponível em: <http://laced.etc.br/acervo/livros/educacao-escolar-indigena-no-seculo-xxi/#:~:text=e%20desencantos%20%7C%20laced-.Educa%C3%A7%C3%A3o%20Escolar%20Ind%C3%ADgena%20no%20s%C3%A9culo%20XXI:%20encantos%20e%20desencantos,aqui%20o%20download%20desse%20livro>. Acesso em: 12 fev. 2025.

BANIWA, Lilly. Troca dos conhecimentos dos nossos avós ou ancestrais. In: LEMOS, Beatriz; BANIWA, Denilson; LAFUENTE, Pablo (Org.). **Nakooda**: estratégias para a arte moderna. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2022. Catálogo.

BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 2. ed. reimp. Porto Alegre: Sulina, 2012.

BRAZILIAN PUBLISHERS. **“Ideias para adiar o fim do mundo” chega à lista de mais vendidos**. Disponível em: <https://brazilianpublishers.com.br/noticias/ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo-chega-a-lista-de-mais-vendidos/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

_____. **Ailton Krenak volta à lista de mais vendidos do PublishNews com 'Futuro Ancestral'**. Disponível em: [https://www.publishnews.com.br/materias/2022/12/16/ailton-krenak-volta-a-lista-de-mais-vendidos-do-publishnews-com-futuro-ancestral#:~:text=Em%202019%2C%20Krenak%20tamb%C3%A9m%20ficou,mundo%20\(Companhia%20das%20Letras](https://www.publishnews.com.br/materias/2022/12/16/ailton-krenak-volta-a-lista-de-mais-vendidos-do-publishnews-com-futuro-ancestral#:~:text=Em%202019%2C%20Krenak%20tamb%C3%A9m%20ficou,mundo%20(Companhia%20das%20Letras). Acesso em: 12 fev. 2025.

BENITES, Sandra. “É difícil lidar com um sistema que engessa a gente”, diz curadora indígena que deixou o Masp. Entrevista a Caroline Oliveira. **Brasil de Fato**, São Paulo, maio de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/05/20/e-dificil-lidar-com-um-sistema-que-engessa-a-gente-diz-curadora-indigena-que-deixou-o-masp>>. Acesso em: 9 fev. 2025.

BERNARDES, Rosvita Kolb. Segredos do coração: a escola como espaço para o olhar sensível. **Cad. CEDES**, Campinas, SP, v. 30, n. 80, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/bbzqfrQNhwN7CgY3kJ7QRqs/?lang=pt>. Acesso em: 21 fev. 2024.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Portal da Legislação**, Brasília, DF, 05 out. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 1 ago. 2022.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Portal da Legislação**, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 10 jul. 2022.

_____. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Portal da Legislação**, Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 14 out. 2024.

_____. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. **Portal da Legislação**, Brasília, DF, 10 mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 10 jul. 2022.

_____. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. **Portal da Legislação**, Brasília, DF, 29 ago. 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 30 out. 2024.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo Escolar da Educação Básica 2022**: resumo técnico. Brasília, DF: Inep, 2023. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2022.pdf. Acesso em: 20 out. 2024.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2021**. Brasília, DF: Inep, 2023. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2021.pdf. Acesso em: 21 out. 2024.

CABOCO, Gustavo. **Baaraz Ka'Aupan**. Curitiba: Picada, 2021.

CAMPOS, Ana Cristina. **Guajajara**: pertencimento foi fator decisivo para aumento de indígenas. Agência Brasil, Rio de Janeiro, 07 ago. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-08/guajajara-pertencimento-foi-fator-decisivo-para-aumento-de-indigenas#:~:text=Guajajara%3A%20pertencimen%20foi%20fator%20decisivo%20para%20aumento%20de%20ind%C3%ADgenas.-Ministra%20participou%20do&text=A%20ministra%20dos%20Povos%20Ind%C3%AADgenas,se%20deve%20a%20diferentes%20fatores>. Acesso em: 29 set. 2024.

CAMPOS, Yussef; KRENAK, Ailton. **Lugares de Origem**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

CARELLI, Rita. **A história de Akykysia, o dono da caça**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2018.

_____. **Das crianças Ikpeng para o mundo.** São Paulo: SESI-SP Editora, 2018.

_____. **No tempo do verão.** São Paulo: SESI-SP Editora, 2018.

CARNEIRO, José Álvaro da Silva. **Que pira é essa?** Curitiba: Edição do autor, 2018.

CARVALHO, Ana. **A história do monstro Khátpy.** São Paulo: SESI-SP Editora, 2018.

_____. **Depois do ovo, a guerra.** São Paulo: SESI-SP Editora, 2018.

_____. **Palermo e Neneco.** São Paulo: SESI-SP Editora, 2018.

CASÉ ANGATU, Carlos José Ferreira dos Santos. "História e culturas indígenas" - alguns desafios no ensino e na aplicação da lei 11.645/2008: de qual história e cultura indígena estamos falando? **Revista História & Perspectivas**, Uberlândia: UFU, v. 28, n. 53, p. 179-209, 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/32772>. Acesso em: 22 fev. 2025.

CAVALCANTI, Jimmy Davison Emídio. O outro está aí: lições ameríndias para uma educação com o outro. **Alegrar**, v. 17, n. 29, p. 89-100, jan./jul. 2022. Disponível em: <https://alegrar.com.br/alegrar29-5/>. Acesso em: 30 out. 2024.

CENTRO DE LÍNGUAS E INTERCULTURALIDADE (Celin). Curitiba, 2024. Disponível em: <https://celin.ufpr.br/>. Acesso em: 28 set. 2024.

COLASANTI, Marina. **Eu sei, mas não devia.** Escrita.org. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/13438/eu-sei-mas-nao-devia>. Acesso em: 9 fev. 2025.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO (Cimi). **Relatório violência contra os povos indígenas no Brasil:** dados de 2021. Brasília, 2022. Disponível em: <https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2022/08/relatorio-violencia-povos-indigenas-2021-cimi.pdf>. Acesso em: 14 maio 2023.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (Capes). **Catálogo de Teses e Dissertações.** Brasília, 2024. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/>. Acesso em: 2 out. 2024.

_____. **Pós-graduação stricto sensu tem mais de 350 mil matriculados.** Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/pos-graduacao-stricto-sensu-tem-mais-de-350-mil-matriculados>. Acesso em: 9 fev. 2025.

CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). **História dos índios no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Ch'ixinakax utxiwa:** uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores. São Paulo: N-1 edições, 2020.

DALMOLIN, Soeli de Fátima dos Santos. **Cerâmica**: arte e conhecimento prático e teórico para a Educação Básica. 2018. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Novas Tecnologias) - Centro Universitário Internacional, Curitiba, 2018. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/handle/1/331>. Acesso em: 21 set. 2024.

DISCIPLINAS TRANSVERSAIS UFPR. Curitiba, 2024. Disponível em: <https://transversais.ufpr.br/>. Acesso em: 28 set. 2024.

DORRICO, Trudruá; NEGRO, Maurício (Org.). **Originárias**: uma antologia feminina de literatura indígena. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

EDITORIA PACHAMAMA. Instagram, 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/pachamamaeditora/>. Acesso em: 21 ago. 2022.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (Embrapa). **Perguntas e respostas - Araucária**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.embrapa.br/florestas/araucaria/perguntas-e-respostas>. Acesso em: 11 set. 2024.

ESBELL, Jaider. Jaider Esbell. Entrevista a Nina Vincent e Sergio Cohn. In: COHN, Sergio; KADIWEL, Idjahure. **Tembetá**: conversa com pensadores indígenas. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2019.

_____. Arte indígena desperta uma consciência que o Brasil não tem de si mesmo. Entrevista a Caroline Oliveira e Raquel Setz. In: **Brasil de Fato**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/11/03/jaider-esbell-arte-indigena-desperta-uma-consciencia-que-o-brasil-nao-tem-de-si-mesmo>. Acesso em: 18 maio 2023.

_____. Na sociedade indígena, todos são artistas. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 27, n. 41, p. 14-48, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/45021/24383>. Acesso em: 2 out. 2024.

FALAS DA TERRA. Direção: Antonia Prado. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2021. 1 filme (43 min), sonoro, color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BdDpp6USz5Y&t=2s>. Acesso em: 8 fev. 2024.

FALAS DA TERRA: histórias (im)possíveis. Direção: Luisa Lima, Thereza de Medicis e Graciela Guarani. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2023. 1 filme (37 min), sonoro, color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kUaAqLoMNpE>. Acesso em: 14 out. 2024.

FANELLI, Giovana de Cássia Ramos. **A Lei 11.645/2008**: a história de como a temática indígena passou a ser obrigatória nas escolas brasileiras. Curitiba: Appris, 2021.

FERNANDES, Rosani de Fátima. Tembé Tenetehara de Santa Maria do Pará: formas de silenciamento étnico, resistências e luta por direitos. In: Reunião Equatorial de Antropologia e da XIV Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste,

16., 2015, Maceió. **Anais Reunião Equatorial de Antropologia e da XIV Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste**. Maceió: UFAL, 2015. Disponível em: https://evento.ufal.br/anaisreaabanne/gt23_f.php. Acesso em: 22 nov. 2024.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Municípios paranaenses: origens e significados de seus nomes**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS (Funai). **Funai passa a se chamar Fundação Nacional dos Povos Indígenas**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2023/funai-passa-a-se-chamar-fundacao-nacional-dos-povos-indigenas>. Acesso em: 28 set. 2024.

_____. **Terras indígenas: demarcação**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/terras-indigenas/demarcacao-de-terras-indigenas>. Acesso em: 11 ago. 2022.

GANDRA, Alana. **Censo registra 1.652.876 pessoas indígenas no Brasil**. Agência Brasil, Rio de Janeiro, 03 abr. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-04/censo-registra-1652876-pessoas-indigenas-no-brasil#:~:text=O%20IBGE%20destacou%20que%20o,momento%20no%20pa%C3%ADs%20%C3%A9%20preliminar>. Acesso em: 14 maio 2023.

_____. **Exposição Elas Indígenas mostra grafismos artísticos de oito mulheres**. Agência Brasil, Rio de Janeiro, 22 jul. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-07/exposicao-elas-indigenas-mostra-grafismos-artisticos-de-oito-mulheres#:~:text=A%20mostra%20re%C3%BAne%2C%20nas%20Cavalari%C3%A7as,n%C3%A3o%20abrir%C3%A1%20%C3%A0s%20quartas%2Dfeiras>. Acesso em: 15 fev. 2025.

GONÇALVES, Michelle Bocchi. **Atividades experimentais em discurso: com a palavra os professores de Biologia do Estado do Paraná**. 2013. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2013. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/30133?show=full>. Acesso em: 14 fev. 2024.

GRAÚNA, Graça. Educação, literatura e direitos humanos: visões indígenas da lei 11.645/08. **Educação & Linguagem**, v. 14, n. 23/24, p. 231-260, jan./dez. 2011. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/28e9/5af8dae3e0735b790731f6a9208019b12f4f.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2025.

_____. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

_____. Ao redor da fogueira. **Blog Tecido de vozes**, Recife, 15 jul. 2023. Disponível em: <https://gracagrauna.com/category/bem-viver/>. Acesso em: 6 out. 2024.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Memória das palavras indígenas**. São Paulo: Global, 2015.

GUAJAJARA, Sonia. In: LUIS, Rodrigo. **Guajajara**: Sônia Guajajara. Campinas, SP: Editora Mostarda, 2022.

GUERRAS DO BRASIL. DOC: as guerras da conquista. Direção: Luiz Bolognesi. São Paulo: Netflix, 2019. 1 filme (26 min), sonoro, color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1C7eQBI6_pk&t=122s. Acesso em: 7 jul. 2023.

HEIMBACH, Nilva. **Culturas indígenas, ensino de arte e a Lei 11.645/2008**: possibilidades interculturais?. 2019. 213 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2019. Disponível em: <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/1031519-nilva-heimbach.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2024.

ÍNDIO CIDADÃO? Direção: Rodrigo Siqueira. Distrito Federal Brasília: TV Câmara, 2014. 1 filme (52 min), sonoro, color. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/tv/432678-indio-cidadao/>. Acesso em: 27 mar. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE FLORESTA. **Árvore Pau-Brasil**: história e curiosidades que você não conhece!. Disponível em: <https://www.ibflorestas.org.br/conteudo/arvore-pau-brasil>. Acesso em: 20 ago. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Formulário de Visitação Anual (FVA)**. Brasília, 30 set. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-acoes-obras-e-atividades/museus-publico/formulario-de-visitacao-anual-fva/formulario-de-visitacao-anual-fva>. Acesso em: 14 fev. 2025.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Povos Indígenas No Brasil**. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal. Acesso em: 11 fev. 2025.

JECUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos**: história indígena brasileira contada por um índio. São Paulo: Peirópolis, 1998.

JEKUPÉ, Olívio. **A invasão**. Bragança Paulista, SP: Hecatombe, 2020.

JEKUPÉ, Xadalu Tupã. **O caminho para a casa de barro**. São Paulo: Baião, 2023.

JÚNIOR, Ronaldo Barbosa. Intérpretes: Boi Bumbá Caprichoso. **O Tambor da Terra**. 2024. Música eletrônica. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cIRVsSdHrAA>. Acesso em: 12 set. 2024.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Ay Kayritama**: eu moro na cidade. São Paulo: Pólen, 2018.

_____. **Saberes da Floresta**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

_____. **O lugar do saber ancestral**. 2. ed. São Paulo: UK'A, 2021.

KAYAPÓ, Edson; BRITO, Tamires. A pluralidade étnico-cultural indígena no Brasil: o que a escola tem a ver com isso?. **Mneme - Revista de Humanidades**, Natal, CERES-UFRN, v. 15, n. 35, p. 38-68, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/7445>. Acesso em: 24 out. 2024.

KAYAPÓ, Edson; KARAJÁ, Kássia Borges; TUPINAMBÁ, Renata. Artes Indígenas no MASP: inclusão e representatividade. In: PEDROSA, Adriano; GIUFRIDA, Guilherme (Org.). **Histórias Indígenas**. São Paulo: MASP, 2023. Catálogo.

KEREXU, Juliana. **Arte Mbyá-Guarani da Tekoa Takuaty – ilha da Cotinga, litoral do Paraná**. 1 vídeo (9 min). Museu Paranaense, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0Q5_EwuDwVk&list=PLA7oRlvMKhf9pHqwvivBBmrEPYFLUMqMg&index=5. Acesso em: 1 out. 2024.

KOKAMA, Altaci. **Salvar as línguas indígenas é preservar a biodiversidade do planeta**. 1 vídeo (8 min). TEDxAmazônia, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5vcQrd99Qzs>. Acesso em: 26 maio 2025.

KRENAK, Ailton. As alianças afetivas. Entrevista a Pedro Cesarino. In: **Bienal São Paulo: Incerteza Viva - Dias de estudo**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

_____. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. Que línguas falam as universidades brasileiras?. In: PIMENTA, Angelise Nadal; MENEZES, Paula Mendonça de (Org.). **Firmando o pé no território: temática indígena em escolas**. Rio de Janeiro: Pachamama, 2020.

_____. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

_____. **Um rio um pássaro**. Tradução: Yoshihiro Odo. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2023.

KRENAK, Edson Dorneles de Andrade. O indígena como usuário da lei: um estudo etnográfico de como o movimento da literatura indígena entende e usa a Lei nº 11.645/2008. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 39, n. 109, p. 321-356, set./dez., 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/JY48whrPwyqKVCmddb9v9Z6f/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 fev. 2025.

KREXU, Myrian. **A mãe do Brasil é indígena**. Instagram, 2020, n.p. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CATXhLOIO9j/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D. Acesso em: 18 maio 2023.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LEIA MULHERES INDÍGENAS. Instagram, 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/leiamulheresindigenas/>. Acesso em: 21 ago. 2022.

LINS, Juliana. **Cerâmica Tukano**. São Paulo: ISA - Instituto Socioambiental, FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2020. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/ceramica-tukano>. Acesso em: 21 jun. 2024.

LIVRARIA MARACÁ. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.livrariamaraca.com.br/>. Acesso em: 21 ago. 2022.

MAGNO, Danielle. Relato crítico: a escola e a educação para (e com) a diversidade étnica. In: PIMENTA, Angelise Nadal; MENEZES, Paula Mendonça de (Org.). **Firmando o pé no território**: temática indígena em escolas. Rio de Janeiro: Pachamama, 2020.

MÄHLERNAKASHIMA, Henry. *et al.* **Rios de palavras. confluências ancestrais**: saberes indígenas e educação. São Paulo: 2024. Disponível em: <https://ocarete.org.br/acervo/rios-de-palavras/>. Acesso em: 24 fev. 2025.

MARTINS, Alberto; KOK, Glória. **Roteiros visuais no Brasil**: artes indígenas. São Paulo: Claro Enigma, 2014.

MARTINS, Fernanda. *et al.* **11.645 indígenas e diversidade para a paz**. Ilhéu, BA: Ed. dos Autores, 2024. Disponível em: <https://www.thydewa.org/paz/>. Acesso em: 24 fev. 2025.

MATTAR, Sumaya; SUZUKI, Clarissa; PINHEIRO, Maria (Org.). **A lei 11.645/08 nas artes e na educação**: perspectivas indígenas e afro-brasileiras. São Paulo: ECA-USP, 2020.

MILANEZ, Felipe. *et al.* Existência e diferença: o racismo contra os povos indígenas. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, PPGD-UERJ, v. 10, n. 3, p. 2161-2181, set. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaceaju/article/view/43886>. Acesso em: 24 set. 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parecer CNE/CEB nº 14/2015, aprovado em 11 de novembro de 2015**. Brasília, 2015. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=27591-pareceres-da-camara-de-educacao-basica-14-2015-pdf&category_slug=novembro-2015-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 set. 2024.

_____. **Mulheres são maioria na docência e gestão da educação básica**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/dia-da-mulher-mulheres-sao-maioria-na-docencia-e-gestao-da-educacao-basica>. Acesso em: 16 set. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Brasil chega à marca de 700 mil mortes por Covid-19**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/brasil-chega-a-marca-d-e-700-mil-mortes-por-covid-19>. Acesso em: 19 set. 2024.

MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS (MPI). **Fernanda Kaingang toma posse como nova diretora do Museu do Índio**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2023/fernanda-kaingang-toma-posse-como-nova-diretora-do-museu-do-indio>. Acesso em: 11 set. 2024.

_____. **Museu do Índio irá reabrir com novo nome e receber de volta coleção emprestada à França há duas décadas**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2023/museu-do-indio-ira-reabrir-com-novo-nome-e-receber-de-volta-colecao-emprestada-a-franca-ha-duas-decadas>. Acesso em: 28 set. 2024.

_____. **Territórios Indígenas são os mais preservados do país**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/povosindigenas/pt-br/assuntos/noticias/2023/09/territorios-indigenas-sao-os-mais-preservados-do-pais>. Acesso em: 12 out. 2024.

MOLINERO, Bruno. **Literatura indígena vê nova geração despontar no Brasil**. Entrevistado: Kaká Werá. Diário de Cuiabá, 12 jun. 2024. Disponível em: <https://www.diariodecuiaba.com.br/ilustrado/literatura-indigena-ve-nova-geracao-des-pontar-e-tenta-superar-fronteiras-de-genero/683215>. Acesso em: 5 out. 2024.

MORI, Letícia. O Brasil tem 190 línguas indígenas em perigo de extinção. **BBC Brasil**, São Paulo, 04 mar. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43010108>. Acesso em: 20 ago. 2022.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **Estou aqui. Sempre estive. Sempre estarei**. Indígenas do Brasil. Suas imagens (1505-1955). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

MUNDURUKU, Daniel. **Antologia de contos indígenas de ensinamento**: tempo de histórias. São Paulo: Moderna, 2005.

_____. **O banquete dos deuses**: conversa sobre a origem da cultura brasileira. 2. ed. São Paulo: Global, 2009.

_____. **Coisas de índio**. São Paulo: Callis Ed., 2010.

_____. **Mundurukando 2**: sobre vivências, piolhos e afetos: roda de conversa com educadores. Lorena, SP: UK'A Editorial, 2017.

_____. Minha vó foi pega a laço. **Blog Daniel Munduruku**, Lorena, 2 nov. 2017. Disponível em: <https://danielmunduruku.blogspot.com/2017/11/minha-vo-foi-peg-a-laco.html>. Acesso em: 18 set. 2024.

_____. **Das coisas que aprendi**: ensaios sobre o bem-viver. 2. ed. Lorena: DM Projetos Especiais, 2019.

_____. **SAWÉ**: o grito ancestral - Sawe: aypapayu ewãwãap a'ö. Lorena, SP: UK'A Editorial, 2022.

NASCIMENTO, Flávia Gisele. **Clube da Arte na Escola: espaço de criação e formação**. 2016. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2016. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/45200>. Acesso em: 14 fev. 2024.

_____. Artes dos Povos Indígenas. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ARAUCÁRIA. **Pasta Araucária**. Araucária: SMED, 2023. Disponível em: <https://educacao.araucaria.pr.gov.br/539>. Acesso em: 22 jan. 2025.

_____. Coração na aldeia, pés no mundo: as histórias, as lutas e a produção das mulheres indígenas na arte indígena contemporânea. In: PRIORI, Claudia; MENDES, Maria Cristina; VASCONCELOS, Beatriz Avila (Org.). **Arte, cultura e subjetividades: perspectivas anti-coloniais e decoloniais**. Paranaíba: MC&G, 2024. Disponível em: mcegeditorial.com.br/item/arte-cultura-e-subjetividades-perspectivas-anti-coloniais-e-decoloniais/. Acesso em: 19 jan. 2025.

NEVES, Eduardo Góes. Os índios antes de Cabral: arqueologia e história indígena no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes; GRUPIONI, Luís Donizete. **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. São Paulo: MEC/Mari/UNESCO, 1995.

NHANDEWA, Tiago. **Programa de Índio: poesias decoloniais**. Paraná: Ed. do Autor, 2023.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. O que não tem nome não existe! Feminismo negro e percurso histórico do conceito de Interseccionalidade. In: CUNHA, Josafá Moreira da; OLIVEIRA, Ligia Ziggiotti de; KIRCHHOFF, Rafael dos Santos (Org.). **Educação e interseccionalidades**. Curitiba: UFPR/NEAB, 2018.

OLIVEIRA, Thiago da Costa. **Cerâmica Baniwa**. São Paulo: ISA - Instituto Socioambiental, FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2020. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/ceramica-baniwa>. Acesso em: 21 jun. 2024.

ORANGE, Tommy. **Lá não existe lá**. Tradução: Ismar Tirelli Rocco. Rio de Janeiro, 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **ONU celebra Ano Internacional das Línguas Indígenas pela primeira vez**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/01/1656932>. Acesso em: 16 set. 2024.

_____. **ONU lança plano de 10 anos para apoiar línguas indígenas ameaçadas**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/212593-onu-lan%C3%A7a-plano-de-10-anos-para-apoiar-l%C3%ADnguas-ind%C3%ADgenas-amea%C3%A7adas>. Acesso em: 19 set. 2024.

ORLANDI, Eni Puccinelli. O discurso dos representantes indígenas: uma retórica do oprimido. **Cadernos de Linguística Aplicada**. Campinas, SP: 1986.

_____. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. **Terra à vista - Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

_____. **A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso**. 6. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

OWERÁ. Intérprete: Owerá. **Xondaro Ka'aguy Reguá**. Angry films, 2020. Música eletrônica. Disponível em: <https://vimeo.com/424903519>. Acesso em: 18 ago. 2022.

PACHAMAMA, Aline Rochedo. **Guerreiras: mulheres indígenas na cidade, mulheres indígenas da aldeia**. Rio de Janeiro: Pachamama Editora, 2018.

_____. Uchô Tatak. In: PIMENTA, Angelise Nadal; MENEZES, Paula Mendonça de (Org.). **Firmando o pé no território: temática indígena em escolas**. Rio de Janeiro: Pachamama, 2020.

PAES, Luciane Rocha. *et al.* Em busca de outras coordenadas epistêmicas: breve enunciação entre decolonialidade e a formação universitária de professores indígenas no Amazonas. **Intellèctus**, Rio de Janeiro, UERJ, v. 21, p. 104-132, 2022.

PASSOS, Lilianny Rodriguez Barreto dos; TAKATUZI, Tatiana. **Belarmina Paraná: trajetória de uma liderança indígena em Curitiba**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 39, n. 151, 2023.

PIMENTA, Angelise Nadal; MENEZES, Paula Mendonça de (Org.). **Firmando o pé no território: temática indígena em escolas**. Rio de Janeiro: Pachamama, 2020.

PINHO, Angela. **Na USP, apenas 2,1% dos mais de 5.000 educadores são pretos ou pardos**. Folha de São Paulo, 28 dez. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/12/na-usp-apenas-21-dos-mais-de-5000-educadores-sao-pretos-ou-pardo.shtml>. Acesso em: 18 ago. 2022.

PORTAL DA CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas**. Disponível em: https://www.camara.leg.br/Internet/comissao/index/perm/cdh/Tratados_e_Convencoes/Indios/declaracao_universal_direitos_povos_indigenas.htm. Acesso em: 16 fev. 2025.

PORTAL DE TRANSPARÊNCIA DA UFPR. **Indicadores bibliotecas**. Curitiba, 2022. Disponível em: <https://transparencia.ufpr.br/public/indicadores/bibliotecas.jsf>. Acesso em: 22 ago. 2022.

_____. **Indicadores graduação.** Curitiba, 2022. Disponível em: <https://transparencia.ufpr.br/public/indicadores/graduacao.jsf>. Acesso em: 22 ago. 2022.

_____. **Indicadores pós-graduação.** Curitiba, 2022. Disponível em: https://transparencia.ufpr.br/public/indicadores/pos_graduacao.jsf. Acesso em: 22 ago. 2022.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara.** Lorena: DM Projetos Especiais, 2018.

POTIGUARA, Eva; RATTON, Vanessa (Org.). **Álbum biográfico - Guerreiras da ancestralidade:** Mulherio das Letras Indígenas. Guarujá, SP: Amare, 2022. Disponível em: <https://www.santoandre.sp.gov.br/biblioteca/pesquisa/ebooks/435986.PDF>. Acesso em: 28 jun. 2023.

PRATES, Elen Luci. **O ensino de arte na escola indígena Bororo Korogedo Paru da Aldeia Córrego Grande - MT.** 2016. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá, 2016. Disponível em: <https://ri.ufmt.br/handle/1/4124>. Acesso em: 14 fev. 2024.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO (PPGE UFPR). **Disciplinas.** Curitiba, 2022. Disponível em: <http://www.prppg.ufpr.br/site/ppge/pb/disciplinas/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

_____. **Discentes.** Curitiba, 2022. Disponível em: <https://www.prppg.ufpr.br/site/ppge/pb/discentes/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

_____. **Docentes.** Curitiba, 2022. Disponível em: <https://www.prppg.ufpr.br/site/ppge/pb/docentes/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

PRÓ-REITORIA DE GESTÃO DE PESSOAS (PROGEPE UFPR). **Relatórios.** Curitiba, 2024. Disponível em: <https://progepe.ufpr.br/relatorios/>. Acesso em: 2 out. 2024.

PUCCI, Magda; ALMEIDA, Berenice de. **Cantos da floresta:** iniciação ao universo musical indígena. São Paulo: Peirópolis, 2017.

RESENDE, Otto Lara. **Vista cansada.** Portal da Crônica Brasileira. Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/7040/vista-cansada>. Acesso em: 9 fev. 2025.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização:** a integração das populações indígenas no Brasil moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo: Editora Jandaíra, 2023. (Feminismos Plurais).

ROSA, Sallisa. In: FLOW, Brisa. **Fique Viva.** 2018. Música eletrônica. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wRUzUsTdW0o>. Acesso em: 10 jul. 2022.

SANTOS, Regina Aparecida Kosi dos. **Lei 11.645/08 e o desafio de docentes não-indígenas em relação à temática indígena nas salas de aula**. 2023. 89 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Ponta Grossa, 2023. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/4062>. Acesso em: 22 fev. 2025.

SARDÁ, Luis. **Bosque das Línguas Indígenas no Brasil**. Memorial dos Povos Indígenas, Brasília-DF, 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1hz5PF9y9uMiFEnTvpzxc2rc7u-aRN3qw/view?usp=sharing>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (Sesc). **Culturas indígenas, diversidade e educação**. Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2019. Disponível em: <https://www.sesc.com.br/multimidia/publicacoes/pdf-educacao-em-rede-vol-7/>. Acesso em: 26 maio 2024.

SILVA, Aracy Lopes da (Org.). **A questão indígena na sala de aula**: subsídios para professores de 1º e 2º graus. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). **A temática indígena na escola**: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

SILVA, Edson; SILVA, Maria da Penha da (Org.). **A temática indígena em sala de aula**: reflexões para o ensino a partir da Lei 11.645/08. Recife: Ed. UFPE, 2020.

SILVA, Giovani José da; COSTA, Anna Maria Ribeiro F. M. da. **Histórias e culturas indígenas na Educação Básica**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. (Coleção Práticas Docentes).

SILVA, Giovani José da; MEIRELES, Marinelma Costa (Org.). **A Lei 11.645/08**: uma década de avanços, impasses, limites e possibilidades. Curitiba: Appris, 2019.

SILVA, Ivete Souza da. Um presente para Meriná. **Alegrar**, v. 15, n. 26, p. 371-374, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://alegrar.com.br/dossie-26-43/>. Acesso em: 30 out. 2024.

SILVA, Josadaque Martins; LOPES, Thiago Beirigo; FERREIRA, Cristiane da Silva. A presença e o lugar de professores negros e negras no IFMT: ações afirmativas. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 17, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/24511/21506/290053>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu. Descolonizar o currículo: estratégias para uma pedagogia crítica. **Crítica Educativa**, Buenos Aires, n. 2, p. 29-33, 1997.

SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH, 32., 2023, São Luís, MA. Disponível em: https://www.snh2023.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1125. Acesso em:

12 out. 2024.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas**. Tradução: Roberto G. Barbosa. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

SOUZA, Marinês Viana de. **Entre Ajuricaba(s) e Zumbi(s): currículo e diversidade cultural - a inclusão das temáticas culturais de matrizes indígenas e africanas na área de artes em escolas públicas da zona leste da cidade de São Paulo**. 2010. 116 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/9547>. Acesso em: 20 fev. 2024.

SUASSUNA, Ariano. **Arte no Brasil uma história de cinco séculos?** 1 vídeo (10 min). UnBTV, 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ew5XpfZMwnQ&t=2s>. Acesso em: 24 jun. 2023.

TABAJARA, Auritha. **Darcy Ribeiro de cá e de lá**. Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2023.

TERENA, Naine. Véxoa: Nós Sabemos. In: MUNDURUKU, Daniel. *et al.* **Véxoa: Nós Sabemos**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2020. Catálogo.

TERENA, Naine de Jesus. **Arte Indígena no Brasil: mediação, apagamentos e ritos de passagem**. Cuiabá, MT: Oráculo Comunicação, Educação e Cultura, 2022. Disponível em: https://oraculocomunica.eco.br/wp-content/uploads/2022/12/Arteindigena_NaineTere-na.pdf. Acesso em: 1 out. 2024.

TUKANO, Alva Rosa. **Os povos indígenas são essenciais na luta pela preservação do meio ambiente**. Le Monde Diplomatique Brasil, 3 jul. 2023. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/os-povos-indigenas-sao-essenciais-na-luta-pela-preservacao-do-meio-ambiente/>. Acesso em: 31 out. 2024.

TUKANO, Daiara. **Artérias - Daiara Tukano**. 1 vídeo (13 min). SescTV, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HMbe4AoLIJc>. Acesso em: 24 jun. 2023.

TUPINAMBÁ, Olinda Yawar. **Preconceito**. 1 vídeo (5 min). Rádio Yandê, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cic42ESbEsA&t=11s>. Acesso em: 9 fev. 2025.

TUPINAMBÁ, Renata. Slam Coalkan. In: LUDEMIR, Julio (Org.). **Slam Coalkan**. Rio de Janeiro: Malé Edições: Flup, 2022.

VEIGA-NETO, Alfredo. Literatura, experiência e formação: uma entrevista com Jorge Larrosa. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

VIANNA, Cláudia Pereira. A feminização do magistério na educação básica e os

desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Org.). **Trabalhadoras**: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília, DF: Editora Abaré, 2013. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/handle/10482/31211>. Acesso em: 23 ago. 2024.

VIEZZER, Moema; GRONDIN, Marcelo. **Abya Yala**: genocídio, resistência e sobrevivência dos povos originários das Américas. Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2021.

UNBTV. **Contribuições das mulheres indígenas são tema de curso**. 1 vídeo (1 min). UnBTV, 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rzlm3qzN7Kw>. Acesso em: 14 fev. 2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ (Unespar). **História do Campus de Curitiba II - FAP**. Curitiba, 2022. Disponível em: <https://fap.curitiba2.unespar.edu.br/menu-de-apoio/historia-do-campus-fap>. Acesso em: 23 ago. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR). **Sistema de Bibliotecas**. Acervo. Curitiba, 2022. Disponível em: <https://acervo.ufpr.br/>. Acesso em: 21 ago. 2022.

_____. **Sistema de Bibliotecas**. Sobre o SiBi. Curitiba, 2022. Disponível em: <https://bibliotecas.ufpr.br/sobre/bibliotecas/>. Acesso em: 21 ago. 2022.

WARIU, Cristian. **Wariu**. Disponível em: <https://www.youtube.com/@wariu/featured>. Acesso em: 14 fev. 2025.

WIESEMANN, Ursula Gojtéj. **Kaingang - Português**: Português - Kaingang dicionário. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002. Disponível em: <https://www.sil.org/system/files/reapdata/89/59/18/89591818164319187261559209445978226824/KGDict.pdf>. Acesso em: 16 set. 2024.

XAKRIABÁ, Célia. Intérpretes: XAKRIABÁ, Célia; PETRILLO, Alok Achkar Peres. **Manifesto O Futuro É Ancestral**. The Orchard Enterprises, 2024. Música eletrônica. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J7EP80tx2Tg>. Acesso em: 14 set. 2024.

XAKRIABÁ, Nei Leite. **Arte Indígena Xakriabá**: com um pé na aldeia e outro pé no mundo. 2022. 382 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/52390>. Acesso em: 21 jun. 2024.

YAWANAWA, Saiti Kaya. Intérpretes: YAWANAWA, Saiti Kaya; PETRILLO, Alok Achkar Peres. **Sina Vaishu**. The Orchard Enterprises, 2024. Música eletrônica. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1l68q5UZLsM>. Acesso em: 12 set. 2024.

ZELIC, Marcelo; ZEMA, Ana Catarina; MOREIRA, Elaine (Org.). **Genocídio indígena e políticas integracionistas**: demarcando a escrita no campo da

memória. São Paulo: Instituto de Políticas Relacionais, 2021. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/livros/genocidio-indigena-e-politicas-integracionistas-demarcando-escrita-no-campo-da>. Acesso em: 6 fev. 2025.

KUJU 1. PARTE 1 - LISTA DE FONTES: INTELECTUAIS INDÍGENAS

Nº	NOME	FONTE DAS IMAGENS
1	Ademario Ribeiro	https://revistaacrobata.com.br/julie-dorrico/entrevista/a-literatura-indigena-e-uma-flecha-que-voa-em-varias-direcoes-entrevista-ademario-ribeiro/
2	Ailton Krenak	https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/23-04-2023/a-constituicao-tem-que-ser-respeitada-diz-escriptor-e-ambientalista-ailton-krenak.html
3	Aline Rochedo Pachamama	https://revistaacrobata.com.br/julie-dorrico/poesia/3-poemas-de-aline-pachamama/
4	Altaci Kokama	https://noticias.unb.br/112-extensao-e-comunidade/6505-altaci-rubim-assume-coordenacao-no-ministerio-dos-povos-indigenas
5	Alva Rosa Tukano	https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2023/03/08/conheca-alva-rosa-a-primeira-mulher-indigena-a-obter-o-titulo-de-doutorado-pela-ufam.ghtml
6	André Baniwa	https://revistacenarium.com.br/ainda-estamos-preocupados-diz-lider-indigena-andre-baniwa-sobre-pandemia-e-aquecimento-global-em-2022/
7	Annie Martins Afonso	https://www.citateatro.com/s-projects-side-by-side-1
8	Arissana Pataxó	https://arika.org.uk/artist/arissana-pataxo/
9	Auritha Tabajara	https://www.itaucultural.org.br/secoes/colunistas/encontros-nova-literatura-brasileira-auritha-tabajara
10	Belarmine Paraná	https://educacao.curitiba.pr.gov.br/conteudo/belarmine-parana/15318
11	Braulina Baniwa	https://noticias.unb.br/artigos-main/4859-corpo-indigena-mulher-na-unb
12	Brisa Flow	https://ponte.org/brisa-flow-queiro-quebrar-o-estereotipo-colonizador-do-que-e-o-indigena/
13	Carina Pataxó	https://www.sescsp.org.br/editorial/ultimas-semanas-da-exposicao-araeta/
14	Carl Gakran	https://www.instagram.com/p/CgQKIYLM0yH/
15	Carmézia Emiliano	https://laart.art.br/gravura/carmezia-emiliano-tocaia/
16	Casé Angatu	https://museudapessoa.org/pessoa/cas-angatu/
17	Célia Xakriabá	https://www.camara.leg.br/deputados/206018
18	Cristian Wariu	https://revistatrip.uol.com.br/trip/cristian-wariu-um-guerreiro-indigena-do-seculo-xxi
19	Daiara Tukano	https://brasil.mongabay.com/2023/02/daiara-tukano-artista-visual-a-arte-indigena-nao-e-uma-moda/
20	Daniel Munduruku	https://lunetas.com.br/agenda/historias-indigenas-no-sesc/
21	Danilo Braga	https://ifrs.edu.br/vacaria/naaf-promove-atividade-sobre-os-desafios-dos-povos-indigenas-na-sociedade-e-na-educacao/
22	Davi Kopenawa Yanomami	https://www.greenpeace.org/brasil/blog/davi-kopenawa-nao-existe-essa-conversa-de-que-sem-o-garimpo-o-indigena-morre-de-fome-chega-desse-papo-furado/
23	Debora Tupinikim	https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/seminario-povos-indigenas-memoria-verdade-e-justica
24	Denilson Baniwa	https://ims.com.br/convida/denilson-baniwa/
25	Edson Kayapó	https://sig.ufsb.edu.br/evento/CEHD2022/palestrante/511

26	Edson Krenak	https://salsa-tipiti.org/pt/membership-types/edson-krenak-candidate-2023/attachment/edson-krenak-2/
27	Eliane Potiguara	https://pt.wikipedia.org/wiki/Eliane_Potiguara
28	Eva Potiguara	https://anaind.org.br/noticias/no-rn-eva-potiguara-e-simbolo-da-literatura-dos-povos-indigenas/
29	Felipe Tuxá	https://petcindigenas.ufba.br/felipe-tuxa
30	Fernanda Kaingang	https://amazoniareal.com.br/especiais/a-palavra-como-flecha-fernanda-kaingang/
31	Florêncio ReKayg Fernandes	https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Professor-da-rede-estadual-pode-se-tornar-primeiro-indigena-do-Parana-conquistar-doutorado
32	Gersem Baniwa	https://www.metropoles.com/distrito-federal/conheca-o-primeiro-professor-indigena-do-curso-de-antropologia-da-unb
33	Glicéria Tupinambá	https://www.theartnewspaper.com/2023/11/01/gliceria-tupinamba-representing-brasil-2024-venice-biennale
34	Graça Graúna	https://www.livrariamaraca.com.br/produto-tag/graca-grauna/
35	Graci Guarani	https://amotara.wordpress.com/curadoria-2/
36	Gustavo Caboco	https://www.flip.org.br/autores/gustavo-caboco-2/
37	Isabel Gakran	https://www.instagram.com/p/DCpqSN5IV36/
38	Isael Maxakali	https://www.itaucultural.org.br/sueli-e-isael-maxakali-culturas-indigenas
39	Iury Tikuna	https://ispn.org.br/estudantes-indigenas-de-todo-brasil-se-reunem-para-discutir-os-desafios-da-permanencia-nas-universidades/
40	Jaider Esbell	https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/65153-jaider-esbell
41	João Paulo Lima Barreto	https://conexaoplaneta.com.br/blog/a-luta-do-ativista-filosofo-e-professor-indigena-joao-paulo-barreto-no-documentario-yupuri-que-estreia-em-25-8-online/
42	Joenia Wapichana	https://infoamazonia.org/en/2023/01/31/funai-to-look-for-support-from-the-amazon-fund-things-are-destitute-says-joenia-wapichana/
43	Jovina Kaingang	https://www.brasildefatopr.com.br/2021/12/27/perfil-popular-jovina-renhga-mulheres-indigenas-no-poder
44	Joziléia Kaingang	https://www.apufsc.org.br/2023/01/13/formadas-pela-ufsc-jozileia-kaingang-e-kerexu-yxapyry-assumem-cargos-no-ministerio-dos-povos-indigenas/
45	Júlia Muniz	https://www.instagram.com/p/DFIfXnsOIY1/
46	Juliana Cardoso	https://pt.org.br/juliana-cardoso-precisamos-falar-sobre-os-espacos-das-mulheres-no-poder/
47	Juliana Kerexu	https://www.facebook.com/apiboficial/videos/juliana-kerexu-coordenadora-da-comiss%C3%A3o-guarani-yvyrupa-cgy-fala-sobre-a-importa/812612106638867/
48	Juliana Tupinambá	https://www.blogdochico.com.br/v1/2023/03/21/juliana-tupinamba-e-nomeada-chefe-de-gabinete-da-secretaria-de-direitos-ambientais-e-territoriais-indigenas-do-ministerio-dos-povos-indigenas/
49	Kaká Werá	https://www.editorapeiropolis.com.br/kaka-wera-e-a-sabedoria-ancestral/
50	Kássia Borges Karajá	https://www.instagram.com/p/DCpWys5v6Zk/?img_index=1
51	Lian Gaia	https://voque.globo.com/atualidades/noticia/2021/04/falas-da-terra-globo-exibe-especial-sobre-luta-das-mulheres-indigenas-no-brasil.html
52	Lilly Baniwa	https://lillybaniwa.com.br/

53	Lucinha Tremembé	https://www.instagram.com/sesai.ms/p/DCDC3plupPB/?img_index=2
54	Mairu Hakuwi Kuady Karajá	https://noticias.unb.br/112-extensao-e-comunidade/6681-estudante-indigena-da-unb-e-selecionado-para-programa-inedito-de-intercambio
55	Márcia Wayna Kambeba	https://www.sescpr.com.br/evento/bate-papo-com-a-escritora-marcia-kambeba/
56	Marcos Baré	https://www.instagram.com/p/DC2Mi8nPHFR/?img_index=1
57	Mauricio Vên Tánh Salvador	https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/225931/001130057.pdf;jsessionid=A1DDE81C76D5550BFC1268D79EF3DEA7?sequence=1
58	Mila Kanhgág	https://revistacasacomum.com.br/como-funcionam-as-candidaturas-e-os-mandat-os-coletivos/
59	Myrian Krexu	https://www.brasil247.com/saude/nem-tudo-se-cura-com-remedio-diz-myrian-kre-xu-a-primeira-cirurgia-cardiovascular-indigena-do-brasil
60	Naine Terena	https://soundcloud.com/itaucultural/naine-terena
61	Nei Leite Xakriabá	https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2023/10/04/interna_gerais.1571276/nei-leite-xakriaba-a-arte-e-essencial-para-mostrar-que-a-gente-existe.shtml
62	Olinda Yawar Tupinambá	https://www.instagram.com/p/DAXBH3WNMIM/
63	Olívio Jekupé	http://www.iea.usp.br/pessoas/pasta-pessoa/olivio-jekupe
64	Owerá	https://expresso.estadao.com.br/naperifa/rapper-indigena-owera-sou-uma-lidera-nca-que-batalha-atraves-da-musica/
65	Raquel Kubeo	https://www.institutoquindim.com.br/post/entre-a-espada-e-a-rosa-veja-o-perfil-da-s-convidadas
66	Regina Aparecida Kosi dos Santos	https://www.portaltanosite.com/noticia/102652/professoras-da-uepg-lancam-livro-sobre-os-100-anos-da-semana-de-arte-moderna
67	Renata Tupinambá	https://vivaminas.com.br/jornalista-e-roterista-renata-tupinamba-e-a-entrevistada-do-programa-conversacoes-da-rede-minas-nesta-quarta/
68	Rita Potiguara	https://ensinosuperiorindigena.wordpress.com/atores/individuos/rita-potiguara/
69	Rosani de Fátima Fernandes	https://eventos.galoa.com.br/sbpc-2024/speaker-area/speakers/373282
70	Sallisa Rosa	https://www.theartnewspaper.com/2023/12/08/sallisa-rosa-the-audience-can-remember-what-the-earth-feels-like
71	Sandra Benites	https://dasartes.com.br/de-arte-a-z/curadora-indigena-sandra-benites-e-nomead-a-diretora-de-artes-visuais-da-funarte/
72	Shirley Krenak	https://www2.ufjf.br/noticias/2023/05/03/programa-de-extensao-da-ufjf-gv-exibe-d-ocumentario-que-tem-lideranca-indigena-krenak-como-protagonista/
73	Sibé Feliciano Lana	https://pt.wikipedia.org/wiki/Feliciano_Lana
74	Sonia Guajajara	https://www.gov.br/povosindigenas/pt-br/composicao/ministra
75	Sueli Maxakali	https://www.luma.org/en/live/people/Sueli-Maxakali-07a7b571-4eed-431c-96c0-4d7f2f2cee34.html?lang=en
76	Suliete Baré	https://www.gov.br/povosindigenas/pt-br/composicao/secretaria-de-gestao-ambie-ntal-e-territorial-indigena/departamento-de-justica-climatica/suliete-gervasio-mont-eiro
77	Tadeu Santos Kaingang	https://www.instagram.com/p/C6gKiqACUI/

78	Takumã Kuikuro	https://www.gazetadigital.com.br/editorias/cidades/cineasta-indigena-de-mt-home-nageado-em-evento-do-audiovisual-no-rj/725476
79	Tiago Nhandewa	https://www.sescpr.com.br/evento/oficina-guaranizando-com-tiago-guarani-nhandewa/
80	Trudruá Dorrico	https://filiaraxa.com.br/convidado/trudrua-dorrico/
81	Úyra Sodoma	https://afrontart.com/artista/uyra-sodoma/
82	Vanessa Fe Há	https://katahirine.org.br/ela/vanessa-fe-ha/
83	Vanessa Guarani Ratton	https://editoraflorearlivros.com.br/autores/vanessa-ratton/
84	Xadalu Tupã Jekupé	https://dasartes.com.br/web-stories/conheca-o-artista-indigena-xadalu-tupa-jekupe/
85	Yacunã Tuxá	https://printclublondon.com/artist/yacuna-tuxa/
86	Ytanajé Cardoso Munduruku	https://eventos.galoa.com.br/anped-2023/speaker-area/speakers/341448
87	Zahy Guajajara	https://www.cobogo.com.br/zahy-tentehar
88	Ziel Karapotó	https://www.mostra3mdearte.com.br/ziel/

Nº	NOME	FONTE DAS IMAGENS
1	Julieta Paredes	https://apublica.org/2020/05/temos-que-construir-a-utopia-no-dia-a-dia-diz-a-boliviana-julieta-paredes/
2	Linda Tuhiwai Smith	https://pt.wikipedia.org/wiki/Linda_Tuhiwai_Smith
3	Silvia Rivera Cusicanqui	https://noticiasanarquistas.noblogs.org/post/2019/03/08/bolivia-silvia-rivera-cusicanqui-temos-que-produzir-pensamento-a-partir-do-cotidiano/
4	Tommy Orange	https://oglobo.globo.com/cultura/livros/critica-epico-de-tommy-orange-reune-historias-de-indios-urbanos-da-california-23289948

KUJU 2. PARTE 2 - E-MAIL DO CURSO DE EXTENSÃO

Data: 29/02/2024

De: flavia.nascimento@ufpr.br

Assunto: Curso de extensão - UFPR

Boa noite, pessoal.

É com imensa alegria que escrevo este e-mail, para agradecer a participação de vocês no preenchimento da enquete do curso de extensão da UFPR, relacionada à pesquisa de doutorado em Educação, sobre a formação de professores(as) conectada as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas. Foram 167 respostas, um número muito maior do que esperava. A princípio, iria abrir somente duas turmas, mas para atender um número maior de participantes, ofertarei mais turmas, analisando os dias e os períodos mais votados.

A próxima etapa deste trabalho é fazer o trâmite da documentação do projeto de extensão, para poder gerar os certificados. Além da reserva de salas, equipamentos, tentar conseguir verba para comprar materiais, dentre outros encaminhamentos. Acredito que esse processo leve de 15 a 20 dias. Assim que eu tiver um retorno do programa, encaminharei um novo e-mail para vocês com as datas, horários e o local definido, além do link para a inscrição do curso.

Abaixo, envio a resposta de algumas questões e sugestões que foram feitas no formulário, tentei agrupá-las e sintetizá-las. Prefiro fazer o retorno de forma coletiva, pois a dúvida de uma pessoa pode ser de outra também.

1. É possível ofertar o curso em outros dias e períodos não informados no formulário?

Infelizmente, não consigo atender em outros dias e períodos, porque além das atividades do doutorado, trabalho em um projeto da UFPR.

2. O curso poderia ser feito na Reitoria?

Como várias pessoas apresentaram essa questão e/ou sugestão, por esse campus ser mais central e próximo dos pontos de ônibus, dentro do possível farei a oferta do curso na Reitoria, mas preciso conseguir salas livres nos dias e horários que acontecerá a formação.

3. O curso é destinado somente para professores(as) e licenciandos(as)?

A proposta inicial era atender somente professores(as) e licenciandos(as), mas como profissionais de diferentes áreas manifestaram interesse em fazer o curso, vou deixar aberto ao público. Vale ressaltar que a minha formação é em Arte e Educação, então, conforme o programa do curso, essas serão as áreas que serão priorizadas.

4. A programação abordará os povos indígenas do Paraná? Terá a presença deles(as)? A aula de campo pode ser em uma aldeia?

O curso apresentará a produção artística de indígenas do Paraná e de outros povos do Brasil. Além disso, a aula de campo terá a participação de um(a) artista ou escritor(a) indígena. Vou solicitar verba da UFPR para pagar o cachê do(a) palestrante. Caso a instituição não tenha recursos, eu farei o pagamento da palestra. Ainda não está definido o local da aula de campo, pois preciso verificar com a instituição se seria possível oferecer transporte para o deslocamento dos(as) participantes. Essa questão podemos definir em conjunto quando começar o curso.

5. Por que na programação foi utilizado o termo povos indígenas em vez do nome dos povos?

Para a ementa ficar mais sucinta, optei por utilizar o termo povos indígenas, que como diz Ailton Krenak é “um termo político”. Mas, nas aulas, serão apresentados artistas, escritores(as) e lideranças indígenas de diferentes povos, com foco na diversidade cultural.

6. Você poderia ministrar uma aula ou palestra sobre a temática indígena na minha escola?

Este ano, preciso fazer a pesquisa de campo e a qualificação, por isso, quase não estou aceitando convites, preciso dedicar o máximo do meu tempo para concluir essas etapas do doutorado. Mas me coloco à disposição para contribuir com a indicação de referências e materiais sobre o assunto.

7. A formação vale como curso de formação e ação?

Este é um curso de extensão, vocês teriam que analisar o edital do processo e verificar se esse item é contemplado.

8. Poderia indicar referências relacionadas a história dos povos indígenas?

O curso terá uma lista de referências que disponibilizarei no Google Drive, além de materiais e livros de domínio público, no formato PDF. Caso o(a) participante do curso tenha interesse em algum tema que não foi abordado nas aulas, se eu puder contribuir de alguma forma, ficarei à disposição.

Ufaaa....

Espero que tenha conseguido contemplar todos os apontamentos feitos no formulário. Novamente agradeço a colaboração de vocês. Neste momento, peço um pouco de paciência para eu poder organizar o curso. Em breve, volto a entrar em contato.

Um grande abraço,

Flávia Gisele Nascimento
Doutoranda em Educação - UFPR

KUJU 3. PARTE 3 - E-MAIL DO CURSO DE EXTENSÃO - NOVIDADES

Data: 06/04/2024

De: flavia.nascimento@ufpr.br

Assunto: Curso de extensão - Novidades

Boa noite, pessoal.

Um mês depois, rsrs...

Não é fácil fazer pesquisa no Brasil, mas continuamos firmes no propósito. Tenho novidades para vocês, uma boa e outra que talvez não seja tão interessante, pela questão do deslocamento. Vou começar pela última.

Estava tentando fazer todo o trâmite do curso de extensão na UFPR, mas como é uma universidade de grande porte, existem vários protocolos e levaria muito tempo para conseguir a aprovação do projeto de extensão. Por isso, optei em realizar um novo processo, só que agora na Unespar-FAP, campus Curitiba II. Acredito que em breve já tenha um retorno, se tudo der certo. Conto com as energias positivas de vocês.

A boa notícia é que abril é considerado o mês da luta e resistência dos povos indígenas, algo que acontece todos os dias, mas que tem esse mês como um marco. Por isso, irão acontecer diversas atividades em Curitiba e em todo o Brasil. Gostaria de divulgar alguns eventos para vocês aproveitarem, enquanto o curso não começa.

FESTIVAL DE TEATRO

Performance-Ritual “Ühpü”

Sinopse: Performance concebida para fomentar a relação kôkamôu – juntas, entre o conhecimento tradicional xamânico dos indígenas Bu'ú Kennedy Ye'pá Mahsã (Tukano) e Txana Bake Huni Kuin, com os não indígenas Thatiane Porto, Ton Brasil, Dara Campos, Ney O Virgem, Thalita Olímpio e Luiz Davi Vieira.

Data: 06 e 07/04/24 (sábado e domingo) respectivamente às 20h30 e 19h00.

Local: Museu Paranaense

Endereço: R. Kellers, 289 - São Francisco - Curitiba

Observação: entrada gratuita e classificação livre. Duração: 50 minutos.

Azira'i

Sinopse: É um espetáculo solo, musical, sobre a relação entre uma filha e sua mãe. Com dramaturgia construída a partir das memórias da atriz Zahy Tentehar, este solo autobiográfico resgata a sua vivência com a mãe, Azira'i Tentehar, a primeira mulher pajé da reserva indígena de Cana Brava, no Maranhão, onde ambas nasceram.

Data: 06 e 07/04/24 (sábado e domingo), respectivamente às 20h30 e 19h00.

Local: Teatro da Reitoria

Endereço: R. XV de Novembro, 1299 - Centro - Curitiba

Observação: ingresso - R\$42,50 (meia)

EXPOSIÇÃO

Mejtere: histórias recontadas

A mostra reverbera uma pluralidade de vozes indígenas, que refletem novas perspectivas sobre as coleções etnográficas do museu a partir do encontro do grupo de bolsistas indígenas com o acervo do MUPA.

Local: Museu Paranaense

Endereço: R. Kellers, 289 - São Francisco - Curitiba

Observação: entrada gratuita

EVENTOS

Potências e possibilidades pedagógicas da temática indígena no museu e na sala de aula, com os educadores indígenas Florêncio Fernandes e Valmor de Paula.

Data: 15/04/24 (segunda) às 14h30

Local: Museu Paranaense

Endereço: R. Kellers, 289 - São Francisco - Curitiba

Observação: entrada gratuita. Inscrições no link abaixo:

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSedWnMhIpWOI6ziqEB4MxOnZ6fm3U6FnsC5b9gMwkj_3pujIQ/viewform

Mesa de conversa e apresentação de cantos e danças com o Grupo Nhinkandeá, do povo Kariri-Xocó, de Alagoas.

Data: 18/04/24 (quinta) às 14h30

Local: Museu Paranaense

Endereço: R. Kellers, 289 - São Francisco - Curitiba

Observação: entrada gratuita

Live Leitura literária nos 20 e 15 anos de implementação das Leis n.10.639 e 11.645.

Data: 11/04/24 (quinta) às 17h00

Observação: inscrição para certificação no link abaixo:

<https://cloud.edu.companhiadasletras.com.br/inscricao pedagogica2024>

Especial Falas da Terra

Data: 15/04/24 (sexta) depois do BBB 24

Local: na TV Globo

Espero que vocês consigam participar de alguma das atividades indicadas.
Em breve, retorno com mais notícias sobre o curso de extensão.

Um grande abraço,

Flávia Gisele Nascimento

Doutoranda em Educação - UFPR

KUJU 4. PARTE 4 - PROGRAMAÇÃO DO CURSO DE EXTENSÃO



CURSO DE EXTENSÃO - UNESPAR/FAP

O lugar do saber ancestral: trançados entre as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas

Prof.^a Me. Flávia Gisele Nascimento

PROGRAMAÇÃO:

Turma - SÁBADO

1º encontro (18/05/24): apresentação do curso, da docente e dos(as) participantes; história dos povos indígenas.

2º encontro (25/05/24): história dos povos indígenas (continuação); legislação (Constituição Federal de 1988 e a Lei nº 11.645/08); literatura indígena.

3º encontro (08/06/24): literatura indígena (continuação); línguas dos povos indígenas.

4º encontro (15/06/24): produção artística indígena (cerâmica, cestaria e biojoias); arte indígena contemporânea (parte 1 - artes visuais e performance).

5º encontro (22/06/24): arte indígena contemporânea (parte 2 - música e instrumentos musicais; teatro e cinema).

6º encontro (29/06/24): aula de campo no Museu Paranaense com a participação da Mila Kanhgág (Camila Mĩg Sá dos Santos).

7º encontro (13/07/24): *aula síncrona* brinquedos e brincadeiras dos povos indígenas.

Observação:

Poderão ocorrer mudanças na programação, mas serão avisadas com antecedência.



CURSO DE EXTENSÃO - UNESPAR/FAP

O lugar do saber ancestral: trançados entre as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas

Prof.^a Me. Flávia Gisele Nascimento

PROGRAMAÇÃO:

Turma - TERÇA-FEIRA

1º encontro (21/05/24): apresentação do curso, da docente e dos(as) participantes; história dos povos indígenas.

2º encontro (04/06/24): história dos povos indígenas (continuação); legislação (Constituição Federal de 1988 e a Lei nº 11.645/08); literatura indígena.

3º encontro (11/06/24): literatura indígena (continuação); línguas dos povos indígenas.

4º encontro (18/06/24): produção artística indígena (cerâmica, cestaria e biojoias); arte indígena contemporânea (parte 1 - artes visuais e performance).

5º encontro (25/06/24): arte indígena contemporânea (parte 2 - música e instrumentos musicais; teatro e cinema).

6º encontro (02/07/24): aula de campo na Caixa Cultural.

7º encontro (09/07/24): *aula síncrona* brinquedos e brincadeiras dos povos indígenas.

Observação:

Poderão ocorrer mudanças na programação, mas serão avisadas com antecedência.

KUJU 5. PARTE 5 - ATIVIDADES PARA AQUECER O CORAÇÃO



CURSO DE EXTENSÃO - UNESPAR/FAP

O lugar do saber ancestral: trançados entre as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas

Prof.^a Me. Flávia Gisele Nascimento

ATIVIDADES PARA AQUECER O CORAÇÃO

1º aula

Boa noite, pessoal.

Encaminho abaixo, os links da atividade para aquecer o coração referente à 1ª aula:

Assistir o documentário Falas da Terra (2021)

<https://www.youtube.com/watch?v=BdDpp6USz5Y>

ou

Falas da Terra: histórias (im)possíveis (2023)

<https://www.youtube.com/watch?v=kUaAqLoMNpE>

ou

Guerras do Brasil - 1º Episódio (2019)

<https://www.youtube.com/watch?v=A2xZ1PWzeeU&t=3s>

Observação: não encontrei disponível no YouTube o vídeo “Falas da Terra” exibido este ano.

2º aula

Bom dia, pessoal.

Encaminho abaixo, os links da atividade para aquecer o coração referente à 2ª aula:

- Ler um dos livros:

O amanhã não está à venda - Ailton Krenak

<https://acervo.socioambiental.org/acervo/livros/o-amanha-nao-esta-venda>

ou

O lugar do saber ancestral - Márcia Wayna Kambeba

<https://olma.org.br/wp-content/uploads/2020/06/olugardosaber.pdf>

- Assistir uma das Lives:

A lei nº 11.645 na prática - convidada Júlia Muniz (Júlia Xavante)

<https://www.youtube.com/watch?v=RAMKw4CDh1U>

ou

Leitura literária nos 20/15 anos da implementação das leis nº 10.639 e nº 11.645

<https://www.youtube.com/watch?v=X8vTniH4mIU>

Escutar o podcast Mekukradjá:

<https://open.spotify.com/show/0Hs9a3rZxdIS6S2Qbvp9r9>

3º aula

Boa noite, pessoal.

Demorou um pouquinho, mas chegou a atividade para aquecer o coração referente à 3ª aula:

- Pesquisar no dicionário Kaingang - Português / Português - Kaingang (<https://www.sil.org/system/files/reapdata/89/59/18/89591818164319187261559209445978226824/KGDict.pdf>) uma palavra que represente você;
- Escrever em um suporte (papel, papelão, dentre outros materiais) o seu nome, a palavra em Kaingang, o significado dela e a justificativa da sua escolha;
- Se você quiser, fique à vontade para fazer algum desenho.
- No próximo encontro, entregar essa produção.

Observação: quem não fizer a atividade vai ficar com o coração muito gelado e vai deixar o meu também. ;-(

Qualquer dúvida, por favor, me mandem um e-mail.

Desejo uma boa semana para todos(as)!

4º aula

Bom dia, pessoal.

Demorou um pouquinho, mas chegou a atividade para aquecer o coração referente à 4ª aula:

- Pesquisar a biografia, a obra e o povo de uma personalidade indígena.
- Não é necessário entregar o texto desse estudo. Essa é a primeira etapa do trabalho, a próxima será indicada na 5ª aula.

Observações:

- No drive coloquei um arquivo com o título “Personalidades Indígenas”, o qual consta o nome de 70 artistas, escritores(as), lideranças, dentre outros profissionais indígenas. Além de referências para pesquisar o tema.

Qualquer dúvida, por favor, me enviem um e-mail.

Uma ótima semana para todos(as)!

5º aula

Bom dia, pessoal.

Chegou a nossa última atividade para aquecer o coração referente à *5ª aula:*

Escrever uma carta, ou e-mail, ou WhatsApp, ou uma música, ou uma poesia para uma personalidade indígena (a mesma que você pesquisou na 4ª aula).

Sugestões do que abordar no texto:

- Contar como foi o seu processo de formação neste período do curso de extensão.
- A sua imagem em relação aos povos indígenas mudou?
- Se você fosse responder novamente o formulário apresentado na primeira aula, como seriam as suas respostas?
- Sugestões e/ou críticas em relação à formação.

Observações: não é necessário contemplar todos esses itens, são apenas algumas ideias. Vocês podem desenvolver esta atividade de diferentes formas (manual e/ou digitada), utilizando vários suportes (papel, papelão, tecido, etc.), técnicas (desenho, pintura, colagem, dentre outras). Esse será o último trabalho do curso, se permitam pensar sobre este processo.

- No nosso último encontro (aula de campo - visita ao museu), por favor, peço que vocês entreguem a produção.

Qualquer dúvida, me enviem um e-mail.

Uma ótima semana para todos(as)!

KUJU 6. PARTE 6 - PERSONALIDADES INDÍGENAS



CURSO DE EXTENSÃO - UNESPAR/FAP

O lugar do saber ancestral: trançados entre as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas

Prof.^a Me. Flávia Gisele Nascimento

LISTA DE PERSONALIDADES INDÍGENAS

Artistas e curadores(as):

1. Arissana Pataxó
2. Carmézia Emiliano
3. Daiara Tukano
4. Denilson Baniwa
5. Glicéria Tupinambá
6. Graci Guarani
7. Gustavo Caboco
8. Ibã Huni Kuin
9. Isael Maxakali
10. Joseca Yanomami
11. João Nyn
12. Jaider Esbell
13. Moara Tupinambá
14. Naine Terena
15. Olinda Tupinambá (Yawar)
16. Sandra Benites
17. Sueli Maxakali
18. Uýra Sodoma
19. Xadalu Tupã Jekupé
20. Yacunã Tuxá
21. Zahy Tentehar

Cantores(as):

1. Brisa Flow
2. Brô Mc's
3. Djuena Tikuna
4. Edivan Fulni-ô
5. Kaê Guajajara
6. Katú Mirim
7. Mapu Huni Kuin
8. Owerá
9. Suraras do Tapajós

Escritores(as):

1. Ailton Krenak
2. Auritha Tabajara
3. Aline Rochedo Pachamama
4. Cristino Wapichana
5. Daniel Munduruku
6. Eliane Potiguara
7. Graça Graúna
8. Kaká Werá
9. Márcia Wayna Kambeba
10. Olívio Jekupé
11. Tiago Hakiy
12. Tiago Nhandewa
13. Trudruá Dorrico
14. Yaguarê Yamã
15. Ytanajé Cardoso Munduruku

Políticos(as) e lideranças:

1. Álvaro Tukano
2. Célia Xakriabá
3. Davi Kopenawa Yanomami
4. Davi Guarani
5. Joenia Wapichana

6. Jovina Kaingang
7. Juliana Kerexu
8. Mário Juruna
9. Raoni Metuktire
10. Shirley Krenak
11. Sonia Guajajara

Professores(as), comunicadores, estilista e médica:

1. Alice Pataxó
2. Casé Angatu
3. Mila Kanhgág
4. Carlos Papá
5. Cristian Wariu
6. Cristine Takuá
7. Dayana Molina
8. Edson Kayapó
9. Edson Krenak
10. Gersem Baniwa
11. João Paulo Lima Barreto
12. Myrian Krexu
13. Tukumã Pataxó
14. Txai Suruí

Essa lista é apenas uma sugestão, vocês podem pesquisar outras personalidades indígenas. Segue abaixo, algumas referências:

- Canal do YouTube do Itaú Cultural – Culturas Indígenas

https://www.youtube.com/results?search_query=culturas+indigenas+itau

- Portal ISA - Povos Indígenas no Brasil

https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal

- Podcast Mekukradjá - <https://open.spotify.com/show/0Hs9a3rZxdIS6S2Qbvp9r9>

- Prêmio Pipa - <https://www.premiopipa.com/>

KUJU 7. PARTE 7 - REFERÊNCIAS DO CURSO



CURSO DE EXTENSÃO - UNESPAR/FAP

O lugar do saber ancestral: trançados entre as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas

Prof.^a Me. Flávia Gisele Nascimento

Lista de referências apresentadas na 1º aula.

CABOCO, Gustavo. **Recado do Bendegó**. São Paulo: Picada Impressões Indígenas, 2021. Disponível em:
https://www.premiopipa.com/wp-content/uploads/2022/04/picada-ind%C3%ADgena_recado-do-bendeg%C3%B3_Gustavo-Caboco-Gustavo-Caboco.pdf. Acesso em: 02 maio 2024.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **O lugar do saber ancestral**: eu moro na cidade. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020. Disponível em:
<https://olma.org.br/wp-content/uploads/2020/06/olugardosaber.pdf>. Acesso em: 23 maio 2024.

Redes sociais e sites de artistas indígenas:

Carmézia Emiliano

Instagram: <https://www.instagram.com/carmeziaemiliano/>

Catálogo: A Árvore da Vida

<https://www.masploja.org.br/carmezia-emiliano-a-arvore-da-vida>

Gustavo Caboco

Instagram: <https://www.instagram.com/gustavo.caboco/>

Site: <https://caboco.tv/>

Prêmio Pipa - <https://www.premiopipa.com/gustavo-caboco/>

Myrian Krexu

Instagram: <https://www.instagram.com/myrianveloso/>

Poesia: A mãe do Brasil é indígena -

<https://repam.org.br/a-mae-do-brasil-e-indigena/>

Música:

Álbum Futuro Ancestral - YouTube:

https://www.youtube.com/watch?v=1l68q5UZLsM&list=PLDhajnZgo0TJfKa1SV_whamDtqKgYhTgB

Spotify: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/6pmFJ5VC7URN6Q7xl0SYt3>

Outras referências:

Entre mundos - página construída de maneira colaborativa com os(as) estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Unespar-FAP.

Instagram: https://www.instagram.com/ema_mag_kuju_entre_mundos/

Texto: Minha avó foi pega a laço - Daniel Munduruku

<https://racismoambiental.net.br/2018/03/24/minha-avo-foi-pega-a-laco/>

CURSO DE EXTENSÃO - UNESPAR/FAP

O lugar do saber ancestral: trançados entre as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas

Prof.^a Me. Flávia Gisele Nascimento

Lista de referências apresentadas na 2º aula.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 1 ago. 2022.

_____. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 10 jul. 2022.

FANELLI, Giovana de Cássia Ramos. **A lei 11.645/2008**: a história de como a temática indígena passou a ser obrigatória nas escolas brasileiras. Curitiba: Appris, 2021.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico, 2010**.

Disponível em:

<https://www.gov.br/funai/pt-br/arquivos/conteudo/ascom/2013/img/12-dez/pdf-brasil-ind.pdf> Acesso em: 24 mar. 2023.

JEKUPÉ, Olívio. **500 anos de angústia**. São Paulo: Scortecci, 2015.

_____. **A invasão**. Bragança Paulista, SP: Hecatombe, 2020.

MATTAR, Sumaya; SUZUKI, Clarissa; PINHEIRO, Maria (Org.). **A lei 11.645/08 nas artes e na educação**: perspectivas indígenas e afro-brasileiras. São Paulo:

ECA-USP, 2020. Disponível em:

<https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/525/463/1803>. Acesso em: 26 maio 2024.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parecer CNE/CEB nº 14/2015, aprovado em 11 de novembro de 2015**. Brasília, 2015. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=27591-pareceres-da-camara-de-educacao-basica-14-2015-pdf&category_slug=novembro-2015-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 28 jun. 2024.

NILHA, Orlando. **Kopenawa**: Davi Kopenawa. Campinas, SP: Editora Mostarda, 2022.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (Sesc). **Culturas indígenas, diversidade e educação**. Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2019. Disponível em: <https://www.sesc.com.br/multimidia/publicacoes/pdf-educacao-em-rede-vol-7/>. Acesso em: 26 maio 2024.

SILVA, Giovani José; MEIRELES, Marinelma Costa. **A lei 11.645/2008**: uma década de avanços, impasses, limites e possibilidades. Curitiba: Appris, 2019.

VIEZZER, Moema; Grondin, Marcelo. **Abya Yala, genocídio, resistência e sobrevivência dos povos originários das Américas**. Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2021.

Redes sociais e sites de artistas indígenas:

Brisa Flow

Instagram: <https://www.instagram.com/brisaflow/?hl=pt>

Música: Originária - <https://www.youtube.com/watch?v=-GqfR9VO4zE>

Denilson Baniwa

Prêmio Pipa: <https://www.premiopipa.com/denilson-baniwa/>

Performance: Hackeando a 33ª Bienal de Artes de SP

<https://www.youtube.com/watch?v=MGFU7aG8kgl&t=2s>

Filmes e vídeos:

Ailton Krenak: o Sonho da Pedra (2017)

<https://www.youtube.com/watch?v=xm7geCZDxwM&list=PLKhWHg4n31FpgkfBnfKR VJIFwYJKJKN97>

APIB - Meninas e mulheres Pataxó

<https://www.instagram.com/p/C3z0Trvuxom/>

APIB - A troca

https://www.youtube.com/watch?v=DL5b_jP1VjM

Armas germes e Aço

<https://www.youtube.com/watch?v=LCHltXIJBc8&t=62s>

Greg News | Indígenas

https://www.youtube.com/watch?v=ya1TgJ_5N0Q&t=1s

Greg News | Marco Temporal

<https://www.youtube.com/watch?v=zwv08R63Hkk&t=2s>

Guerras do Brasil - 1º Episódio (2019)

<https://www.youtube.com/watch?v=A2xZ1PWzeeU&t=3s>

Índio Cidadão? Grito 3 - Ailton Krenak

https://www.youtube.com/watch?v=kWMHiwdbM_Q&t=2s

Niède Guidon e as Origens do Homem Americano (1990)

<https://www.youtube.com/watch?v=oX7oToVioC0&t=3s>

SP Pesquisa A origem do Homem Americano

https://www.youtube.com/watch?v=u-mbnL_6b5k&t=236s

Terra Sem Males - Documentário

<https://www.youtube.com/watch?v=6CAuiJ-Zo70&t=78s>

Outras referências:

Articulação dos Povos Indígenas do Brasil - APIB

Instagram: <https://www.instagram.com/apiboficial/>

Site: <https://apiboficial.org/?lang=en>

Áudio livro: A queda do céu - Davi Kopenawa e Bruce Albert

<https://www.youtube.com/watch?v=EZNhgxeD79E&list=PLShqadQrMjWgtnDpXosZbOM8GumC2Qafi>

Biblioteca Ailton Krenak

<https://bibliotecaailtonkrenak.notion.site/Biblioteca-do-Ailton-Krenak-BAK-cd46ab5c7c4448ffb3111f3c9ef833d9>

Cartilha - Paraná Indígena

<https://mandatogoura.com.br/wp-content/uploads/2019/12/paranaindigena-CARTILHA-SPREAD-final.pdf>

Mapa - Paraná Indígena

<https://drive.google.com/file/d/1cAkrb1kjcPhCSpf5jbinCtQ02ChhVUtB/view>

Rádio Yandê (primeira rádio on-line indígena)

Instagram: <https://www.instagram.com/radioyande/>

Site: <https://radioyande.com/>

Reportagem Sumauma - As vozes Indígenas sobem a pirâmide de Alok, mas a devastação do agro também está lá

<https://sumauma.com/as-vozes-indigenas-sobem-a-piramide-de-alok-mas-a-devastacao-do-agro-tambem-esta-la/>

CURSO DE EXTENSÃO - UNESPAR/FAP

O lugar do saber ancestral: trançados entre as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenasProf.^a Me. Flávia Gisele Nascimento

Lista de referências apresentadas na 3º aula.

BERNARDO, Olegário Goj Tahn. **Ũ ter kŷ to kāmén**: ritual dos mortos [livro eletrônico]. Ponta Grossa: UEPG/PROEX, 2023. Disponível em: <https://www2.uepg.br/ppgel/wp-content/uploads/sites/68/2023/08/Ritual-dos-mortos-Ebook-1.pdf>. Acesso em: 02 maio 2024.

CARNEIRO, José Álvaro da Silva. **Que pira é essa?**. Curitiba: Edição do Autor, 2018.

DORRICO, Trudruá; NEGRO, Maurício (Org.). **Originárias**: uma antologia feminina de literatura indígena. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

FRAGATA, Claudio. **O tupi que você fala**. São Paulo: Globo Livros, 2018.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Memória das palavras indígenas**. São Paulo: Global, 2015.

JECUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos**: história Indígena do Brasil contada por um índio. São Paulo: Peirópolis, 1998.

_____. **As fabulosas fábulas de Iauaretê**. São Paulo: Peirópolis, 2007.

JEKUPÉ, Xadalu Tupã. **O caminho para a casa de barro**. São Paulo: Baião, 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton; SANTOS PATAXÓ, Genilson; URBANO, Elisa; CRUZ, Felipe; MILANEZ, Felipe; SÁ, Lucia. Existência e Diferença: O Racismo Contra os Povos Indígenas. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 03: 2161-2181, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/3SxDNnSRRkLbfh3qVFtmBDx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 jun 2024.

LIMA NETO, Francisco. **Krenak**: Ailton Krenak. Campinas, SP: Editora Mostarda, 2022.

MACEDO, Valéria. **Aldeias, palavras e mundos indígenas**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio**. São Paulo: Callis Ed., 2010.

_____. **Mundurukando 2: sobre vivências, piolhos e afetos**. Lorena, SP: UK'A Editorial, 2017.

_____. **O Karaíba: uma história do pré-Brasil**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2018.

_____. **O olho bom do menino**. São Paulo: UK'A Editorial, 2020.

_____. **SAWÉ: o grito ancestral - Sawe: aypapayu ewãwãap a'õ**. Lorena, SP: UK'A Editorial, 2022.

PACHAMAMA, Aline Rochedo. **Taynôh: o menino que tinha cem anos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pachamama, 2019.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. São Paulo, SP: Global, 2004.

_____. **O vento espalha minha voz originária**. Rio de Janeiro, RJ: Grumin, 2023.

SALVADOR, Mauricio Vên Tánh. **Fág kar ségsó tánh: gufó u sí ag tú - A araucária e a gralha azul: uma história dos antigos Kaingang**. Porto Alegre: Editora FMP, 2022. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/index.php/acervo/documentos/fag-kar-segso-tanh-gufo-u-si-ag-tua-araucaria-e-gralha-azul-uma-historia-dos>. Acesso em: 02 maio 2024.

TABAJARA, Auritha. **Coração na aldeia, pés no mundo**. Lorena, SP: UK'A Editorial, 2018.

TALTELBAUM, Paula. **Cadê cadê = Mamo tu, mamo tu**. Porto Alegre - RS: Editora Piu, 2023.

WERÁ, Kaká (Org.). **Tembetá: Ailton Krenak**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial Ltda, 2017.

_____. **Tembetá: Eliane Potiguara**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial Ltda, 2019.

_____. **Tembetá: Kaká Werá**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial Ltda, 2019.

YAMÃ, Yaguarê. **Guanâby Muru-Gawá: a origem do beija-flor**. São Paulo: Peirópolis, 2012.

Filmes e vídeos:

Aprendendo a pronúncia das cores em MBYA Guarani

<https://www.instagram.com/reel/C7plygcvCpa/?igsh=MXAyaXVld2l1aDZzeQ==>

Bosque das Línguas Indígenas no Brasil — Projeto "Séculos Indígenas no Brasil"

<https://www.youtube.com/watch?v=2t-jPMtK0Pg>

Davi Guarani – Culturas indígenas (2017) – parte 1/2

<https://www.youtube.com/watch?v=4Ymnj8WbgF4>

O Brasil sempre foi e sempre será a terra dos mil povos - Kaká Werá

<https://www.facebook.com/watch/?v=365695217644721>

Outras referências:

Cartilha Lei Maria da Penha traduzida pelas mulheres indígenas de Santa Catarina do povo Guarani

<https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2023/09/cartilha-maria-da-penha-guarani.pdf>

Cartilha Lei Maria da Penha traduzida pelas mulheres indígenas de Santa Catarina do povo Kaingang

<https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2023/09/cartilha-maria-da-penha-kaingang.pdf>

Catálogo: Araeté – A Literatura dos Povos Originários

<https://indd.adobe.com/view/eea4c587-0682-422f-9781-d7fd033f802f>

Década das línguas indígenas

<https://www.decadalinguasindigenasbr.com/panorama-das-linguas-indigenas-de-sinais-no-brasil/>

Leia Mulheres Indígenas

<https://www.instagram.com/leiamulheresindigenas/>

Livraria Maracá

<https://www.livrariamaraca.com.br/o-olho-bom-do-menino/>

Povos Indígenas no Brasil - ISA

https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal

CURSO DE EXTENSÃO - UNESPAR/FAP

O lugar do saber ancestral: trançados entre as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas

Prof.^a Me. Flávia Gisele Nascimento

Lista de referências apresentadas na 4^o aula.

LINS, Juliana. **Cerâmica Tukano**. São Paulo: ISA - Instituto Socioambiental, FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2020. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/ceramica-tukano>. Acesso em: 21 jun 2024.

OLIVEIRA, Thiago da Costa. **Cerâmica Baniwa**. São Paulo: ISA - Instituto Socioambiental, FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2020. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/ceramica-baniwa>. Acesso em: 21 jun 2024.

PANKARÁ, Chirley Maria. **Nãna e os potes de barro**. São Paulo, SP: 2019.

XAKRIABÁ, Nei Leite. **Arte Indígena Xakriabá**: com um pé na aldeia e outro pé no mundo. 2022. 382 f. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/52390>. Acesso em: 21 jun 2024.

Redes sociais e sites de artistas indígenas:

Arissana Pataxó

Instagram: <https://www.instagram.com/arissanapataxoportfolio/>

Prêmio Pipa: <https://www.premiopipa.com/pag/arissana-pataxo/>

Daiara Tukano

Instagram: <https://www.instagram.com/daiaratukano/>

Site: <https://www.daiaratukano.com/>

Prêmio Pipa: <https://www.premiopipa.com/daiara-tukano/>

Jaider Esbell

Instagram: https://www.instagram.com/jaider_esbell/

Site: <http://www.jaideresbell.com.br/site/>

Prêmio Pipa: <https://www.premiopipa.com/pag/jaider-esbell/>

Olinda Yawar Tupinambá

Instagram: https://www.instagram.com/olinda_yawar_wanderley/

Site: <https://yawar.art.br/>

Prêmio Pipa: <https://www.pipaprize.com/olinda-yawar-tupinamba/>

Performance: PRECONCEITO

<https://www.youtube.com/watch?v=cic42ESbEsA&t=11>

Uýra Sodoma

Instagram: <https://www.instagram.com/uyrasodoma/>

Prêmio Pipa: <https://www.premiopipa.com/uyra/>

Trailer: Uýra - A Retomada da Floresta

<https://www.youtube.com/watch?v=2WPuDFMjLYY>

Filmes e vídeos:

Amazônia Sem Garimpo - Animação (Narração em Português)

<https://www.youtube.com/watch?v=OPDDWjLiqDk&t=52s>

Amazônia Sem Garimpo - Animação (Narração em Yanomami)

https://www.youtube.com/watch?v=6o_fyNphgMU&t=1s

Amazônia Sem Garimpo - Animação (Narração em Munduruku)

<https://www.youtube.com/watch?v=2WjHZJzkrT4>

O resgate da cerâmica - Xakriabá - Nei Leite

<https://www.youtube.com/watch?v=9tTnXlpESVg>

Outras referências:

Bancos indígenas do Brasil - Coleção BEI

<https://colecaohei.com.br/>

Venda de arte indígena:

Artesanato Sateré Mawé

https://www.instagram.com/amism_sateremawe/

Mila Kanhgág

Instagram: https://www.instagram.com/vasan_art_indigena/

Casa de Passagem e Cultura Indígena de Curitiba

Instagram: <https://www.instagram.com/cpcicuritiba/>

Galeria Amazônica

<https://www.instagram.com/galeriamazonica/>

Tamã

<https://www.instagram.com/tama.use/>

CURSO DE EXTENSÃO - UNESPAR/FAP

O lugar do saber ancestral: trançados entre as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas

Prof.^a Me. Flávia Gisele Nascimento

Lista de referências apresentadas na 5º aula.

ALMEIDA, Ligia Marina de (Juma Pariri). **Até o fim do mundo**: povos originários de Abya Yala, performances, pedagogias e (imagens) políticas possíveis em perspectiva anti-colonial. 2021. 382 f. Tese (Doutorado em Teatro) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes (CEART), Programa de Pós-Graduação em Teatro, Florianópolis, 2021. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11003763. Acesso em: 21 jun 2024.

CARELLI, Rita. **A história de Akykysia, o dono da caça**. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2018.

_____. **Das crianças Ikpeng para o mundo**. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2018.

_____. **No tempo do verão**. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2018.

CARVALHO, Ana. **A história do monstro Khátpy**. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2018.

_____. **Depois do ovo, a guerra**. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2018.

_____. **Palermo e Neneco**. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2018.

GUAJAJARA, Zahy. *et al.* **Teatro e os Povos Indígenas** [recurso eletrônico]: janelas abertas para a possibilidade. São Paulo: N-1 edições, 2021. Disponível em: <https://tepi.digital/wp-content/uploads/2022/03/Teatro-e-os-povos-indigenas-Janelas-abertas-para-a-possibilidade.pdf>. Acesso em: 21 jun 2024.

PUCCI, Magda; ALMEIDA, Berenice de. **Cantos da floresta**: iniciação ao universo musical indígena. São Paulo: Peirópolis, 2017.

Redes sociais e sites de artistas indígenas:

Graci Guarani

Instagram: <https://www.instagram.com/graciguarani/>

Grande Vaqueiro

Instagram: <https://www.instagram.com/grandaovaqueiro/>

Música: <https://www.tiktok.com/@grandaovaqueirof/video/7223780619644341509>

Isael Maxakali

Instagram: <https://www.instagram.com/isaelmaxakali/>

Prêmio Pipa: <https://www.premiopipa.com/isael-maxakali/>

Lian Gaia

Instagram: <https://www.instagram.com/liangaia/>

Owerá

Instagram: <https://www.instagram.com/owera.oficial/>

Música "Jaguatá Tenondé": <https://www.youtube.com/watch?v=nCRfDMbVUn0>

Sueli Maxakali

Instagram: <https://www.instagram.com/sueli.maxakali/>

Bienal de SP: <https://www.youtube.com/watch?v=m4Y3PPaCTLM>

Suraras do Tapajós

Instagram: <https://www.instagram.com/surarasdotapajos/?hl=pt>

Música "Suraras da beira do rio":

https://www.youtube.com/watch?v=x-tffmBdx_s&t=9s

TePI - Teatro e os povos indígenas

<https://www.instagram.com/tepi.digital/>

Filmes e vídeos:

Mulheres Araucárias

<https://www.youtube.com/watch?v=MLTok0Kb86M>

Pajé Filmes

<https://www.youtube.com/@Pajefilm/featured>

Terra Adorada - Edição Comentada 2020

<https://www.youtube.com/watch?v=Gur1s6CSxws&t=8s>

Outras referências:

Cantos da Floresta

<https://www.cantosdafloresta.com.br/>

Rede Katahirine - rede audiovisual das mulheres indígenas

<https://katahirine.org.br/>

TePI - Teatro e os povos indígenas

<https://tepi.digital/>

Vídeo nas Aldeias

<http://www.videonasaldeias.org.br/2009/index.php>

CURSO DE EXTENSÃO - UNESPAR/FAP

O lugar do saber ancestral: trançados entre as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas

Prof.^a Me. Flávia Gisele Nascimento

Lista de referências apresentadas na 6º aula.

NASCIMENTO, Flávia Gisele; SILVA, Camila Mĩg Sá dos Santos da. Tytãn Fi Vãsãn Rike Han: Lute como uma mulher indígena. **Das Amazônias**, Rio Branco-AC, v. 6, n. 1, p. 373–386, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/article/view/6546>. Acesso em: 01 jul. 2023.

Filmes e vídeos:

Lute como uma garota Kaingang - Mila Kanhgág (Camila Mĩg Sá dos Santos)

<https://www.youtube.com/watch?v=1JUTCYToPak>

O artista Raiz campos fala do orgulho em retratar indígenas

<https://www.youtube.com/watch?v=Nz7wICIFdBc&list=RDCMUCKPDSWAFn7kWa7BaZzdA7wg&index=1>

Redes sociais e sites de artistas indígenas:

Associação de Artesãos de Novo Airão - AANA

https://www.instagram.com/central_de_artesanato_aana/

Mila Kanhgág (Camila Mĩg Sá dos Santos)

Instagram: https://www.instagram.com/camila_ra_tej/

Raiz Campos

Instagram: <https://www.instagram.com/raiz.campos/>

Outras referências:

Aldeia Kakanẽ Porã

https://www.instagram.com/aldeia_kakane_pora/

Associação de Mulheres Indígenas Organizadas em Rede - AMIOR

https://www.instagram.com/amior_pr/

Mídia Indígena Oficial

<https://www.instagram.com/midiaindigenaoficial/>

CURSO DE EXTENSÃO - UNESPAR/FAP

O lugar do saber ancestral: trançados entre as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas

Prof.^a Me. Flávia Gisele Nascimento

Lista de referências apresentadas na **aula síncrona**.

ISA. **Povos indígenas no Brasil**: mirim. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2015.

NHANDEWA, Tiago. **Nhandewa Onimangá**: brincadeiras indígenas. São Paulo: Editora Cintra LTDA, 2023.

PACHAMAMA, Aline Rochedo. **Guerreiras = M'baima miliguapy**: mulheres indígenas na cidade, mulheres indígenas na aldeia. Rio de Janeiro: Pachamama, 2018.

SILVA, Telma Camargo da (Org.). **Ritxoko**. Goiânia: Câne Editorial, 2015.

YAMÃ, Jaguarê; BARBOSA, Rogério Andrade. **Doze brincadeiras indígenas e africanas**: da etnia Maraguá e de povos do Sudão do Sul. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2022.

Redes sociais:

Bonecas Indígenas Anaty

<https://www.instagram.com/bonecasanaty/>

Território do Brincar

https://www.instagram.com/territorio_do_brincar/

Filmes e vídeos:

Conheça história de indígena que fez o sonho de ter uma boneca em negócio bem-sucedido

<https://globoplay.globo.com/v/9098386/>

Modo de fazer Bonecas Karajá e Ritxòkò: Expressão Artística e Cosmológica do Povo Karajá - IPHAN

<https://www.youtube.com/watch?v=J9u0NUkm0wk&t=143s>

Ritxoko - Cerâmica Karajá (TO) - Museu dos Povos Indígenas

<https://www.youtube.com/watch?v=faJvPGmAsh4>

Jogos:

Game Huni Kuin

<http://www.gamehunikuin.com.br/es/>

Jaguareté: Desafios da Floresta - MAE/UFPR

<https://mae.ufpr.br/jaguarete-desafios-da-floresta/>

Jogo Jeriguigui e o Jaguar na Terra dos Bororos - UFSCAR

http://www.leetra.ufscar.br/pages/game_jeriguigui

Jogo Kawã na Terra dos Indígenas Maraguá - UFSCAR

<http://www.leetra.ufscar.br/artifacts/view/28>

Materiais Didáticos - COMIN

<https://comin.org.br/materiais-didaticos/>

Outras referências:

Caixas Didáticas - MAE/UFPR

<https://mae.ufpr.br/category/portfolio/educativo/caixas-didaticas/>

Pasta Araucária (caderno e prancha - Artes dos Povos Indígenas)

<https://araucaria.ensiname.online/publicacoes-pasta-araucaria>

Povos Indígenas no Brasil Mirim

<https://mirim.org/>

KUJU 8. PARTE 8 - MULTIPLICAR E SEMEAR



CURSO DE EXTENSÃO - UNESPAR/FAP

O lugar do saber ancestral: trançados entre as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas

Prof.^a Me. Flávia Gisele Nascimento

MULTIPLICAR E SEMEAR

Indicação de referências dos(as) participantes do curso:

- Canal do Youtube da banda Arandu Arakuaa que faz heavy-metal em tupi-guarani
<https://www.youtube.com/@AranduArakuaa>

Indicação: Fy / Fej / Kór gy (Semente / brotar / bem longe)

- The Filipino Story - Vídeos sobre a cultura indígena filipina

<https://www.instagram.com/p/C7X7xY3vjWF/>

<https://www.youtube.com/shorts/MGU0aNEgw7A>

Indicação: Fy / Fej / Kór gy (Semente / brotar / bem longe)

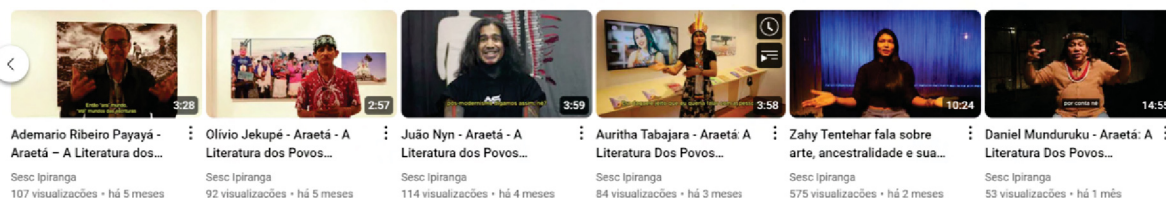
- O canal do Youtube do Sesc Ipiranga - SP está recheado de temática indígena

<https://www.youtube.com/@SescIpirangaSP>

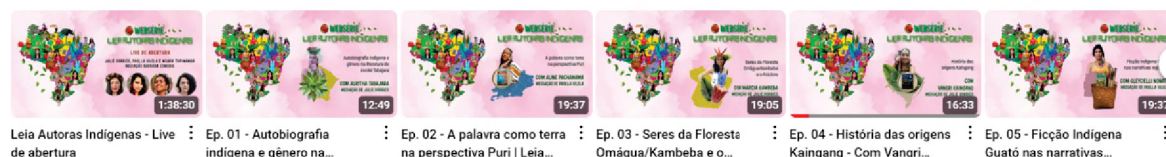
Indicação: Fy / Fej / Kór gy (Semente / brotar / bem longe)

Araetá - A Literatura dos Povos Originários ▶ Reproduzir tudo

Com curadoria de Ademario Ribeiro Payayá, Kaká Werá Jecupé e Selma Caetano, a exposição ocupa diferentes espaços da unidade e dá visibilidade a cosmovisões de 50 povos, prestando...



Leia Autoras Indígenas ▶ Reproduzir tudo



Kuskalla - podcast trilingue sobre povos indígenas andinos

<https://open.spotify.com/show/1Tnhgv16rfeJ3ooupZLLwS?si=EjzIT4TGS02kitQsW6FcjA>

Um trabalho escolar que encontrei no ISSUU onde uma professora propôs uma atividade onde cada aluno escreve ao seu modo A História de Akykysya - O Dono da Caça. O bonito é ver alunos do terceiro ano fundamental escrevendo e desenhando tão bem e como cada aluno desenvolve a narrativa.

https://issuu.com/escolavillarelivro/docs/lendas_3_b_lita

Indicação: Fy / Fej / Kór gy (Semente / brotar / bem longe)



Prêmio Sim à Igualdade Racial 2024 | ID_BR | Inteligência Ancestral #aovivo

<https://youtube.com/live/4gGfz6YusL0?si=UWd03THHUEl36ob2>

Indicação: sem pseudônimo

Canto sagrado Guarani - “Nhanderu Tenondé” (Cantoria tradicional Guarani)

<https://www.youtube.com/watch?v=i0KVDPR6SA>

Indicação: Goj (Água, rio)

Catálogo da exposição que Mejtore - Histórias recontadas que visitamos no Museu Paranaense.

<https://drive.google.com/file/d/1rdYialqTO0cEFuQeovDBHzcBWMqq0QJT/view?usp=sharing>

Indicação: Fy / Fej / Kór gy (Semente / brotar / bem longe)

Vídeo do Instagram do Cacique Pajé Urbiranan Pataxó explicando as simbologias dos adornos e pinturas do lutador de MMA Poatan

<https://www.instagram.com/p/C8snLRAp5c4/>

Indicação: Fy / Fej / Kór gy (Semente / brotar / bem longe)

Indicação para ouvir as “Vozes da Floresta/Ailton Krenak”, esse vídeo, eu não canso de assistir, Krenak, conta a história da ocupação dos territórios indígenas pelos fazendeiros, a sua história desde os anos de 79, quando cresceu fugindo dos

fazendeiros e se descobriu indígena fugindo, como ele afirma. Super vale a pena, foi um dos primeiros encontros com Ailton Krenak.

<https://www.youtube.com/watch?v=KRTJlh1os4w&t=355s>

Compartilho também o link dos vídeos de uma série de entrevistas da "Aliança dos povos da Floresta de Chico Mendes". Relatos dos que iniciaram a luta pela terra indígena, a filha do Chico Mendes, Angela Mendes, Marcos Terena, Sabá Marinho, Toya Mancheneri, Pedro Xapuri e Edna Shanenawa. É muito triste, mexe total com a nossas estruturas, por ouvir os relatos marcados por tantas agressões diante a violência institucional deste sistema que está posto! Super recomendo, uma excelente oportunidade de desconstruir muita balela que foi nos ensinado num sistema educacional colonizado e colonizador...

https://www.youtube.com/watch?v=RdGHXzDcQ_Q&t=111s

Esse vídeo é do Jaider Esbell, artista indígena que a prof apresentou em um dos encontros, é uma conversa com o Ailton Krenak, seus saberes, sobre possibilidades de romper esse sistema que aprisiona, nossos corpos e nossas mentes.

https://www.youtube.com/watch?v=qFZki_sr6ws&t=100s

No Instagram da Geni Núñez, ela é ativista indígena Guarani, formada em psicologia e escritora. Publicou o livro "Descolonizando afetos, experimentações sobre outras formas de amar". É um livro instigante que nos faz pensar para além de coisas fechadas, presas nas caixinhas, possibilitando o despertar do "coma colonial".

<https://www.instagram.com/genipapos/>

Indicação: Goj (Água, rio)

Vou colocar aqui uma colaboração que fiz com o músico Zândhio Huku da banda Arandu Arakuaa. Pesquisei sobre ele e conversei com ele algumas vezes e criei um quadrinho com a história dele.

Instagram: <https://www.instagram.com/p/C88QIIKNh0N/>

Facebook:

<https://www.facebook.com/photo?fbid=1035810394784052&set=a.257121679319598>

Indicação: Fy / Fej / Kór gy (Semente / brotar / bem longe)

Banda Urukum

<https://open.spotify.com/intl-pt/artist/2oruwFNfFvKNU63YndFluq/discography>

https://www.instagram.com/banda_urukum/

São jovens iniciantes e trazem o tupi nas letras.

Indicação: Fy / Fej / Kór gy (Semente / brotar / bem longe)

KUJU 9. PARTE 9 - ENCONTROS PARA MOVIMENTAR O PENSAR



CURSO DE EXTENSÃO - UNESPAR/FAP

O lugar do saber ancestral: trançados entre as artes, as histórias e as culturas dos povos indígenas

Prof.^a Me. Flávia Gisele Nascimento

ENCONTROS PARA MOVIMENTAR O PENSAR

1º aula (20/05/24)

- Aproveito essa mensagem para divulgar o **Festival Literário Histórias da Floresta**, que acontecerá na Caixa Cultural. O evento oferecerá vários cursos, oficinas, bate-papo, dentre outras atividades com artistas e escritores(as) indígenas, como: Auritha Tabajara, Cristino Wapichana, Daniel Munduruku, Jovina Kaingang, Olívio Jekupé e Tiago Nhandewa.

Segue abaixo, o link da programação:

<https://www.caixacultural.gov.br/Paginas/Programacao.aspx?idEvento=1728>

- **Aula aberta** que vai acontecer na UFPR Litoral, com a participação do **André Baniwa**. Eu tenho o livro dele, vou separar para levar na próxima aula. A Vênha rá (Livro) compartilhou esse evento.

https://www.instagram.com/p/C7AfZlpuv6j/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

- Divulgando mais um evento. Obs: Ano passado tive a oportunidade de participar dessa **oficina** ofertada pelo MAE UFPR. Foi incrível!

https://www.instagram.com/p/C6y_IZkrOVj/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

2º aula (27/05/24)

Aproveito essa mensagem para divulgar:

- Curso sobre o livro **O desejo dos outros – uma etnografia dos sonhos Yanomami**, com a autora Hanna Limulja. Obs. A participante sem pseudônimo compartilhou esse evento.

<https://www.instagram.com/p/C7XKWcTsTBq/?igsh=MTB2ajRiNGF6NjhyZQ==>

- O **1º Encontro Regional da ANPAP SUL e 2º CWB_Latina**, o qual fui convidada para fazer uma fala na mesa-redonda “Arte Educação: debates contemporâneos”.

Data: 28/05/24 (terça-feira)

Horário: das 16h30 às 18h00

Local: Teatro da Reitoria

Endereço: Rua XV de Novembro, 1299

https://www.even3.com.br/1-anpap-sul-e-2-cwb_latina/

Boa tarde, pessoal. Passando aqui para divulgar duas campanhas.

- Mutirão de horta agroecológica e captação de doações para os povos indígenas do RS.

<https://www.instagram.com/p/C7eWoYksZgE/?igsh=MW03OW85ZTh2bjM4eQ==>

- Campanha do agasalho - Casa de Passagem e Cultura Indígena de Curitiba.

<https://www.instagram.com/cpicuritiba/>

Bom dia, pessoal.

Passando aqui para lembrar que neste sábado **teremos o nosso 3º encontro**. ■

Aproveito esta mensagem para divulgar o evento promovido pelo Itaú Cultural e o curso ministrado pela Júlia Muniz (Júlia Xavante).

- Encontro de professores – virtual, aborda reflexões sobre a imagem e o corpo.

https://www.itaucultural.org.br/secoes/agenda-cultural/encontro-de-professores--virtual--aborda-reflexoes-sobre-a-imagem-e-o-corpo?utm_source=instagram

- Pacote de Etimologia de Artes Indígenas.

https://www.instagram.com/p/C7uM2V3pt3E/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

3º aula (12/06/24)

A partir de hoje, os eventos, exposições, cursos, campanhas, dentre outras atividades que vão acontecer em Curitiba, na Região Metropolitana ou no formato on-line, terão a seção **Encontros para movimentar o pensar**. Começamos com a divulgação do **II Festival da Palavra de Curitiba**.

Pocketshow Rap Indígena com Owerá e Dj Tupã

Data: 20/06/24 (quinta-feira)

Horário: às 19h30

Local: Memorial de Curitiba

Endereço: Rua Dr. Claudino dos Santos, 79 - São Francisco - Curitiba

Evento Gratuito. Mais informações:

<https://guia.curitiba.pr.gov.br/evento/pocketshow-rap-indigena-com-owera-e-dj-tupa/3454>

A Palavra Ancestral com Daniel Munduruku**Data:** 20/06/24 (quinta-feira)**Horário:** às 20h00**Local:** Memorial de Curitiba**Endereço:** Rua Dr. Claudino dos Santos, 79 - São Francisco - Curitiba

Evento Gratuito. Mais informações:

<https://guia.curitiba.pr.gov.br/evento/a-palavra-ancestral-com-daniel-munduruku/3455>**Oficina Literatura Indígena - com Jovina Kaingang e Olívio Jekupé****Data:** 21/06/24 (sexta-feira)**Horário:** das 9h00 às 12h00**Local:** Casa Hoffmann**Endereço:** Rua Dr. Claudino dos Santos, 58 - São Francisco - Curitiba

Evento Gratuito. Segue abaixo, o link da inscrição:

<https://aprendere.curitiba.pr.gov.br/cursos/22444>

Observação: coloquei no Google drive um arquivo com a lista de todos os eventos que já foram divulgados no curso.

4º aula (13/06/24)

Boa noite, pessoal. Segue abaixo, o link de divulgação da **Oficina de Grafismo Indígena: Conectando Culturas através da Arte**, que vai acontecer amanhã na UFPR.

<https://www.instagram.com/reel/C8cqrWVO8rA/?igsh=aHhwamFhOWx2d2hy>

Precisamos da ajuda de todos(as) na divulgação sobre a **ameaça de remoção da Aldeia Maracanã - RJ**.

<https://www.instagram.com/reel/C8Ko3fUJ2rF/?igsh=MWhzNXhycnJiOGJ4Nw==>

5º aula (26/06/24)

Passando aqui para lembrar que hoje teremos um **encontro para movimentar o pensar**. Quem puder participar, fica o convite.

Mesa de conversa **Produção de corpos indígenas**, um dos convidados é o João Paulo Lima Barreto (João Paulo Tukano).

Data: 26/06/24 (quarta-feira)**Horário:** às 19h00**Local:** Museu Paranaense**Endereço:** R. Kellers, 289 - São Francisco - Curitiba

Observação: é indicado chegar uns 15 minutos antes do evento.

Mais informações:

<https://www.instagram.com/p/C8kpCVYvzWs/?igsh=YXp2OW5rdXEzMTNq>

Boa tarde, pessoal. Passando aqui para divulgar o **curso de língua Guarani Mbya**, ministrado pela cacique Ju Kerexu. Quem fez a indicação foi o participante da turma de terça-feira à noite.

■ Aulas de Guarani Mbya On-line ■

Quer aprender a língua Guarani Mbya diretamente com quem a fala todos os dias? Venha participar das nossas aulas com a professora Juliana Kerexu, da aldeia Tekoa Takuaty de Paranaguá!

■ Quando? Quartas-feiras, às 19h30.

■ Onde? On-line! Participe de qualquer lugar.

■ Quem? A professora Kerexu Rete @jukerexu, artista, poetisa, cacica, ativista e falante nativa de Guarani Mbya.

■ Quanto? A mensalidade é de R\$150,00.

■ Aulas gravadas para você rever quando quiser.

■ Anotações e materiais extras disponíveis para o grupo.

Inscreva-se já e mergulhe na cultura Mbya!

Mais informações:

https://www.instagram.com/mbya_ayu?igsh=aTB3M2M2NDR0bGV4

6º aula (03/07/24)

Encontros para movimentar o pensar

Bom dia, pessoal. Segue abaixo os eventos que irão acontecer nesta e na próxima semana. Por favor, leiam com atenção. Se vocês quiserem saber mais informações, acessem o link que está abaixo de cada divulgação.

Cineclube Katahirine

Data: 03/07/24 (quarta-feira)

Horário: às 19h00

Local: on-line

Evento Gratuito. Mais informações:

<https://www.instagram.com/p/C89ncRtOqGJ/?igsh=MWU1czB1OGJ0aWJ2aQ==>

Espetáculo Nhanderekó

Data: 06/07 ou 07/07/24 (sábado ou domingo)

Horário: às 15h00

Local: Teatro Novelas Curitiba Claudete Pereira Jorge

Endereço: R. Presidente Carlos Cavalcanti, 1.222 - São Francisco - Curitiba

Ingressos Gratuitos. Retirar 1 hora antes no local. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C86174_uAn6/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Exposição Floresta Encantada**Data:** 09/07/24 (terça-feira - abertura da mostra)**Horário:** às 19h00**Local:** Caixa Cultural de Curitiba**Endereço:** R. Conselheiro Laurindo, 280 - Centro, Curitiba

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C85KTTTrDqI/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==**Vivência na aldeia Guarani****Data:** 13/07 a 14/07/24 (sábado e domingo)**Local:** Tekoa Takuaty**Endereço:** Ilha da Cotinga - Paranaguá

Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C8cZsCbsD5E/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

1º divulgação - pós-curso (11/07/24)**Encontros para movimentar o pensar**

Boa noite, pessoal. Demorou, mas chegou a programação. Segue abaixo os eventos que irão acontecer nesta e na próxima semana. Por favor, leiam com atenção. Se vocês quiserem saber mais informações, acessem o link que está abaixo de cada divulgação. Obs. Cliquem em “ler mais” para ver todo o conteúdo da divulgação.

Ser indígena na aldeia e na cidade: saberes, identidade, etnicidade e ancestralidade**Data:** 13/07/24 (sábado)**Horário:** às 19h00**Local:** Live no Instagram e YouTube do CRIA-RS

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C9DO5yCu8R3/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==**Encontro Cultural: Arte indígena e abordagens didáticas em sala de aula****Data:** 16/07/24 (terça-feira)**Horário:** das 18h30 às 20h00**Local:** Caixa Cultural de Curitiba**Endereço:** R. Conselheiro Laurindo, 280 - Centro, Curitiba

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C9QXtVgx5Ua/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Formação: Indígenas Re-Existências - com Casé Angatu**Datas:** 17, 18 e 19/07/24 (quarta, quinta e sexta-feira)**Horário:** das 19h00 às 21h30**Local:** on-line

Contribuição voluntária: R\$100,00. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C9HdYoGO-AH/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==**Instalação “Nós somos pássaros que andam” - artista Glicéria Tupinambá****Data:** 18/07/24 (quinta-feira - abertura)**Horário:** às 10h00**Local:** Museu Paranaense**Endereço:** R. Kellers, 289 - São Francisco - Curitiba

Evento Gratuito. Mais informações:

<https://www.museuparanaense.pr.gov.br/Pagina/Programa-Publico-2024>

2º divulgação - pós-curso (18/07/24)**Encontros para movimentar o pensar**

Boa tarde, pessoal. Segue abaixo os eventos que irão acontecer nesta e na próxima semana. Por favor, leiam com atenção. Se vocês quiserem saber mais informações, acessem o link que está abaixo de cada divulgação.

Encontro com educadores - MAI**Data:** 20/07/24 (sábado)**Horário:** das 09h30 às 11h00**Local:** presencialmente no MAI ou remotamente (formato híbrido)**Endereço:** Av. Água Verde, 1413 - Água Verde - Curitiba

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C9h5zB1smFh/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==**Lançamento do Relatório de violência contra os povos indígenas no Brasil - CIMI****Data:** 22/07/24 (segunda-feira)**Horário:** às 14h30**Local:** Live no canal do YouTube do CIMI

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C9dWz_nMIbU/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Programação especial em homenagem à cultura Guarani - com Ju Kerexu

Data: 27 e 28/07/24 (sábado e domingo)

Horário: diversos horários (depende da atividade)

Local: Ekôa Park

Endereço: Rod. da Graciosa, KM 18-19 - São João da Graciosa - Morretes

A programação está inclusa no valor do ingresso do parque. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C8b9GHWsU64/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Oficina “Leitura do Céu a partir dos Conhecimentos Ancestrais” - com Ju Kerexu

Data: 27/07/24 (sábado)

Horário: das 19h00 às 22h00

Local: Ekôa Park

Endereço: Rod. da Graciosa, KM 18-19 - São João da Graciosa - Morretes

O investimento para esta atividade é de R\$150,00. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C8ehHiEuLFr/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Até semana que vem. Um abraço para todos(as).

3º divulgação - pós-curso (25/07/24)

Encontros para movimentar o pensar

Boa tarde, pessoal.

Na próxima semana estarei participando do Fazendo Gênero que acontecerá em Florianópolis. As conferências do evento serão transmitidas no canal do YouTube do Instituto de Estudos de Gênero (IEG), uma delas é com a **Adriana Guzmán do povo Aymara** (Bolívia), educadora popular que vai abordar “De que feminismos estamos falando? Gênero, patriarcado e despolitização”, no dia **30/07/24 (terça-feira) às 20h00**.

Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C9keg8cgDet/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Hoje a divulgação está um pouco diferente, também temos duas indicações das participantes do curso de extensão: uma formação compartilhada pela Jãgti (Sonhar) da turma de terça-feira à tarde; e uma vivência enviada pela Vênha rá (Livro) da turma de sábado à tarde. As atividades vão acontecer em agosto e, para saber mais informações, acessem os links abaixo.

https://www.instagram.com/p/C9UnDsVxl6N/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Participe da Semana Cultural da Escola Estadual Indígena Guavira Poty!

Dias 15 e 16 de agosto, venha vivenciar a cultura indígena Guarani Mbyá presente no litoral do Paraná!

Em reflexão ao Dia Internacional dos Povos Indígenas a Comunidade Guaviraty e a Escola Guavira Poty convidam vocês para que conheçam a Aldeia e algumas práticas tradicionais da cultura Guarani Mbya com destaque à Culinária tradicional indígena.

Para confirmar sua presença preencha o formulário contando para nós o dia que você irá participar: <https://bit.ly/4bRBXeF>

Aldeia Guaviraty - Estrada São Pedro do Pontal, s/n - Balneário Shangrilá - Pontal do Paraná

Não perca essa oportunidade de aprendizado e celebração! Todos são bem-vindos!

#CulturalIndígena #GuaraniMbyá #SemanaCultural #EscolaGuaviraPoty

Um abraço para todos(as).

4º divulgação - pós-curso (05/08/24)

Encontros para movimentar o pensar

Boa noite, pessoal. Hoje a programação veio antes do previsto, porque a luta pede urgência. Novamente, o ataque contra os povos indígenas retorna ao congresso, com a tese do marco temporal. Convido todos(as) a se juntarem a esta luta.

- Assinando o abaixo-assinado feito pelo Greenpeace Brasil:

<https://www.greenpeace.org/brasil/apoie/marco-temporal-nao/>

- Curtindo e compartilhando os trabalhos produzido pelo Fy / Fej / Kór gy (Semente / brotar / bem longe) da turma de terça-feira à tarde, que foram repostados pela APIB e ANMIGA:

<https://www.instagram.com/p/C-DI3LMuRcz/?igsh=YzdrZnB3bHI3MGRz>

https://www.instagram.com/p/C-TXUmAPkJ/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

- Utilizando as #nãoMarcotemporal e #demarcaçãojá nos comentários das redes sociais, dentre outras ações.

Lançamento do livro Arte, Cultura e Subjetividades: perspectivas anti-coloniais e decoloniais + palestra

Data: 07/08/24 (quarta-feira)

Horário: às 15h00

Local: Telaranha – Livraria, Café & Editora

Endereço: R. Ébano Pereira, 269 - Centro, Curitiba - PR

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C-Tdx04R_MM/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Que eu sou feito da terra: poéticas do pertencimento

Data: 08/08/24 (quinta-feira)

Horário: às 14h00

Local: Live no canal do YouTube do FLIPELO

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C9yD5PDvBZL/?utm_source=ig_web_copy_link

Curso “Questão indígena na sala de aula”

Data: nos dias 10, 17, 24 e 31 de agosto (sábados)

Horário: das 08h00 às 10h00

Local: on-line, ao vivo e gravado.

Investimento acessível e bolsas integrais disponíveis. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C-Ssjtsu_Ky/?igsh=MWhvaHA5bmVkeGoyag==

5º divulgação - pós-curso (09/08/24)

Boa noite, pessoal.

Um pouco tarde, mas ainda a tempo. Gostaria de compartilhar uma Live transmitida hoje à tarde, a qual contou com a participação do Kaká Werá, Cristino Wapichana e Márcia Wayna Kambeba, abordando o Dia Internacional dos Povos Indígenas, além da Literatura Indígena e a divulgação do evento Confluir, que irá acontecer este mês em SC.

Segue abaixo o link:

<https://m.youtube.com/watch?v=Pn9GqORylts>

Bom final de semana para todos(as). Um abraço. 

6º divulgação - pós-curso (14/08/24)

Encontros para movimentar o pensar

Boa tarde, pessoal. Que saudade dos nossos encontros. Hoje a programação veio com vários eventos de formação gratuitos. Um deles é amanhã. Tentem se programar para participar de alguma das atividades (presencial ou on-line).

2º Seminário Paranaense do Patrimônio Cultural

Data: 15/08/24 (quinta-feira)

Horário: das 08h30 às 17h30

Local: Biblioteca Pública do Paraná (auditório)

Endereço: Rua Cândido Lopes, 133 - Centro - Curitiba

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C-V2Optv7W9/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Observação: Às 10h20 terá a palestra “Reflorestando e conservando a floresta de Zág (Araucária)” com Isabel Gakran e Carl Gakran, do povo Xokleng.

Moda e futurismo indígena amazônico

Data: 21/08/24 (quarta-feira)

Horário: às 19h00

Local: on-line

Evento Gratuito. Mais informações:

<https://ebaonline.com.br/webinars/moda-webinar-2024-08-21>

Curso “História, cultura e mobilizações indígenas na sala de aula”

Data: 04/09/24 a 30/10/24 (quarta-feira)

Horário: das 19h00 às 21h30

Local: on-line

Evento Gratuito. Mais informações:

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfHDiE2SVas6IUz60PONpiZVBFnfVG93j1_IJTU445vcwvusg/viewform

Observação: Na próxima semana, vou enviar uma lista de candidatos(as) a vereadores(as) indígenas da cidade de Curitiba. Quem souber sobre a candidatura de indígenas na Região Metropolitana, por favor, me avisem.

Até semana que vem.

Um abraço para todos(as).

7º divulgação - pós-curso (23/08/24)

Encontros para movimentar o pensar

Bom dia, pessoal. Esta semana foi muito corrida para mim, por isso, a programação chegou um pouquinho atrasada e com apenas duas opções de eventos, mas que são super interessantes!

Sonhar e Criar na Função da Poética Visual Ancestral

Data: 23/08/24 (sexta-feira)

Horário: às 09h00

Local: on-line

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C-8G7nyvpBb/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Vivência em comemoração do Dia Internacional dos Povos Indígenas

Data: 31/08/24 (sábado)

Horário: das 09h00 às 16h00

Local: Antigo Parque do Mate

Endereço: Comunidade Indígena Kógunh Jãmã - Campo Largo

Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C-YUGgtxNI5/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Até semana que vem.

Um abraço para todos(as).

8º divulgação - pós-curso (30/08/24)

Encontros para movimentar o pensar

Bom dia, pessoal. Hoje o encontro para movimentar o pensar é uma mistura de atividades para aquecer o coração e de divulgação dos(as) candidatos(as) indígenas a vereadores(as) de Curitiba.

Cineclube Katahirine

Data: 03/09/24 (terça-feira)

Horário: às 19h00

Local: on-line

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C-8dl8XPLCV/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

As eleições municipais estão chegando e é importante pensar em quem vamos votar, quais são as propostas dos(as) candidatos(as), eles(as) representam qual povo, gênero, classe social? Abaixo, vou listar quatro candidatos(as) indígenas para vocês conhecerem, quem tiver interesse em saber mais sobre a trajetórias deles(as), tem os links das páginas do Instagram.

Coletivo das Culturas - 65040

O coletivo é formado por artistas, ativistas e agentes culturais de diversas áreas e origens, uma das integrantes é a Mila Kanhgág (Camila Mĩg Sá dos Santos), do povo Kaingang. Partido: Federação Brasil da Esperança PCdoB/PT/PV. Mais informações: <https://www.instagram.com/coletivodasculturas/>

Eloy Nhandewa - 50123

Do povo Guarani Nhandewa, professor de Guarani, ambientalista e defensor dos Direitos Humanos. Partido PSOL. Mais informações: <https://www.instagram.com/eloynhandewa/>

Jovina Kaingang - 13713

Mulher do povo Kaingang, artesã e escritora. Partido: Federação Brasil da Esperança PCdoB/PT/PV. Mais informações: <https://www.instagram.com/jovina.kaingang/>

Kixirrá Jamamadi - 13210

Mulher, indígena e guerreira! Mediadora da escolinha de Economia Solidária do Cefuria. Partido PT. Mais informações: <https://www.instagram.com/kixirra/>

Segue algumas sugestões para aquecer o coração:

Tese de doutorado

“Retomar o Brasil: um estudo das cartas escritas pelos povos indígenas nos últimos 50 anos”, do pesquisador Rafael Xucuru-Kariri. Este ano o trabalho ganhou o Prêmio Capes de melhor Tese.

Disponível: <https://cartasindigenasaobrasil.com.br/artigo/retomar-o-brasil/>

Filme

“Ya Temi Xoa” - mergulhe na jornada que começou em outubro de 2023, quando o xamã Davi Kopenawa Yanomami levou sua mensagem sobre a importância de proteger a Amazônia à comunidade do Morro do Salgueiro, onde também resiste a tradição de uma das maiores escolas de samba do Brasil. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=J917Wq4Vvec&t=8s>

Post do Instagram

Feito pelo participante do curso Fy / Fej / Kór gy (Semente / brotar / bem longe) da turma de terça-feira à tarde, sobre o Marco Temporal e a PEC 48. Por favor, curtam e compartilhem nas suas redes sociais. Disponível:

https://www.instagram.com/p/C_OwssTR2uF/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Desejo um ótimo final de semana a todos(as)! Até breve.

9º divulgação - pós-curso (03/09/24)**Encontros para movimentar o pensar**

Boa tarde, pessoal. Hoje a programação veio recheada com várias opções de eventos e até uma pós-graduação stricto sensu.

Oficina jogo da memória “Cobra-Canoa” e RPG “Jaguareté: O Encontro”**Data:** 02 a 05/09/24 (segunda-feira até quinta-feira)**Horário:** das 14h00 às 16h00**Local:** Palco da tenda - XXI Feira do Livro no pátio da Reitoria da UFPR**Endereço:** R. General Carneiro, 460 ou R. Dr. Faivre, 405 - Centro

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C_a06Z5Rtg3/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==**Debate Marco Temporal: Terras indígenas sob ameaça****Data:** 06/09/2024 (sexta-feira)**Horário:** às 14h00**Local:** Sala 613 - Ed. D. Pedro I - UFPR**Endereço:** R. General Carneiro, 460 - Centro

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C_bTsrqRH_J/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==**Curso de extensão em Histórias e Culturas Indígenas****Data:** 25/09/24 a 31/10/24**Horário:** das 08h00 às 11h30 ou 14h00 às 17h30**Local:** on-line

Evento Gratuito. Mais informações:

<https://cimi.org.br/2024/08/cursohistoriaseculturas2024/>**Mestrado em Diversidade Sociocultural****Linha de pesquisa:** Povos Indígenas e Populações Tradicionais**Data:** inscrição até 30/09/24**Local:** Museu Goeldi**Endereço:** Av. Gov Magalhães Barata, 376 - São Braz, Belém - PA

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C_aqW74OpY1/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Eu vou tentar participar dos dois eventos da UFPR. Quem sabe a gente se encontre por lá.

Uma ótima semana para todos(as) e um grande abraço.

10º divulgação - pós-curso (12/09/24)**Encontros para movimentar o pensar**

Boa noite, pessoal. Literalmente, o céu está caindo. Em vez do azul, vemos o cinza, das cinzas da queimada da floresta. Mas, continuamos a sementeira, mesmo que

ela seja micro. Depois do desabafo, vamos à programação. Como só hoje consegui enviar a mensagem para vocês, tem alguns eventos on-line que já aconteceram, por isso, encaminho os links das gravações.

Ação Einu Iwi com a leitura do texto de Glicéria Tupinambá: Arenga Tata Nhee Assojoba Tupinambá

Data: 10/09/24 (terça-feira)

Horário: às 11h00

Local: on-line (gravação)

https://www.instagram.com/reel/C_ve3XoJqqA/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C_k3CikJC_v/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Poéticas indígenas contemporâneas: retomada e território

Data: 11/09/24 (quarta-feira)

Horário: às 18h00

Local: on-line (gravação) - <https://www.youtube.com/watch?v=TdqdFdoAwZY>

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C_yoGnNPVkr/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Grupo de estudos Ajuri na Pinacoteca

Data: 11/09/24 (quarta-feira)

Horário: às 17h00

Local: on-line (gravação) - <https://www.youtube.com/live/z92n3srvtno>

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C_xvztMORMk/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Ciclo de palestras: Caminhos para o bem-viver

Data: 17 e 18/09/24 (terça-feira e quarta-feira)

Horário: das 20h00 às 22h00

Local: on-line

Ingresso: R\$97,00. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C_ennsSMOgT/?utm_source=ig_web_copy_link

Curso de extensão on-line Guarani-Mbyá - Histórias, mitos e linguagens

Data: 24/09/24 (terça-feira)

Horário: das 19h00 às 20h30

Local: on-line

Investimento: 3 parcelas de R\$200,00. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/C_gpXO9sMe6/?utm_source=ig_web_copy_link

Espero que vocês consigam prestigiar algum desses eventos. Até a próxima semana.

11º divulgação - pós-curso (20/09/24)

Encontros para movimentar o pensar

Bom dia, pessoal. Este final de semana e a outra semana tem eventos incríveis no formato presencial. Eu vou conseguir participar apenas da mesa redonda de terça-feira. Mas, quem conseguir prestigiar as outras atividades, por favor, depois me conta como foi o(s) encontro(s).

Caminhos da história indígena de Curitiba - visita guiada

Data: 21/09/24 (sábado)

Horário: às 14h00

Local: O ponto de encontro será em frente a Igreja dos Pretos

Endereço: Rua Trajano Reis, 14 - São Francisco - Curitiba

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DAG3q8gRwI2/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Semana de Letras - Mesa-redonda: Cosmovisão indígena na literatura infantil e contação de histórias

Data: 23/09/24 (segunda-feira)

Horário: das 10h30 às 12h30

Local: Anfiteatro 1100 - Reitoria da UFPR

Endereço: R. General Carneiro, 460 - Centro - Curitiba

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DAD4PtfrIxp/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Semana de Letras - Mesa-redonda: Tradução e literaturas de língua Indígena

Data: 24/09/24 (terça-feira)

Horário: das 18h40 às 20h30

Local: Anfiteatro 1100 - Reitoria da UFPR

Endereço: R. General Carneiro, 460 - Centro - Curitiba

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DAGTqxixTUY/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Exposição - Nhande Mbya Reko: Nosso jeito de ser Guarani

Data: de segunda-feira a sexta-feira (exceto feriados)

Horário: das 09h30 às 12h30 e das 13h30 às 18h00

Local: MAE - Espaço expositivo em Curitiba

Endereço: Prédio Histórico da UFPR - Praça Santos Andrade, Centro - Curitiba
Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DAGzhLISf3m/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Sextouuu...

Até a próxima semana.

12º divulgação - pós-curso (27/09/24)

Encontros para movimentar o pensar

Bom dia, pessoal. Espero que todos(as) estejam bem. Nesta edição dos encontros para movimentar o pensar, todos os eventos são on-line. Se alguém participou de alguma das atividades que foram divulgadas nestes últimos meses e quiser me contar como foi a experiência, vou ficar bem feliz em receber a mensagem de vocês. Obs. Estou na expectativa que no próximo mês, os certificados do curso de extensão estejam prontos. Assim que eu tiver alguma notícia, aviso vocês.

Mesa de debates - A Ditadura e as Populações Indígenas

Data: 25/09/24 (quarta-feira)

Horário: às 14h00

Local: on-line (gravação) - <https://www.youtube.com/watch?v=GX6LwUG-Tkl>

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DAV_8WbgoZ6/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Impactos das mudanças climáticas... com a participação da Alessandra Munduruku e da Joziléia Kaingang

Data: 27/09/24 (sexta-feira)

Horário: das 08h00 às 09h30

Local: on-line

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DAUK1FhKRIZ/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

E a eleição? Série: "Política Indígena e Indígena na Política" - com Ailton Krenak

Data: 30/09/24 (segunda-feira)

Horário: às 18h00

Local: on-line

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DAKFzajMHXI/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Obs. a data e o horário do evento foram alteradas, inicialmente estava programado para o dia 23/09/24 às 16h00. <https://www.youtube.com/watch?v=4pTt3U9hZyo>

Desejo um ótimo final de semana para vocês.
Até o próximo encontro. :-)

13º divulgação - pós-curso (05/10/24)

Encontros para movimentar o pensar

Bom dia, pessoal. Desculpe enviar a programação no final de semana, mas só hoje sobrou um tempinho para montar a divulgação, que tem um evento presencial, um on-line e uma campanha para quem puder contribuir. Amanhã teremos as eleições municipais, em Curitiba, temos algumas candidaturas de vereadores(as) indígenas, seria incrível se eles(as) fossem eleitos(as). Estamos em 2024 e nunca tivemos um(a) vereador(a) indígena na capital paranaense, algo para a gente pensar.

Caminhada Curitiba é Terra Indígena

Data: 05/10/24 (sábado)

Horário: às 17h00

Local: Concentração na Praça de Bolso do Ciclista, com destino ao Largo da Ordem.

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DAmJOE9yIJ3/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Cineclube Katahirine

Data: 09/10/24 (quarta-feira)

Horário: às 19h00

Local: on-line

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DAtozwTPETi/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Campanha - Dia das Crianças nas Aldeias

Descrição: A campanha é voltada para a compra de um kit de pintura para a realização de uma oficina de grafismo com as crianças indígenas. O projeto Origem é quem está promovendo essa ação. A equipe vem há alguns anos fazendo um trabalho comprometido com as comunidades indígenas do Paraná.

Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DAjosqYRbZ7/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Desejo um ótimo final de semana para vocês. Até o próximo encontro. :-)

14º divulgação - pós-curso (10/10/24)

Encontros para movimentar o pensar

Bom dia, pessoal. Esta semana apareci mais cedo no grupo, pois daqui a pouco tem um evento on-line com a participação do Daniel Munduruku. Além disso, a programação tem um curso presencial ou on-line; e uma mesa de conversa com lançamento de catálogo. Espero que vocês consigam participar de algumas das atividades.

Literatura indígena: entre o passado e o agora

Data: 10/10/24 (quinta-feira)

Horário: às 10h00

Local: on-line

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DA3cri_vzWM/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Mesa de conversa e lançamento do catálogo “Retomada da Imagem”

Data: 12/10/24 (sábado)

Horário: às 17h00

Local: Museu Paranaense

Endereço: R. Kellers, 289 - São Francisco - Curitiba

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DA1mbK6O440/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Curso interpretação de sonhos pela ótica junguiana e indígena

Datas: 17, 24 e 31/10/24 (quintas-feiras)

Horário: das 19h30 às 21h30

Local: Rua Charles Dickens, 421 - Abranches - Curitiba ou via Google Meet

Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DAGyPeFSIcP/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Desejo uma boa semana para vocês.

Até o próximo encontro. :-)

Boa tarde, pessoal. Passando aqui para divulgar uma programação extra. ■

O Fy / Fej / Kór gy (Semente / brotar / bem longe) compartilhou este evento que vai acontecer nesse final de semana.

<https://comprenozet.com.br/eventos/concerto-para-pias-gurias-e-curumins/#comprar>

15º divulgação - pós-curso (19/10/24)

Encontros para movimentar o pensar

Bom dia, pessoal. Desculpe interromper a programação do final de semana de vocês, mas venho trazer uma ótima notícia. Finalmente, os certificados ficaram prontos. Uhuuu... Encaminho abaixo, o passo a passo para emitir o documento, além da programação dos eventos.

Acessar o site:

- <https://www.unespar.edu.br/> - clicar no link Certificados (lado esquerdo da página);
- Digitar o número do seu CPF (sem pontos e traço);
- Vai abrir uma nova página, com o seu nome, o título do curso - clicar no link Emitir (você pode baixar o arquivo e/ou imprimir).

Observação: caso vocês tenham algum problema com a emissão do documento, por favor, me enviem um e-mail: flavia.nascimento@ufpr.br.

VIII Seminário Metropolitano de Educação Ambiental - c/ a presença de Daniel Munduruku (indicação da Fe pẽ / Rẽĩr - turma de terça-feira à noite)

Data: 23/10/24 (quarta-feira)

Horário: às 09h45

Local: Cenforpe

Endereço: Av. Iraí, 696 - Bairro Weissópolis - Pinhais

Evento Gratuito. Mais informações:

<http://www.pinhais.pr.gov.br/evento/274>

1º Seminário de Raça e Tecnologia - c/ a presença da Mila Kanhgág (Camila Mĩg Sá dos Santos)

Data: 26/10/24 (sábado)

Horário: às 09h00

Local: IFPR - Campus Curitiba

Endereço: R. João Negrão, 1285 - Rebouças - Curitiba

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DAtOAdzRiKY/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Desejo um ótimo final de semana para todos(as).

Um grande abraço.

16º divulgação - pós-curso (24/10/24)

Encontros para movimentar o pensar

Boa tarde, pessoal. Hoje a programação está bem curtinha, pois estou aqui na corrida, tentando segurar os ponteiros do relógio, rsrs... Neste final de semana, além

do seminário que divulguei na semana passada, vai ter um show incrível! Confirmam abaixo.

Show do grupo Originárias com participação especial As Icônicas

Data: 26/10/24 (sábado)

Horário: às 20h00

Local: A Caiçara

Endereço: Rua Dr. Claudino dos Santos, 90 - Curitiba

Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DBZltAJR8sN/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==

Bom restante de semana para vocês.

Até o próximo encontro. :-)

17º divulgação - pós-curso (31/10/24)

Encontros para movimentar o pensar

Boa tarde, pessoal. Passei aqui bem rapidinho para divulgar um evento que vai acontecer na UFPR, semana que vem, e vai contar com a presença da Mila Kanhgág (Camila Míg Sá dos Santos) e do Eloy Nhandewa. No próximo informativo, estarei mais tranquila e divulgarei alguns materiais didáticos, uma campanha, dentre outras atividades indicadas pelos(as) participantes do curso. Na correria, não consegui apoiar a mobilização contra a PEC 48, mas ainda bem que foi adiada a votação.

Semana Acadêmica de Ciências Sociais UFPR - (Trans)Emergências: Veredas da resistência ao desmonte

Data: 04/11 a 09/11/24 (de segunda a sábado)

Horário: diversos horários (depende da atividade)

Local: Reitoria da UFPR - Anfiteatro 900

Endereço: R. XV de Novembro, 1299 - Centro

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DBKQd78RUzG/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==

https://www.instagram.com/p/DBw0zFvySqN/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==

Bom restante de semana para vocês.

Até o próximo encontro. :-)

18º divulgação - pós-curso (08/11/24)

Encontros para movimentar o pensar

Bom dia, pessoal. Hoje a programação tem vários eventos on-line, um presencial e uma campanha linda que Vênha rá (Livro), participante do curso de terça-feira, está organizando para o Natal das crianças Guarani Mbya. Encaminho em anexo, o flyer com mais informações. Fica o convite para quem puder contribuir.

Comitê Paranaense da Cúpula dos Povos Frente ao G20

Data: 10/11/24 (sábado)

Horário: das 09h30 às 17h00

Local: Sindipetro

Endereço: Rua Lamenha Lins, 2064, Rebouças - Curitiba

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DBkcq9Op5Tb/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

2º Congresso Internacional e Multidisciplinar sobre Arte & Cultura - GT Arte Indígena

Data: 11/11 a 13/11/24 (segunda-feira a quarta-feira)

Horário: diversos horários (depende da atividade)

Local: on-line

Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DALqdahu8JM/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Tecendo palavras: Literatura, Língua e Memória, Omágua/Kambeba na salvaguarda da Amazônia - c/ Márcia Wayna Kambeba

Data: 12/11/24 (terça-feira)

Horário: das 08h00 às 09h00

Local: on-line

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DBU_NJINkEV/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Seminário Ancestralidades: desafios ambientais e raciais

Data: 12/11/24 (terça-feira)

Horário: diversos horários (depende da atividade)

Local: on-line

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DCCgmsvvrRH/?utm_source=ig_web_copy_link

Possibilidades, Potencialidades e Limites: Como Construir uma UFG Intercultural? c/ a participação de vários pesquisadores(as) indígenas

Data: 14/11/24 (quinta-feira)

Horário: das 08h00 às 17h00

Local: on-line

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DBzwVDmS-JE/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

No próximo encontro, teremos a divulgação de materiais didáticos.

Sextouuu...Um grande abraço.

19º divulgação - pós-curso (19/11/24)

Encontros para movimentar o pensar

Boa tarde, pessoal. Semana passada, devido ao feriado, acabei não enviando a divulgação, mas já voltamos à programação normal. Quem ainda não sabe o que fazer amanhã, tem um evento presencial com a participação de indígenas de diversos povos. Esta semana tem também o lançamento de um filme on-line e a indicação de uma referência, feita pela Fe tar (Forte, corajoso), participante do curso da turma de sábado.

Programação de aniversário - MAI

Data: 20/11/24 (quarta-feira)

Horário: das 10h00 às 17h00

Local: Museu de Arte Indígena (MAI)

Endereço: Av. Água Verde, 1413 - Água Verde - Curitiba

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DCZlgV9paot/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Lançamento do documentário "Terra Mulher"

Data: 21/11/24 (quinta-feira)

Horário: às 19h00

Local: on-line

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DCh416bOh7U/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Catálogo de Materiais Lexicográficos das Línguas Indígenas do Brasil

Produzido por: Prof. Dr. Jorge Domingues Lopes com o apoio de vários pesquisadores(as) e instituições.

Material Gratuito. Mais informações:

<https://www.lexicografiaindigena.com.br/>

Bom feriado a todos(as) e até semana que vem.

Um abraço.

20º divulgação - pós-curso (27/11/24)

Encontros para movimentar o pensar

Boa tarde, pessoal. Hoje a programação é uma mistura de encontros para movimentar o pensar e atividades para aquecer o coração. Temos a indicação de dois e-books gratuitos, a promoção da Livraria Maracá e a Mostra de Cinema, da qual vou participar como mediadora, será exibido um filme sobre a luta das mulheres Avá Guarani. Obs. Espero fazer melhor que a Glória Pires no Oscar, rsrs... Brincadeirainha.

Mostra Cinema e Direitos Humanos

Data: 28/11/24 (quinta-feira)

Horário: às 18h30

Local: Cine Passeio - Sala Valêncio Xavier

Endereço: R. Riachuelo, 410 - Centro - Curitiba

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DCeb9HgXyLw/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Maracá Day

Data: 25/11 a 29/11/24 (segunda-feira até sexta-feira)

Local: on-line

Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DC4W4KAPSQp/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Livro: Vozes de Abya Yala: perspectivas indígenas sobre o presente e futuro do continente americano

Produzido pelo projeto Caminhos de Abya Yala da UERJ. A obra é resultado das entrevistas com intelectuais indígenas.

Material Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/reel/DCrtPV5uGAw/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Livro: 11.645 Indígenas e Diversidade para a Paz

Produzido pela ONG Thydêwá em parceria com a Rede de Abya Yala.

Material Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DA39NSHScLh/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Em um país que quase não lê, ler é um ato de resistência.

Bom restinho de semana para vocês.

Um grande abraço.

21º divulgação - pós-curso (03/12/24)

Encontros para movimentar o pensar

Boa noite, pessoal. Estou muito feliz porque finalizei mais uma etapa do doutorado. Ano que vem, provavelmente, no final de março, será a minha defesa e gostaria muito de contar com a presença de vocês. Agora, vamos à programação. Essa semana, a UFPR está promovendo dois eventos que terão oficinas, lançamento de livro, filme e seminários, com escritores(as), cineastas e lideranças indígenas. Tem também lançamento de livro no MAI. Para quem não tem disponibilidade de sair do trabalho ou de casa, tem um evento virtual.

XV Semana de Antropologia e Arqueologia UFPR

Data: 02/12 a 06/12/24 (segunda-feira a sexta-feira)

Horário: diversos horários (depende da atividade)

Local: Reitoria da UFPR

Endereço: R. General Carneiro, 460 - Centro - Curitiba

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DCxn2PrRIUA/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA== (lançamento de livro)

https://www.instagram.com/p/DCxobqfxJLj/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA== (lançamento de filme)

https://www.instagram.com/p/DCsYRDsR0IZ/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA== (oficina)

21ª Jornada de Agroecologia - UFPR

Data: 04/12 a 08/12/24 (quarta-feira a domingo)

Horário: diversos horários (depende da atividade)

Local: Centro Politécnico - UFPR

Endereço: Av. Cel. Francisco H. dos Santos, 100 - Jardim das Américas - Curitiba

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DDH1SjKuDYD/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA== (oficinas)

https://www.instagram.com/p/DDHgjqFO2A9/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA== (seminários)

Conversa sobre literatura indígena brasileira e ensino**Data:** 05/12/24 (quinta-feira)**Horário:** às 14h00**Local:** on-line

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DDIOwJDNgGk/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==**Lançamento de livros com Olívio Jekupé****Data:** 07/12/24 (sábado)**Horário:** às 14h00**Local:** Museu de Arte Indígena (MAI)**Endereço:** Av. Água Verde, 1413 - Água Verde - Curitiba

Ingresso: meia-entrada para todos(as). Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DC2W25OBdqB/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Uma ótima semana para vocês.

Um grande abraço.

22º divulgação - pós-curso (12/12/24)**Encontros para movimentar o pensar**

Boa tarde, pessoal. Passando aqui para divulgar a última programação de 2024. Não fiquem tristes, ano que vem tem mais, provavelmente, a partir de fevereiro, volto a enviar o informativo. Desejo boas férias para vocês, um ótimo Natal e Ano Novo. Mas, antes, vamos aos eventos desta semana que são on-line, temos também a divulgação de uma revista e de uma exposição virtual.

História Oral Indígena - com Márcia Mura**Data:** 12/12/24 (quinta-feira)**Horário:** às 19h00**Local:** on-line

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DDPKj3eOoVP/?utm_source=ig_cerâmweb_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==**O que a sabedoria ancestral pode nos ensinar hoje? - com Ubiraci Pataxó****Data:** 12/12/24 (quinta-feira)**Horário:** às 22h00**Local:** on-line

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DDfeXAhym0F/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Exposição virtual “Invasão Colonial Yvy Opata - A terra vai acabar”, do artista Xadalu Tupã Jekupé

Local: on-line

Mais informações:

https://www.instagram.com/reel/DDaPirjvfHQ/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Revista Diálogos Visuais - artistas Daiara Tukano e Naine Terena

Local: on-line

Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DDXHi-WRPtU/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

https://www.instagram.com/p/DDdal3NgUXN/?utm_source=ig_web_copy_link

Um grande abraço a todos(as)!

Até 2025. ■

23º divulgação - pós-curso (19/01/25)

Encontros para movimentar o pensar

Boa noite, pessoal. Feliz 2025 para todos(as)! Desejo que seja um ano de muita luz, alegria e amor. Eu falei que iria voltar só em fevereiro com o envio da programação, mas como tem tantos eventos acontecendo este mês e hoje é um dia especial, **Dia da Consciência Indígena** que marca a luta e resistência dos povos indígenas, resolvi compartilhar com vocês várias atividades on-line e presencial que vão acontecer nesta e na próxima semana. Uma delas, a indicação foi da participante da turma de terça-feira à tarde. Além disso, envio a divulgação de uma campanha em prol do povo Avá Guarani.

Curso de Extensão “A produção de conhecimento das indígenas mulheres nas universidades: uma proposta de expansão e indigenização do pensamento social brasileiro contemporâneo”

Data: 16/01 a 18/02/25 (terças-feiras e quintas-feiras)

Horário: das 09h00 às 12h00

Local: on-line

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DEvoBzUsiW2/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Observação: a formação começou quinta-feira passada, mas foi reaberta a inscrição para o curso.

Dia Nacional da Consciência Indígena - MCI

Data: 21/01/25 (terça-feira)

Horário: das 15h00 às 16h30

Local: on-line

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DE0qSsSh4HK/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Mesa-redonda "Presença Indígena nos Acervos de Museus"

Data: 23/01/25 (quinta-feira)

Horário: às 14h30

Local: on-line

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DE7yOyHOUI6/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Curso “A lei 11.645/08 e a educação indígena nos espaços educativos: novas metodologias de ensino e aprendizado”

Data: 23/01 a 25/01/25 (quinta-feira a sábado)

Horário: das 19h00 às 21h00

Local: on-line

O investimento para esta atividade é de R\$97,00. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DEllmrrSR-O/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Show do grupo Originárias com participação especial As Icônicas - 42ª Oficina de Música

Data: 01/02/25 (sábado)

Horário: às 19h30

Local: Teatro Paiol

Endereço: R. Cel. Zacarias, 51 - Prado Velho - Curitiba

Ingresso: R\$20,00 (meia-entrada). Mais informações:

https://www.comprenozet.com.br/eventos/originarias-convidam-iconicas/?fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAAaYTUCAMFBaIL8rCPEXEnLOjUuyrQq---RK7rCM9OiJTmRRF2vYIWQ-Usmg_aem_xr4ve6_4V67QqYlfkxLtcg

Arrecadação em apoio ao povo Avá Guarani

Descrição: O povo Avá Guarani precisa da nossa ajuda, pois estão sofrendo retaliações por denunciar e resistir aos ataques em seus territórios. Ajude doando: alimentos não perecíveis, água potável, produtos de higiene, fraldas e roupas para crianças. Nos pontos de arrecadação em Curitiba/PR.

Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DEvgwOQy5CN/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Até o próximo mês.

Um grande abraço.

24º divulgação - pós-curso (20/02/25)

Encontros para movimentar o pensar

Bom dia, pessoal. Fevereiro já está quase acabando, mas o mês ainda tem muita programação para aproveitar. Hoje divulgo uma vivência, um curso on-line, uma live e uma exposição. No próximo informativo, quero enviar o convite da defesa da tese. Espero que todos(as) estejam bem.

Vivência na Cultura Mbya Guarani - com Ju Kerexu

Data: 22/02 e/ou 23/02/25 (sábado e /ou domingo)

Horário: diversos horários (depende da atividade)

Local: aldeia Tekoa Takuaty, na Ilha da Cotinga - Paranaguá

O investimento para esta atividade é de R\$100,00 (um dia) e R\$220,00 (dois dias).

Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DFeCUEMAIOT/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Curso História e Cultura Indígena

Data: 22/02/25 a 18/04/25 (sábados e quartas-feiras)

Horários: das 09h00 às 12h00 (sábados) e das 19h00 às 21h00 (quartas-feiras)

Local: on-line

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DGBvEGlpWNe/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Bastidores da ocupação histórica em Belém e Santarém: a revolução que iniciou nas águas do Baixo Tapajós

Data: 24/02/25 (segunda-feira)

Horários: às 19h00

Local: on-line

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DGQ4ZtOPgG-/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Exposição - Nhande Mbya Reko: Nosso jeito de ser Guarani (últimos dias)**Data:** até 28/02/25 - de segunda-feira a sexta-feira (exceto feriados)**Horário:** 09h30 à 12h30 e das 13h30 às 18h00**Local:** Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR (MAE-UFPR)**Endereço:** Prédio Histórico da UFPR - Praça Santos Andrade, Centro - Curitiba

Evento Gratuito. Mais informações:

https://www.instagram.com/p/DGL3Cqoypg5/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Até o próximo mês.

Um grande abraço.

KUJU 10. PARTE 10 - LISTA DE FONTES: ARTISTAS, ESCRITORES(AS) INDÍGENAS E OBRAS

Nº	ARTISTA	FONTE DAS IMAGENS
1	Gustavo Caboco	https://www.flip.org.br/autores/gustavo-caboco-2/
2	Jaider Esbell	https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/65153-jaider-esbell
3	Owerá	https://expresso.estadao.com.br/naperifa/rapper-indigena-owera-sou-uma-lideranca-que-batalha-atraves-da-musica/
4	Daniel Munduruku	https://lunetas.com.br/agenda/historias-indigenas-no-sesc/
5	Ailton Krenak	https://epocanegocios.globo.com/tecnologia/noticia/2025/01/e-preciso-parar-de-endeusar-os-magnatas-da-tecnologia-e-lembrar-que-eles-so-trabalham-em-beneficio-proprio-diz-ailton-krenak.ghtml
6	Daiara Tukano	https://brasil.mongabay.com/2023/02/daiara-tukano-artista-visual-a-arte-indigena-nao-e-uma-moda/
7	Zahy Tentehar	https://www.cobogo.com.br/zahy-tentehar
8	Glicéria Tupinambá	https://artebrasileiros.com.br/arte/entrevista/celia-tupinamba-reata-um-fio-de-400-anos/
9	Juliana Kerexu	https://www.plural.jor.br/noticias/vizinhanca/a-revelia-do-patriarcado-ela-construiu-uma-aldeia-com-as-proprias-maos-no-litoral-do-parana/
10	Márcia Kambeba	https://www.livrariamaraca.com.br/produto-tag/marcia-kambeba/

Nº	ESCRITOR(A)	FONTE DAS IMAGENS
1	Ailton Krenak	https://epocanegocios.globo.com/tecnologia/noticia/2025/01/e-preciso-parar-de-endeusar-os-magnatas-da-tecnologia-e-lembrar-que-eles-so-trabalham-em-beneficio-proprio-diz-ailton-krenak.ghtml
2	Davi Kopenawa Yanomami	https://www.greenpeace.org/brasil/blog/davi-kopenawa-nao-existe-essa-conversa-de-que-sem-o-garimpo-o-indigena-morre-de-fome-chega-desse-papo-furado/
3	Daniel Munduruku	https://lunetas.com.br/agenda/historias-indigenas-no-sesc/
4	Geni Núñez	https://www.brasildefato.com.br/2024/10/14/geni-nunez-queremos-pintar-a-psicologia-de-jenipapo-e-urucum
5	Márcia Wayna Kambeba	https://www.livrariamaraca.com.br/produto-tag/marcia-kambeba/
6	Olívio Jekupé	Nath Reichel, 2024.
7	Trudruá Dorrico	https://revistaacrobata.com.br/julie-dorrico/poesia/vo-madeira-poema-de-julie-do-rrico/

Nº	TÍTULO DO LIVRO	AUTOR(A)	FONTE DAS IMAGENS
1	Ideias para adiar o fim do mundo	Ailton Krenak	https://www.livrariamaraca.com.br/produto/ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo-ailton-krenak/

2	A queda do céu: palavras de um Xamã Yanomami	Davi Kopenawa Yanomami	https://www.livrariamaraca.com.br/produto/a-queda-do-ceu-davi-kopenawa-e-bruce-albert/
3	Futuro é ancestral	Ailton Krenak	https://www.livrariamaraca.com.br/produto/futuro-ancestral-ailton-krenak/#:~:text=Nesta%20nova%20cole%C3%A7%C3%A3o%20de%20textos,nos%20assombra%20com%20cen%C3%A1rios%20apocal%C3%ADpticos.
4	A vida não é útil	Ailton Krenak	https://www.livrariamaraca.com.br/produto/a-vida-nao-e-util-ailton-krenak/
5	O amanhã não está a venda	Ailton Krenak	https://www3.livrariacultura.com.br/o-amanha-nao-esta-a-venda-2013316759/p
6	Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar	Geni Núñez	https://www.livrariataverna.com.br/ciencias-humanas/descolonizando-afetos-experimentacoes-sobre-outras-formas-de-amar

KRIGKRIG



ESPALHAR, SEMEAR

FONTE: Eulália Manual e Maria da Graça (2024).